

PUCRS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES

RAQUEL BELISARIO DA SILVA

LITERATURA DO QUE NÃO EXISTE MAIS:
A LITERATURA PÓS-GUERRA FRIA NOS TERRITÓRIOS DAS EXTINTAS
REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ E TCHECOSLOVÁQUIA

Porto Alegre
2021

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

RAQUEL BELISARIO DA SILVA

LITERATURA DO QUE NÃO EXISTE MAIS:

A LITERATURA PÓS-GUERRA FRIA NOS TERRITÓRIOS DAS EXTINTAS

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ E TCHECOSLOVÁQUIA

Tese apresentada como requisito final para obtenção do título de Doutora em Teoria da Literatura, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Theobald

Porto Alegre
2021

Ficha Catalográfica

S586L Silva, Raquel Belisario da

Literatura do que não existe mais : a Literatura pós-Guerra Fria nos territórios das extintas República Democrática Alemã e Tchecoslováquia / Raquel Belisario da Silva. – 2021.

186p.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Theobald.

1. Literatura contemporânea. 2. Leste Europeu. 3. Ficção Pós-Socialista. 4. Literatura, História e Memória. 5. Literatura e Identidades. I. Theobald, Pedro. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

RAQUEL BELISARIO DA SILVA

LITERATURA DO QUE NÃO EXISTE MAIS:

A LITERATURA PÓS-GUERRA FRIA NOS TERRITÓRIOS DAS EXTINTAS
REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ E TCHECOSLOVÁQUIA

Tese apresentada como requisito final para
obtenção do título de Doutorado em Teoria
da Literatura, pelo Programa de Pós-
Graduação em Letras da Pontifícia Univer-
sidade Católica do Rio Grande do Sul.

Linha de pesquisa: Literatura, História e
Memória.

Aprovada em: 30 de março de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Leonardo Francisco Soares
UFU

Prof. Dr. Aleksandar Jovanovic
USP

Prof.^a Dr.^a Rosani Úrsula Ketzer Umbach
UFSM

Prof.^a Dr.^a Maria Tereza Amodeo
PUCRS

Prof. Dr. Pedro Theobald
PUCRS – Orientador

Porto Alegre
2021

Esta tese é dedicada a minhas gatas,
minhas cachorras e meus cachorros que,
se não me deram descanso e tranqui-
lidade para realizar tudo o que precisava,
fizeram sua parte para me manter alerta e
seguir em frente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CNPq pela concessão da bolsa de doutorado, sem a qual esta pesquisa não poderia ter sido realizada.

Ao Programa de Pós-graduação em Letras da PUCRS, por disponibilizar a infraestrutura e os profissionais qualificados necessários para que o aprendizado se desenvolva e o conhecimento se multiplique.

Ao Centro de Estudos Europeus e Alemães (CDEA), pelo prêmio concedido em 2019, o qual me permitiu conhecer mais de perto as paisagens que foram objeto de estudo nesta pesquisa.

Ao meu orientador, professor Pedro Theobald, pela paciência, compreensão e apoio, tanto nos momentos de empolgação quanto nos de desânimo. Agradeço ainda pelo auxílio técnico nas pesquisas, nas dúvidas, na revisão das traduções de textos da língua alemã e inglesa e na leitura atenta de todo o trabalho.

Agradeço às arguidoras e aos arguidores da banca, que se disponibilizaram a ler e debater este trabalho, o qual é resultado de uma pesquisa longa e intensa, ainda que pareça breve.

Deixo também meus agradecimentos aos colegas e professores que encontrei nesta longa jornada, que contribuíram com ideias, indicações de textos, conversas sobre o projeto, presença nas apresentações em eventos, colaboração nos grupos de estudos, companhia nos cafezinhos dos intervalos e, claro, interação virtual em tempos de pandemia.

Às amigas e aos amigos de fora do espaço acadêmico, tenham estado nele algum dia ou não, por me manterem em contato com outras realidades e outras formas de ver o mundo.

Cada uma e cada um contribuiu à sua maneira para a construção desta tese.

Muito obrigada.

RESUMO

Através deste estudo, busca-se abrir um novo espaço de discussão literária, com a apreciação de obras pouco ou nada conhecidas no meio acadêmico brasileiro, como são as produzidas no (Centro-)Leste Europeu. A hipótese geral levantada para iniciar esta pesquisa é de que a narrativa ficcional da Europa centro-oriental, sobretudo a escrita na primeira década posterior ao final da ditadura comunista, apresenta características próprias, como fenômeno histórico específico de um espaço determinado, mas que se estende além das novas fronteiras dos países hoje existentes. O objetivo principal é – a partir da leitura de narrativas ficcionais de autores da República Tcheca, da Eslováquia e da Alemanha – pensar criticamente sobre a representação, nessas narrativas, da vida em territórios cujas identidades geopolíticas foram modificadas por conta da queda do regime socialista que havia perdurado por mais de quarenta anos. Para isso, três pontos servem de base: possíveis consequências da exposição continuada ao regime autoritário que se desfaz; a perda (?) de identidades nacionais a partir da ruptura com o passado; e a constituição de novas formas de ser sujeito, quando “o que deixou de existir” não foi apenas o tempo vivido sob um regime autoritário, mas também os espaços nos quais os indivíduos haviam nascido e habitado até então. Propõe-se ainda olhar para como os autores escrevem sobre as fronteiras que deixaram de existir e os novos territórios a partir daí constituídos. Nas obras selecionadas – *Adam e Evelyn*, de Ingo Schulze, *Nem santos nem anjos*, de Ivan Klíma, e *Samko Tále's Cemetery Book*, de Daniela Kapitáňová –, é possível verificar aspectos da vida de pessoas comuns que precisam adaptar-se a novas realidades políticas e nova divisão territorial de seus países, enquanto enfrentam questões de ordem pessoal, como a morte, os relacionamentos afetivos e familiares, a carreira profissional. Destacam-se, além disso, os rastros do passado que promovem constantes transformações nos traços identitários dos povos desses espaços, compondo diferentes subjetividades dentro de coletividades também diversas. A fundamentação teórica toma por base uma grande constelação de estudos sobre memórias individuais e coletivas, bem como os usos da memória histórica e de esquecimentos programados, nas narrativas de formação de identidades nacionais e culturais, discussões reavivadas por Aleida Assmann, Paul Ricoeur, Tzvetan Todorov, entre outros. Ainda são debatidas as relações entre identidade nacional e constituição das subjetividades das personagens, ligadas ao surgimento de novas construções identitárias – aparecem aqui, com maior destaque, a sociossemiótica de Eric Landowski e o ressentimento, conforme Max Scheler e Marc Angenot. É ainda apresentado resumidamente o debate em torno dos estudos das narrativas pós-socialistas, conduzido por Madina Tlostanova, Dobrota Pucherová, Cristina Sandru, Dorota Kołodziejczyk, que revisitam teorias pós-coloniais, bem como os cronotopos de Bakhtin relacionados às tempo-localidades do pós-comunismo. Ao final, contrasta-se a condição da literatura antes e depois de 1989, com o propósito de demonstrar se a hipótese inicial foi comprovada.

Palavras-chave: Literatura Contemporânea; Leste Europeu; Ficção Pós-Socialista; Literatura, História e Memória; Literatura e Identidades.

ABSTRACT

Through this study, we seek to open a new space for literary discussion, with the appreciation of works little or not known in the Brazilian academic environment, such as those produced in (Central-) Eastern Europe. The general hypothesis raised to initiate this research is that the fictional narrative of Central-Eastern Europe, especially the writing in the first decade after the end of the communist dictatorship, has its own characteristics, as a specific historical phenomenon of a determined space, which extends beyond the new borders of the countries that currently exist. The main objective is – from the reading of fictional narratives by authors from the Czech Republic, Slovakia and Germany – to think critically about the representation, in these narratives, of life in territories whose geopolitical identities have been modified due to the fall of the socialist regime that lasted for more than forty years. Three points serve as a basis to this end: possible consequences of continued exposure to the authoritarian regime that falls apart; the loss (?) of national identities from the break with the past; and the constitution of new forms of being a subject, when “what ceased to exist” was not only the time lived under an authoritarian regime, but also the spaces in which people had been born and lived until then. It is also proposed to look at how the authors write about the frontiers that have ceased to exist and the new territories constituted thereafter. In the selected works – *Adam and Evelyn*, by Ingo Schulze, *No Saints or Angels*, by Ivan Klíma, and *Samko Tále's Cemetery Book*, by Daniela Kapitáňová –, it is possible to verify aspects of the lives of ordinary people who need to adapt to new political realities and a new territorial division of their countries, while facing personal issues, such as death, affective and family relationships, professional career. In addition, there are traces of the past that promote constant transformations in the identities of the peoples of these spaces, composing different subjectivities within different collectivities. The theoretical foundation is based on a large constellation of studies regarding individual and collective memories, as well as the uses of historical memory and programmed forgetting, in the narratives of the formation of national and cultural identities, discussions revived by Aleida Assmann, Paul Ricoeur, Tzvetan Todorov, among others. The relationship between national identity and the constitution of the characters' subjectivities, linked to the emergence of new identity constructions, is also debated here, with greater prominence to the sociosemiotics of Eric Landowski and the notion of *ressentiment* according to Max Scheler and Marc Angenot. There is also a briefly presented debate about the studies of post-socialist narratives, conducted by Madina Tlostanova, Dobrota Pucherová, Cristina Sandru, Dorota Kołodziejczyk, who revisit postcolonial theories, as well as Bakhtin's chonotopes related to the post-communist tempo-localities. Finally, the condition of the literature before and after 1989 is contrasted in order to demonstrate whether the initial hypothesis was proven.

Keywords: Contemporary Literature; Eastern Europe; Post-Socialist Fiction; Literature, History and Memory; Literature and Identities.

SUMÁRIO

1	SOBRE FRONTEIRAS E LITERATURAS – PALAVRAS INICIAIS	9
2	SOBRE TERRITÓRIOS E SEUS TEMPOS	15
2.1	AS FRONTEIRAS MOVENTES NO TEMPO HISTÓRICO	19
2.2	NO TEMPO DAS NARRATIVAS	29
2.2.1	<i>Adam e Evelyn</i>	30
2.2.2	<i>Samko Tále's Cemetery Book</i>	47
2.2.3	<i>Nem Santos Nem Anjos</i>	63
2.3	NO TEMPO DA ESCRITA	78
2.3.1	<i>Ivan Klíma (Praga, 14/09/1931)</i>	83
2.3.2	<i>Daniela Kapitáňová (Komárno, 30/07/1956)</i>	89
2.3.3	<i>Ingo Schulze (Dresden, 15/12/1962)</i>	93
3	SOBRE IDENTIDADES	99
3.1	VER OS OUTROS – VER ALÉM DE SI PARA VER-SE	99
3.1.1	<i>Viajantes</i>	101
3.1.2	<i>Quase “como todo mundo”</i>	109
3.1.3	<i>Entre muitos Outros</i>	117
3.2	IDENTIDADES FRATURADAS E IDENTIDADES REAGRUPADAS	124
3.2.1	<i>Ainda duas Alemanhas</i>	125
3.2.2	<i>Repúblicas Tcheca e Eslovaca</i>	133
3.3	DENTRO E FORA DO TERRITÓRIO QUE DEIXOU DE EXISTIR: PÓS O QUÊ?	143
4	SOBRE LITERATURAS	149
4.1	ANTES E DEPOIS DO SOCIALISMO	150
4.2	MARCAS DE UMA IDENTIDADE SUPRANACIONAL NAS LITERATURAS	159
5	CONCLUSÕES – UM RELATO	173
	REFERÊNCIAS	177

1 SOBRE FRONTEIRAS E LITERATURAS – PALAVRAS INICIAIS

As diversas mudanças de fronteiras no espaço geográfico do que são hoje os países europeus foram condicionadas, ao longo dos séculos, por conflitos ou acordos políticos que renderiam uma quantidade incontável de páginas escritas, desde códices e documentos oficiais de registro até ensaios filosóficos e, talvez em maior quantidade, literatura de ficção. Embora as grandes guerras tenham sido tema de romances, contos, dramas e poesia ao redor do mundo, nem todo acontecimento desenrolado no velho continente recebeu a mesma atenção em toda parte. No Brasil, por exemplo, Silviano Santiago (2008, p. 78) aponta que o que ele chama de “uma falha geológica na cena [literária] brasileira” poderia ser melhor entendida se o dia 09 de novembro de 1989 – data da queda do muro de Berlim – fosse visto como um marco para o “início da tendência ao retalhamento literário”. Porém, como essas reflexões, no campo da literatura, parecem ter ficado a cargo apenas dos críticos e teóricos germanistas, os escritores brasileiros pouco se preocuparam com o acontecimento do outro lado do Atlântico e suas consequências, o que viria a acarretar, segundo o crítico e escritor, um amesquinamento da língua portuguesa, com redução da possibilidade e da capacidade dos falantes “[...] de se inserir adequada e criticamente na realidade conturbada do final do século” (SANTIAGO, 2008, p. 78). Em suas palavras:

Faltam à língua portuguesa falada no Brasil boas discussões e reflexões de peso sobre o grande evento histórico europeu. Isto é, faltaram-nos debates sobre a queda do muro e sobre o esfacelamento posterior do bloco soviético; faltaram-nos publicações sobre o fim da guerra fria. (SANTIAGO, 2008, p. 78)

Não é o intuito deste trabalho recuperar trinta anos perdidos de possibilidades de discussão em torno do tema “consequências do final da Guerra Fria”, muito menos abrir um debate a respeito de como a literatura brasileira poderia ter sido afetada pelos acontecimentos no centro/leste da Europa no final do século XX caso se preocupasse com isso. É, porém, ao menos em parte, tentar dirigir um olhar mais aproximativo e direto a dois – ou três, a depender do ponto de vista adotado – espaços específicos da Europa: o território da extinta República Democrática Alemã, que foi unificada, em 1990, com sua contraparte ocidental, a República Federal da Alemanha, e o território da também extinta Tchecoslováquia, que se dividiu em dois a partir de 1993, resultando nas atuais Eslováquia e

República Tcheca. No entanto, o fato de que, no Brasil, não se tenha dado atenção aos territórios mencionados e suas respectivas literaturas servirá de impulso para a busca de uma leitura dessas realidades, como ainda muitas outras são, pouco conhecidas e estudadas por aqui¹.

Com alguns exemplos das literaturas produzidas por autores dos países citados que tomaram o período como tema central ou parcial de suas obras, será conduzida uma reflexão sobre como o fim do regime soviético transformou a vida nesses territórios como um todo e nos casos particulares. Além disso, com a atenção voltada ao comportamento atribuído às personagens, à apropriação que elas fazem dos espaços geográficos pelos quais circulam e, quando houver, às ponderações que fazem sobre o tempo vivido por elas, haverá uma tentativa de vislumbrar como os autores contemporâneos escrevem os territórios, ou melhor dizendo, as fronteiras que deixaram de existir e os novos Estados Nacionais a partir daí constituídos. Para isso, três pontos servirão de base para o estudo das narrativas selecionadas: possíveis consequências do trauma cumulativo da exposição continuada ao regime autoritário que, então, se desfaz; a perda(?) de uma identidade nacional a partir da ruptura com o passado; e a tentativa de constituição de novas formas de ser sujeito, autônomo, ainda que se sentindo desamparado (ou justamente por isso) dentro do novo sistema econômico e da nova realidade política. E ainda, interrogando as obras para desvendar como elas se ligam, uma vez que tratam de matérias pontuais muito aproximadas, serão recolhidas evidências de que a elaboração das narrativas estudadas apresenta características bem marcadas e que se repetem além das fronteiras, pelas quais supostamente seja possível observar um fenômeno histórico específico de um espaço delimitado.

Três obras foram selecionadas para formar o corpus de análise: *Adam e Evelyn* [*Adam und Evelyn*], de Ingo Schulze, primeira publicação na Alemanha em 2008, com tradução brasileira de Sérgio Tellaroli publicada em 2013, aparecerá como representante da República Democrática Alemã (RDA); *Nem santos nem*

¹ Uma das poucas pesquisas de referência no Brasil para a ficção do centro-leste europeu encontra-se no livro *Leituras da Outra Europa* (UFMG, 2012), de Leonardo Francisco Soares, resultante de sua tese de doutorado. No texto, o autor analisa os temas da guerra e da memória em narrativas literárias e cinematográficas da Albânia, Hungria e antiga Iugoslávia, bem como traz uma discussão pertinente ao tema desta tese, sobre os conceitos de Ocidente, Europa e Europa Centro-Oriental.

anjós [*Ani svatí, ani andělé*], de Ivan Klíma, primeira publicação tcheca em 1999, com tradução brasileira de Aleksandar Jovanovic publicada em 2006, como representante da República Tcheca. Para representar a Eslováquia, infelizmente não há nenhum texto traduzido ao português e publicado no Brasil (mais uma comprovação da falta de interesse pela literatura daquele território); assim, selecionei para ocupar esse espaço da análise, uma vez que não tenho conhecimento suficiente da língua eslovaca, uma obra traduzida ao inglês: *Samko Tale's Cemetery Book* [*Kniha o cintoríne, napísal a nakreslil Samko Tále*], publicado originalmente em 2000 e traduzido ao inglês em 2011, por Julia Sherwood.

A escolha das obras aqui recai sobre narrativas que abordam o fim de um regime totalitário, que foi comum ao território dos três países existentes hoje, não com a expectativa de demonstrar que este é o caminho da literatura nesses territórios, mas sim no sentido de registrar a existência de autores que ainda se comprometem com o presente a ponto de não deixarem o passado se perder, marcando a presença de uma escrita necessária *lato sensu*. A necessidade de escrever para registrar as mudanças ocorridas nos territórios no que toca ao comportamento humano, individual e coletivo. Necessidade de os autores marcarem sua posição de “lembradores” – como a dos historiadores, para Peter Burke (2000). E, talvez, também a necessidade de escreverem sobre um tema que faz parte de suas vidas e que os inquieta na esfera mais íntima de suas vivências.

O autor Ivan Klíma, por exemplo, tem sua vida ligada à quase totalidade da história da Tchecoslováquia/República Tcheca². Nascido em 1931, passou alguns anos da sua infância no campo de concentração de Terezín, tendo se descoberto judeu apenas pouco antes de ser levado para lá, junto com sua família. Ao final da Segunda Guerra, permaneceu no país e, quando adulto, afiliou-se ao Partido Comunista. Por causa do aumento da repressão e da censura aos escritores e intelectuais, viu-se insatisfeito com os rumos do partido e tornou-se um dissidente. Após a Primavera de Praga, violentamente encerrada em agosto de 1968, momento em que a perseguição aos insatisfeitos foi acirrada, mesmo tendo condições de se exilar, resolveu permanecer em seu país. E mais: sua casa era um dos pontos de encontro dos escritores e intelectuais, e foi a partir dessas reuniões

² Considerando-se aqui que a Tchecoslováquia passou a existir como República ao final da Primeira Guerra, em 1918, com o fim do Império Habsburgo e a redistribuição do seu território.

que nasceram os *samizdat* dos dissidentes – as publicações clandestinas que mantiveram o pensamento livre circulando, fosse como literatura ou como ensaios filosóficos e manifestos. Com a queda do regime, seus textos novos e antigos passaram a ser publicados por editoras, e ele manteve o tom crítico diante dos rumos seguidos pela política tcheca, antes e depois da separação da Eslováquia. Seu romance a ser estudado nesta tese foi escrito no final da década de 1990 e traz uma mescla ficcional de quase todos os tempos vividos por Klíma naquele território. E mostra uma protagonista e outros dois narradores bastante voltados para si mesmos, para suas relações íntimas, seus anseios e preocupações particulares, nem por isso deixando de trazer reflexões sobre o momento nacional vivido, em sua relação com o passado e um indiscernível futuro, para o qual é necessário ter atitude.

Já o autor alemão Ingo Schulze, nascido em 1962, em Dresden, na Alemanha oriental, passou a publicar romances após a queda do muro de Berlim e tomou esse momento histórico como ponto central em parte de sua obra. Apesar de seu Adam parecer, a princípio, um tanto alheado dos problemas políticos e disposto a seguir Evelyn aonde for preciso só para reaver seu paraíso tranquilo no qual tenciona voltar a viver acomodado, há, como será observado, outras formas de ver esse seu alheamento e, até certo ponto, sua necessidade de alienação. Schulze recorre ao mito de Adão e Eva e sua saída do paraíso como forma de descrever um sentimento que talvez tenha sido comum naquele momento de incerteza, e até posteriormente, entre os alemães da antiga RDA. Esse sentimento de falta pode ter sido, inclusive, se não o ponto de partida para o movimento chamado de *Ostalgia* (no qual se incluem obras literárias e cinematográficas, entre outras manifestações culturais), ao menos um alicerce para o seu desenvolvimento.

Daniela Kapitáňová nasceu em 1956, em Komárno, então território da Tchecoslováquia, hoje parte da Eslováquia na fronteira com a Hungria. Tendo vivido nessa cidade até seus 18 anos, mantinha uma visão estreita do seu pequeno mundo – visão baseada na vivência da família e no nacionalismo exacerbado de seu pai. Ao mudar-se para Praga para estudar Direção de Teatro na Universidade Carolina, começou a perceber sua comunidade de outra maneira e repensar os comportamentos que antes lhe pareciam tão naturais entre os habitantes daquele território: nacionalismo ufanista; racismo principalmente contra ciganos; ódio

histórico (ressentimento) aos húngaros. Toda essa experiência coletiva da cidade de Komárno é posta na voz de Samko Tále, o narrador que escreve o livro do cemitério.

Mas o caminho desta tese para chegar à situação recente, tanto da Alemanha reunificada quanto da Eslováquia e da República Tcheca, em que foram escritas as obras aqui estudadas, passa antes pelas histórias dos territórios e de suas respectivas literaturas; pelo menos do século passado, e eventualmente anterior também. A literatura de língua alemã produzida na Alemanha, e em outros países, tem já um lugar garantido na história da Literatura Universal. Entretanto, sobre a ex-Tchecoslováquia e as línguas que a escrevem, será relevante lembrar – ou mesmo esclarecer – que existia literatura antes de Franz Kafka (que escrevia em alemão), assim como também existem, depois dele, mais escritores além de Milan Kundera (que, exilado, adotou a língua francesa). E sendo o ponto mais central desta pesquisa ligado de forma direta às fronteiras que desapareceram ou passaram a existir, parece pertinente seguir um conselho de historiadores experientes: “Uma maneira de penetrar no âmago dessa sociedade e da sua mentalidade é questionar como e onde foram estabelecidas as fronteiras que distinguem quem está dentro e quem está fora (MELLINKOFF, 1993 apud BURKE, 2004, p. 174). Então, investigando como e onde (um *locus* visto de uma perspectiva temporal) foram redesenhadas as linhas imaginárias que posicionam os seres dentro e fora de tais espaços, delimitando assim quem são os “Nós” e quem são os “Outros”, será possível vislumbrar um pouco das identidades que formam essas sociedades e tentar distinguir traços característicos das literaturas ali encontradas.

Após esse primeiro momento histórico que trata da constituição dos territórios estudados, passamos a uma análise dos textos levando em conta o tempo representado nas obras. Em seguida, parece pertinente que haja um contato, ainda que breve, com a situação em que se posicionam os autores dessas narrativas. Passamos então à discussão sobre as identidades, em três níveis distintos e complementares: as personagens, em sua individualidade, diante de seus outros; as coletividades que habitam os espaços e tempos narrados; e um debate teórico a partir do pensamento de pesquisadoras do espaço-tempo pós-socialista. Visualizamos a seguir um levantamento de características das obras, desta vez analisadas em conjunto, para testarmos a hipótese de que há traços

comuns ligando as narrativas do período pós-Guerra Fria, mesmo que se mantenham as singularidades de diferentes territórios. Seguimos ainda com uma visão geral de um antes e depois de 1989, para só então darmos encerramento a essa breve viagem aos territórios que deixaram de existir.

2 SOBRE TERRITÓRIOS E SEUS TEMPOS

No fluxo das migrações, guerras e conquistas, apaga-se uma memória anterior com inscrições superpostas, e a nova memória declara-se inextinguível.

ASSMANN, 2011, p. 323

A ideia de pertencer a uma terra, e ela a si, ajudou a produzir os sentimentos de nacionalismo, muito comuns dentro e fora da Europa, que em momentos e locais diversos foram e continuam sendo motivação para guerras. As disputas pelos territórios contestados, que se acendem de tempos em tempos, costumam levantar memórias de conflitos anteriores e nelas se apoiam, muitas vezes colaborando para perpetuar mitos de pertencimento nascidos de narrativas construídas em um passado já tão obscurecido pela distância temporal que não pode ser comprovado muito menos desconsiderado de todo.

Essas diversas guerras e sucessões de governos, desde as dinastias mais remotas até as ditaduras do século XX, com seus projetos de reconstrução sobre escombros resultantes das destruições “necessárias” das histórias anteriores, criaram as experiências de descontinuidade, geradoras do que Aleida Assmann (2011) chama de *locais honoríficos*:

No local honorífico, uma determinada história não seguiu adiante, mas foi interrompida de modo mais ou menos violento. Tal história se materializa em ruínas e objetos remanescentes que se destacam nas redondezas. O que foi interrompido cristaliza-se nesses restos e não estabelece qualquer ligação com a vida local do presente, a qual não só prosseguiu, como também avançou para além dos restos sem nem tomá-los em conta. (ASSMANN, 2011, p. 328)

Se considerarmos os territórios aqui estudados, veremos que estão repletos de locais honoríficos sobrepostos a *locais de gerações* – nos quais as relações estreitas entre pessoas e topografia promovem uma mútua colaboração na construção de uma identidade nacional – e *locais memorativos* – “[...] onde se cumpriram atos admiráveis ou em que o sofrimento assumiu um caráter exemplar” (ASSMANN, 2011, p. 348). Quase em qualquer cidade alemã, e em muitas da ex-Tchecoslováquia, é possível encontrar catedrais, castelos e outros exemplares de arquiteturas que sobreviveram a séculos de destruição e reconstrução da paisagem, além de monumentos industriais, arquitetura moderna, museus e outros locais de preservação da memória cultural dos povos. Na Alemanha há quarenta e quatro

locais reconhecidos pela Unesco como Patrimônio Cultural da Humanidade, enquanto na República Tcheca existem quatorze, e na Eslováquia, sete. Além disso, a bacia hidrográfica e o relevo, que hoje ajudam a fomentar o turismo da região, tiveram marcada importância em certos momentos da História, como pontos estratégicos nos deslocamentos dos povos em busca de melhores condições de vida e também de exércitos que tentavam expandir os domínios de sua soberania, contribuindo para a formação das identidades locais diversas.

De acordo com Paul Ricoeur (2007, p. 59): “Os mais memoráveis lugares não pareceriam capazes de exercer sua função de memorial se não fossem também sítios notáveis no ponto de interseção da paisagem e da geografia”. Embora as paisagens naturais e as paisagens “humanizadas” (no sentido de terem sofrido a ação da presença humana) possam apresentar alterações no correr do tempo, produzindo mudanças nos lugares de memória, os sítios permanecem naquele “lá” que pode ser revisitado e re-habitado.

O espaço habitado pode, em um mesmo momento, ter tanto memória sendo produzida, de forma ativa, quanto sendo preservada e acumulada para revisitação de rastros do passado. A paisagem é mutável no tempo e prescinde do olhar (COLLOT, 2013; SANTOS, 2014), tanto quanto da disposição dos elementos em determinada ordem e seu enquadramento (CAUQUELIN, 2007). A geografia física (natureza) de uma região, por si só, não teria força suficiente para produzir ou guardar uma memória, embora atue de forma bastante direta sobre os seres que habitam tal região. Não é a neve ou o sol escaldante, não são as montanhas íngremes ou as praias rasas, nem as vastas estepes ou as matas fechadas, não são os rios ou vales que se tornam famosos por seus méritos próprios, senão o que esses acidentes geográficos, relevos e condições climáticas significam para aqueles indivíduos que por ali circulam de passagem ou para os grupos que nesses territórios desenvolvem suas culturas e narrativas – mitológicas, históricas, pedagógicas etc. Milton Santos, em *Metamorfoses do Espaço Habitado*, lembra que “a paisagem é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço” (SANTOS, 2014, p. 74-75). Pois é nesse espaço construído, resultado da ação humana, que as memórias são produzidas ou preservadas – ou produzidas e preservadas ao mesmo tempo, já que, em um mesmo sítio, resquícios

de momentos diferentes sobrevivem acumulados ou são sobrepostos, assim como as memórias podem ser de ordem individual ou coletiva.

As narrativas que descrevem determinados momentos da atividade humana em um certo local, incluídas aí as obras literárias e os discursos oficializados da história ou do comportamento de uma sociedade, dirigem o olhar do observador diante da paisagem, pois, sendo também constituídas pela heterogeneidade, trazem em si, no entanto, a possibilidade da escolha sobre quais dos objetos dispostos serão ressaltados e quais serão deixados de lado. Ao fazerem essas escolhas, os autores de tais narrativas posicionam-se como agentes ativos entre os “lembradores” da história (BURKE, 2000), responsáveis pela preservação de uma memória, mas também por seu apagamento em favor de outra que lhes pareça mais conveniente ou verdadeira. O passado histórico, então, não se mantém apenas na paisagem mudada pela mão e pelo engenho humanos, uma vez que as artes – e muito especialmente a literatura – tornam-se parte de um grande repositório da memória cultural. E, mais do que para guardar memória, as artes servem para interrogar esse passado, na tentativa de depurá-lo, como nos diz Madina Tlostanova:

A memória é materializada nos mais inesperados lugares – desde a linguagem até espaços físicos reais, por isso se torna necessário purificar a linguagem, contaminada pela retórica de ditaduras, regimes totalitários e estados colonialistas, para usá-la cuidadosamente mais tarde. Espaço também requer purificação e exorcismo. O mundo pós-socialista é cheio de tais lugares contaminados que lembram. Exorcismo como uma purificação simbólica e pública pode não ser o suficiente. O que é necessário é um esforço meticuloso de olhar para o rosto do passado. E arte e ficção são os melhores instrumentos para esse tipo de questionamento e purificação. (TLOSTANOVA, 2015, p. 34, tradução nossa)³

Segue-se daí que a literatura, quando produzida por pessoas preocupadas com a memória de uma coletividade e escrita em momentos posteriores a períodos de contaminação da linguagem e dos espaços habitados, conseqüentemente

³ Do original: “*Memory is materialized in most unexpected places—from language to real physical spaces, so that it becomes necessary to purify language, contaminated by the rhetoric of dictatorships, totalitarian regimes, and colonialist states to use it very carefully afterwards. Space also requires purification and exorcism. The postsocialist world is full of such contaminated places that remember. Exorcism as a symbolic and public purification might not be enough. What is needed is a painstaking effort of gazing into the face of the past. And art and fiction are the best instruments for such questioning and purification.*”

participará do exorcismo público, seja negando modelos anteriores ou criando novas formas de expressão. Em alguns casos, pode ocorrer que a produção literária, por já viver em estado latente dentro desse mesmo regime de contaminação – mas resistindo ao contágio –, surja logo nos primeiros anos, como um sopro súbito de ar puro entre as cinzas recém-espalhadas. Entretanto, o mais comum é que textos que tenham sido trabalhados por mais tempo, criando algum distanciamento para olhar para o passado, consigam penetrar essas cinzas de forma mais incisiva, chegando ao núcleo da memória cultural e a transformando.

Olhar para o passado desse espaço contaminado, que por ora chamaremos, junto com Tlostanova, de pós-socialista⁴, foi o que fizeram os autores das três narrativas analisadas nesta pesquisa. Todos eles vivenciaram tanto o regime socialista do centro-leste europeu quanto seu final, e escreveram sobre o legado desse período na memória cultural dos habitantes de seus territórios de origem. A partir das narrativas selecionadas, tentaremos verificar a existência de vestígios desse passado comum que talvez resultem em características de um novo fazer literário com potencial de cruzar as fronteiras redesenhadas no início da década de 1990.

Antes disso, para tentar encontrar traços identitários que persistam ainda hoje na memória dos povos que ali habitam, voltaremos um pouco no tempo, resgatando um breve recorrido histórico dos processos que levaram às configurações atuais dos referidos territórios. Começaremos, em “As fronteiras moventes no tempo histórico”, pelos tratados assinados ao final da I Guerra e seguiremos até o final da Guerra Fria. Na segunda seção, “No tempo da narrativa”, adentraremos o tempo em que os fatos acontecem na vida das personagens e seguiremos seus passos, percorrendo o espaço habitado e mostrando-o aos leitores. Veremos Evelyn e Adam (SCHULZE, 2013) cruzando fronteiras, enquanto o sistema entra gradativamente em colapso na RDA, e Kristýna (KLÍMA, 2006) circulando por Praga e tentando entender a nova configuração deste espaço

⁴ Apesar de usar, ao longo do texto, tanto um termo como outro para referir a articulação de tempo e espaço na qual as obras analisadas foram produzidas, decidi manter no título da tese “pós-Guerra Fria”, conforme estava utilizando desde o início da pesquisa, pois o termo “pós-socialista”, em conformidade com o pensamento de Madina Tlostanova (e outras autoras a serem vistas na seção 3.3), surgiu muito tardiamente em minhas buscas, deixando, sobre o alcance de seu uso, algumas dúvidas que ainda precisarei de mais leituras para sanar.

tomado por turistas e pelo capitalismo ocidental, quase dez anos após o fim do regime socialista soviético. Em *Samko Tále's Cemetery Book*, veremos a vida que aflui do mundo para a pequena cidade de Komárno e se transforma em matéria para a narrativa de Samko. E, para finalizar este capítulo, na seção “No tempo da escrita”, voltaremos o olhar para os escritores que se debruçaram sobre o assunto desses romances, tentando entender por que eles se preocupam em escrever sobre o que escrevem.

2.1 As fronteiras moventes no tempo histórico

São muitos séculos de movimentação de povos; processos, grande parte das vezes, violentos de adaptação dos habitantes locais a novos governantes; e poderes trocando de mãos entre reinos que ora se expandiram ora recuaram ou foram dominados por outros povos. Para não voltar a um passado demasiado remoto e evitar perdermos a linha de raciocínio, vamos manter o foco nas transformações mais recentes, de um século atrás mais ou menos, quando algumas das fronteiras que nos interessam foram demarcadas. O ponto inicial será o final da Grande Guerra (I Guerra Mundial), quando vencedores e vencidos assinaram alguns tratados que tiveram como consequência o desenho de um novo mapa europeu, com a desintegração dos impérios Alemão, Austro-Húngaro e Turco-Otomano, e consequente surgimento de novos Estados-Nação, entre eles a Tchecoslováquia.

Pelo tratado de Versailles (1919), os alemães, além de pagarem reparações financeiras aos vencedores, tiveram de ceder parte de seu território europeu a países vizinhos (Alsácia-Lorena à França; parte das terras ao leste para a Polônia, que se reestruturava como república) e desfazer-se também de todas as colônias no continente africano. A Áustria, que estava perdendo força nas negociações de paz desde 1918 e não logrou manter o domínio sobre os povos eslavos, encerrou também sua união com a Hungria. A Primeira República da Áustria assinou o tratado de Saint-Germain-en-Laye (1919), pelo qual reconhecia a independência da Hungria, da Polônia, da Tchecoslováquia e do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, e ainda passava para a Itália parte de seu território. Pelo tratado de Trianon (1920), a Hungria perderia dois terços de seu território,

distribuídos entre Romênia, Tchecoslováquia e países dos Balcãs que já vinham exigindo independência desde os momentos finais da guerra.

A República Socialista da Tchecoslováquia foi criada “pragmaticamente” (HOBSBAWM, 1995, p. 41) a partir da união de povos eslavos do norte, com base em aspectos étnico-linguísticos e o propósito de não criar Estados-Nação pequenos demais; os eslavos do sul formaram o Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, que mais tarde seria conhecido apenas por Iugoslávia. Assim, apesar das diferenças culturais reforçadas ao longo dos séculos, “[...] se formou uma nova Tchecoslováquia, juntando-se o miolo industrial do império Habsburgo, as terras tchecas, às áreas de camponeses eslovacos e rutênios antes pertencentes à Hungria” (HOBSBAWM, 1995, p. 40). Para essas uniões, segundo Eric Hobsbawm (1995, p. 41), “[...] não havia um único precedente histórico assim como não havia lógica”. Embora os povos da Tchecoslováquia conseguissem se entender em termos linguísticos e tenham convivido pacificamente sob a união austro-húngara, tinham um passado que os distinguia em termos econômicos, culturais e educacionais:

No passado, as terras tchecas e a Eslováquia eram divididas politicamente. Enquanto o Reino Tcheco tornou-se uma parte do Império Austríaco no século XVI, a Eslováquia fazia parte da Hungria desde o século XI. O território tcheco passou pelo processo de industrialização e urbanização, o qual não foi muito efetivo no Reino Húngaro, em consequência a vida agrícola e rural prevaleceu na Eslováquia. As diferenças estavam também no nível de educação. Enquanto no território tcheco isso teve grande importância, na Eslováquia foi em um grau muito menor (MĚŠŤÁNKOVÁ; FILIPEC, 2019, p. 52, tradução nossa)⁵

O império Turco-Otomano, que vinha em decadência desde o início do século XX e combatia em outras frentes além da Tríplice Entente (por um lado, contra os árabes, por outro, contra os russos), assinou o tratado de Sèvres (1920), pelo qual teve seu território partilhado entre a Grécia, a Itália, a Grã-Bretanha e a França, e ainda cedeu terras para a expansão da Armênia e a fundação do Estado Curdo. Mais tarde, pelo tratado de Lausanne (1924), a Turquia garantiria sua

⁵ Do original: “*In the past Czech lands and Slovakia were divided politically. While the Czech Kingdom became a part of the Austria Empire in the 16th Century, Slovakia was a part of Hungary since the 11th century. Czech lands passed through the process of industrialization and urbanization, which was not very effective in the Hungarian Kingdom, thus agricultural and rural life prevailed in Slovakia. Differences were also in the level of education. While in the Czech lands it got a great importance, in Slovakia it was in a much lesser degree.*”

independência. Mesmo com todos os acordos, algumas das novas nações continuaram em conflito. Principalmente na região dos Balcãs, em sua disputa com a Itália ou com a Turquia, esses conflitos continuaram a correr no período entreguerras e também em paralelo com a Segunda Guerra Mundial. Nos Balcãs, ao final da Guerra Fria, as guerras de dissolução da Iugoslávia reabriram antigas feridas, que vinham sendo abafadas sob a ditadura de Tito.

As tratativas para esses acordos foram sempre muito demoradas, porque mais do que garantir a paz imediata, envolviam outras questões complexas, como a retratação dos culpados com a devida reparação pelos danos causados aos inimigos; sobretudo a França, que se envolvera mais diretamente nas batalhas, exigia grandes somas a serem pagas pela Alemanha. Também estavam em discussão as condições de subsistência dos países e o investimento financeiro na reconstrução de cidades atingidas pela guerra. Além disso, pensava-se nas formas de contenção de futuros conflitos, os quais, previa-se, poderiam ser gerados como retaliação pela insatisfação da parte vencida com as sanções impostas pelos vencedores. E foi exatamente nesse ponto que os tratados parecem ter falhado.

Eric Hobsbawm, em *Era dos extremos*, argumenta que:

Não é necessário entrar em detalhes da história do entreguerras para ver que o acordo de Versalhes não podia ser a base de uma paz estável. Estava condenado desde o início, e portanto outra guerra era praticamente certa. [...] Duas grandes potências europeias, e na verdade mundiais, estavam temporariamente não apenas eliminadas do jogo internacional, mas tidas como não existindo como jogadores independentes – a Alemanha e a Rússia soviética. Assim que uma ou as duas reentrassem em cena, um acordo de paz baseado apenas na Grã-Bretanha e na França – pois a Itália também continuava insatisfeita – não poderia durar. E mais cedo ou mais tarde, a Alemanha ou a Rússia, ou as duas, reapareceriam inevitavelmente como grandes jogadores. (HOBSBAWM, 1995, p. 42)

A Alemanha vencida reergueu-se, e a insatisfação com os acordos, além da grave crise financeira mundial dos idos da década de 1920 e início de 1930, fez chegar ao poder, tanto lá como no seu futuro aliado Japão, “[...] as forças políticas do militarismo e da extrema direita, empenhadas num rompimento deliberado com o *status quo* mais pelo confronto, se necessário militar, do que pela mudança negociada aos poucos” (HOBSBAWM, 1995, p. 43). A conquista alemã começou pela invasão e anexação da Áustria, em março de 1938. No final do mesmo ano, o

Acordo de Munique, assinado por Alemanha, França e Grã-Bretanha, seria uma tentativa de criar uma “política de apaziguamento”, pela qual o território da Boêmia (onde viviam os sudetos, povo de origem germânica), na Tchecoslováquia (que não teve representante presente na conferência), era cedido pacificamente, em uma tentativa de evitar a guerra aberta com a Alemanha nazista. Mas Hitler não respeitou o acordo, e com o avanço das tropas alemãs sobre o restante do território da Tchecoslováquia, houve uma primeira separação do país em dois:

Em março de 1939 a Tchecoslováquia deixou de existir. Os eslovacos se independizaram e criaram um Estado clero-fascista supervisionado pela Alemanha, e os territórios tchecos foram transformados pelos nazistas no Protetorado de Boêmia e Morávia. (VONDERKOVÁ, 2019, tradução nossa)⁶

A Rússia, que desde 1922 passara a ser o núcleo poderoso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), desenvolvia-se isoladamente das potências da Europa. Quando a guerra estourou em 1939, Stalin firmou acordo de não-agressão com Hitler e manteve a URSS neutra com relação aos conflitos europeus fora de seu território. Mas quando, em junho de 1941, os alemães invadiram a URSS, o Exército Vermelho não apenas resistiu, como também revidou. Depois de derrubar o Exército Alemão em Stalingrado, em março de 1943, os soviéticos avançaram ao ocidente, chegando até cidades como Berlim, Praga e Viena. Como a derrota da Alemanha e o fim da guerra já se mostravam uma questão de tempo para os aliados, nos anos finais,

Os Estados inimigos derrotados foram totalmente ocupados pelos vencedores. Não se fez qualquer paz formal, pois não se reconhecia nenhuma autoridade independente das forças de ocupação, pelo menos na Alemanha e no Japão. O mais próximo de negociações de paz foi a série de conferências entre 1943 e 1945, em que as principais potências aliadas – EUA, URSS e Grã-Bretanha – decidiram a divisão dos despojos da vitória e (sem muito sucesso) tentaram determinar suas relações umas com as outras [...] (HOBBSAWM, 1995, p. 49).

Com o acordo de Potsdam, em 1945, os vencedores decidiram reverter as anexações feitas pelos alemães durante a guerra, separando a Áustria da

⁶ Do original: “*En marzo de 1939 Checcoslovaquia dejó de existir. Los eslavos se independizaron y crearon un Estado clero fascista supervisado por Alemania y los territorios checos fueron transformados por los nazis en el Protectorado de Bohemia y Moravia.*” Disponível em: <https://www.radio.cz/es/rubrica/especiales/lidice-una-venganza-de-los-nazis-en-el-protectorado-de-bohemia-y-moravia>. Acesso em: 29 jun. 2019.

Alemanha e redesenhando a fronteira desta com a Polônia, além de expulsar as populações germânicas de territórios que ficassem fora das novas fronteiras alemãs. A Alemanha foi dividida em zonas de ocupação, administradas pelos quatro países: a URSS ficou com o lado oriental, enquanto o lado ocidental foi dividido entre Grã-Bretanha, França e Estados Unidos. A cidade de Berlim, embora ficasse no território, a partir de então, pertencente aos soviéticos, também foi dividida em setores. Em junho de 1948, as zonas ocidentais foram unidas na criação de um Estado provisório, sob comando dos aliados; no ano seguinte, foi promulgada a Lei Fundamental, que deu origem à República Federal da Alemanha, com capital em Bonn. Em outubro de 1949, a URSS declarou a fundação da República Democrática Alemã, com capital na parte oriental de Berlim. Em agosto de 1961 começou a ser construído o muro de Berlim, que se tornaria o símbolo máximo da divisão do mundo durante a Guerra Fria.

A libertação, pelo Exército Vermelho, de prisioneiros de guerra das mãos dos alemães e, principalmente, a libertação dos territórios invadidos pelos nazistas fizeram com que os soviéticos ganhassem influência política nesses territórios. Ao final da guerra, os interesses dos norte-americanos estavam voltados para o Japão e para a parte mais ocidental da Europa; assim, a parte central e oriental, que eram de interesse secundário, foram deixadas nas mãos de Stalin. Além do leste da Alemanha, a URSS tomou sob seu comando outros territórios, entre eles, a reunida Tchecoslováquia, na qual uma parte da população, agradecida, tornou-se fiel aos russos – como veremos adiante, esse é um tipo de comportamento que Kristýna vai relatar sobre seu recém-falecido pai, em *Nem santos nem anjos* (KLÍMA, 2006).

Durante o período da Guerra Fria, enquanto o lado capitalista, depois de se reconstruir, desenvolvia-se, no lado oriental a economia estagnava, e a violência do período stalinista fez muitos apoiadores do comunismo repensarem sua adesão inicial às políticas do partido. Ainda assim, acreditava-se no crescimento dos países pelo trabalho conjunto e, até certo ponto, também na utopia socialista. Além disso, progredia um sentimento de diferenciação “nós” e “os outros”, o qual ultrapassava os nacionalismos internos ao bloco oriental, voltando-se para a relação deste com o Ocidente. Esse “nós”, porém, que de início parecia apontar para um conjunto espontaneamente homogêneo, no qual o desejo de reconstrução pós-guerras deveria se sobrepôr às diferenças locais de país para país, logo se mostrou uma

construção perecível cuja arbitrariedade repressiva da manutenção se revelava a cada dia. Vivia-se um “nós” que queria apagar as diferenças individuais não apenas com a finalidade de tornar mais forte o conjunto que abrangia cidadãos e governantes como partes de um mesmo povo, como se supunha, mas sobretudo como forma de enfraquecer os cidadãos diante de seus governantes, para que não houvesse oposição ao regime totalitário que estava sendo construído. Foi essa tomada de consciência, já no período de desestalinização (inclusive devido às denúncias dos crimes cometidos por Stalin), que possibilitou a existência de levantes, mais intelectuais do que populares (a Revolução Húngara, de 1956, e a Primavera de Praga, em 1968, são os exemplos mais conhecidos), nos países do centro-leste europeu. O comando soviético de Moscou, contudo, reprimia violentamente as manifestações, frustrando as esperanças de renovação.

Para os europeus do leste, os eventos de 1956 foram a destilação de um acúmulo de decepções. As expectativas em relação ao comunismo, brevemente renovadas com a promessa de “desestalinização” foram extintas; assim como extintas estavam as esperanças de auxílio por parte do Ocidente. Enquanto as revelações que Krushev fizera a respeito de Stalin, ou as medidas hesitantes que visavam à reabilitação de vítimas dos julgamentos montados pareciam até então indicar que o comunismo continha em si mesmo as sementes da renovação e da libertação, depois dos acontecimentos na Hungria, o sentimento dominante era de cínica resignação. (JUDT, 2008, p. 329-330)

Já o fim da Primavera de Praga, imposto pela invasão dos tanques do Pacto de Varsóvia, tornou os tchecoslovacos menos propensos a manifestações públicas de descontentamento, uma vez que a repressão a ideias contrárias ao comando soviético de Moscou passou a ser total. A insatisfação não morreu, mas cresceu de forma clandestina: primeiro entre os intelectuais, que estavam proibidos de publicar seus escritos por meios oficiais, e os estudantes; depois se confirmando entre os trabalhadores das diversas categorias.

Na Alemanha oriental, a constante comparação com a parte ocidental, sobretudo na vitrine que era Berlim, traía um olhar ambíguo: ao mesmo tempo que se verificava as diferenças mais explícitas, via-se as semelhanças; afinal, eram todos alemães, e um sentimento de fraternidade fazia crescer o desejo de, ao menos, poder visitar o outro lado de vez em quando. E quanto à repressão, desde que, em 1953, o Levante de Berlim (paralisações de trabalhadores descontentes com o aumento de trabalho sem aumento de remuneração) fora contido com a

presença de tanques do Exército Vermelho, a RDA vinha se comportando como uma filha querida da URSS. Assim como acontecia com a Polônia e a Hungria, que após as primeiras intervenções mais críticas tinham no poder secretários-gerais bem alinhados com o pensamento do Comitê Central de Moscou nas linhas principais de sua política, o povo era agraciado com certo grau de liberdades dentro dos limites do país, desde que soubesse se comportar adequadamente. Um “Senhor Todo Mundo” (LANDOWSKI, 2012), como Adam (SCHULZE, 2013) parece ser, podia ter determinados benefícios, como autorização para viajar nas férias para outros países do bloco socialista e até comprar um carro novo.

Mas, a partir da década de 1980, o regime soviético começa a perder sua credibilidade e a lealdade dos cidadãos que ainda o apoiavam. Como as diferenças entre a ideologia pregada e a vida real se tornavam cada dia mais óbvias, alguns cidadãos se distanciaram da vida política, enquanto outros – um número que começou pequeno, mas foi crescendo ao longo da década – manifestavam sua insatisfação com os abusos de poder e a crise econômica. Além disso, a posição da URSS, que passou a ser de abertura a mudanças, despertou nos opositores a ideia de que não corriam mais tantos riscos de sofrer repressão violenta como no passado.

Finalmente, Gorbachev declarou que a URSS não mais interviria nos assuntos internos dos Estados comunistas. Mudanças políticas ou mesmo mudanças de regime nos outros Estados comunistas foram permitidas. Esse foi um completo redirecionamento da política externa soviética e os anos de 1956 e 1968 não poderiam se repetir. As forças ortodoxas nos Estados comunistas ficaram descontentes com esse desenvolvimento, porque elas confiavam muito na ajuda militar soviética no caso de subversão ou conflito em seus Estados. (MĚŠŤÁNKOVÁ; FILIPEC, 2019, p. 37, tradução nossa)⁷

Graças à liberdade de informação pela imprensa da URSS, retomada com a política da *glasnost* (transparência), passou a ser mais difícil manter a censura às notícias dentro do bloco socialista, pois os jornais vindos da Rússia também circulavam pelos países satélites. Dessa forma, o ano de 1989 foi bastante agitado

⁷ Do original: “*Finally, Gorbachev proclaimed that the USSR would not intervene in the internal affairs of the communist states. Policy changes or even regime changes in other communist states were permitted. This was a complete redirection of Soviet foreign policy and the years 1956 or 1968 could not be repeated. The orthodox forces in communist states were unhappy about this development, because they relied a lot on the Soviet military help in the case of subversion or conflict in their states.*”

desde o início, devido à crescente apreensão com relação às mudanças que começaram em Moscou e refletiram em uma sequência de reformas políticas no Leste Europeu. Sem contar a revolução chinesa iniciada em abril, que repercutira internacionalmente, sobretudo depois do massacre nas ruas de Pequim na primeira semana de junho, lembrando a repressão de outros levantes ocorridos dentro do bloco comunista europeu nas décadas anteriores. Em seu artigo “Os gigantes atormentados”, o comentarista italiano Arrigo Levi anota, no final de maio de 1989:

Acompanhando, com grande apreensão, as notícias vindas da China, a primeira pergunta que surge espontaneamente é: como tudo isso vai acabar? A razão diz que vai terminar com a derrota do povo em revolta, e com a retomada da situação por parte dos velhos dirigentes do Partido: como tinha acontecido em Budapeste em 1956, em Praga em 1968 e em Varsóvia em 1981. Isso é o que a razão diz; mas quando está em andamento uma revolução, a razão pode muito bem cair em erro. (LEVI, 1991, p. 407)⁸

Depois, em nota de rodapé, complementa com informação sobre os eventos que viriam a ocorrer duas semanas mais tarde: “Neste caso, infelizmente, não se enganava: os chefes do Partido retomaram o controle da situação com o massacre da praça de Tien An Men e com as prisões e condenações à morte que se seguiriam” (LEVI, 1991, p. 407).

Todavia, as notícias de países do bloco eram mais alentadoras para o povo e mais preocupantes para os governantes que não defendiam a política de abertura implementada por Gorbachev. Após as eleições da URSS, em maio, que resultaram em grande derrota do PC diante dos novos representantes do povo, e de a Hungria fazer a transição para um sistema multipartidário nos primeiros meses do ano, em junho os poloneses davam vitória ao *Solidarnosc* (Solidariedade), que anteriormente, como sindicato, havia sido posto na ilegalidade por oito anos. Além disso, em maio, as eleições municipais manipuladas da RDA tiveram um resultado tão escandaloso – “98,85% para os candidatos do governo” (JUDT, 2008, p. 609) – que os protestos vieram de todos os lados. Embora o *Politburo* ignorasse as manifestações contrárias ao resultado, os alemães orientais percebiam que os ventos da mudança soprando desde Moscou poderiam chegar até ali.

⁸ O artigo consta da coletânea em livro *Entre Leste e Oeste – Uma Era de grandes transformações*, editada na Itália no segundo semestre de 1989, cuja tradução ao português foi publicada em 1991 no Brasil.

Mas o efeito dominó não foi tão direto. Nos dois países, Hungria e Polônia, o regime era menos rígido do que na Tchecoslováquia e na Alemanha oriental, onde a cúpula comunista local tentou manter por mais tempo sua posição de poder. A ala ortodoxa do PC tcheco cogitava, inclusive, optar pela “solução chinesa” para deter as manifestações pacíficas que por lá aconteciam. E, segundo Timothy Garton Ash (1990), Erich Honecker (e talvez seu sucessor, Egon Krenz) também acenava com essa possibilidade com relação às manifestações pacíficas organizadas dentro e diante de igrejas em várias cidades, como Berlim, Dresden, Leipzig, entre outras. Ainda assim, a abertura das fronteiras entre Hungria e Áustria deram o empurrão necessário para as movimentações populares que começariam a crescer a ponto de não poderem mais ser ignoradas na RDA.

Os exemplos polonês e húngaro não foram tão importantes. [...] É claro que o desenrolar dos acontecimentos nesses países demonstrou que mudanças fundamentais eram possíveis. Mas para a maioria das pessoas, a miséria econômica na Polônia cancelava amplamente o exemplo político. A Hungria – uma das destinações prediletas dos alemães-orientais em viagem de férias, com uma melhor situação econômica e uma história (e, ousado dizer, um caráter nacional) menos conflitante com a da Alemanha – a Hungria talvez tenha causado um impacto maior. Mas sua principal contribuição não foi o exemplo das suas reformas internas, mas a abertura de suas fronteiras com a Áustria. (ASH, 1990, p. 74)

Depois que o Muro de Berlim foi finalmente posto abaixo, em 09 de novembro de 1989, a Tchecoslováquia começou a perceber que as mudanças eram possíveis também ali. Todavia, enquanto nos outros países os processos de transição foram longos e dependeram de muitas negociações entre as partes – em mesas redondas nas quais se discutia quanto de poder seria concedido à oposição ou aos representantes do Partido Comunista e como seria dividido o governo durante os anos que se previa como de transição –, na Tchecoslováquia o processo foi vertiginoso. Dois grupos principais da oposição ao PC se destacavam: pelos tchecos, o *Občanské Fórum* (Fórum Cívico), pelos eslovacos, o *Verejnost' Proti Násiliu* (Povo Contra a Violência). E, logo nas primeiras eleições, ambos ganharam posições importantes nos ministérios.

Em 17 de novembro o regime permitiu uma passeata em lembrança ao fechamento das universidades, em 1939, pelos nazistas. Essa passeata se transformou em uma manifestação antirregime, que foi combatida pelas forças de segurança. Essa foi a gota d'água e a

sociedade organizou mais e mais passeatas antirregime e greves. A chamada Revolução de Veludo começou e o regime comunista entrou em colapso. O curso dos eventos acabou por ser mais rápido do que na Polônia e na Hungria, e a oposição dominou a situação. O Fórum Cívico foi formado em 19 de novembro de 1989. (MĚŠŤÁNKOVÁ; FILIPEC, 2019, p. 47, tradução nossa)⁹

Uma semana após a primeira manifestação, o Secretário-Geral e o comitê executivo do Partido Comunista – o *Politburo* – renunciaram. Começaram, então, as negociações entre o Fórum Cívico e o Povo Contra a Violência, como oposição, e os representantes do PC. Em 10 de dezembro, um novo governo se formou, com um Primeiro-Ministro ainda ligado ao PC; mas, esse não era o caso dos demais ministros, em sua maioria. O Presidente deu posse ao novo grupo e, em seguida, renunciou. O nome de Aleksandar Dubiček – que queria, em 1968, um socialismo de face humana – passou a ser cogitado como substituto; porém, seus primeiros discursos soaram ultrapassados e o povo passou a pedir por “*Havel na Hrad!*”, ou seja, Havel para o Castelo – sede do governo tchecoslovaco (JUDT, 2008, p. 616). E assim foi:

[...] em 28 de dezembro de 1989, a mesma Assembleia Comunista que sancionara leis que até então haviam consignado Havel e outros a anos de reclusão agora o elegia presidente da República Socialista da Tchecoslováquia. No primeiro dia de 1990, o novo presidente anistiu 16 mil prisioneiros políticos; no dia seguinte, a própria polícia política foi extinta. (JUDT, 2008, p. 616-617)

O ano de 1990 foi marcado pelo objetivo comum, de eslovacos e tchecos, de dismantelar as estruturas comunistas a fim de estabelecer a democracia. Contudo, as primeiras divergências entre os representantes das duas repúblicas (desde 1968, os Estado Federal da Tchecoslováquia compreendia uma República Socialista Tcheca e uma República Socialista Eslovaca) começaram a aparecer muito cedo; as discussões tinham por tema desde qual seria o novo nome do país sem a carga do passado comunista até as reformas econômicas e o novo desenho institucional. Depois de ajustados todos os pontos sensíveis da nova configuração

⁹ Do original: “On 17th of November the regime permitted a manifestation in commemoration of the Nazi closure of the universities in 1939. This manifestation turned into an anti-regime demonstration, which was beaten by security forces. It was the last straw and society organized more and more anti-regime demonstrations and strikes. The so called Velvet revolution began and the communist regime collapsed. The course of events turned out to be more rapid than in Poland and Hungary and the opposition dominated the situation. The Civic Forum was formed on 19th of November 1989.”

da Tchechoslováquia, eleições parlamentares aconteceram em 1992. Os Primeiros-Ministros eleitos pelos dois lados não sustentavam a ideia de um Estado comum. A separação oficial em dois países distintos foi “agendada” para 01 de janeiro de 1993.

Chegamos, então, ao tempo em que as narrativas a serem analisadas “acontecem”.

2.2 No tempo das narrativas

A partir de agora, nos deteremos em tópicos a serem tratados em conexão com as ficções apreciadas neste estudo, que contarão com exemplos tirados das próprias narrativas. Ou, de forma mais específica, podemos dizer que partiremos da leitura das narrativas – as subseções abaixo contarão com análises não exaustivas de cada um dos romances – e então nos voltaremos para teorias literárias e outras conjecturas sobre o espaço-tempo da obra ficcional em contraponto com o espaço-tempo visto como real, histórico e geográfico.

Espaço-tempo “fictício” do mito ou da obra literária – espaço “vívido” na espessura do cotidiano: que diferença então existe entre os dois senão uma tênue discrepância entre níveis? Ambos procedem de um mesmo fazer exploratório que, figurado no enunciado, ou diretamente assumido diante do real, deixa na superfície das coisas suas marcas, embora devessem permanecer invisíveis para outrem: alguns pontos de referência que dão sentido ao que, a princípio, é apenas da ordem da substância perceptível, que transforma o ambiente geográfico e referencial num meio vivo e articulado, sensível e significante. (LANDOWSKI, 2012, p. 70)

Evelyn e Adam partem para sua viagem sem retorno em agosto de 1989, acompanhando o declínio do regime socialista oriental e estabelecendo-se no Ocidente quando a RDA está prestes a sumir do mapa (SCHULZE, 2013). Nove anos depois, Kristýna pensa sobre sua vida na República Tcheca, então exposta e receptiva ao Ocidente, separada da Eslováquia, mas ainda com toda a carga de passado que é possível encontrar na memória dos dois países: massacre nazista, ditadura comunista, abertura à democracia (KLÍMA, 2006). Em *Samko Tále's Cemetery Book*, que se passa, segundo a tradutora britânica, “[...] em meados da década de 1990, alguns anos após a Eslováquia ter se divorciado da República

Tcheca [...]” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, tradução nossa)¹⁰, o narrador comenta as coisas como eram, quando o PC era a autoridade maior, e como passaram a ser, depois que a democracia tão desejada – não por todos – finalmente tomou lugar na Eslováquia. As marcas do que deveria ficar invisível são expostas pelos autores que escolheram não calar o passado e explorar os espaços geográficos em um *espaço-tempo “fictício”* que reordena o *tempo “vivido” na espessura do cotidiano*.

O tempo em que decorrem as narrativas pode ser visto sob duas perspectivas complementares: o tempo dos eventos narrados e o tempo que leva para esses eventos serem reunidos em um conjunto narrativo. No romance *Adam e Evelyn*, o tempo de contar os fatos coincide, quase todo, com o que é vivido pelas personagens, havendo poucas retomadas a título de rememorar fatos; e a trama é conduzida por uma voz narrativa externa aos acontecimentos, a qual deixa bastante espaço para os diálogos entre as personagens. *Nem santos nem anjos* também é narrado em alguns meses, porém com muitas retomadas de fatos de um passado mais ou menos distante através das memórias e reflexões dos narradores; quem conduz a narrativa são os protagonistas: Kristýna, Jan e Jana. Já em *Samko Tále’s Cemetery Book*, o tempo dos acontecimentos é mais elástico e foge à linearidade cronológica, remontando até mesmo a fatos da infância do narrador, enquanto a trama é narrada em apenas um dia.

2.2.1 *Adam e Evelyn*

Um casal tem planejada uma viagem de férias para o lago Balaton, na Hungria; mas, depois de muito adiá-la, quando finalmente a partida acontece, o destino final muda e não há mais para onde retornar, pois o país do qual saíram está prestes a desaparecer do mapa. Parece sinopse de um filme? De fato, o livro *Adam e Evelyn* (2013), de Ingo Schulze, ganhou uma versão de 95 minutos para

¹⁰ Do original: “[...] in the mid-1990s, a few years after Slovakia has been ‘divorced’ by the Czech Republic [...]” (o trecho consta das primeiras páginas da tradução britânica do livro de Daniela Kapitáňová, intituladas “Some guidance for the British reader...”). No entanto, na edição eslovaca de 2011, ilustrada, há uma imagem representando a lápide de Adam Miller (um comerciante local), com data de morte de 1999. Apesar desse detalhe, nada mais no texto da narrativa especifica o momento em que Samko senta-se para escrever seu livro.

as telas, em 2018¹¹, mas que até o momento da escrita desta tese ainda não havia sido exibida no Brasil. Porém, mais do que isso, é possível estabelecer a relação com o cinema tanto pelas muitas cenas do romance com forte apelo imagético (descrições de posicionamento e movimentação das personagens, contrastes de luz e sombra, passagens de um enquadramento mais amplo da paisagem ao detalhe) quanto pela dinâmica de ação das personagens, baseada em constantes diálogos rápidos e informativos, os quais dispensam o narrador de fornecer certos dados antes de que sejam necessários à compreensão do enredo.

O romance de Schulze mostra um tipo de comportamento relacionado à saída da RDA diferente da tentativa desesperada de fuga para o Ocidente que em geral é descrita nas leituras sobre o período da Guerra Fria. Escavar túneis, pular o muro, sequestrar um barco no rio Spree, fabricar um submarino ou costurar um balão para levar a família ao outro lado da fronteira – as modalidades de fuga da RDA eram as mais variadas e inusitadas, tornando-se um capítulo especial seja em livros, em filmes, em documentários, ou mesmo nos museus dedicados à temática; mas nem todas tiveram sucesso. Os números são incertos, e estima-se que mais de 100¹² pessoas tenham morrido tentando cruzar algum dos pontos da vasta extensão do famoso Muro de Berlim; porém, quando se acrescentam as tentativas de fuga por outros pontos de demarcações de fronteiras da antiga Alemanha oriental, e mortes não diretamente relacionadas a tentativas de fuga, a soma pode ultrapassar as mil mortes. No entanto, como foi dito acima, a trama de *Adam e Evelyn* não segue por este rumo.

Evelyn e Adam conhecem-se desde 1987, moram juntos em algum lugar na Saxônia (talvez Altenburg, onde se passam outras histórias escritas por Ingo Schulze), nas proximidades de Leipzig e Dresden. Evelyn está insatisfeita com sua vida e ansiosa pelas férias que tem planejadas. Adam, porém, vai adiando essas férias, à espera da documentação para retirada do carro novo. No dia em que Evelyn pede demissão e volta para casa mais cedo do que de costume, ela

¹¹ Com direção de Andreas Goldstein e roteiro adaptado por ele e por Jakobine Motz, o filme foi lançado na 33ª Semana Internacional da Crítica de Veneza (sessão independente paralela ao Festival Internacional de Cinema), em 2018, e estreou nos cinemas alemães em janeiro de 2019; está disponível em canais de *streaming* alemães.

¹² Cf. HERTLE, Hans-Hermann; NOOKE, Maria. "The Victims at the Berlin Wall, 1961-1989: Findings of a Research Project by the Centre for Contemporary History Potsdam and the Berlin Wall Foundation". Potsdam/Berlin, 2017. Disponível em: www.chronik-der-mauer.de. Acesso em: 05 dez. 2020.

encontra uma das clientes de Adam, Lili, nua na banheira, enquanto ele, também nu, esconde-se em um canto do banheiro. A descoberta da traição ocorre no dia 19 de agosto de 1989 – mesmo dia em que acontece o *Piquenique pan-europeu*, com abertura temporária da fronteira entre Hungria e Áustria por uma hora, permitindo a passagem de aproximadamente novecentos alemães orientais que estavam acampados aguardando a oportunidade de ir para o Oeste.

No dia seguinte, na trama, o grupo se põe a caminho: Evelyn decide fazer a viagem na companhia de sua amiga Simone e do primo desta, o alemão ocidental Michael, com quem a amiga pretende se casar para poder ir embora da RDA. Adam os segue até a estação central de Dresden, onde as duas mulheres embarcam em um trem para Praga, “[...] porque ia ser complicado atravessar a fronteira com as duas no Passat” (SCHULZE, 2013, p. 55). No verão de 1989, devido às notícias de que a URSS não iria mais interferir na política dos países satélites, as pessoas na RDA começaram a viajar em direção a outros países do bloco, principalmente Hungria, alegando férias, mas na esperança de aproveitar qualquer oportunidade que se apresentasse para escapar para o Ocidente. Apesar de a RDA ainda fornecer a alguns cidadãos autorizações para viagem, intensificou o controle nas fronteiras. Evelyn e Adam tinham um passaporte provisório de viagem para irem ao lago Balaton, “[...] válido para Hungria, Tchecoslováquia e República Democrática Alemã (Bad Schandau)” (SCHULZE, 201, p. 207), com prazo de validade até treze de setembro. Não é possível saber, pelo texto, se Simone também tinha uma autorização de viagem, mas, de qualquer forma, sendo Michael um alemão ocidental, seria no mínimo suspeito ele atravessar uma fronteira entre países do bloco levando duas alemãs orientais consigo.

Além disso, como dizem Machado e Pageaux (2001, p. 40), “[...] a verdade é que o primeiro fator de conhecimento de um espaço estrangeiro pelo viajante é o do próprio ritmo da viagem: ir a pé, ir de burro, ir de comboio ou de automóvel não é, obviamente, a mesma coisa”. Evelyn já havia questionado Adam sobre a possibilidade de fazerem a viagem até o Balaton de trem, mas ele preferiu esperar pelo carro novo, que não veio a tempo. Então, ele segue o grupo em seu Wartburg, seu carro “da família”, que até nome tem: Heinrich. Primeiro, é um carro espaçoso, tem lugar para sua gasolina reserva, sua barraca de camping, roupas, lanches, livros de observação de pássaros e plantas, a tartaruga – e, mais tarde, até para

contrabandear uma pessoa no porta-malas; depois, sendo já um carro antigo, com peças difíceis de encontrar, seus problemas apresentados na estrada darão oportunidade para diferentes situações, que interferem no ritmo da narrativa. E também, o relacionamento com o carro é parte da personalidade de Adam, que ele carrega consigo ao ir para território estrangeiro, como se levasse um amuleto da sorte. Já o carro ocidental de Michael, o Passat, tão impessoal que nem batizado foi, parece não dar o mesmo prazer da viagem aos seus passageiros, que chegam muito rápido ao destino, provavelmente sem apreciar a paisagem. Nesse momento, porém, as mulheres entraram no trem e os homens seguem dirigindo; no ritmo ditado por Adam e seu Heinrich, deixam Dresden em direção ao sul, para cruzar a fronteira em Zinnwald.

Na fronteira, Adam passa primeiro, sem ter problemas com as guardas dos dois países, apesar de mentir para as duas policiais alemãs:

“O senhor está indo para a República Popular da Hungria?”

“Era o que eu pretendia, mas minhas férias ficaram curtas demais para isso. Meu carro quebrou. Já não arrisco ir tão longe. Estou indo para o paraíso tcheco. Quero fazer umas caminhadas, coisa assim.”

A morena de permanente circundou o Wartburg e tamborilou brevemente as unhas pintadas no capô. “Controle alfandegário”, anunciou, recebendo o documento aberto das mãos da loira.

“O senhor comprou coroas e forintes.”

“Sim, desde junho. Vou trocar os forintes.”

“O que está levando?”

“Nada, só pertences pessoais, alguma comida e onze charutos para consumo próprio.”

“Presentes?”

“Não.”

Depois de uma troca de olhares, a loira carimbou o documento, entregou-o de volta a Adam e despediu-se com uma displicente continência. (SCHULZE, 2013, p. 65-66)¹³

Depois dele, seria a vez de Michael, mas este não teve a mesma facilidade para passar. Quando Adam olha para trás, vê as policiais sinalizarem para o carro sair da fila, o motorista descer e ser cercado por guardas uniformizados.

Adam segue viagem para encontrar as mulheres em Praga, se perde no caminho, dando muitas voltas dentro da cidade, e chega à praça Venceslau somente no início da noite; elas não ficam felizes ao vê-lo chegar sozinho. A irritação de Simone a faz declarar sua desconfiança com relação a Adam:

¹³ Na tradução brasileira, os diálogos aparecem entre aspas.

“Mandaram você atrás da gente, Adam?’ Simone se interpôs entre ele e Evelyn. ‘É essa sua missão?’” (SCHULZE, 2013, p. 69)¹⁴. Muitas horas depois, Michael chega ao ponto de encontro e relata ter precisado tirar a roupa, ter tido o carro vasculhado até o tanque e desmontado nas partes que eram desmontáveis. Evelyn relata que no trem apenas lhes fizeram algumas perguntas, mas na cabine ao lado da em que estavam, uma família teve todas as malas desfeitas.

Evelyn, Simone e Michael despistam Adam, seguindo viagem no carro veloz bem cedo na manhã seguinte. Então, acompanhamos Adam em seu trajeto. Deixando Praga, ele para somente em um posto de gasolina nas proximidades de Brno, onde demonstra estar à vontade como viajante: lava-se e barbeia-se no banheiro, troca de camisa, entra no restaurante, onde faz seu pedido e encontra lugar em uma mesa cheia – ele, inclusive, fala algumas poucas palavras em tcheco durante a viagem. Enquanto come, aproxima-se uma mulher, que lhe pede carona, e ele concede sem hesitar. A desconhecida é Katja, de quem se saberá poucos, incertos e gradativos detalhes: está ali de passagem, chegou de carona, tentou escapar do Leste cruzando o Danúbio a nado (uma forma comum de tentativa de fuga naquele período) e, por isso, está com as roupas e mochila encharcadas, deseja de qualquer maneira seguir para o Ocidente, onde supostamente tem alguém esperando por ela. De início, ela também vai desconfiar que Adam possa ser algum tipo de agente comunista e contará algumas mentiras sobre suas tentativas de fuga, mas depois que ele a contrabandeia para a Hungria dentro do porta-malas, passa a vê-lo como seu salvador.

Cruzar a fronteira em Komárno não será problema para Adam e ele até se empolgará um pouco com a ideia: “Sabe de uma coisa? Eu poderia me divertir muito fazendo isso: seguir carreira como contrabandista de gente, nas horas vagas. É moleza” (SCHULZE, 2013, p. 104). Ele parece não acreditar que toda essa facilidade se deveu à convulsão que estava sendo vivida pelos países do Leste naquele ano, como se acreditasse sinceramente na solidez do regime, ainda no final da década de 1980. Naquela manhã no acampamento, havia se mostrado

¹⁴ Como poderemos ver no capítulo sobre as identidades individuais e coletivas representadas nas personagens, essa desconfiança com Adam vai seguir em diversos momentos, pois seu comportamento é sempre de alguém que está adequado demais à situação do regime socialista.

incrédulo quando Katja contou como planejava chegar à Hungria, garantindo que não seriam pegos na fronteira:

“E se pegarem a gente?”

“Não vão pegar”. Como Adam, Katja se apoiava no cotovelo. “Os húngaros não são problema: vão deixar a gente entrar. E os tchecoslovacos só examinam os documentos. Não revistam mais os carros.”

“Como é que você sabe?”

“Todo mundo sabe disso. Se tem alguma coisa que as pessoas aqui sabem, é isso.” (SCHULZE, 2013, p. 92)

O Estado tchecoslovaco também não era favorável à nova política soviética de abertura e estava longe de querer conceder a seus cidadãos o direito de sair livremente do país. Porém, com relação aos cidadãos de outros países, como a RDA, não podia fazer mais do que conferir documentos e autorizações de viagem – bem verdade que, vez ou outra, tentassem demonstrar seu comprometimento, revirando malas de viajantes de trem, como relatado por Evelyn acima, ou detendo por algum tempo um viajante de quem desconfiassem pontualmente. Além disso, com a Hungria enfraquecendo o controle nas fronteiras e cada vez mais alemães orientais enchendo as estradas e os acampamentos da região, logo as “dicas” sobre melhor momento de passar ou como se comportar para evitar problemas estavam à disposição de qualquer um que quisesse aguardar as oportunidades o mais próximo possível da fronteira com o Ocidente.

E essas oportunidades surgiram em duas etapas. No dia 19 de agosto, que, como vimos, é a data do desentendimento entre Evelyn e Adam que vai surtir na partida, no dia seguinte, em direção à Hungria; e em 10 de setembro, quando o grupo já está instalado na casa dos Angyal há tempo suficiente para começar a pensar sobre o fim das férias – o que, a princípio, significaria o retorno do casal à RDA, enquanto Michael voltaria para Hamburgo, e Katja, provavelmente, tentaria cruzar a fronteira a qualquer custo. No entanto, diante da declaração pública de Gyula Horn (Ministro das Relações Exteriores da Hungria) de que deixaria os alemães orientais passarem sem problemas caso caminhassem em direção à fronteira com a Áustria, o casal também decide acompanhar a onda que flui para o Ocidente. Este talvez seja o momento em que mais se torna direta a relação entre as escolhas políticas e sexuais das personagens, pois, conforme a trama se complica na troca de casais, as escolhas entre partir para o lado ocidental e voltar

para casa vão mudando. Como aponta o escritor Adam Thirlwell, em resenha para o *New York Times*:

E então uma suave e complexa comédia dos sexos começa – enquanto outra história, política, gradualmente toma lugar. Para cada decisão sexual há uma sombra política. Seja ficar com alguém, seja ir embora, não é uma decisão puramente privada. Isso envolve uma questão mais ampla: ficar no Leste ou escapar, agora que as bordas estão temporariamente porosas. (THIRLWELL, 2011, tradução nossa)¹⁵

Simone, a esta altura, já havia retornado para a RDA, porque entendeu que, com o envolvimento entre Evelyn e Michael, ele talvez não cumprisse o acordo de casamento para poder levá-la para a República Federal da Alemanha. Inclusive, com a sua partida repentina após uma discussão acalorada com Michael, ele e Evelyn passam a temer que Simone queira denunciá-los como fugitivos e inimigos do Estado. Enquanto o triângulo amoroso Adam-Evelyn-Michael não decide seu destino, Katja, que não está envolvida nas trocas, mantém o desejo de partir para o Ocidente assim que possível. Apesar disso, é em uma conversa entre ela e Evelyn, no dia anterior ao pronunciamento de Horn, que primeiro se explicita a ideia de que escolher um parceiro implica escolher o próximo passo da viagem:

“Os dois ainda estão aí fora?” Evelyn ergueu a cabeça.
 “Seus homens?”
 “Meus homens?”
 “E não são? Você tem dois, eu não tenho nenhum.”
 Evelyn assoou o nariz. “Pode ficar com um para você. Acho que, sei lá, facilitaria as coisas para mim.”
 “Então amanhã vou perguntar se algum deles me quer.”
 “E para qual vai perguntar primeiro?”
 “Para o Adam, lógico.”
 “Mas ele não quer ir embora daqui!”
 “Ainda assim, se você não se importa...” (SCHULZE, 2013, p. 218)

Retomando a ideia de haver “uma sombra política” para cada decisão da vida privada das personagens, como dito por Thirlwell acima, é importante ressaltar que há um jogo constante de luz e sombra acompanhando a trama desde o primeiro capítulo, intitulado justamente “Câmara escura”, que já transmite uma pequena noção de como a narrativa vai funcionar:

¹⁵ No original: “*And so a gentle, complex comedy of sex begins – while another, political story gradually takes over. For each sexual decision has its political shadow. Whether to stay with someone or leave is not a purely private decision. It involves a larger question: whether to stay in the East or flee, now that the border is temporarily porous.*”

De repente, lá estavam elas, as mulheres. Apareciam do nada, trajando os vestidos, as calças, saias, blusas e casacos que ele fazia. Por vezes, parecia-lhe que surgiam do branco ou que simplesmente emergiam, como se tivessem enfim rompido a superfície e se mostrado. Ele só precisava inclinar um pouco a bandeja com o revelador e pronto. *No começo, era o nada; depois, alguma coisa que de repente estava ali. Mas o momento entre o nada e essa alguma coisa não se deixava apreender, como se na verdade não existisse.* (SCHULZE, 2013, p. 9, grifo nosso)

É esse momento “que não se deixava apreender” que trará o grande leitmotiv desta narrativa de Ingo Schulze, na qual é explorada ao máximo a incerteza dos acontecimentos políticos influenciando de forma incisiva na vida privada das personagens. Cada passo deve ser calculado milimetricamente: para Evelyn, partir (com Michael) ou ficar (com Adam); para Adam, seguir Evelyn insistindo em recompor o relacionamento rompido ou retornar para casa sozinho; para todos, confiar ou não em alguém, fazer ou não fazer planos para o futuro – e para qual futuro?

Mas os planos de Katja não mudam e, diante das novas condições, ela pega carona com Michael, que volta desiludido para casa, em Hamburgo, pois Evelyn se reconcilia parcialmente com Adam antes da partida. Alguns dias depois, o casal segue viagem com Elfriede, sua tartaruga de estimação, no velho Heinrich, que apresenta alguns problemas para enfrentar o trajeto. Quando o carro estraga nas proximidades de Rosenheim, eles recebem ajuda de um morador local, que os hospeda no quarto de uma pensão, onde encontram uma Bíblia em uma gaveta. Espantados com o fato, chegam a pensar que o livro foi posto ali de propósito, porque aquelas pessoas que “[...] dizem ‘*Grüss Gott*’ a sério” (SCHULZE, 2013, p. 271) deviam vê-los como fugitivos. Sem outra leitura para a noite, eles leem o livro do Gênesis, em que a referência, um tanto óbvia para os leitores, se mostra plenamente. Após a leitura da história de Adão e Eva, Adam se indigna com a impossibilidade de o ser humano voltar ao paraíso.

Segundo Michael Opitz (2008, tradução nossa)¹⁶: “A decisão, diante da qual Ingo Schulze coloca suas personagens no outono de 1989 na Hungria, depende da resposta à pergunta sobre onde elas situam o paraíso”, já que as personagens diferem em seus entendimentos. Adam gostaria de voltar à RDA e seguir com sua

¹⁶ Do original: “*Die Entscheidung, vor die Ingo Schulze seine Figuren im Herbst 1989 in Ungarn stellt, hängt von der Beantwortung der Frage ab, wo sie das Paradies verorten.*”

vida como era até então, e Katja quer encontrar uma vida nova no Ocidente o mais rápido possível, enquanto Evelyn não sabe ao certo o que deseja e vai aproveitando o momento; o único decidido a voltar para casa, independentemente de quem o acompanhe, é Michael.

Para os alemães orientais, assim como para os habitantes de outros países sob o regime socialista durante a Guerra Fria, crenças teístas e seus rituais eram reprimidos nesse período; mesmo quando, raramente, eram permitidos como manifestação pública, estavam sob estrita vigilância e eram desencorajados. Desse modo, devido à sua formação inteiramente socialista, para Adam e Evelyn, a leitura da Bíblia não passa de entretenimento com alguma carga cultural:

“Então o Senhor Deus formou o ser humano com o pó do solo, soprou-lhe nas narinas o sopro da vida, e ele tornou-se um ser vivente’.”

“Nas narinas?”

“E você achava que tinha sido na boca, como no curso de primeiros socorros? ‘Depois, o Senhor Deus plantou um jardim em Éden, a oriente, e pôs ali o homem que havia formado. E o Senhor Deus fez brotar toda sorte de árvores de aspecto atraente e de fruto saboroso, e, no meio do jardim, a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal.’”

“Uma vez, eu li tudo isso aí, porque achei que podiam me perguntar, lá em Leipzig.”

“Para conseguir a vaga em história da arte?”

“É, quando fui fazer a entrevista de admissão.” (SCHULZE, 2013, p. 271-272)

É neste ponto, também, que encontramos uma das referências fundamentais para a viagem na narrativa: “Referências? Sem dúvida, antes de mais, a Bíblia, soma prodigiosa de errâncias, de êxodos, de exílios” (MACHADO; PAGEAUX, 2001, p. 36). Se a Bíblia se apresenta como uma das primeiras referências para a viagem na literatura (junto com outros livros sagrados de outras mitologias) é porque, para a criação do mundo, de alguma maneira, sair do lugar conhecido é fundamental. Foi a partir da expulsão de Adão e Eva do paraíso que “o resto do mundo” passou a existir. Até então, o mundo deles – seu espaço sagrado, ordenado – era o Jardim do Éden; no momento em que não lhes é mais permitido permanecer ali, quando são condenados a vagar pelo mundo, outros espaços – profanos, desordenados – aparecem em seu horizonte.

Adam seria o que Mircea Eliade chama de homem profano ou “a-religioso”, já que, apesar de se constituir na oposição ao homem religioso “[...] esforçando-se

por se ‘esvaziar’ de toda religiosidade e de todo significado trans-humano”, ele “[...] carrega ainda toda uma mitologia camuflada e numerosos ritualismos degradados” (ELIADE, 1992, p. 166). Ele tem seu lugar sagrado e seu espaço de memória respeitosa aos antepassados na RDA: “Então você acha que vou abandonar tudo – a casa, o jardim, o túmulo dos velhos, tudo?” (SCHULZE, 2013, p. 256). Também tem seus rituais caseiros que lhe dão segurança ao serem repetidos cotidianamente, mesmo fora de casa: o charuto, o ovo cozido a quatro minutos e meio, três batidinhas no painel e o pedido de que o carro aguente firme a viagem. Mais até, nas palavras de Evelyn: “O Adam é supersticioso. Se dependesse dele, consultava o horóscopo todo dia” (SCHULZE, 2013, p. 198). Embora não planeje e nem perceba isso, sua viagem funciona como uma repetição da cosmogonia, pois, ao partir de casa deixando para trás seu jardim bem ordenado, Adam perambula pelo caos das terras desconhecidas, até chegar a um novo local, onde iniciará um novo mundo, uma nova vida e começará, junto com Evelyn, a povoar a terra.

Um território desconhecido, estrangeiro, desocupado (no sentido, muitas vezes, de desocupado pelos “nossos”) ainda faz parte da modalidade fluida e larvar do “Caos”. Ocupando-o e, sobretudo, instalando-se, o homem transforma-o simbolicamente em Cosmos mediante uma repetição ritual da cosmogonia. (ELIADE, 1992, p. 34)

O casal viajará pelo “Caos” do mundo não habitado pelos seus: cruza Tchecoslováquia, Hungria e Áustria, passeia por Zurique, na Suíça, antes de finalmente se instalar em Munique e fundar seu novo “Cosmos”. Deixará para trás não apenas seu jardim e sua antiga morada, mas também os laços que o prendem a um passado que já quase não existe mais: a RDA em declínio. Lá ficaram suas lembranças de infância, seus antepassados, sua estabilidade garantida por um poder maior que eles – o regime socialista – que mantinha a ordem desde que o fruto da árvore do conhecimento não fosse tocado pelos habitantes do paraíso.

E já que citamos a Bíblia, é válido lembrar que ela também está cheia de referencial simbólico, que, na narrativa de *Adam e Evelyn*, começa nos nomes¹⁷ dos protagonistas e seus amigos. Este também um aspecto muito produtivo do

¹⁷ Fora do âmbito bíblico, até o nome do carro de Adam tem um significado importante para a trama: *Heinrich* seria uma forma adaptada de escrita de *Heim* (=casa, pátria) + *rich* (=chefe, senhor), portanto *Heimrich* ou *Heinrich* significaria “senhor da casa” ou “senhor da pátria”. Esse senhor da pátria fica para trás assim que chegam ao Ocidente.

aporte bíblico: a senhora Gabriel, chefe de Evelyn; Lili (Lilith, a primeira mulher), com quem Adam será encontrado nu no banheiro; o (arcanjo) Michael, oferecendo proteção a Evelyn, se ela o acompanhar ao outro lado; os Angyal (anjos, em tradução literal), acolhendo os viajantes e os ajudando em sua trajetória; Michaela e Gabriela, que acolherão o casal em sua nova morada.

Outro aspecto bastante presente na narrativa é o elemento água, que pode ser visto tanto por seu lado simbólico, como pela perspectiva geográfica do espaço percorrido na trama. De fato, a região por onde transitam as personagens é cheia de lagos e rios, que poderiam ser vistos simplesmente como componentes da paisagem, interferindo no comportamento das personagens no nível específico da cultura cotidiana com suas implicações econômicas, porém, como diz Eliade (1992), esvaziados de conteúdo religioso ou trans-humano. Assim, vemos marcações de ordem geográfica que acompanham a localização das personagens enquanto se movem no espaço habitado: de saída, “O caminho pela margem do Elba é o que todo mundo faz” (SCHULZE, 2013, p. 57); orientação pelo Vltava, em Praga – “Tentou em vão orientar-se pelo rio e pelo castelo, vagando pela cidade até perceber, tarde demais, que havia passado a praça Venceslau” (SCHULZE, 2013, p. 68); o Danúbio como fronteira natural entre Tchecoslováquia e Hungria, que, em Komárno, cruzam de carro sobre a ponte, mas também como rota de fuga para o Ocidente, que Katja já tentou atravessar a nado; o lago Balaton como local de férias de cidadãos orientais; o Chiemsee e o Simssee como marco de chegada à Alemanha ocidental; a parada diante do lago em Zurique, como primeiro passeio fora da Alemanha após a chegada à RFA.

Entretanto, essa presença constante da água pode ser vista também pelo seu simbolismo, que, conforme Eliade (1979, p. 147), “[...] implica tanto a Morte como o Renascimento. O contato com a água comporta sempre uma regeneração: por um lado porque a dissolução é seguida de um «novo nascimento», por outro lado porque a imersão fertiliza e multiplica o potencial da vida”. Apesar de, em grande parte do tempo, as águas serem apenas observadas, há pontos em que o contato com ela, e mesmo a imersão nela acontecem, intensificando a narrativa. Katja quase se afogou ao tentar atravessar a fronteira nadando; uma experiência traumatizante, cuja lembrança a faz chorar após sair do porta-malas em que Adam a contrabandeou para a Hungria e contar a ele os fatos com mais detalhes:

“Você tem ideia? Rio é outra coisa. Ainda mais quando está escuro como o breu, e você está levando uma mochila desse tamanho nas costas. Quando a cabeça mergulha na água e você é puxado para baixo, aí vem o pânico. A gente só sabe que é mais forte do que nós.”

“Eu não teria nem entrado no rio. Preferia que me pegassem.”

“Quando você olha para o outro lado, olha fixo para a outra margem, o rio vai ficando cada vez menor. Aí você fala: vamos, pule na água, pule logo, não pense. Medo mesmo, você só tem dos guardas da fronteira e dos cachorros.” [...]

“Não há nada que se possa fazer, nada mesmo. Aquilo te pega, te arrasta como um anjo mau. Não tem defesa...” (SCHULZE, 2013, p. 105)

Essa experiência, por traumatizante que tenha sido, parece ter fortalecido ainda mais sua vontade de fugir para o outro lado, pois é logo depois da sua tentativa frustrada que ela encontra Adam e, sem nenhum conhecimento de quem ele possa ser, confia nele para ajudá-la. Inclusive, quando acampam diante do Balaton, somente com Adam, seu salvador, levando-a pela mão, ela consegue vencer seu medo de entrar na água escura do lago. A partir de então, tudo é válido para ela, todas as possibilidades estão abertas, pois, como mais uma vez encontramos nas palavras de Eliade:

[...] tanto no plano cosmológico como no plano antropológico, a imersão nas águas equivale, não a uma extinção definitiva, mas a uma reintegração passageira no indistinto, seguida de uma nova criação, de uma nova vida ou de um homem novo, conforme se trate de um momento cósmico, biológico ou soteriológico. (ELIADE, 1979, p. 148)

Assim, Katja ressurgue do medo da morte para uma nova expectativa de vida, que, para ela, só poderá se concretizar plenamente do outro lado (ela sabe onde localiza seu paraíso). Ter vencido o rio, cruzando sobre suas águas depois de “uma reintegração passageira no indistinto”, e o novo batismo nas águas lamacentas do Balaton a purificam do medo e regeneram sua força e sua vontade de partir. Adam, porém, muito à vontade naquelas águas escuras do lado oriental, não é transformado por elas. Se os rituais de purificação pela água são uma atualização pela “[...] repetição simbólica do nascimento dos mundos ou do «homem novo»” (ELIADE, 1979, p. 148), Adam, o primeiro homem, feito do mesmo barro presente naquelas águas, não se renova neste elemento. Talvez (isso fica em aberto ao final do livro) seu novo nascimento se dê pelo fogo, outro elemento que simboliza tanto a purificação quanto a regeneração, porém trazendo junto a

compreensão iluminada, a qual não saberemos se chegou a Adam. Será o fogo que ele utilizará para destruir as últimas lembranças do passado no momento em que inicia uma nova vida, instalando-se no novo lar. Mas, nos adiantamos.

Ainda parados em Rosenheim, Adam se desfaz de seu carro, vendendo-o a Rudolf. Assim, a viagem a partir dali será de trem. Se antes, na companhia do seu Heinrich, ele conseguia apreciar a paisagem do lado oriental, escolhendo o caminho mais agradável e controlando a velocidade com que percorriam o trajeto, agora, do outro lado, quem se detém nas observações é Evelyn. Ela já havia apreciado o passeio que Rudolf proporcionou quando os socorreu na estrada, mostrando aos dois a região dos lagos de Prien am Chiemsee; agora ela olha pela janela do trem para Munique e considera a paisagem mais bonita que a oriental. Adiante, no passeio a Zurique, enquanto observam os picos dos Alpes cobertos de neve, vai lamentar-se com Katja: “Às vezes eu acho que o Adam vive em outro planeta! Eu vejo isso tudo e fico feliz, mas ele, ele não vê nada” (SCHULZE, 2013, p. 340).

No Ocidente, hospedam-se na casa de uma tia de Adam, Gisela, que vive em Eichenau, por um tempo, até que consigam encontrar trabalho e se estabelecer em algum lugar. Curiosamente, Gisela vai chamar Evelyn de Eva durante toda uma conversa, logo na chegada. E é na casa dos tios de Adam que Evelyn percebe que iniciarão sua nova vida povoando o “Caos” das terras desconhecidas, pois, alguns dias depois da chegada, ela descobrirá que está grávida. A partir deste ponto, a representação mítica do casal parece oscilar de Adão e Eva, expulsos do paraíso, a José e Maria, migrantes sem paradeiro, à espera de uma criança – que pode tanto representar a esperança viva neste novo mundo quanto a descendência maldita de Caim. Mais uma vez, paira a indefinição do futuro no tempo vivido.

Também em Eichenau, Adam confirma que não está preparado para viver como os alemães ocidentais, pois recebe o diagnóstico de síndrome de migração e dificuldades de adaptação – transtornos comuns, que, como ele diz, o serviço social do lado ocidental reconhece. Adam não consegue trabalhar, sente que a “arte” na qual é mestre não tem espaço em um mundo onde tudo já vem pronto e é produzido e vendido em larga escala:

Tudo é demais para ele, diz. Palavras demais, saias demais, calças demais, chocolates demais, carros demais. Em vez de ficar contente por estar finalmente num lugar que tem tudo, ele diz: é

demais, é demais, uma inflação que enterra tudo, todas as coisas de fato, as coisas certas. É assim que ele fala. (SCHULZE, 2013, p. 348).

Essa inadequação ao novo ambiente o faz desentender-se com os tios, e a notícia de que Evelyn está grávida o deixa ainda mais fora de si. A convite de Katja e de seu namorado polonês, Marek, vão visitar Zurique. Durante o passeio, Adam some, à procura de sua máquina fotográfica que perdeu com todos os registros feitos durante a viagem desde a RDA. Enquanto esperam que ele reapareça, Evelyn e Katja recebem de Marek a notícia de que o muro de Berlim foi posto abaixo na noite anterior. Então, no mesmo dia em que a RDA começa efetivamente a se dissolver, a partir da queda do muro, os viajantes perdem a trilha do caminho feito até ali. Aos poucos, vão se apagando os vestígios da vida anterior de Adam: primeiro o carro que os trouxe até o Ocidente é deixado para trás, depois sua câmera e as fotos que contam a viagem se perdem.

A máquina fotográfica era um artefato importante na vida de Adam, relacionada com a criação de memórias significativas para a personagem. No seu atelier, depois de vestir suas clientes, ele as fotografava, como registro da sua criação. O ato criador de Adam só se completa no momento em que ele revela, e aceita, as fotos; como todo fotógrafo, ele tem algumas tentativas descartadas e joga os resultados insatisfatórios no lixo. O processo criativo dele está apoiado em um passo a passo, desde descobrir a aura de sua personagem – cada roupa é única e feita para aquela mulher específica –, passando pelo momento em que a modelo posa para ser fotografada, até a manipulação dos recursos técnicos no tratamento dado ao revelar, na câmara escura, a imagem final, sempre em preto e branco.

Durante a viagem, ele fotografa os locais e tenta fotografar também as pessoas; Evelyn e Simone, depois Katja, recusam-se a posar para foto, já que estão a caminho da fuga. No lago Balaton, ele finalmente consegue convencer o grupo a registrar o momento; no entanto, ele “dirige” a fotografia, posicionando as pessoas e buscando o efeito desejado, para que o momento retratado seja também perfeito:

“Ali, ora!” Adam apontou para o ano que encimava a porta de entrada. “1789! Quero todo mundo ali embaixo. Vamos, ainda não tiramos nenhuma foto. Mischa e Evi à esquerda e à direita; vocês duas no meio.”

Os quatro seguiram as instruções sem reclamar. Sem pressa, Adam regulou diversas vezes a abertura do diafragma.

“Quando eu disser ‘já!’, todo mundo dá um passo à frente.”

“Por que isso?”, Michael quis saber.
“Acredite nele. Dá mesmo um efeito muito legal”, Evelyn explicou.
“Já!”, exclamou Adam, pressionando o disparador. “Maravilha. De novo.” (SCHULZE, 2013, p. 230)

Adam ainda repete a foto, por garantia. Da mesma forma que age como se estivesse em férias, Adam tenta criar as melhores memórias da viagem, assim poderá ter boas histórias para contar no futuro. Ou, poderia se não tivesse perdido sua câmera, com o filme ainda não revelado dentro. Quando instalado em Munique, terá à sua disposição apenas uma Polaroid – máquina de revelação instantânea, que não lhe permitirá manipular satisfatoriamente o efeito duradouro da memória.

Depois dos acontecimentos de 09 de novembro, Adam decide voltar à sua casa para ver como estão as coisas, e a encontra lacrada pelas autoridades e destruída, faltando móveis, com trancas quebradas, e suas fotografias todas rasgadas pelo chão. Ele volta para Eichenau com os pedaços das fotos, a notificação para buscar o carro novo, que chegou pelo correio enquanto estavam em viagem, e um laço de cabelo de Evelyn; nada mais. Nenhum dos dois tem muito ao que se apegar então: Evelyn tentou vender as joias de família, que herdou da avó rica, e descobriu que eram falsas; porque viajaram no verão e já começa a esfriar, Adam está usando roupas emprestadas do tio Eberhard; as lembranças materiais do passado foram se perdendo. Ainda assim, Evelyn tenta começar sua nova vida mudando-se com Adam da casa dos tios dele, e, com a ajuda de Katja, aluga o quarto que esta deixara vago ao ir morar com Marek. Na nova casa, Evelyn pretende conciliar os estudos na faculdade, a gravidez e o apoio a Adam para que ele supere seu transtorno migratório, mas ele não consegue se adaptar nem mesmo à ideia de mudança de vida. E o romance termina com Adam queimando, no jardim que não lhe pertence (ou ao qual ele não pertence?), as fotografias de suas criações, que Evelyn havia colado em um álbum, enquanto toca *A Criação*, de Haydn – mesma obra que ele ouvia enquanto vestia sua última criatura no atelier da casa na RDA.

O romance é dividido em 55 capítulos curtos, numerados e identificados com títulos. Predominam os diálogos com pouca interferência da voz narrativa, externa à trama. Essa organização aparentemente simples concede agilidade ao texto. No entanto, a riqueza dos detalhes, seja nas descrições, umas vezes mais minuciosas e outras vezes minimalistas, seja nos diálogos, produz o jogo de

sombras sobre os acontecimentos, que, como dito anteriormente, conduz a narrativa desde o início. Na leitura de Thirlwell:

Sua única esquisitice é que quase todo capítulo começa com diálogo, que não é atribuído a princípio. Apenas após algumas linhas o leitor descobre quem está falando. [...] É a imitação dos mecanismos da história, onde os efeitos são visíveis, mas suas causas não são. (THIRLWELL, 2011, tradução nossa)¹⁸

Isso não é bem verdade, pois muitos capítulos são introduzidos pelo narrador. No entanto, quanto aos mecanismos da história, podemos concordar que o efeito desejado tenha sido este mesmo. E ainda mais: em alguns momentos, há sequências longas de frases sendo arremessadas de uma personagem a outra, muitas delas sem atribuição. Essas imprecisões não afetarão o andamento do diálogo, embora possam mudar o sentido da conversa, dependendo a quem se atribua a fala.

“Você vive para trabalhar ou trabalha para viver?”
 “A questão não é bem essa.”
 “É, sim. Sua vida inteira está a serviço da imortalidade.”
 “Para mim, o trabalho é minha vida. Para você não?”
 “Claro, mas não estamos falando da mesma coisa.”
 “Por que não? Seu trabalho é legal.”
 “Exatamente, e porque posso fazer o que quero.”
 “Mas se alguém encomenda uma saia, você não pode entregar um *tailleur*.”
 “Posso, sim. Se a pessoa fica melhor de *tailleur*...”
 “Uma coisa eu tenho de admitir: confiança não te falta, hein?”
 “Você ama a Evi?”
 “Se eu amo a Evelyn?”
 “É.”
 “Se não amasse, não estaria aqui. Já devia ter voltado para Hamburgo faz muito tempo.” (SCHULZE, 2013, p. 211, grifo do autor)

Mesmo que seja possível identificar quem está falando pelos detalhes das profissões citadas e pela resposta final sobre Hamburgo, a pergunta “Você ama a Evi?” complica um pouco o entendimento, pois poderia ser dirigida por Michael a Adam também, já que este veio atrás da namorada depois de tê-la traído. Além disso, anteriormente Adam já havia recebido a mesma pergunta feita por Katja.

A voz narrativa, externa à trama, não se mostra onisciente, embora muitas vezes “entre” nos pensamentos e sentimentos das personagens. De forma geral,

¹⁸ Do original: “*Its single oddity is that nearly every chapter begins with dialogue that is at first unattributed. Only after a few lines does the reader discover who is speaking. [...] It’s a mimicry of history’s mechanics, where effects are visible but their causes are not.*”

segue os passos das personagens, cedendo-lhes o espaço para o diálogo e, algumas vezes, a possibilidade de informar o leitor sobre algum fato ainda não narrado. Porém, quando as personagens “contam” algum episódio, elas não tomam a posição de narradoras efetivas, apenas ocupam-se de ser o que Wayne Booth (1983) chama de “refletoras”: personagens que não se dirigem diretamente ao público leitor, mas cumprem a função de esclarecer certos fatos ou situações, na forma de sumário infiltrado em diálogos com outras personagens.

Como o tempo narrativo ora se expande, ora se condensa, por vezes não temos relatada toda a sequência de acontecimentos; para que não haja uma lacuna na trama e o narrador não precise tomar para si a tarefa de sumarizar o que aconteceu, esses detalhes são “narrados” por alguma das personagens ou introduzidos em forma de perguntas e respostas nos diálogos. Por exemplo, uma situação como a da passagem da fronteira entre a Alemanha oriental e a Tchecoslováquia se desenrola numa sequência de quatro capítulos, expandindo-se o tempo de um dia através da atenção detalhada de algumas cenas em contraposição ao corte de outras. No final de “Desvios”, Adam e Michael conversam sobre o melhor caminho para entrar na Tchecoslováquia. Em “A primeira fronteira”, parados em uma área de descanso pouco antes de cruzar a fronteira de Zinnwald, eles conversam sobre o que pode acontecer se Michael for revistado e encontrarem a sacola deixada por Evelyn em seu carro; Adam leva a sacola consigo e a coloca no porta-malas, junto com a caixa da tartaruga Elfriede, e entra na fila de passagem pelo posto de controle. No começo de “Um sim, um não”, é descrita a passagem de Adam pela fronteira e o que ele vê: Michael descendo do carro e sendo cercado por guardas; no final do mesmo capítulo, há uma cena ao pé da estátua de São Venceslau, e nela Adam explica o que já sabemos como leitores, mas que Evelyn e Simone não sabem. Somente no próximo capítulo, “A suspeita”, quando Michael os encontra, já muito mais tarde na mesma noite, descobrimos, ao mesmo tempo que as outras personagens, que ele foi revistado e teve o carro desmontado – não é o narrador quem nos conta isso, mas sim o próprio Michael.

Em outros momentos, o tempo se condensa tanto que cenas importantes para o desenvolvimento da trama não são mostradas; então, de alguma maneira, ficamos sabendo o que aconteceu porque uma personagem – mais comumente Evelyn – encarrega-se de “contar”. Quando Adam some, afastando-se do grupo na

viagem a Zurique, não é possível saber o que houve com ele, pois, até o final do capítulo, nem ele reaparece, nem qualquer informação sobre seu paradeiro é acrescida pelo narrador. Entretanto, no capítulo seguinte, “Irmão e irmã”, que não decorre como a sequência imediata da viagem, mas sim alguns dias depois, Evelyn está angustiada com o novo sumiço de Adam e imagina-se ligando para Katja para contar o que está acontecendo. Somente então, pela conversa imaginária de Evelyn ao telefone, ficamos sabendo que, no dia da viagem a Zurique, mesmo dia da queda do muro de Berlim, Adam esqueceu sua câmera fotográfica no bonde, perdendo todas as fotografias (rastros) da viagem desde a RDA e, por isso, separou-se do grupo para tentar encontrar a câmera. Depois dessa intervenção da imaginação de Evelyn como narradora “refletora” (BOOTH, 1983) – mas, estranhamente expressa em um duo de voz Evelyn-narrador –, no capítulo “O retorno malsucedido”, Katja visita o casal já sabendo de algo que nós não sabemos: que esse segundo sumiço de Adam foi devido à sua volta para casa, momento em que ele descobriu que não haveria mais como ou para onde retornar, pois seu jardim e sua casa na RDA estavam destruídos.

2.2.2. *Samko Tále's Cemetery Book*

“Vai escrever o livro do cemitério” – assim escreveu no asfalto o velho Gusto Rúhe, depois de ler o destino de Samko Tále na pedra da lua (KAPITÁŇOVÁ, 2011). E se o destino foi lido, Samko deve respeitar, ou esperar pelas consequências, como aconteceu com Erik Rak – mas essa é uma história para ser contada depois. Então ele escreve um “Primeiro Livro do Cemitério”, com uma única página, que envia a um conhecido editor, porém não obtém retorno. Tempos mais tarde, em um dia de chuva, em que não pode trabalhar, pois seu carrinho está no conserto, Samko torna-se escritor mais uma vez e escreve o “Segundo Livro do Cemitério” – desta vez, com maior número de páginas. Mas, o que há para escrever sobre um cemitério? E por que justo ele, Samuel Tále, conhecido como Samko Tále, quase quarenta e quatro anos, catador de papelão para reciclagem, anão e autista(?), deve escrever o *Livro do Cemitério*? É preciso pensar a respeito.

Às vezes quando eu vou ao cemitério para pensar em coisas para meu Livro do Cemitério, eu vou ver as pessoas que estão no

cemitério porque todo mundo está lá. Vovó e Vovô estão lá, minha Mamãe e meu Papai estão lá, e Alf Névéry está lá.
Enfim.

Tonko Szedílek está lá também, e ainda sua Mamãe, Katuša Szedíleková. (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos¹⁹. 698, tradução nossa)²⁰

Muitas outras pessoas conhecidas de Samko estão no cemitério, assim como algumas não estão mais na cidade. Para não se perder e saber quem são essas pessoas, Samko anota seus nomes em cadernos:

[...] porque eu tenho três cadernos. Um é chamado *Nomes de Batismo*, o outro é chamado *Sobrenomes* e o terceiro é chamado *Morreram*. É neles que eu registro todos que eu conheço, porque se eu não registrar todos que eu conheço, como saberia quem eu conheço, não é?
É sim²¹. (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 215, tradução e grifo nossos)²²

No entanto, Samko sabe muito mais do que os nomes das pessoas que ele conhece e registra, metodicamente, nos seus cadernos. Apesar de parecer, de início, que Samko centralizará toda a narrativa em torno de suas próprias experiências, ele é um contador de histórias que apresentará a diversidade de sua cidade natal, Komárno, através de anedotas sobre as pessoas que conhece, entremeadas em memórias íntimas e de família, ocorridas em tempos diversos. Assim, a divisão entre vivos e mortos, aplicada ao registro dos nomes nos cadernos, não será tão sistemática na hora de falar dessas pessoas, que, na narrativa de Samko, aparecerão de forma bastante viva. Como descreve Verita Sriratana (2014, p. 3-4, tradução nossa): “O romance é escrito na forma de um livro de memórias, *O livro do cemitério de Samko*, em que os vivos estão justapostos aos mortos, e as ideologias da Eslováquia do tempo presente são justapostas àquelas do passado comunista”²³.

¹⁹ Nas citações diretas, “pos.” refere-se à posição do texto dentro do e-book na tela do leitor digital, considerando o ajuste de tela para fonte tamanho 5. Quando não for anotada a posição, trata-se de expressão ou frase repetida diversas vezes pelo narrador.

²⁰ Do original: “Sometimes when I go to the Cemetery to think up things for my Cemetery Book, I go to see all the people that are at the Cemetery because everybody is there. Grandmummy and Granddaddy are there, my Mum and Dad are there and Alf Névéry is there. / Anyway. / Tonko Szedílek is there too, and so is his Mum Katuša Szedíleková.”

²¹ Apesar de seguir a edição em inglês, para essa expressão, que Samko repete muitas vezes, opto por fazer uma aproximação direta do português com o eslovaco “no nie? No áno”.

²² Do original: “[...] because I have three notebooks. One is called Christian Names, the other one is called Surnames and the third one is called Died. That’s where I write down everyone I know, because if I didn’t write down everyone I know, how would I know who I know, right? / Right.”

²³ Do original: “The novel is written in the form of a memoir, Samko’s cemetery book, where the living are juxtaposed with the dead, and where the ideologies of present-day Slovakia are juxtaposed with those of its communist past.”

Uma crítica recorrente ao narrador do livro de Daniela Kapitáňová diz que o narrador é um tipo de Forrest Gump²⁴ de Komárno, pela sua capacidade de alinhar histórias, passando de uma a outra, com uma forma simples (até mesmo simplória) de usar a língua eslovaca – que ele considera “a língua mais bonita do mundo” (KAPITÁŇOVÁ, 2011)²⁵ – e sua pouca capacidade de entendimento das nuances de intencionalidade nas ações das pessoas com quem convive. Petr Pýcha, no entanto, desconstrói um pouco essa visão, em sua resenha à edição tcheca, publicada no portal *Novinky.cz*, em janeiro de 2005. O escritor diz que Samko, à primeira vista, pode ser um narrador envolvente, como Forrest; contudo, quanto mais entramos em sua história, menos simpatia temos por ele.

Samko não sabe reconhecer o que é bom e o que é mau, mas reconhece de forma totalmente inequívoca o que é obrigatório e o que é proibido. Ele é um produto dos estereótipos sociais dos anos 1970 e 1980, como se faltasse, em sua simplicidade, qualquer dimensão individual e consciência.

Acima de tudo, ele enfatiza o zelo, a parcimônia e o reconhecimento dos outros, mostra *pathos* para com os senhores comunistas [...] e não gosta de minorias, sejam húngaros ou homossexuais. (PÝCHA, 2005, tradução nossa)²⁶

Samko mescla as ideologias conflitantes presentes na sua família, assimilando o que há de pior em ambas. De um lado, herdou do pai e do avô de Detva o nacionalismo xenofóbico; de outro, internalizou as regras comunistas seguidas pelo avô materno, membro do Partido. Além da influência deles, há também Karol Gunár, doutor em ciências sociais, que defendeu Samko desde a infância e, mais do que o ouvir, estimulava-o a contar tudo o que percebesse de errado ao seu redor. Samko demonstrou déficit cognitivo desde cedo, e a professora quis transferi-lo para uma escola especial, mas ele foi mantido na escola regular, acompanhando o avanço de Darinka Gunárová, filha de Karol, pois o pai dela era “lá de cima”, do Partido, e pôde arranjar a situação dessa forma. Samko,

²⁴ Informação registrada inclusive na apresentação da edição inglesa, escrita por Julia Sherwood e Donald Rayfield, que ainda aproximam Samko aos narradores Oskar Matzerath, de *O tambor* (Günter Grass) e Holden Caulfield, de *O apanhador no campo de centeio* (J. D. Salinger).

²⁵ Do original: “*the most beautiful language in the world*”. Samko repete essa expressão algumas vezes ao longo da sua narrativa.

²⁶ Do original: “*Samko nemá dispozice rozpoznat, co je dobré a co špatné, zato naprosto neomylně rozeznává, co je povinné a co zakázané. Je výplodem společenských stereotypů 70. a 80. let minulého století, jakoby ve své prostoduchosti postrádal jakýkoliv individuální rozměr i svědomí. / Nade vše vyzdvihuje pracovitost, šetrnost a uznání druhých, projevuje patolizalství vůči komunistické vrchnosti [...] a nemá rád menšiny, ať už Maďary nebo homosexuály.*”

então, acostumou-se com essa proximidade, relatando a Karol Gunár não apenas o que a filha dele fazia, mas também qualquer situação que pudesse ser considerada problemática ou fora da lei.

Essa proximidade com o pai de Darinka fez com que Samko o procurasse para relatar tudo, um pouco pelo medo de se ver envolvido em confusão caso não contasse, um pouco por sentir-se acolhido: “Karol Gunár (Doutor em Ciências Sociais) era meu amigo e ele era muito legal e gentil e ele sempre ouvia tudo o que eu tinha para dizer e sempre me dava Karlsbad Wafers” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 1962, tradução nossa)²⁷. Samko jamais desconfia de qualquer intenção escondida por trás dessa “boa vontade” de Karol Gunár; e, mesmo quando algo que poderia estar contra as regras do PC acontecia dentro de casa, em família, ele pesava as consequências de não relatar os fatos ao seu protetor. Assim, relatou a Gunár que seu pai ouvia a Rádio Europa Livre, algo proibido na era comunista. E quando Filip Žebrák, seu cunhado, buscou uma solução para fugir ao serviço militar obrigatório, contando com a ajuda de Ivana, sua irmã, e do tio Otto, especialista em cogumelos, Samko sentiu-se pressionado a contar toda a história a Karol Gunár, antes que ele descobrisse sozinho:

Depois que Žebrák comeu os cogumelos Blackshard Shapka, Ivana me disse que se qualquer um descobrisse o que tinha acontecido a respeito dos Blackshard Shapkas, Žebrák acabaria indo para a cadeia, e ainda iriam Ivana, tio Otto, Papai, Mamãe, assim como eu, e isso nem era preciso dizer.

Então eu fiquei com medo que Karol Gunár (Doutor em Ciências Sociais) pudesse descobrir sobre isso, porque os lá de cima sempre costumam descobrir sobre todas as coisas, e então eu teria problemas por ter sabido disso e não ter contado. Foi por isso que eu fui ver Karol Gunár (Doutor em Ciências Sociais) e contei tudo a ele, porque ele era meu amigo. (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 1939-1956, tradução nossa)²⁸

Mas, quando Samko escreve o *Livro do Cemitério*, o Partido Comunista já não representa mais a autoridade, e a Eslováquia é um país independente,

²⁷ Do original: “Karol Gunár (PhD Social Sciences) was my friend and he was very nice and kind and he always listened to everything I had to say and he always gave me Karlsbad Wafers.”

²⁸ Do original: “After Žebrák ate the Blackshard Shapka mushrooms Ivana told me that if anyone found out what had happened regarding the Blackshard Shapkas, Zebrák would end up in jail, and so would Ivana, Uncle Otto, Dad, Mum as well as me, and that goes without saying. So I got frightened that Karol Gunár (PhD Social Sciences) might find out about it, because the High Ups always used to find out about everything, and then I’d get into trouble regarding having known about it and not having reported it. That’s why I went to see Karol Gunár (PhD Social Sciences) and I told him everything, because he was my friend.”

separado da República Tcheca. E, embora seu amigo não seja mais “lá de cima”, Samko ainda relata a ele quando alguém fala contra o Partido – até mesmo o velho Gusto Rúhe, bêbado e adivinho, que conta a história de quando foi preso e torturado. Denuncia também o comportamento do homossexual Borka, da cigana Angelika Édesová, que rouba seus papelões, e do homem que trabalha no escritório da reciclagem, Krkan, que não compra seu papelão quando está molhado, mas compra em qualquer condição da cigana, com quem mantém relações sexuais.

Eu pedi a Karol Gunár (Doutor em Ciências Sociais) um monte de vezes para que os lá de cima mandassem ele embora, mas ele apenas disse que nós conseguimos o que queríamos, então tínhamos democracia agora. Mas não era o que eu queria e, de qualquer maneira, ninguém me perguntou se era isso o que eu queria, então eu não entendo. Por que Karol Gunár (Doutor em Ciências Sociais) não pode se livrar daquele idiota do Krkan e mandar ele embora? Porque isso não era o que eu queria. (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 1465, tradução nossa)²⁹

O pensamento de Samko se fecha em seu discurso sobre o que era certo na época do comunismo; ele não consegue entender a nova realidade como uma possibilidade. Para ele, tudo está fora do lugar. Quase na mesma situação está Karol Gunár, que era figura do Partido e perdeu sua autoridade com o fim do regime autoritário; e como há democracia no momento, ele não pode resolver mais nenhum dos problemas que Samko lhe apresenta. Samko vê as situações com seu “*communist eye*” (DRAKULIĆ, 1993), um olho que olha para o mundo coberto pela catarata ideológica injetada pelo Partido Comunista. Entretanto, mesmo esse olho comunista está contaminado pela biologia particular de Samko (e a de Karol, a seu modo), o que faz com que a sua visão seja diferente da visão de Slavenka Drakulić. Ela enxerga, encarnada nos pedintes de Nova Iorque, a pobreza que não via em sua cidade (antes parte da Iugoslávia, hoje na Croácia), porque no regime comunista ninguém se considerava pobre, já que todos estavam mais ou menos na mesma situação. Já o olho comunista de Samko vê o que veria alguém com poderes – os quais Samko não tem, mas que toma emprestado de seu amigo Karol

²⁹ Do original: “*I have asked Karol Gunár (PhD Social Sciences) lots of times to get the High Ups to send him away, but he just said that we got what we wanted, so we had Democracy now. But it’s not what I wanted and anyway, nobody asked me if that’s what I wanted, so I don’t get it. Why can’t Karol Gunár (PhD Social Sciences) sort out that idiot Krkan and have him sent away? Because this isn’t what I wanted.*”

Gunár – sobre os comportamentos alheios: o que ele julga errado, deve ser resolvido através da autoridade.

Kapitáňová cria um narrador que é também catalisador das demais histórias nas quais ele não é protagonista, mas mero ouvinte ou testemunha. A autora o caracteriza fisicamente como desviante de uma “normalidade” – tem nanismo e um problema de rins que lhe garante uma pensão –, cognitivamente pouco competente para convivência social e comunicação interpessoal, por conta de seu autismo (condição que se infere por traços da personagem, mas não é nomeada pelo narrador), e ética e moralmente deformado pelas ideologias conflitantes presentes em sua formação. Se ele é, como diz Petr Pýcha (2005), um *produto* de estereótipos sociais, ele sozinho não pode ser considerado um *tipo*, mas sim uma personagem possível. Talvez seu pai e seu avô de Detva possam ser considerados tipos, figuras típicas de um modelo de pensamento – nacionalistas, preconceituosos, não gostam de ser contrariados em seus princípios e suas ideias, agem sempre de acordo com as próprias regras. Eles dois, supõe-se, viveram de forma mais ativa os momentos históricos marcantes (lutando pelo nacionalismo?) e teriam capacidade cognitiva para certos entendimentos sobre os fatos, que poderiam produzir alguma mudança em seu comportamento. Samko, por não compreender todas as intenções por trás das ações de outras personagens (somente quando são mais simples e óbvias), não pode ser responsabilizado pela ausência de empatia com personagens que sofrem, ou pela falta de culpa ou remorso por atos que ele mesmo tenha cometido, os quais tenham resultado em consequências que ele não percebe na íntegra. De qualquer modo, Samko parece perceber vagamente esses sentimentos; porém, sem entendê-los nem saber como nomeá-los, apenas segue sua narrativa assim como segue sua vida: deixando de lado quaisquer sensações perturbadoras passíveis de gerar mudanças.

Quando situações de conflito entre seu comportamento habitual e as consequências dos acontecimentos do passado se interpõem em seu caminho, Samko fica confuso e não sabe mais “o que é o que e por que e como” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, tradução nossa)³⁰. A história dos cogumelos de Žebrák tem um desdobramento imediato ruim para ele, que precisa prestar esclarecimentos;

³⁰ Do original: “*what’s what and why and how*”. Samko repete essa fórmula diversas vezes, com leves variações, quando não compreende bem o que está acontecendo.

mas, para Samko, tudo está sob controle, pois cumpriu seu dever de relatar o que aconteceu e manteve segredo sobre sua conversa com Karol Gunár. Porém, anos mais tarde, depois da queda do comunismo, Ivana conta a história como um fato engraçado em uma entrevista na TV, e isso deixa Samko aturdido:

Porque uma coisa que eu realmente odeio é como tudo pode simplesmente mudar assim, e então de um dia para o outro tudo pode ser diferente e ninguém vai dizer para você o que é o que e por que e como, e você pode pensar que tudo é exatamente como costumava ser, mas nada é como costumava ser, e as pessoas podem rir de você porque você não sabe o que é o que e por que e como. (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 1992, tradução nossa)³¹

Uma situação que realmente confunde Samko é o retorno de Darinka para a cidade, depois de ter emigrado para os Estados Unidos. Talvez, mais do que o dia de chuva e o carrinho no conserto (o espelho retrovisor foi quebrado justamente por causa do encontro inesperado), o próprio encontro com sua amiga de infância no dia anterior possa ser considerado o impulso inicial para a escrita do *Livro do Cemitério*. Após o preâmbulo sobre os motivos que o colocam diante da folha em branco, algumas informações sobre o estilo de vida que leva e sobre meia dúzia de personagens que retornarão ao longo da narrativa, Darinka surge na memória de Samko e vai ganhando espaço cada vez maior dentro de seu relato. Em um primeiro momento, ao lembrar do dia em que fez o juramento do Jovem Pioneiro e da posterior ida ao café com seu avô do Partido, na companhia de Karol Gunár e sua filha, Samko informa, como um fato aleatório: “Vi Darinka Gunárová ontem” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 307, tradução nossa)³². E, por algumas páginas, não teremos mais notícias desse encontro; até Samko rememorar o dia em que pediu ao velho Gusto Rúhe para ler a sorte de Darinka:

Uma vez eu perguntei ao velho Gusto Rúhe o que havia com Darinka Gunárová; então ele poderia ler o destino dela sem molestá-la e tudo o que eu tinha de fazer era segurar a pedra da lua e pensar em Darinka Gunárová.

³¹ Do original: “*Because the one thing I really hate is how everything can change just like that, and then from one day to the next everything can be different and nobody will tell you what’s what and why and how, and you might think that everything is just like it used to be, but nothing is like it used to be and people can make fun of you because you don’t know what’s what and why and how.*”

³² Do original: “*I saw Darinka Gunárová yesterday.*”

Ontem eu vi Darinka Gunárová do lado de fora do Centro Cultural.
(KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 559, tradução e grifo nossos)³³

E assim, cada vez com maior frequência e acréscimo gradual de detalhes (onde estava, o que vestia, o que disse e qual a reação dele ao falar com ela), Samko vai contando sobre esse encontro inesperado na rua. O primeiro aspecto que chama a atenção dele são as vestimentas de Darinka, que serão descritas de forma progressiva, até que nos seja possível visualizar uma imagem que pode ser definida como a de uma decadência associada aos novos tempos:

Darinka Gunárová estava usando sapatos dourados. Honestamente, não estou inventando isso, ela estava usando sapatos dourados e os sapatos não eram apenas dourados mas tinham também cadarços dourados que subiam amarrados assim como o tipo de sapatos que pessoas deficientes usam. E eles eram totalmente dourados, por todo o caminho até os joelhos. Eu nunca tinha visto sapatos dourados como aqueles antes, nem em Komárno e nem na TV. Nem mesmo Ivana usa sapatos dourados como aqueles [...]. Eu fiquei tão surpreso a respeito dos sapatos dourados que eu não sabia o que era o que e por que e como, então eu fingi que não podia ver Darinka Gunárová mesmo que eu pudesse. (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 843-850, tradução nossa)³⁴

Ivana, por ser artista e aparecer na TV com certa frequência, é a pessoa mais extravagante que Samko conhece, na sua concepção particular de extravagância. Ele não gosta do que ela veste (roupas que outras pessoas jamais usariam), do que faz (da profissão, de aparecer demais, de cuidar dele), de como pensa (anticomunista e não nacionalista) e nem mesmo dos presentes que compra para ele. Comparar Darinka, sua colega de escola que costumava ser líder de turma, com Ivana, a irmã ovelha negra da família, já demonstra o tamanho do choque em encontrá-la vestida como estava. Além dos sapatos dourados, com cadarços dourados subindo pelas pernas e saltos muito altos, ela usava ainda “uma saia tão curta que havia espaço para mais uma saia” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 1618,

³³ Do original: “Once I asked old Gusto Rúhe what was up with Darinka Gunárová; then he could do the fortune-telling without any groping and all I had to do was hold the Moonstone and think of Darinka Gunárová. / Yesterday I saw Darinka Gunárová outside the Cultural Centre.”

³⁴ Do original: “Darinka Gunárová was wearing golden shoes. / Honestly, I’m not making it up, she was wearing golden shoes and the shoes were not just golden but had golden shoe-laces that went up all the way, just like the kind of shoes disabled people wear. And they were all golden, all the way up to the knees. / I’ve never seen golden footwear like that before, not in Komárno and not on TV. Not even Ivana wears golden footwear like that, [...]. I was so surprised regarding the golden footwear that I didn’t know what was what and why and how, so I pretended that I couldn’t see Darinka Gunárová even though I could.”

tradução nossa)³⁵ e uma camiseta que deixava o umbigo de fora, tudo em preto, um cinto dourado largo o suficiente para fazer dois cintos, “e a coisa mais importante era que ela tinha borboletas na sua cabeça” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 3190, tradução nossa)³⁶.

O fio narrativo desse encontro com Darinka ocupa um ponto chave na trama, pois aparece como uma espiral que se fecha aos poucos, e traz, a cada volta, mais lembranças esparsas para comporem a narrativa de Samko. E toda vez que a narrativa retorna a ela, desvela um ponto sobre o passado – um ponto que mostra o quanto Samko, mesmo sem saber explicar, é parte dos acontecimentos que levaram à transformação da menina exemplar de sua infância na mulher que ele encontra na rua. (Será que ele se sente responsável ou culpado?). Darinka se torna, a partir de um certo momento, um mistério a ser desvendado à medida que sua aparição se repete cada vez com mais frequência no pensamento conturbado de Samko. Se o leitor consegue desvendar parte desse mistério familiar, para o narrador ele parece continuar totalmente encoberto. Ele nos dá as pistas, mas não consegue juntá-las por si mesmo.

Darinka viveu um episódio complexo demais para a compreensão de Samko quando eles eram adolescentes, evento que culminou na morte de Tonko Szedílek. A partir de então, ela parece ter se tornado uma menina rebelde e resolvido agir contra seu pai: mentiu que estava grávida e casou-se, aos dezesseis anos, com um colega da escola, Stanislav Manica; depois de divorciar-se dele, emigrou para os Estados Unidos e lá se casou com um homem negro, “exatamente como na TV” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 2059, tradução nossa)³⁷, Samuel Quentin, com quem teve filhos.

Tonko Szedílek era um colega da escola, muito alto e bom em educação física, por quem todas as meninas estavam apaixonadas. Era criado pela mãe, Katuša Szedíleková, a quem Samko considerava muito estranha, não apenas porque tinha os cabelos tão compridos que tocavam a ponta de suas saias, mas porque não tinha marido. Samko se considerava um grande amigo de Tonko, apesar deste ser húngaro, filho bastardo e religioso:

³⁵ Do original: “*She was wearing a skirt that was so short that there was room for another skirt.*”

³⁶ Do original: “*And the most important thing was that she had butterflies on her head.*”

³⁷ Do original: “*Just like on TV.*”

Apesar de que ele tinha preconceitos supersticiosos, quer dizer que ele acreditava em religião e que isso não era permitido naquele tempo embora seja a lei agora. [...]

Mas do que ele mais falava a respeito era do seu Pai e como ele viria um dia e então ele estaria na terra e todo mundo ficaria bem, especialmente Tonko porque ele era seu filho, mas eu ficaria bem também porque era amigo dele. (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 1883-1891, tradução nossa)³⁸

Samko chega a confundir as palavras de Tonko, pensando que, quando ele se refere ao Pai “lá em cima” (*Up There*), ele quer dizer que seu pai é do Partido, “lá de cima” (*High Up*), como Karol Gunár; mas – e isso ele vai entender parcialmente e explicar depois – é uma referência à crença religiosa do rapaz.

Filtrada pela voz de Samko e pela forma como a história lhe foi contada na manhã seguinte, fica difícil precisar o que aconteceu na noite fatal na Torre d'Água. Tonko Szedílek estava se preparando para o momento em que encontraria seu Pai “lá em cima”, no dia que completasse seus quatorze anos, e havia prometido levar seu amigo junto, mas sem explicar o motivo: “Eu não tenho ideia de por que nós deveríamos escalar a Torre d'Água e por que era uma lei para ele ir até lá em cima para encontrar seu Pai” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 3291, tradução nossa)³⁹. O que ele pretendia: um ritual religioso apenas, ou suicídio? Porém, na data prevista, Tonko e Darinka informaram a Samko que eles dois iriam subir na Torre d'Água, deixando-o desorientado e enciumado, então ele resolveu relatar tudo a Karol Gunár:

A razão pela qual eu contei tudo a ele [Karol Gunár] foi porque era para ser eu que deveria subir na Torre d'Água com Tonko Szedílek, pra começar, porque ele sempre dizia que ele me levaria junto quando ele fosse lá em cima no seu décimo quarto aniversário e que ele me mostraria como as pessoas são felizes lá em cima por causa de suas vidas felizes. (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 3284, tradução nossa)⁴⁰

³⁸ Do original: “*Except that he had superstitious prejudice, meaning that he believed in religion and that wasn't allowed back then even though it's the law now. [...] But what he mostly talked about was his Father and how he would come one day and then he would be on earth and everyone would be fine, especially Tonko because he was his son, but I would be fine too because I was his friend.*”

³⁹ Do original: “*I have no idea why we were supposed to climb up the Water Tower and why it was the law for him to go up there to meet his Father.*”

⁴⁰ Do original: “*The reason why I told him everything was because it was supposed to be me that was meant to go up the Water Tower with Tonko Szedílek to start with, because he always said that he would take me along when he went Up There on his fourteenth birthday and that he would show me how happy people were Up There because of their happy lives.*”

Depois de falar com Karol Gunár, Samko vai para casa, dorme, acorda no meio da noite por causa de um cheiro estranho (não explicado), dorme de novo e, quando acorda de manhã, Karol e Darinka estão na sua casa. Um fato muito estranho, por três motivos: primeiro, eles nunca antes haviam visitado a família Tále; depois, porque era de manhã; e finalmente pelo comportamento da menina e de seu pai:

Darinka Gunárová estava sentada na banquetta do piano olhando para o piano mas você poderia dizer que na realidade ela não estava realmente olhando para o piano, ela apenas parecia que estava olhando para ele. E ambos os seus braços estavam enfaixados até os cotovelos. Isso era muito estranho. (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 3361, tradução nossa)⁴¹

Darinka explica que os braços estão machucados porque ela tentou pular a janela para ir atrás de Tonko, e Karol Gunár, excepcionalmente contente, informa que, porque o colega deles caiu da Torre d'Água, as aulas foram suspensas. Samko percebe que há algo errado, mas não compreende, apenas aceita que deve ficar em casa.

Ao saber da morte de Tonko, o avô materno de Samko passa mal e começa a dizer que, se os “lá de cima” souberem o que aconteceu, haverá grande confusão; já tio Otto, quando descobre o que houve, acusa Karol Gunár de ter deixado o garoto morrer. Após essa acusação, tio Otto é tirado de circulação pela própria família, que o tranca em casa. Porém, algum tempo depois, ainda durante o regime comunista, ele desaparece, e por dezenove anos ninguém mais tem notícias dele. Para Samko, isso é complicado, mas só porque ele não sabe se registra o nome do tio no caderno *Morreram* ou não. Porém, para quem lê, as dúvidas são outras: teria esse desaparecimento algo a ver com a acusação feita a Karol Gunár? E, afinal, o que exatamente aconteceu a Tonko Szedílek? Ele pulou? Foi empurrado? Caiu da torre por acidente, mas não foi socorrido? Que outros segredos teria o doutor em ciências sociais amigo de Samko – que chegará a admitir: “Foi tudo culpa minha” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 3578, tradução nossa)⁴²?

⁴¹ Do original: “*Darinka Gunárová was sitting on the piano stool looking at the piano but you could tell that in reality she wasn't really looking at the piano at all, she just looked like she was looking at it. And both her arms were bandaged all the way up to her elbows. / It was very weird.*”

⁴² Do original: “*It's all my fault.*”

No seu livro, Samko conta histórias que supõem movimento, circulação em espaços abertos, com diversos encontros na praça pública (BAKHTIN,1999) – o estacionamento da estação de trem onde Gusto Rúhe faz as previsões do futuro, os bares onde bêbados brigam, as paradas do Primeiro de Maio durante o comunismo (apesar de que, nessa praça pública, os dizeres são controlados pelos agentes infiltrados, encarregados de anotar linguagem e comentários não autorizados e denunciar ao Partido) –, nos funerais e também na estrada – Darinka está na rua sem saída, Feri Bezzeg joga balas pela janela do carro para as pessoas que encontra no caminho, Manica e outros gritam zombarias para Samko quando o veem na rua (mais uma vez a linguagem da praça pública). Porém, durante sua narração, encontramos Samko justamente no seu dia de uma folga não programada que o coloca dentro de casa e, como não pode trabalhar, ele *torna-se* escritor:

Esta é a segunda vez que eu me torno escritor porque eu já fui escritor uma vez. Naquele tempo eu escrevi o primeiro Livro do Cemitério. Hoje eu me torno escritor de novo porque está chovendo, e quando está chovendo não posso coletar papelão, porque está chovendo. Mas a coisa mais importante é que meu carrinho está na oficina, porque meu espelho retrovisor foi quebrado, e eu não sei como consertá-lo porque você precisa de ferramentas especiais ou o que seja para consertar e eu não posso fazer isso, porque eu não tenho elas. (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 211, tradução nossa)⁴³

Nesse momento em que *se torna* escritor, Samko entra no espaço da metanarrativa, refletindo sobre algumas situações bastante prosaicas a respeito dessa condição nova a qual se dispõe. A primeira delas é que ele escreve para ocupar o tempo: “Mas eu não me importo, porque eu trabalho duro e eu sempre posso encontrar algo para fazer, por exemplo, agora sou um escritor” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, p. 244, tradução nossa)⁴⁴. Porém, escrever pode ser uma tarefa bem mais difícil e dolorosa do que catar papelão: “A razão pela qual é difícil ser um escritor é porque isso faz sua mão doer” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 246,

⁴³ Do original: “*This is the second time I’ve become a writer because I’ve already been a writer once. That time I wrote the first Cemetery Book. Today I’ve become a writer again because it’s raining, and when it’s raining I can’t collect cardboard, because it’s raining. But the most important thing is that my handcart is in the workshop, because my rear-view mirror has been broken off, and I don’t know how to fix it because you need special tools or whatever to fix it and I can’t do that, because I haven’t got them.*”

⁴⁴ Do original: “*But I don’t care, because I’m hard-working and I can always find something to do, for example now I’m a writer.*”

tradução nossa)⁴⁵, porque ele escreve à mão e não à máquina. Isso traz uma nova questão que pode tornar a vida de um artista incômoda: o barulho. Ivana, sua irmã, é uma artista que faz barulho, porque ela toca piano; Alf Névéry não faz barulho, porque ele é um escritor que já não escreve; no entanto, seu vizinho de prédio, Cyril Malacký, que trabalha no estacionamento da igreja e escreve nas horas vagas, “[...] escreveu seu livro em uma máquina de escrever e isso é muito barulhento, especialmente quando o tempo está bom e as janelas estão abertas” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 713, tradução nossa)⁴⁶. Mas, à parte os problemas técnicos, escrever um livro é ocupação para pessoas que têm *feeling* artístico; Margita, a irmã mais velha, por exemplo, não entende de arte, então jamais poderá (apesar de dizer que poderia) escrever um livro sobre as situações que encontra nas casas dos ciganos quando faz visitas a trabalho.

Há ainda outra situação sobre a escrita de Malacký que perturba Samko: o livro escrito por seu vizinho – *Equipamento idiota*⁴⁷ – traz uma personagem que é catador de papelão e tem um espelho retrovisor no seu carro de coleta. Mas Samko é o único catador de papelão na cidade, segundo suas palavras, que tem um espelho retrovisor no carrinho de coleta. E, ademais, ele mora no mesmo bloco de apartamentos de Malacký, por isso, começa a temer que as pessoas possam pensar que ele é a personagem do livro.

Além disso, a vida de escritor pode trazer outros incômodos, como não ter retorno de um editor. Quando escreve seu primeiro livro, Samko o envia a um homem:

“[...] ele vive em Levice e seu nome é Koloman Kertész Bagala, e o que ele faz é pedir às pessoas que escrevam montes de livros diferentes e então ele os coleta, mas não para a reciclagem mas para que ele possa ganhar a vida com eles” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 374, tradução nossa)⁴⁸.

Porém, como Samko nunca obtém uma resposta a respeito do seu primeiro livro, ele começa a desconfiar que esse homem não exista – ou, ao menos, não

⁴⁵ Do original: “*The reason why it’s hard to be a writer is because it makes your hand hurt.*”

⁴⁶ Do original: “*But he wrote his book on a typing machine and that’s very noisy, especially when the weather is nice and the windows are open.*”

⁴⁷ Na edição eslovaca, o título do livro é *Výbava idiotov* (KAPITÁŇOVÁ, 2012, p. 35 e 36).; na versão britânica, *Kitting out idiots* (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 716 e 724).

⁴⁸ Do original: “*[...] he lives in Levice and his name is Koloman Kertész Bagala, and what he does is he asks people to write lots of different books and then he collects them, but not for Recycling but so that he can make a living out of them.*”

seja quem diz ser. Samko lembra que quando estava na escola, aprendeu sobre uma escritora chamada Timrava, “[...] e ela era uma mulher. Sério, não estou inventando isso, ela era uma mulher e seu nome era Timrava não Timravaová, mesmo que um nome eslovaco adequado para uma mulher devesse ter -ová no fim [...]” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, p. 385, tradução nossa)⁴⁹. Por isso, ele acha que Bagala pode ser uma mulher e estar enganando as pessoas, e isso deve ser reportado.

Esse parágrafo longo e misturado – ele ainda vai citar Darinka Gunárová, como exemplo de nome feminino eslovaco adequado – traz um esquema metaficcional complexo. Em primeiro lugar, o editor citado e o concurso para o qual Samko envia seu livro existem e foram os responsáveis pelo “nascimento” de Samko. Daniela Kapitáňová participou desse concurso, e foi através dele que conheceu Bagala, a quem enviou *Samko Tále’s Cemetery Book* – usando o nome do narrador como pseudônimo (um nome masculino) para a publicação.

Outro ponto é que, se Samko sabe muito sobre as regras da língua eslovaca, não apreendeu bem a lição de literatura na escola. A autora citada, Timrava (1867-1951) – que se chamava, na realidade, Božena Slančíková – usava esse pseudônimo, retirado do nome de uma fonte, como parte de um movimento de celebração da região rural eslovaca e de promoção do sentimento pan-eslavo – o movimento nacionalista realista, que vigorou entre o final do século XIX e início do XX, de acordo com Sriratana (2014, p. 7), que conclui:

A ironia na observação de Samko é sutil. O fato de que Timrava é uma mulher e também uma escritora, cujo nome estranho e fora do comum se destaca entre os escritores predominantemente masculinos no cânone literário eslovaco ensinado na escola, reflete no patriarcalismo embutido no movimento nacionalista eslovaco. (SRIRATANA, 2014, p. 7, tradução nossa)⁵⁰

Há ainda outros rastros de sua escrita deixados pelo caminho – mas que nem sempre levam o leitor a algum lugar. Em certos momentos, Samko percebe que está misturando duas histórias, então comenta à parte que, depois que acabar de contar a situação em foco, vai contar a outra que se atravessou em sua

⁴⁹ Do original: “[...] and she was a woman. Seriously, I’m not making it up, she was a woman and her name was Timrava not Timravaová, even though a proper Slovak name for a woman is supposed to have -ová at the end [...]”

⁵⁰ Do original: “The irony in Samko’s remark is subtle. The fact that Timrava is a woman and also a woman writer whose strange and out-of-the-ordinary name stands out amidst the predominantly male writers in the Slovak literary canon to be taught in school reflects on the patriarchy embedded within the Slovak nationalist movement.”

lembrança. Confiamos nele e seguimos a leitura: logo adiante ele nos recompensa. É o caso da história sobre como seu tio Samuel não se casou, por causa de cogumelos venenosos. Depois de confiar em Samko uma vez e recebermos nossa compensação por termos sido leitores pacientes, esperamos que ele cumpra sua promessa outras vezes. Mas, nem sempre isso acontece. E ficamos sem saber, por exemplo, como foi afinal que o velho Gusto Rúhe jogou um feitiço em Erik Rak.

Samko joga com o tempo, falando ora pontualmente de alguém que já morreu, ora de alguém ainda vivo e presente no seu cotidiano, ora misturando uns e outros em um tempo que nem sempre sabemos qual é. O tempo na sua narrativa não é cíclico nem linear; é como se houvesse uma expansão e uma parada simultâneas, que abarcam em um mesmo lapso temporal todos os tempos da vida de Samko. A *expansão* permite abranger passado idílico (comunismo/infância e adolescência), presente incompreensível (democracia/fase adulta) e projeções de um futuro condicionado à repetição de formas do passado recente: se Ivana insistir em mandá-lo tomar banho, ele vai contar a Žebrák que a viu chorando no banheiro no dia da morte de Alf Névéry; se o idiota do Krkan não comprar seu papelão, será delatado; se o “gordo desleixado” Manica, a “bicha desvairada” Borka e outros não pararem de incomodá-lo na rua, entrarão em grandes apuros. Já a *parada* permite que todos esses tempos se congelem e não se percam: o passado não fica esquecido; o presente, ao menos durante a escrita, está sob controle; e o futuro não pode decepcionar.

Essa ideia de tempo parado pode ser aplicada também ao espaço de Komárno (talvez estendido à Eslováquia). Apesar de todas as mudanças, a cidade (e o país) parece continuar seguindo uma mesma ordem. Enquanto o poder mudou de mãos, o espaço continuou habitado por eslovacos, húngaros, ciganos e outros grupos vindos de diversas partes do mundo: alemães, russos, poloneses, vietnamitas, estado-unidenses. Alguns são remanescentes de povos que se fixaram por um tempo e foram embora, outros vieram para ficar com suas famílias, e outros ainda estão apenas de passagem. E mesmo com essa constante convivência multicultural e multiétnica, ainda há xenofobia suficiente para gerar conflitos isolados. E há certa hierarquia no ódio destinado a cada grupo. O pior “inimigo” são os húngaros: “Nós sempre fomos reprimidos pelos húngaros e é por isso que nunca vamos perdoá-los” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 2553, tradução

nossa)⁵¹. Em segundo lugar, mas odiados com quase a mesma intensidade, estão os ciganos:

Além de mim, as pessoas na minha família que mais odeiam ciganos são Valent Anka e Margita, porque o trabalho de Margita é sobre enviar crianças para lares de crianças, e ela diz que poderia escrever um romance sobre os tipos de coisas que ela tem visto nos lugares em que eles vivem. (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 953, tradução nossa)⁵²

Samko odeia alguns por razões próprias, porém outros ele odeia apenas porque “todo mundo odeia”. A lista engloba, principalmente, povos que de alguma forma oprimiram os eslovacos: tchecos, durante a convivência forçada na antiga Tchecoslováquia; os alemães, durante a guerra; os russos, durante o regime soviético; os estado-unidenses, com sua cultura capitalista. Essa é mais uma das situações que demonstra as contradições de Samko: apesar de sentir-se bem com a ordem comunista, ter a Eslováquia independente, livre dos russos, é uma grande conquista de seu povo, mesmo que com essa independência tenha vindo junto a democracia.

A paisagem de Komárno, que Samko conhece bem porque percorre a cidade catando papelão, também mostra esse congelamento dos diversos tempos representados por elementos de cada modo de produção e cultura: a Torre d'Água (construída em estilo romântico, em 1902), o antigo Centro Cultural – “Não é mais chamado de Centro Cultural porque agora é chamado de Instituto Nacional Eslovaco” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 839, tradução nossa)⁵³ –, a rua sem saída, o Mercado, a reciclagem, a oficina de Ján Boš-Mojš na ilha Alžbetin. E, claro, o cemitério como destino comum de todos.

O motivo pelo qual Samko deve escrever o *Livro do Cemitério* permanece uma incógnita, exceto porque lhe foi dito pelo velho Gusto Rúhe que ele faria isso, ao ler seu destino na pedra da lua. Mas, será que o velho Gusto Rúhe tinha esses poderes de visão? Será que era conversa de bêbado? Se ele houvesse inventado, com que propósito teria dito isso a Samko: assustar, ou fazer piada, ou apenas para

⁵¹ Do original: “We have always been suppressed by the Hungarians and that’s why we will never forgive them.”

⁵² Do original: “Apart from me, the people in my family who hate Gypsies most are Valent Anka and Margita, because Margita’s job is regarding sending children to children’s homes and she says she could write a novel about the sort of things she’s seen in the places where they live”.

⁵³ Do original: “It’s not called the Cultural Centre any more because it’s called Slovak National Institute now.”

justificar a bebida que cobrou pela leitura? O jogo do sobrenatural, ou como diria Theodor Adorno (2008), das superstições secundárias, encontra lugar na literatura contemporânea pós-comunismo de várias formas. Durante o período da ditadura comunista, para muitas pessoas, era preciso acreditar em algo a mais para ter a mínima sensação de controle sobre a própria vida, qualquer coisa que escapasse ao controle do Estado; mesmo que isso significasse outra força diferente ou maior (o destino, os deuses, a sorte) comandando a vida da pessoa. Essa necessidade fez sobreviverem os jogos de adivinhação, os amuletos, as mandingas, os encantamentos, a leitura de horóscopos, os rituais religiosos de todo tipo, apesar de serem contrários à formação do *Homo sovieticus* – ou justamente como forma de resistência ao regime. E, embora Samko tenha tido sua formação intelectual dentro do modelo desenhado pelos comunistas, considerando a crença no sobrenatural, como ele diz, “preconceitos supersticiosos” (*superstitious prejudice*), até mesmo ele busca a leitura do seu destino pela pedra da lua. E é melhor cumprir o que foi revelado; do contrário, pode acontecer o mesmo que aconteceu a Erik Rak, seja lá o que for que aconteceu com ele.

2.2.3 *Nem Santos Nem Anjos*

Kristýna completou quarenta e cinco anos há pouco e passa seu tempo livre entre taças de vinho e cigarros, música clássica e pensamentos sobre a vida que foi e a que poderia ter sido, eventualmente incluindo também a morte em suas reflexões, sobretudo as mortes por suicídio. O pai, Alois Horák com quem não mantinha boas relações, morreu recentemente e, além do luto, que lhe pesa mais pelos cuidados com a mãe do que pela própria perda, Kristýna está lidando com outras atribulações, as quais transparecem mesmo nos sonhos:

Acordo com a sensação de que havia gritado. Mas o sonho não era com a minha filha. Foi meu pai quem apareceu. Curvado sobre o meu ex-marido, gritava comigo: O que você fez? Você colocou ele para fora? Você, péssima filha e esposa horrível.

Assustei-me, porque ele não tinha nada para fazer aqui, estava morto, foi queimado num forno, desceu ao inferno e no terceiro dia não ressuscitou entre os mortos, mas agora está parado diante de mim, intocado pelas chamas, meu acusador, enquanto o hipócrita do meu ex-marido esboça um sorriso. (KLÍMA, 2006, p. 76)

O ex-marido, Karel – a quem muitas vezes ela vai se referir, com poucas variações, como “meu ex e único marido” –, está com uma doença grave em estágio terminal e não tem mais ninguém que se preocupe com ele além de Kristýna e de um ex-aluno seu do curso de História, Jan, que o visita no hospital. A filha de Karel e Kristýna, Jana, não aparenta ter muita preocupação com a família; é uma adolescente de quinze anos que só pensa em fugir da escola para estar com os amigos *punks* e um namorado que a torna viciada em drogas cada vez mais pesadas. Ela não tem tempo de pensar no pai – ou prefere não o fazer –, mas sente-se triste por sua mãe estar depressiva e ainda se preocupar com o homem que as abandonou para viver com outra mulher.

Já as causas das mágoas de Kristýna com seu pai e o reflexo disso em seu comportamento diante da mãe – e mesmo em seus relacionamentos afetivos – são mais antigas do que as de Jana com Karel. E pensar sobre essas mágoas trará para a narrativa também uma carga de história da Tchecoslováquia – que será complementada pelas pesquisas de Jan, pois ele trabalha em uma comissão de investigação dos crimes cometidos pelos comunistas.

Sobre a origem dos dissabores com relação ao pai, Kristýna conta:

Quando nasci, Alois Horák e seus companheiros haviam sido colocados de prontidão. Evidentemente foi o dia em que o enviado de Deus finalmente libertou o mundo do tirano soviético. Mamãe me contou que, quando me carregaram, chorosa, para fora da sala de parto, ela olhou pela janela e ficou apavorada ao ver lá fora, como, aos poucos, uma bandeira negra estava subindo no mastro. Papai veio visitá-la, pela primeira vez, somente três dias depois. Ele envergava o uniforme e então começou a chorar. Perguntou à minha mãe, que lhe mostrava a recém-nascida, no caso eu: “Que faremos agora? Como iremos viver?” Sua indagação desesperada nada tinha a ver com o fato de que havia se tornado pai, mas sim como haveria de viver ao ter se tornado órfão do tirano. Feriu-me com isso. Feriu-me já no terceiro dia em que eu estava no mundo, e eu não suspeitava de nada. Era um mestre em ferir os outros, assim como em fazê-los sentir culpa. (KLÍMA, 2006, p. 17)

Apesar dessa primeira decepção, cujas marcas viriam a afetar a vida de Kristýna ao longo dos anos, na infância ela teve um bom relacionamento com o pai, que lhe contava histórias e dedicava-lhe “um pouco do seu tempo” (KLÍMA, 2006, p. 21). A situação muda apenas quando os tanques do Pacto de Varsóvia tomam Praga, em 1968: “Somente depois, quando os soviéticos invadiram e ele os recebeu como salvadores da pátria e não ocupantes, é que me tornei opositora de tudo o

que ele apreciasse, ou de qualquer coisa em que ele acreditasse” (KLÍMA, 2006, p. 21). Embora rebelde às regras e à ideologia do pai, em sua juventude Kristýna usufruiu das benesses de ser filha de um membro do Partido Comunista e da milícia popular, estudando na escola de Medicina, viajando para a Inglaterra e desfrutando de certa liberdade de movimento e pensamento – “[...] comecei a frequentar bares, a beber, fumar e ter inúmeros namorados” (KLÍMA, 2006, p. 21) –, até vir a se casar com um professor de História quase vinte e quatro anos mais velho do que ela e, de acordo com seu pai, um homem sem ideologia alguma.

Seu casamento, no entanto, não foi feliz e terminou quando ela descobriu uma traição do marido, que saiu de casa e a deixou criando a filha sozinha. Agora, divorciada há quase sete anos – quase o mesmo tempo decorrido desde a separação entre República Tcheca e Eslováquia –, relaciona-se com um “filho da Primavera de Praga” (KLÍMA, 2006, p. 43), como Jan se descreve, e precisa preocupar-se também com o futuro da filha, que parece tão incerto e desanimador quanto o do país onde vivem:

Ela tem dois tambores e os toca para desgosto dos vizinhos. Também arranha na guitarra e canta bem. Desde que ingressou no secundário, deixou de frequentar as reuniões dos escoteiros e agora canta e toca numa banda chamada Filhos do Diabo.[...]
Na escola, não dizem coisas positivas a respeito dela. Repetiu em matemática, no exame do meio do ano, e foi mal em química. Herdara do pai um talento para essas matérias, a ponto de ajudar os colegas de classe não faz muito tempo, mas agora perdeu o interesse. (KLÍMA, 2006, p. 23)

Enquanto tenta lidar com todas essas dificuldades e mudanças, Kristýna recebe da mãe um pacote com cartas e diários do pai e descobre, na leitura, segredos que jamais poderia imaginar em relação a ele. Curiosa, percorre as páginas de um dos cadernos à procura de saber o que seu pai poderia ter escrito sobre o dia de seu nascimento. Logo após uma fotografia de Stalin e uma nota sobre as providências e o discurso do pai naquele momento de luto soviético, encontra o que procurava:

Virei a página. Uma menção pelo menos: *Tenho uma filha. Não a vi ainda. Os camaradas sugeriram-me uma comemoração, mas eu recusei. Como poderia eu comemorar no momento em que todo o mundo progressista está de luto? Seria um erro humano e político. Eu simplesmente cometi um erro político. No momento em que os vassalos estão urrando de dor pela perda do tirano, não se deve vir ao mundo.* (KLÍMA, 2006, p. 84-85, grifo do autor)

Através dos escritos do pai, descobre ainda a existência de um meio-irmão, filho de uma camarada do Partido que se negou a fazer aborto e mudou de cidade, voltando depois para cobrar ajuda financeira para criar o filho. Mais tarde, Kristýna reconhecerá nesse homem, com idade entre a dela e a de sua irmã, o autor das cartas anônimas que vinha recebendo nos últimos tempos:

As letras estão inclinadas para a esquerda e suas bases são arredondadas. Parecem-me familiares. Busco em minha memória, sem querer acreditar, ou talvez esteja hesitando em acreditar o que entendi agora. Não fui a única a buscar meu irmão; ele também saiu à minha procura, só que preferiu mandar-me cartas ameaçadoras que esquecia de assinar. (KLÍMA, 2006, p. 232)

Dentro de todas essas situações familiares que a incomodam, há sempre uma marca de repetição que acompanha Kristýna. Os desentendimentos familiares parecem vir em ondas, da mesma forma que acontece com as mudanças históricas. As relações entre pais e filhas, na linha que passa por Kristýna (com a irmã dela, a relação do pai era diferente), não parecem conter afeto, apenas a obrigação que vem da paternidade: o avô, Antonín, separou-se da esposa judia, que viria a morrer em um campo de extermínio alemão, e criou a filha, mãe de Kristýna, que nunca o perdoou pelo que ele fez; a dentista não perdoa o pai por seu distanciamento familiar enquanto dedicava-se quase exclusivamente ao Partido e à milícia popular; Jana não perdoa as traições do pai, Karel, que soube apenas tentar disciplinar filha e esposa, sem realmente preocupar-se em cuidar delas.

Na verdade, Karel nem mesmo queria ter uma filha – outro fato que se repete no comportamento masculino na trama. O pai de Kristýna tentou impedir o nascimento do filho que teria com a camarada V. V. ou W. (não fica claro o nome, nos manuscritos deixados por Alois). E Kristýna comenta sobre um antigo namorado, quando ela tinha apenas dezoito anos: “Então aconteceu algo que ocorreria comigo várias outras vezes. A princípio hesitei, não quis tirar a criança, mas o futuro psiquiatra tampouco desejava tornar-se pai. [...] Persuadiu-me a abortar. Depois disso, nunca mais quis vê-lo” (KLÍMA, 2006, p. 32). Em seguida, ela reflete sobre sua forma diferente de agir com Karel em situação semelhante:

É estranho que eu não tenha deixado meu futuro marido nem mesmo quando algo idêntico ocorreu com ele. Desejava-o tanto que nem levei isso em conta, mas durante um longo tempo, permaneceu como ferida aberta (não uma ferida física, mas uma ferida mental), que jamais chegou a cicatrizar. (KLÍMA, 2006, p. 32)

Além dessa ferida, Karel a deixou exposta a outras fraquezas. Kristýna tem medo de relacionar-se com outros homens e ser traída de novo; e embora veja isso como inevitável, culpa-se pelo abandono: “Sei que os homens são assim, precisam conquistar e, quando conseguem isso, perdem o interesse; mas pode ser que tenha me faltado um pouco de humildade, eu queria viver livre depois de casada” (KLÍMA, 2006, p. 37). Sua insegurança neste ponto aumenta quando descobre a traição do pai, pois ela jamais imaginou que ele poderia trair sua mãe. Kristýna tentou ter outro relacionamento sério, chegou a pensar em casar-se com Karel segundo (chamava-o assim porque tinha o mesmo nome do seu ex-marido), mas foi avisada por sua secretária que ele a estava traindo. Depois de envolver-se com Jan, não apenas desconfia de uma futura traição dele, mas espera pelo momento em que ela fatalmente virá; e o fato consuma-se.

Mais do que a trair, o ex-marido também dominava seu pensamento, conseguindo apagar “qualquer sinal de autoconfiança” a ponto de deixá-la em dúvida: “se é que cheguei a ter algum” (KLÍMA, 2006, p. 40). Mesmo depois de todos esses anos separados, ele aparece em seus pesadelos com frequência, e Kristýna sente-se responsável por cuidar da saúde precária que resta ao antigo esportista e sedutor. Algumas semanas depois de Karel ter tido alta do hospital, ela caminha pelo bairro onde ele mora e, enquanto tenta decidir se o visita ou não, avista-o de longe. Então reflete:

Ele está andando, ou melhor, está se arrastando na rua em frente, fraco, curvado e, apesar do dia quente, veste um sobretudo; ele, o esportista, apoiado em uma bengala, faz sua caminhada solitária. [...]

Não o chamo nem corro atrás dele, observo como se arrasta até a casa em que vive. O que devo ao homem com quem vivi e que talvez não permaneça por muito tempo entre os vivos?

Ocupo-me muito com ele; em algum lugar bem no fundo de minha alma há um sentimento de culpa que grita que não fui uma boa esposa, que ele me deixou por isso e, quem sabe, negligenciou a própria doença; não havia ninguém para tomar conta dele. (KLÍMA, 2006, p. 42)

É curioso que, além dos efeitos do tabaco e do vinho que consome, Kristýna detecta em seu próprio corpo o envelhecimento, que apenas começa a dar sinais – “estou ficando grisalha”, “os seios estão caindo” (KLÍMA, 2006, p. 10) –, enquanto parece perceber na decadência física de Karel somente o resultado do tumor e do período hospitalizado. Age como se, por vezes, esquecesse que ele tem quase a

mesma idade de seu pai, recém-falecido – em conversa com Jana, ela diz: “Vovô estava velho, e seu pai negligenciou o tumor” (KLÍMA, 2006, p. 75) –, ou como se o tempo, um dos temas preferidos de Karel, não o afetasse.

O egoísmo de Karel, no entanto, ainda a afeta. Quando ela lhe conta sobre os problemas que está enfrentando com a filha, ele apenas critica seu “mau exemplo” por fumar diante da filha e pergunta: “E você vai fazer o quê em relação a isso?” (KLÍMA, 2006, p. 135). Essa pergunta faz Kristýna lembrar quando eram casados:

Sim – o que farei a respeito? Por um instante, uma antiga amargura renasce em mim. Foi isto o que ele sempre perguntou. Cada vez que a nossa menina tinha febre, quando ele engravidou-me de modo egoísta, mas não tinha a menor vontade de ser pai, quando nosso apartamento foi roubado certa feita, todas as vezes que havia um encanamento rompido no banheiro do andar de cima, ele fazia a mesma pergunta: “E você vai fazer o quê em relação a isso?” Não o que ele faria, não o que nós faríamos. Um homem moderno, concluía eu naquele tempo. Pendura-se numa mulher, agrega-se a ela, menininho no regaço da mãe, que ali permanece até o momento em que se aborrece, até quando deseja mamar em outro lugar.

Infelizmente, compreendi isso tarde demais. (KLÍMA, 2006, p. 135)

Kristýna é a primeira protagonista feminina da obra de Ivan Klíma e faz neste livro um contraponto a todas as mulheres traídas de outras tramas, até então deixadas em segundo plano. Ela gostava de sua liberdade e pôde mantê-la por muito tempo, por pertencer à classe certa (filha de um trabalhador ativo no PC e na milícia popular). Mesmo assim, submeteu-se à influência do marido, por amor; seu anseio pela liberdade, porém, permaneceu latente. Não suportando a traição, separou-se, e só então foi tomando consciência de que não queria sujeitar-se mais ao comportamento de Karel (traição, críticas, desinteresse pela família, e, conforme relatado por Jana, violência doméstica) para manter um casamento infeliz. Contudo, após alguns anos de solidão, começa a se questionar sobre sua decisão. Ela vai repetir, como um bordão, a ideia de que se tivesse sabido manter o casamento, sua vida seria mais simples e estaria mais de acordo com a das demais mulheres.

Após a visita à escola, os comentários de Karel e de sua irmã, Lída – que lhe afirma ter percebido no comportamento e no olhar de Jana o uso de drogas e também a crítica por ter se separado –, Kristýna sente-se ainda mais culpada e sem forças para lidar com a situação. Considerando-se uma péssima mãe, não percebe

que o problema maior de Jana é precisar conviver com ela, deprimida, bebendo, fumando e preocupando-se com todos menos consigo mesma.

O medo de perder a filha para as drogas e o fato de ter de tomar atitudes rápidas e práticas em relação a Jana tiram Kristýna de sua letargia fatalista. Quando corre para procurar a filha, ela começa a tomar consciência de que não pode ficar presa ao peso dos seus sentimentos quanto ao passado; é preciso agir. Talvez possamos enxergar nessa atitude de Kristýna alguma mensagem do autor para os indivíduos dessa nova era tcheca (e europeia), em que, vencido o período totalitário, é necessário deixar o destrutivo e paralisante apego aos traumas passados – sem perdê-los de vista, é claro – para projetar algum futuro. A esse apego tantalizante, Paul Ricoeur (2007, p. 69) chama “sedução alucinatória do imaginário”, opondo a alucinação à ficção e trazendo a discussão para o campo da memória coletiva:

Todo esforço para “não pensar mais naquilo” transforma-se em “pensamento obsessivo”. Como, diante desse fenômeno de fascinação pelo objeto proibido, não dar um salto no plano da memória coletiva e não evocar a espécie de obsessão descritos [sic] pelos historiadores do tempo presente quando estigmatizam aquele “passado que não passa”? A obsessão é para a memória coletiva aquilo que a alucinação é para a memória privada, uma modalidade patológica de incrustação do passado no seio do presente, cujo par é a inocente memória-hábito que, ela também, habita o presente, mas para “animá-lo”, diz Bergson, não para obsedá-lo, ou seja, atormentá-lo. (RICOEUR, 2007, p. 69-70).

O presente vivido por Kristýna é o meio do caminho de um século longo e conturbado, e está impregnado desse “passado que não passa”, tanto em sua memória privada quanto na memória coletiva tcheca/europeia. Na Segunda Guerra, a avó de Kristýna foi levada de casa para um campo de concentração e extermínio, sendo “[...] morta pelos alemães na câmara de gás. Foi assim com os pais, irmãos e sobrinha da vovó” (KLÍMA, 2006, p. 12); depois disso, sua mãe, aos vinte anos e brigada com o próprio pai, “[...] casou-se de propósito com um comunista que não era nem judeu nem cristão e acreditava que a religião era o ópio do povo” (KLÍMA, 2006, p. 13). Adiante no tempo, estão Jan, investigando os crimes do passado recente, mas buscando nos astros algum tipo de esperança no futuro e nos jogos de RPG (*Role Play Game*) um pouco de alívio do seu trabalho, e Jana, tentando ignorar as preocupações atávicas e ancorar-se no presente com suas correntes ao redor da cintura enquanto foge com as drogas para um tempo-espaco fora da dimensão de sua família (e cidade, e país). Se considerarmos a forma de

continuidade que tomou a história no Leste Europeu no século XX, passando do terror nazista direto ao controle imposto pelos soviéticos, Kristýna localiza-se exatamente na ruptura – ou ao menos o que parecia ser a interrupção – da sequência de disputas de poder dos grandes e tentativa de sobrevivência dos pequenos. Com a queda do comunismo, vem a democracia; no final do socialismo, o Leste abre-se para o capitalismo. Mas as transformações precisam de tempo para serem assimiladas. No entanto, Kristýna parece ter dúvidas sobre as vantagens dessa recente liberdade, tanto quanto duvida que seu divórcio (pouco depois da separação de Eslováquia e República Tcheca) tenha sido uma transformação positiva na sua vida, ainda mais pelos efeitos que teve sobre a filha:

E, afinal, o que é a liberdade? A senda que conduz a um espaço desconhecido em que até os adultos se perdem, e minha filhinha nem tem 16 anos ainda, e perde-se, perde-se na paisagem que a atrai; todavia é um pântano em que ela deverá afundar, até que um dia venha a desaparecer. (KLÍMA, 2006, p. 194).

Kristýna teme que sua filha se perca nessa liberdade sem os limites que ela mesma, como mãe, reluta em lhe impor, assim como a sociedade tcheca parece ter se perdido de um rumo qualquer, quando deixou de ser governada por tiranos. Mas que rumo seria esse, senão a persistência da escolha entre destruição e alienação – quando não ambas, lado a lado? O sofrimento das personagens mostra-se um todo inextricável, abarcando a vida pessoal e social dos indivíduos e o destino político e histórico da coletividade. Nessa sociedade, que primeiro se desapegou dos grandes heróis mitológicos e agora também não tem mais os heróis do povo, cada um deve ser seu próprio salvador. Culpar os antepassados ou as formas de governo não é mais do que estabelecer marcas de um tempo, já que são os indivíduos, no presente, que devem fazer suas escolhas.

E mesmo as mudanças na ideologia dominante não são suficientes para transformar a sociedade que, feita de indivíduos, torna-se muito mais complexa do que os rótulos que lhe possam ser impostos de tempos em tempos. Essas nuances de comportamentos divergentes, Kristýna as percebe nos escritos deixados pelo pai, e Jan também as verifica em suas investigações:

Minhas pesquisas a respeito do passado das pessoas resultaram em descrédito. De vez em quando, na verdade, lido com informações deprimentes sobre cantores de protesto que nos incitavam a resistir ao mesmo tempo em que eram informantes do regime. Descubro coisas semelhantes sobre pessoas estimadas ou

que ocupam cargos de autoridade. Passo as informações a meus superiores e aguardo para ver o que acontece. Geralmente não acontece nada. (KLÍMA, 2006, p. 49)

Nesses países onde o regime socialista soviético, ou o alinhamento ideológico com ele, vigeu por mais de quarenta anos, após as mudanças vividas na virada da década de 1980 para a de 1990, parecia não haver pessoas (isentas) suficientes para ocupar as posições de poder vacantes com a derrocada do PC. Se, por um lado, figuras de grande importância entre os dissidentes – como o próprio Vacláv Havel, que ocupou a presidência da Tchecoslováquia já em 1990 – viriam formar a nova cúpula política, por outro lado, os cargos de “pequenos poderes” que moviam as engrenagens funcionais nos diversos setores do serviço público ficariam, muitas vezes, nas mãos de pessoas com alguma experiência em seus respectivos segmentos de trabalho. Sendo assim, muitos desses cargos foram ocupados por ex-membros do PC, que se aproveitaram da oportunidade de poder expressar sua (sincera ou fingida) inconformidade com o regime anterior (alegando, talvez, não haver para si outra opção para garantir a sobrevivência nos tempos sombrios do regime autoritário) para manterem-se em suas posições. E, como as engrenagens do poder totalitário eram de tal forma tentaculares, tornando quase impossível escapar de tomar parte em seu funcionamento, voluntária ou involuntariamente, quase todos tinham um histórico pouco aceitável para os novos tempos.

Fato é que, nos países do centro-leste europeu recém-libertados do regime soviético onde os registros documentais foram abertos à pesquisa pública, mesmo que parcial e temporariamente, muitos dos responsáveis pelos arquivos (e outras figuras com poder para articular estratégias de silenciamento) não tinham interesse na visualização desses documentos. Pessoas que souberam mudar de lado existiram em toda parte – e não apenas nos países do bloco: também foi assim em Portugal, após a Revolução dos Cravos, e mesmo no Brasil, após 1984, onde participantes das antigas ditaduras continuaram ocupando posições políticas e funcionais na era democrática subsequente.

Na Romênia, por exemplo, uma secretaria de arquivos foi criada apenas em 1999, por imposição da União Europeia, conforme relata Herta Müller, em “Cristina e seu simulacro”, que escreveu vinte anos após o fim da ditadura de Ceaușescu. Contudo, mesmo depois de abertos os arquivos, a escritora nota que o controle de informações continuou existindo:

O novo-velho serviço secreto dirigia as vistas aos arquivos à sua maneira. A secretaria tinha de enviar os pedidos a ele, que às vezes eram deferidos, mas em geral indeferidos, inclusive com o motivo: o arquivo solicitado ainda está sendo trabalhado. A secretaria Gauck romena foi desde o começo uma fachada e até hoje não tem transparência. (MÜLLER, 2012, p. 47)

Essa prática é uma ameaça ao sistema democrático e também à constante construção das narrativas que definem um povo ou um território, pois, como coloca Aleida Assmann (2011, p. 368): “Controle do arquivo é controle da memória” e “[...] sua acessibilidade é que define se se trata de uma instituição democrática ou repressiva”. Uma vez que é através desses documentos e leis que as comunidades se reconhecem, é importante não apenas colecionar, selecionar e conservar os arquivos para a posteridade, mas também garantir o livre acesso a essa memória institucional.

Tzvetan Todorov, escrevendo *O homem desenraizado* em meados⁵⁴ da década de 1990, anota: “[...] no momento em que escrevo, são os (ex-)comunistas que se encontram no poder na Bulgária e nos outros países do Leste europeu, e eles não têm nenhuma intenção de deixar maltratar seus pais, sogros ou tios” (1999, p. 81). A mesma situação aparece no trabalho de Jan, sob risco de ser extinto a qualquer momento:

Há muitas pessoas que se sentem ameaçadas com as coisas que desvendo. Não estou querendo dizer que eu seja particularmente importante. Milhares de outros poderiam fazer o trabalho que faço. Qualquer um que levasse esse trabalho a sério e tentasse descobrir a verdade a respeito de tudo o que aconteceu, ao invés de cobrir as pegadas, seria considerado uma ameaça. O diretor anterior, que tentou impedir que outros obstruíssem o nosso trabalho, levou um pontapé no traseiro, com todas as honras. Agora será a nossa vez, e sem honra alguma. (KLÍMA, 2006, p. 148)

Na República Tcheca, a Lei 181⁵⁵, de 08 de junho de 2007, que dispõe sobre a criação do Instituto para o Estudo dos Regimes Totalitários e do Arquivo dos Serviços de Segurança, com sede em Praga, sofreu resistência e tentativa frustrada de cassação por membros do parlamento tcheco ideologicamente afins ao regime comunista, sob alegação de que era impróprio equipará-lo ao período nazista (OLIVER FILHO, 2016). Essa manutenção do controle sobre os arquivos parece

⁵⁴ O original em francês, *L'Homme Depaysé*, foi publicado em 1996.

⁵⁵ A Lei 181/2007, traduzida ao português, com link para o original em tcheco, encontra-se disponível em: <https://stbnobrasil.com/pt/vacina-anti-totalitaria>.

ser uma das características dos períodos de mudança que os torna menos aparentados com as rupturas que os “donos” das narrativas oficiais tentam transparecer do que com a continuidade do tempo que segue sua marcha.

Todavia, fora dessa trama política que cerca o trabalho de Jan, há outras transformações trazidas ao território tcheco pela abertura da década de 1990. O espaço, antes habitado apenas por cidadãos do Leste e poucas outras pessoas devidamente autorizadas a circular por países do bloco socialista, passa a receber um grande número de turistas, fato que reconfigura a paisagem, já tão cheia de vestígios de tempos passados. Essa nova forma de economia urbana traz não apenas mais pessoas para a cidade, como também atitudes diferentes na relação dos indivíduos com o espaço habitado, que podem resultar na aparência de desordem diante de olhos desacostumados à *flânerie*.

A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a lógica de produção daquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos. [...] A cidade é essa heterogeneidade de formas, mas subordinada a um movimento global. O que se chama desordem é apenas a ordem do possível, já que nada é desordenado. Somente uma parte dos objetos geográficos já não atende aos fins de quando foi construída. (SANTOS, 2014, p. 72-73)

Essa é uma perspectiva que o olhar de Kristýna não alcança, ou talvez não queira aceitar, quando se movimenta pela cidade e diz que ela está cheia demais. No momento atual da sua narrativa, a paisagem vem sofrendo há alguns anos alterações de ordem social e econômica que fazem um contingente maior de pessoas poder se movimentar pelas ruas de Praga, um território que antes estava escondido atrás da Cortina de Ferro. Também por causa dessas mudanças, os habitantes locais, agora com mais liberdade, ou mesmo novos habitantes e turistas passaram a se comportar de forma diversa, agindo com menos cuidado e deixando mais marcas da ação humana nas ruas da cidade e na memória de quem transita por esses espaços. Kristýna, que parece estar mais habituada às ruas tranquilas do bairro onde mora, ou apenas a fazer o percurso de casa para o trabalho, sente-se desconfortável com a multidão que visita esse grande repositório de memória que é a paisagem no coração de Praga:

A Cidade Velha está fervilhando, os turistas acotovelam-se diante do carrinho de um sorveteiro. Uma multidão, diante do relógio

astronômico, no calor escaldante, aguarda os apóstolos que aparecem faça sol ou faça chuva. [...] Há gente demais; logo seremos seis bilhões, foi o que li faz pouco tempo. (KLÍMA, 2006, p. 144)

Entretanto, podemos conjecturar ainda que, como a paisagem depende não apenas dos objetos dispostos, mas também do olhar posto sobre esses objetos, o período de ansiedade e cansaço vivido por Kristýna lhe faz ver de forma diferente o que via antes com olhos embaçados pela rotina. Ela, que gosta tanto de ficar sozinha em casa com seus pensamentos e por vezes evita até mesmo a presença da filha, não teria como apreciar essa “massa de gente” (KLÍMA, 2006, p. 145) que toma as ruas. Ela pensa em procurar um local mais tranquilo, mais afeito a seu sentimento de solidão: “Posso ir até o memorial de Jan Hus, sentar-me nas escadas e esperar [...]” (KLÍMA, 2006, p. 145). Da mesma forma, a poluição que já estava lá no tempo do progresso tecnológico planejado pelos comunistas, o rio Vltava e suas águas escuras serão notados com ênfase por Kristýna no dia em que está nervosa, perturbada por ter conhecido o meio-irmão, que era quem lhe mandava as cartas com ameaças:

O lixão fede e um enxame de moscas sobrevoa o local. Dou a volta e, finalmente, consigo avistar um braço do Vltava, com seu preguiçoso e sujo curso de água. Encosto-me sobre o tronco velho de um salgueiro semimorto e tento acender um cigarro. Minhas mãos tremem. (KLÍMA, 2006, p. 240)

Indo mais longe, podemos ainda traçar um paralelo entre a tentativa de manter as aparências no tempo de seu casamento e o fato de que todo o discurso desenvolvimentista do socialismo que a cercava antes era também uma forma de mascaramento, em alguns casos da sujeira, em alguns lugares da miséria, mas por toda a parte da divergência entre realidade e propaganda. Quando Kristýna liberta-se de ambos os discursos que guiavam sua vida – a boa esposa/mãe e a boa cidadã do Leste – e ganha distanciamento temporal suficiente, pode deitar um olhar mais crítico sobre a realidade ao redor.

O distanciamento para olhar criticamente não servirá a Kristýna apenas para as transformações da paisagem, mas também para as ações do passado: “Como são patéticas as nossas histórias quando as observamos a uma certa distância, entre uma piscadela e outra de Deus” (KLÍMA, 2006, p. 58). Essa medida que Karel usa para marcar o tempo da vida humana na Terra em comparação ao

tempo cósmico causa a Kristýna certo estranhamento a princípio, já que nem ela nem o ex-marido professavam qualquer fé. Porém, enquanto tenta analisar as decisões que tomou na vida, buscando respostas para o seu sofrimento, ela passa a adotar a expressão como uma indicação de ciclos, conforme explicado por Karel: “Doze anos, isso é quanto dura uma piscadela de Deus” (KLÍMA, 2006, p. 29). Foi essa a duração do seu casamento; e o próprio Karel, causa de muitas de suas atribulações, é quase duas piscadelas de Deus mais velho do que a ex-esposa.

Além de marcar a duração de um ciclo, o número doze reaparece no funeral de Alois Horák, quando Jana cantou, pela despedida do avô, “[...] não a ‘Internacional’, como ele provavelmente gostaria, mas o *spiritual* ‘Doze portas’” (KLÍMA, 2006, p. 22). A canção faz referência às doze portas de Jerusalém, a cidade eterna, símbolo de perenidade, já que sempre reconstruída sobre as próprias ruínas. A cidade não morre, resiste ao tempo, assim como Praga diante das muitas adversidades já passadas; as pessoas, porém, não são eternas. Então, a morte, como tema constante nos pensamentos de Kristýna – o luto recente pelo pai, a despedida iminente do ex-marido, a avó na câmara de gás, a tia que “pegou fogo”, o suicídio como uma possibilidade sempre à mão para si mesma, as previsões da irmã –, não é vista como o fim de uma era. O tempo segue seu curso, independentemente de quem morre.

O simbolismo religioso que perpassa a obra desde o título não aparece como alegoria ou parábola de salvação; pelo contrário, aponta para a reflexão sobre a condição humana, falível e finita, sem qualquer recompensa no além-túmulo. Não há santos e também não há anjos, como na pequena capela visitada por Kristýna e a filha nas proximidades do centro de tratamento onde Jana está internada; há apenas vasos que podem ser preenchidos com as escolhas feitas pelos indivíduos. Kristýna, muito antes de chegar perto dessa compreensão, já se sente “cansada, gasta e vazia”, ela mesma “um vaso sem flores” (KLÍMA, 2006, p. 22). Ao longo da trama, vai questionando essa condição do vazio humano em sua vida e nas vidas particulares mais próximas – Jana, Karel, a mãe e o pai –, enquanto Jan elabora pensamentos análogos, porém na perspectiva histórica da coletividade.

Escrevendo o texto para um seminário no qual pretendia falar sobre seu trabalho de investigação dos crimes cometidos pelos comunistas, Jan tenta encontrar explicações “no declínio da moral, ou talvez no declínio da religião”

(KLÍMA, 2006, p. 151) para o apoio público às teorias que embasavam o terror perpetrado por nazistas e comunistas no século XX. Quando a fé em um Deus salvador desapareceu, o vazio criou condições para uma nova crença sobre-humana:

Mas a maioria das pessoas precisava crer, precisava de santos para reverenciar, necessitava de um Deus, rituais e cerimônias. Assim, emergiu uma nova era, renasceram religiões pagãs dos bárbaros através de grandes movimentos não-religiosos. Nazistas e comunistas, de modo similar, apresentavam seus líderes como deuses, cujas imagens não podiam faltar em qualquer uma das celebrações, que inventavam em quantidade incontável. [...] tudo transformado em celebrações ritualísticas, cujo propósito era o de despertar as emoções dos crentes e paralisar-lhes o raciocínio. Essas novas fés também exigiam obediência e disciplina, mas eram desprovidas de compaixão e não fixavam quaisquer limites intransponíveis. Estavam de volta os sacrifícios humanos em proporções sem precedentes na história da humanidade. (KLÍMA, 2006, p. 152)

Sentindo-se fracas demais para enfrentarem sozinhas as dificuldades no percurso, necessitadas de seres “superiores” para devoção e obediência, as pessoas entregam nas mãos de qualquer novo messias as decisões sobre suas vidas. De acordo com essa hipótese, o eterno retorno do sofrimento humano segue constante porque os indivíduos não tomam a iniciativa de mudar o rumo da própria história. Jana resume essa ideia, de maneira muito acertada, em sua linguagem adolescente: “É horrível como as coisas se repetem, ainda que sejam coisas completamente estúpidas” (KLÍMA, 2006, p. 333).

Kristýna, com seu “distinto nome não-revolucionário” (KLÍMA, 2006, p. 29) tão estranho para a filha de um comunista convicto, pode até encarnar o padecimento de muitas dores, mas não sente que veio ao mundo como uma escolhida para expiar os pecados da humanidade. Busca incessantemente o sentido de sua própria existência, e isso já a sobrecarrega o suficiente. No entanto, Jan vê em sua data de nascimento um grande marco:

Quando ela mencionou ter nascido no dia em que Stalin morreu, aquilo me soou como uma coincidência estranha, até fatal. [...] Estou convencido de que a morte de Stalin reabriu, para uma parcela da humanidade, uma porta que vivia trancada para a dignidade, tolerância, justiça e compaixão humanas. Ter nascido no dia da morte dele significava ingressar no mundo num dos dias mais significativos do século vinte. (KLÍMA, 2006, p. 100)

Eis que a porta retorna, carregada de simbologia. É o limiar entre a vida e a morte. A mesma porta que se abre para o tirano ir embora deste mundo, levando consigo o mal, está aberta para que Kristýna entre nele, trazendo consigo o bem. Jan, com olhos apaixonados, mais do que atração física, tem certa adoração por Kristýna – “Ansiava por tocá-la, acariciar aquelas mãos que irradiam suavidade, mas, ao mesmo tempo, o pensamento parece-me pecaminosamente impróprio” (KLÍMA, 2006, p. 101) –, talvez por isso a veja como um tipo de ser maravilhoso, capaz de restaurar a esperança na humanidade. Mas ela, que só está tentando encontrar seu próprio caminho, vê diante de si uma porta trancada:

Como mamãe disse, há algo que me falta. Uma dimensão que sou incapaz de enxergar. Sou incapaz de abrir uma porta para ela. Papai trancou-a diante de mim, e meu único marido acrescentou ainda uma tranca. O que há por trás dessa porta? Deus? Algum amor que não leva a lugar algum, como o amor entre as pessoas? Seria a paz no coração de alguém, a paz na vida, ou a paz na morte em que sempre penso quando estou deprimida como espécie de redenção? Seria a nobreza de espírito capaz de elevar-se acima das futilidades do cotidiano? Ou aquele vazio que permitiria que eu me centrasse e ao meu espírito, algo que quase nunca tenho tempo ou lugar para fazer? Ou seria o som da música? (KLÍMA, 2006, p. 242)

O romance se desenvolve em sete capítulos de sete partes cada – números perfeitos, sete dias da construção do mundo –, intercalando narrações de Kristýna nas quatro primeiras partes, uma narração de Jan, mais uma de Kristýna, e uma derradeira narração na voz de Jana. No curto espaço de oito meses, a dentista reflete sobre a vida e a morte, sua condição feminina, seu relacionamento com os pais e com a filha, depressão e solidão, a atualidade do país em que vive, as memórias do período do regime socialista, as memórias da mãe sobre a Segunda Guerra, e por fim parece alcançar uma epifania que a faria deixar as preocupações de lado. Contudo, o final fica em aberto, pois Jana narra o comportamento da mãe durante uma visita à fazenda onde está internada, conta suas palavras, mas não consegue compreender o significado de tudo isso. E nós, leitores, não sabemos que decisões ela vai tomar.

2.3 No tempo da escrita

Cada uma das três obras resumidas acima foi escrita no espírito de uma preocupação local do país de nascimento de cada um dos autores. E mesmo que eles tenham tratado de focar a vida íntima de indivíduos que habitam esses espaços, o entrelaçamento de situações pessoais e coletivas faz com que os eventos históricos vividos ou lembrados pelas personagens ultrapassem a condição de simples plano de fundo, integrando-se à obra como parte das causas e efeitos de ações desencadeadas na trama.

O que torna a decisão de Evelyn de ir embora da RDA tão difícil não é apenas o aspecto sentimental de escolher entre continuar com um relacionamento fraturado pela descoberta de uma traição ou envolver-se em um novo romance. A partir da decisão de ir para o Ocidente, toca a ela a condição de migrante que muitos alemães orientais estavam se dispondo a enfrentar naquele momento, ainda que planejassem partir para um local onde sua língua não soasse (tão) estrangeira. Evelyn estava insatisfeita o suficiente para pensar em partir e buscar melhor qualidade de vida do outro lado. Entretanto, Adam, satisfeito com sua vida cômoda (com trabalho prazeroso, casa própria e tranquilidade para executar seus hobbies), não pensava em partir definitivamente, mas com os eventos sobre os quais vai recebendo notícia durante a viagem, vê seu local de partida ir sumindo aos poucos e, não tendo para onde retornar, precisa começar uma vida nova. Se, por um lado, Ingo Schulze trabalha sobre uma temática particular de seu país – a conhecida Questão Alemã –, por outro lado, a situação em que são colocadas suas personagens reflete um problema maior, que tem sido preocupação atual de alemães, de outros europeus e de habitantes de outros países nos demais continentes: a migração. E é um estilo particular de migração, pois não são pessoas que partem apenas em busca de emprego e melhores salários, mas sim pessoas que precisam abandonar tudo o que fica para trás (destruído, muitas vezes), enquanto seus países de origem têm suas fronteiras redesenhadas e até deixam de existir.

A discussão em que Samko se enreda sem perceber, destilando os preconceitos que se recusa a admitir que carrega, reproduzindo pensamentos enraizados em sua família e passados através de gerações (avô, tio e pai, Samko e Margita), parece ser uma preocupação eslovaca presente ainda na atualidade,

vinte anos depois da publicação da obra. Mais do que com o fim do comunismo ditando regras, a Eslováquia tenta lidar com sua identidade pretensamente nova diante dos ideais da recente Comunidade Europeia. E ao ter colocado esse debate em pauta na cidade fronteiriça de Komárno, para questionar a presença de minorias – que nessa região nem são tão minoritárias assim⁵⁶ – Daniela Kapitáňová, mesmo sem apontar diretamente para o problema, mexe com o imaginário das fronteiras que demarcam onde o estrangeiro começa a ser *estrangeiro* e deixa de ser *local*.

Ivan Klíma posiciona suas personagens em um momento de reflexão do passado que pode influir nas decisões sobre o futuro. A cidade de Praga – como centro de uma cultura letrada que os tchecos têm reivindicado para si ao longo de suas seculares batalhas por uma identidade nacional independente sob políticas de assimilação impostas no território da antiga Tchechoslováquia⁵⁷ –, se não chega a aparecer como uma personagem ela própria, é ao menos tão cheia de subjetividades dispersas quanto Kristýna. Teria Praga se transformado em um simples polo turístico, para onde convergem tanto pessoas de todo o mundo como problemas para os quais a humanidade deveria buscar soluções em conjunto? Kristýna relembra o passado e as histórias que ouviu sobre ele – guerra, genocídio, regimes totalitários –, mas fala também dos problemas da sua atualidade – o crescimento populacional, a poluição e destruição da camada de ozônio, a violência crescente, o avanço expressivo no consumo de drogas – que influenciam no tipo de futuro que se pode esperar. Como participante reflexiva (e não ativa) do momento que deveria ter representado uma ruptura histórica – o presente da sua vida também olha para a ruptura pessoal que ela ainda não conseguiu absorver de todo, seu divórcio –, Kristýna precisa aprender a tomar decisões. Ela percebe que atitudes são necessárias em seu presente, que não é possível apenas esperar pelas novas gerações para efetuar mudanças duradouras. Jan, apesar de seus

⁵⁶ Sobre os conflitos devido à presença húngara na Eslováquia, e mais especificamente em Komárno, há pesquisas desenvolvidas no Ludwig Boltzmann Institute for European History and Public Spheres, como relatado por Muriel Blaive e Libora Oates-Indruchová, em “Komárno: A Flagship of Symbolic Politics at the Slovak-Hungarian Border”, publicado na *Revue d'études comparatives Est-Ouest*, em 2013.

⁵⁷ Sobre a busca da identidade tcheca e ideal de tchequidade, há disponível material em língua portuguesa, como os artigos de Flávio Rodrigues Barbosa, “A língua como elemento político crucial na construção do estado tchecoslovaco”, no primeiro número da *Slovo – Revista de Estudos em Eslavística* (UFRJ), de 2018, e de Thiago Borges de Aguiar e Davi Costa da Silva, “Identidade nacional na Boêmia do século XV e a formação de uma *paideia* tcheca”, no v. 41, n. 2, de 2015, da revista *Educação e Pesquisa* (USP).

trinta anos, é ainda imaturo, morando com a mãe, jogando com a fantasia e procurando respostas em adivinhações exotéricas (embora comece a perceber, ele mesmo, essa necessidade de ação em sua vida), enquanto comete o mesmo erro de seus predecessores (traí Kristýna). Jana está em um processo de formação ainda voltado para si mesma e vai demorar a entender o que o passado histórico representa na vida de cada indivíduo; poderia abrir mão de pensar sobre isso e viver alienada desses problemas humanos coletivos por muitos anos, sem tomar para si qualquer responsabilidade sobre o mundo que a cerca. É (a geração de) Kristýna que precisa decidir seus passos, agora, sem espera (pelas próximas gerações).

Assim, a presença das memórias desses três espaços, que podem ser considerados hoje como pós-socialistas, habitados por indivíduos com identidades sociais e subjetividades diversas, funciona dentro dos textos tanto para exercitar um olhar exorcista e purificador para o passado (TLOSTANOVÁ, 2015), quanto para proporcionar ponderações sobre o presente. E isso nos leva a pensar sobre a importância do ponto de vista de quem escreve a ficção que se inscreve na memória cultural de um povo: os autores, que serão os responsáveis por conduzir – ao menos em parte – o olhar e as ponderações.

Em vista da multiplicidade de identidades sociais, e da coexistência de memórias concorrentes, as memórias alternativas (memórias de família, locais, nacionais, e assim por diante), é proveitoso pensar em termos pluralistas sobre os usos das memórias por diferentes grupos sociais, que talvez tenham diferentes visões do que é importante ou digno de memória. (BURKE, 2000, p. 84)

Os escritores podem ser considerados um grupo social privilegiado diante da memória cultural de um povo? Qual o papel da literatura na formação ou na transformação das identidades nacionais? Lembrando, nesse ponto, que Benedict Anderson (2008) aponta como um fator primordial para criação dos Estados nacionais a escrita impressa e, através dela, o registro da História (ou, ao menos, de uma versão dela), podemos pensar a condição do escritor como alguém que abre possibilidades.

Os escritores, mesmo escrevendo ficções, registram uma memória alternativa que questiona a memória oficial. É comum encontrarmos, em textos “rápidos” (que em geral abundam, sobretudo, no meio jornalístico em épocas

memorativas) sobre eventos históricos, informações tão básicas e resumidas que certos traços são consolidados como características dos períodos em que tais eventos ocorreram e passam a ser repetidos em novos textos, sem qualquer contestação. Por exemplo, quando se fala no período socialista, tende-se a tratar os cidadãos do Leste como uma massa mais ou menos homogênea (não tanto quanto o Partido desejava que fosse), composta de três grandes grupos: apoiadores do comunismo, trabalhadores que aceitavam a situação porque não viam alternativas e opositores do regime tentando fugir de lá a qualquer custo. As zonas de sombra, como a habitada por Adam – que vivia confortavelmente do seu trabalho individualizante, mas não votava e desfilou-se do Partido assim que saiu do serviço militar obrigatório, e não era importunado por isso –, não costumam aparecer. Será que essa individualidade era tão incomum assim que pode ser descartada sem que se sinta falta dela? Será que não existiriam mais Kristýnas que, ao invés de se rebelarem indo para as ruas em atos políticos, passaram a frequentar bares, fumar, beber e namorar, como forma de afronta mais aos pais do que ao sistema totalitário? Que outras individualidades não conhecemos?

Comparando as teorias sobre a memória de Friedrich Nietzsche, Maurice Halbwachs e Pierre Nora, Aleida Assmann (2011, p. 146) aponta para o “caráter construtivista da recordação”, relevante para as três teorias, que assevera o direito a uma identidade (individual ou coletiva), diante da história colocada como ciência objetiva e neutra. Conclui que, para os três autores, a diferença basicamente está na oposição entre “corporificado” e “descorporificado”, ou seja, “[...] a memória pertence a portadores vivos com perspectivas parciais; a história, ao contrário, ‘pertence a todos e a ninguém’, é objetiva e, por isso mesmo, neutra em relação à identidade” (ASSMANN, 2011, p. 146). No entanto, a pesquisadora não concorda com esse ponto de vista e sugere que história e memória sejam consideradas como “[...] dois modos da recordação, que não precisam excluir-se nem recalcar-se mutuamente” (ASSMANN, 2011, p. 147). É por uma perspectiva de complementariedade que Assmann propõe a separação em dois tipos de memória: a *funcional*, ligada às características da seletividade e parcialidade da memória habitada, pode-se dizer, “viva”; e a *cumulativa*, com a característica pertinente à história enquanto ciência acumuladora de “vestígios inabitados”, de registros de experiências esquecidas. A importância da relação de complementariedade entre

esses dois modos de recordação está no fato de que essa massa dormente de informações acumuladas em diversos tempos pode ser selecionada, resgatada, reinterpretada, ressignificada como parte da memória funcional.

Assmann (2011, p. 150) aponta ainda para o potencial acumulador da escrita: “Com a escrita pode-se registrar e acumular mais do que se poderia evocar por meio da recordação. Com isso, distende-se a relação entre recordação e identidade; a diferença entre memória cumulativa e funcional está embasada nessa distensão”. Podemos pensar que a escrita literária amplia ainda mais essa distensão, pois quando os autores partem de um “e se?” para escrever suas ficções, criam experiências possíveis mais do que registram recordações sobre experiências vividas. E, considerando que a leitura pressupõe um processo de ressignificação do conteúdo lido em face do contexto geral em que o leitor se posiciona, o resgate da memória pode constituir maneiras inusuais de lidar com o passado materializado na escrita.

Dessa forma, a literatura desempenha, então, um importante papel de garantir à memória cultural de um povo o registro cumulativo de uma diversidade de perspectivas parciais (seja no ponto de vista adotado pelos autores ou nos comportamentos atribuídos por eles a suas personagens), existentes em certos períodos do passado, que podem a qualquer momento ser resgatadas e apropriadas pela memória funcional como meio para questionar uma pretensa neutralidade ou objetividade do discurso histórico. Decorre daí que os escritores possam ser vistos como agentes criadores de memória a ser acumulada; e até, indiretamente, como transformadores da memória funcional, já que algumas vezes também se apropriam de experiências e vestígios esquecidos para construir suas narrativas.

Entretanto, além de pontos de vista diversos sobre o presente em que habitam, os autores têm maneiras próprias de lidar com suas criações. A partir de agora (pela ordem de nascimento, que é também a ordem da publicação original das narrativas), seguem-se breves notas sobre vida e obra de cada um dos autores aqui apreciados.

2.3.1 Ivan Klíma (Praga, 14/09/1931)

A década de 1990 serviu para os intelectuais pensarem sobre o fim de uma era, a partir de diferentes perspectivas e interesses. Enquanto políticos, juristas, economistas ocupavam-se mais diretamente dos impactos das transformações correntes e buscavam soluções que garantissem o sucesso da transição com os menores riscos possíveis para futuras negociações internacionais dentro e fora do continente europeu, por outro lado, jornalistas, historiadores, sociólogos e artistas voltavam-se para o período recém-rotulado como “passado”, tentando não perdê-lo de vista. Tão importante quanto estabelecer diretrizes para o futuro era guardar uma imagem, tão real quanto fosse possível, do que foi visto e vivido nos quarenta e cinco anos desde o fim da Segunda Guerra. E os escritores – incluídos aí também os roteiristas de cinema e dramaturgos – saíram na frente.

Mas na Tchecoslováquia as coisas correram de forma um pouco diferente, pois o novo presidente eleito, Václav Havel, não era o único escritor a ocupar um posto político. Como comenta Philip Roth sobre o período em que esteve em Praga, ainda no início de 1990:

À medida que a semana passava e eu conhecia ou ouvia falar das pessoas nomeadas para cargos públicos por Václav Havel, comecei a achar que uma das exigências mais importantes para participar do novo governo era ter traduzido para o tcheco os poemas de John Berryman. Com exceção do PEN Club, nenhuma outra organização jamais teve tantos tradutores, romancistas e poetas em posições de comando. (ROTH, 2008, p. 55)

Ivan Klíma, porém, não estava ocupando um cargo no governo, mas justamente era presidente do PEN Club tcheco neste período. Assim, não estava envolvido em debates sobre as medidas para o futuro da nação – ao menos, não fora do âmbito literário –, tampouco com a escrita de um novo romance que tratasse do período de transformações que viviam: “Nos últimos três meses, ando ocupado com tantas outras obrigações que me parece fantástica a ideia de que algum dia vou ter tranquilidade para escrever mais uma narrativa” (KLÍMA apud ROTH, 2008, p. 73). Mesmo assim, sua capacidade de observação mostrou-se bastante apurada.

Algumas “previsões” em suas respostas na conversa com Philip Roth, em fevereiro de 1990, apenas três meses depois da derrubada do regime socialista em seu país – que poderiam parecer comentários pessimistas de um dissidente

cansado –, viriam a ser confirmadas pelo tempo, tornando-se assunto de outras entrevistas e ensaios posteriores. Por exemplo, ao discutirem a respeito das possibilidades que a literatura tem dentro e fora de um regime de controle do Estado sobre as artes e o pensamento, e sobre o futuro da literatura no seu país, agora aberto ao mercado mundial, Klíma diz concordar que a literatura tcheca “[...] vai perder parte de seu atrativo extraliterário” (apud ROTH, 2008, p. 70) e elenca alguns “enredos instigantes” que, segundo ele, são histórias que tenderiam a “perder sua relevância” com a ausência de um poder autoritário, “[...] muito embora os escritores ainda venham a retomá-las depois de alguma tempo” (KLÍMA apud ROTH, 2008, p. 71). E, mais especificamente, sobre as mudanças no consumo literário após a abertura a uma sociedade democrática e de livre mercado, Klíma declara:

Sei que é bem provável que termine esta fase da nossa história em que até mesmo livros de poesia atingem tiragens de dezenas de milhares de exemplares. Imagino que uma onda de lixo literário e televisivo vai inundar nosso mercado – não há como impedir isso. (KLÍMA apud ROTH, 2008, p. 85)

Em ensaio publicado em tradução para o inglês apenas quatro anos depois, Klíma retorna ao tema, com considerações sobre o fim do período de euforia com a liberdade de publicação, que, afinal, parece ter passado bastante rápido:

Nos primeiros meses depois da revolução, parecia que o maior *boom* seria aproveitado por coisas que o antigo regime proibia. [...] O público estava simplesmente curioso. [...] A obra de escritores dissidentes saía impressa em tiragens de 100.000 em um país com 15 milhões de habitantes. Mas Beckett logo desapareceu do repertório dos teatros meio vazios, e a obra dos mais famosos autores domésticos afundou em tiragens impressas aos milhares. O lixo, por outro lado, começou sua marcha vitoriosa através de todas as esferas da cultura. (KLÍMA, 1994, p. 97, tradução nossa)⁵⁸

Em apenas quatro anos, o interesse pelos autores antes proibidos de publicar e perseguidos pelo regime deixou de ser parte da vida dos cidadãos. Também os temas instigantes do passado comunista perderam seu atrativo e,

⁵⁸ Do original: “*In the first few months after the revolution, it seemed that the greatest boom would be enjoyed by things the former regime had forbidden. [...] The public was simply curious. [...] The work of dissident writers came out in print runs of 100,000 in a country with 15 million inhabitants. But Beckett soon disappeared from the repertory of half-empty theatres and the work of even the most famous domestic authors sank to print runs in the thousands. Trash, on the other hand, began its victorious march through all spheres of culture.*”

sobretudo nas novas gerações, Klíma aponta que a atenção à história recente é cada vez menor:

Não apenas elas não estão interessadas no passado, mas não sabem nada sobre os eventos que modelaram seu país, como a Segunda Guerra Mundial e a era comunista. [...] Há muitas exceções, mas pessoas comuns não são significativamente tocadas pelo passado. Eu gostaria de persuadi-las a aprender alguma coisa da história e a não cometer os mesmos erros... A história não repete a si mesma exatamente, mas há situações comuns para aprender dela. (KLÍMA, 2003, p. 38, tradução nossa)⁵⁹

Mas as observações de Klíma nada têm a ver com pessimismo. Pelo contrário, ele parece ter sido sempre, se não um otimista completo, ao menos alguém confiante de que a situação não teria como piorar no futuro. Assim atesta sua autobiografia, na qual relata, até com um pouco de humor e autoironia, como os eventos sucedidos na Tchecoslováquia desde a Segunda Guerra afetaram sua vida pessoal.

Aos sete anos de idade, Klíma descobriu, abruptamente, que era judeu: “Até então eu nunca tinha ouvido a palavra ‘judeu’, e não fazia ideia do que significava. Isso me foi explicado como uma religião, mas eu não sabia nada sobre religião: meu boletim escolar dizia ‘sem afiliação religiosa’” (KLÍMA, 2014, p. 9, tradução nossa)⁶⁰. Tendo sido batizado por um pastor protestante, recebendo a visita do menino Jesus a cada Natal e sendo leitor de edições especiais da *Ilíada* e da *Odisseia*, afirma que sabia mais sobre as deidades gregas do que sobre o Deus judaico-cristão naquela época. E após uma busca da Gestapo ao apartamento onde moravam, explica como estava perdido naquela situação estranha: “Naturalmente, ninguém me disse qualquer coisa, e eu ainda não tinha ideia de que fosse tão diferente das outras pessoas que isso poderia dar a elas um pretexto para me matar” (KLÍMA, 2014, p. 10, tradução nossa)⁶¹. Dias depois a família foi levada para o campo de Terezín, onde passou três anos e meio, até a chegada dos soviéticos a

⁵⁹ Do original: “*Not only are they not interested in the past, but they don’t know anything about the events that shaped their country such as the Second World War and the Communist era. [...] There are many exceptions, but ordinary people are not significantly touched by the past. I would like to persuade them to learn something from history and not to make the same mistakes... History does not repeat itself exactly, but there are common situations to learn from.*”

⁶⁰ Do original: “*Until then I had never heard the word ‘Jew,’ and I had no idea what it meant. It was explained to me as a religion, but I knew nothing about religion: My school report card stated ‘no religious affiliation.’*”

⁶¹ Do original: “*Naturally no one told me anything, and I still had no idea I was so different from other people it might give them a pretext to kill me.*”

Praga. Perguntado sobre como esse passado afeta sua maneira de viver e sua escrita literária, Klíma responde:

Todo aquele que passou por um campo de concentração na infância – que já foi totalmente dependente de um poder externo que a qualquer momento pode entrar e espancá-lo, matá-lo, a ele e a todos que o cercam – provavelmente vive o resto da vida de um modo ao menos um pouco diferente das pessoas que foram poupadas desse tipo de formação. A vida é frágil como um barbante – essa foi a lição do meu dia a dia da infância. Qual o efeito disso sobre os meus escritos? Uma obsessão pelo problema da justiça, pelos sentimentos das pessoas condenadas e proscritas, pelos solitários e impotentes. (KLÍMA apud ROTH, 2008, p. 77)

Esse tipo de preocupação perpassa suas narrativas e seus ensaios, assim como o interesse pela história de seu país.

Graduado em Estudos Literários pela Universidade Carolina, de Praga, decidiu escrever sobre a obra de Karel Čapek – autor que Klíma já admirava antes de entrar na universidade – quando ficções e ensaios do escritor foram finalmente liberados para publicação, após anos de apagamento. Reflexos do pensamento de Čapek aparecem nos escritos de Klíma, até mesmo no romance *Nem santos nem anjos*, em que é o autor preferido de Kristýna, que o chama de “o bom homem e mágico das palavras” (KLÍMA, 2006, p. 13). Para além de algumas frases citadas por Kristýna, todo o discurso que Jan escreve para apresentação do seminário em Brno (na parte 5 do terceiro capítulo; do qual há excerto citado na página 76 desta tese) mostra uma elaboração complementar de Klíma sobre uma preocupação já levantada por Čapek aquando da ascensão nazista na Alemanha na década de 1930: o messianismo dos movimentos extremistas em busca de poder e o apoio que esses movimentos recebem da parte mais esclarecida e bem informada de uma sociedade. Sobre Čapek, Klíma escreveu:

Nenhum escritor na Tchecoslováquia (e muito poucos em outros lugares do mundo) reagiu com tanta acurácia e ao mesmo tempo com tanta paixão à tomada nazista do poder [...].

Em 1934 ele publicou muitos ensaios perspicazes sobre a missão da cultura e da inteligência em uma era que ele rotulou de o maior desastre cultural na história do mundo – assim rotulado porque “uma nação inteira, todo um Reich chegou, espiritualmente, a acreditar no animismo, racismo e absurdos semelhantes; uma nação inteira, por favor, com professores universitários, padres,

escritores, médicos e advogados”. (KLÍMA, 2002, p. 187, tradução nossa)⁶²

Klíma trata desse messianismo em alguns de seus ensaios também, como “A necessidade de fé” (*The necessity of Faith*), incluído em sua biografia (KLÍMA, 2014, p. 458-466), e “A literatura da fé imaterial” (KLÍMA, 1990)⁶³, este com foco no socialismo soviético, dando especial atenção ao comportamento de escritores que aceitavam essa “fé” sem restrições.

Como Klíma não era um desses autores, sua obra foi proibida durante o período conhecido como Normalização, nas décadas de 1970-1980. Pouco antes, no verão de 1967, os editores do *Literární noviny* (*Jornal Literário*), onde Klíma atuava, foram substituídos por militares. Escritores que haviam se pronunciado no congresso da União dos Escritores foram expulsos do PC, incluindo Klíma, que fora afiliado por quatorze anos.

Eu admito que nem mesmo neste momento percebi que o partido do qual tinha sido membro representava uma aliança nefasta que em nome de grandes objetivos roubou a propriedade da sociedade e destruiu o que havia levado gerações para criar. Mas eu sabia com certeza que, em nome de algum tipo de objetivos futuros, o partido havia privado o povo da liberdade, usurpado todo poder, destruído a vida política, falsificado a história, zombado do ato de votar e transformado um país livre em uma colônia. (KLÍMA, 2014, p. 216, tradução nossa)⁶⁴

Klíma percebeu essa saída do partido como uma libertação. E, de fato, no ano seguinte seu país entraria em um período de liberdades e pequenas mudanças, a Primavera de Praga soando como possibilidade de transformação do socialismo vivido até então em algo mais próximo dos ideais pregados na teoria. Klíma foi

⁶² Do original: “No writer in Czechoslovakia (and very few elsewhere in the world) reacted with such accuracy and at the same time with such passion to the Nazi takeover [...]. / In 1934 he published several perspicacious essays on the mission of culture and of the intelligentsia in an era he labeled one of the greatest cultural debacles in the history of the world – so labeled because “one entire nation, one whole Reich has come around, spiritually, to believing in animism, racism, and similar nonsense; an entire nation, if you please, with university professors, priests, writers, physicians, and lawyers.”

⁶³ Texto encontrado em português, com tradução de Rildo Cosson, publicado na *Revista USP*, n.6, 1990, p. 21-28. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35703>. Acesso em: 10 dez 2019.

⁶⁴ Do original: “I admit that not even at this moment did I realize that the party of which I had been a member represented a nefarious confederacy that in the name of grand objectives stole the property of society and destroyed what had taken generations to create. But I did know for certain that in the name of some sort of futures objectives, the party had deprived the people of freedom, usurped all power, destroyed political life, falsified history, mocked the act of voting, and transformed a free country into a colony.”

convidado a dar aulas na Universidade de Michigan, como professor visitante, por dois semestres. Quando seu contrato acabou, Praga já havia sido invadida pelos tanques do Pacto de Varsóvia e a liberdade não fazia mais parte da vida tchecoslovaca. Klíma preferiu voltar para seu país e lá permanecer, apesar das dificuldades e proibições: “Para mim é muito melhor estar em casa do que ser exilado. É muito difícil superar o destino do exílio, porque é muito difícil compartilhar todos os [seus] problemas com as pessoas” (KLÍMA, 2003, p. 39, tradução nossa)⁶⁵.

A perseguição do Partido aos intelectuais e artistas acirrou-se após a movimentação em torno da *Carta 77*, uma petição

[...] através da qual os nomes mais representativos da intelectualidade exigiam o fim da repressão política e das arbitrariedades policiais, com a plena restauração dos direitos e das garantias da cidadania na Tcheco-Eslováquia. A resposta do governo foi mais perseguições, mais prisões, mais violência policial. (SEVCENKO, 1992, p. 12-13)

Como esse cenário dificultava também a busca por trabalho aos signatários da *Carta*, Klíma, que foi um deles, precisou executar outros tipos de funções fora da área da literatura. Uma dessas experiências rendeu um de seus mais conhecidos livros, *Amor e lixo* (KLÍMA, 2007), seu único outro romance publicado no Brasil além de *Nem santos nem anjos*. *Amor e lixo* traz a história de um escritor censurado que trabalha como varredor de rua enquanto elabora um ensaio sobre Kafka, relembra um caso extraconjugal e lida com a doença e o medo da morte de seu pai. Esse livro, escrito na década de 1980, e, assim como outros, proibido em seu país, foi publicado na época apenas em terras estrangeiras. Após a queda do regime, foi uma de suas primeiras obras a ser lançada oficialmente na Tchecoslováquia – naquelas cifras de 100.000 exemplares, da época de “curiosidade” geral do povo tcheco pela literatura que havia sido proibida pelo Partido.

Depois de alguns anos, quando os interesses literários haviam mudado, também a política estava em um caminho diverso. A República Tcheca buscava adequar-se a uma identidade europeia que requeria um olhar atento para o passado, na tentativa de seguir um caminho diferente, definitivamente democrático, sem a possibilidade do retorno ao controle autoritário e às restrições anteriores. Foi

⁶⁵ Do original: “For me it is much better to stay at home than to be exiled. It is very difficult to overcome the fate of exile, because it is very difficult to share all [your] problems with people.”

nessa atmosfera geral que *Nem santos nem anjos* surgiu, como livro e roteiro de filme ao mesmo tempo. Klíma observa que, trabalhando com as duas formas juntas, houve uma espécie de edição da sua escrita que trazia situações as quais ele não havia imaginado, mas que, tendo visto seu funcionamento na trama cinematográfica, resolveu adaptar ao livro. Além disso, preocupou-se também em incluir não só uma visão dos problemas da atualidade – drogas, superpopulação, meio-ambiente –, mas ainda uma linguagem coloquial adequada à nova geração, representada por Jana, tendo contado com a colaboração de seus netos para chegar a um bom resultado nesse aspecto.

2.3.2 Daniela Kapitáňová (Komárno, 30/07/1956)

No território que hoje chama-se Eslováquia, a situação no ano do final do regime comunista era quase a mesma do lado tcheco. A diferença estava na exposição midiática: como Praga era a capital da Tchecoslováquia, centralizava as atenções, fosse ao redor do castelo ou fosse nas ruas onde as pessoas se manifestavam. A parte eslovaca, afora a participação dos representantes envolvidos nas negociações políticas, ainda era um espaço mais distante desse centro convulsivo, e suas manifestações culturais eram abarcadas pelo rótulo generalizante de “tchecoslovacas”. Dessa forma, a mesma onda de publicação de autores dissidentes e exilados, antes proibidos, e nomes do exterior aos quais os eslovacos não tinham acesso ou tinham apenas acesso restrito até a década de 1980, tomou o espaço editorial.

Daniela Kapitáňová não foi escritora durante o período da Normalização, embora escrevesse alguns poemas já aos dezoito anos. Graduiu-se em Direção Dramática, em 1980, pela Academia de Artes Performáticas, em Praga. Depois disso, trabalhou como diretora em teatros de Košice e Komárno, além de atuar como diretora convidada em alguns teatros da República Tcheca. Declara ter sido um erro essa formação (KAPITÁŇOVÁ, 2006); atualmente tem trabalhado como editora literária para a *Rádio Eslovaca* e contribui para colunas de jornais, como *SME* e *Pravda*. É também professora de escrita criativa, na Universidade Constantino o Filósofo, na cidade de Nitra.

Estreou como romancista mais tarde, de forma um tanto inusitada. Participou do concurso *Poviedka (Histórias Curtas)*, em 1996 – promovido anualmente pela editora K. K. Bagala, para descobrir novos talentos da literatura eslovaca. A editora, fundada em 1991 por Koloman Kertész Bagala, dedica-se com exclusividade à obra de autores eslovacos, reservando espaço para publicação de autores esquecidos ao lado dos contemporâneos. Após Kapitáňová vencer o concurso com seu conto “1920–1966”, o editor Bagala (a quem Samko se refere em sua narrativa como o editor para o qual enviou seu *Primeiro Livro do Cemitério*) ofereceu-se para publicar qualquer coisa que ela escrevesse. Apesar da desconfiança, quatro anos depois Kapitáňová enviava o *Samko Tále’s Cemetery Book* a Bagala, que cumpriu sua palavra.

O romance de Kapitáňová foi publicado inicialmente sob o pseudônimo de Samko Tále, como se essa mesma personagem de fala tão peculiar tivesse de fato escrito seu livro. Nem todos os leitores parecem ter entendido a brincadeira, e as críticas ao formato do livro foram muitas e um tanto duras. Entretanto, o livro seguiu seu caminho, angariando também alguns elogios de quem lia nas entrelinhas e suspeitava desse pseudônimo. Algum tempo depois da publicação, foi revelada a verdadeira identidade da autora, e o livro ganhou suas primeiras versões estrangeiras, com novas críticas que ajudariam a confirmá-lo como um importante representante da literatura eslovaca contemporânea: “Kapitáňová apresentou-se instantaneamente como uma existência literária original e criativa” (BABELMATRIX, tradução nossa)⁶⁶.

O sucesso do livro gerou também certa ansiedade na autora, que se sentia presa ao seu primeiro romance enquanto aguardava cada novo comentário sobre a obra, como se esperasse pela confirmação de seu talento literário. Kapitáňová diz ter ficado especialmente aliviada com a tradução para a língua húngara, na qual desejava ver como seu livro funcionaria. Apenas em 2005 a autora publicou um novo livro, *Nech to zostane v rodine! (Deixe isso ficar em família!, em tradução livre)*, partindo então para outro ramo ficcional: novela de detetives. A trama de *Nech to zostane v rodine!* “[...] se passa em uma estação privada de TV, onde os

⁶⁶ Do original: “*Kapitáňová instantly introduced herself as an original, creative literary existence.*” Comentário consta de minibiografia da autora disponível no site Babel Matrix: https://www.babelmatrix.org/works/sk/Kapit%C3%A1%C5%88ov%C3%A1,_Daniela/biography.

preparativos para um novo reality show estão em andamento quando pessoas repentinamente começam a morrer” (BABELMATRIX, tradução nossa)⁶⁷. Mais tarde, em 2008, lançou *Vražda v Slopnej* (*Assassinato em Slopná*, em tradução livre), reunindo os grandes detetives de seus autores preferidos em uma pequena e pacata cidade no norte da Eslováquia para desvendar um crime.

A autora tem um especial cuidado com o uso da língua, tanto em sua correção – “[...] eu sou mesmo uma terrorista ortográfica. Isso decorre do meu grande respeito pelo status do idioma” (KAPITÁŇOVÁ, 2016, tradução nossa)⁶⁸ – quanto para gerar efeitos desejados na fala de suas personagens ou no andamento da trama. Sobre seus livros de detetives, encontramos a seguinte crítica, no site do Centro de Informações Literárias:

Sua linguagem dinâmica é reforçada por sagacidade, humor discreto e um retrato detalhado e adequado das personagens. Uma característica agradável é a tendência da autora a oferecer uma solução lógica para o enredo, dando ao leitor alerta a chance de participar da caça ao perpetrador e da revelação de sua identidade. Desse ponto de vista, Kapitáňová sem dúvida foi inspirada pela principal expoente da clássica história de detetive – Agatha Christie (LITCENTRUM, [201-], tradução nossa)⁶⁹.

Essa inspiração para as histórias de detetive veio da infância da autora, que diz não ter lido contos de fada quando criança, nem romances para meninas (*“girlie” romances*) na adolescência, e até hoje, quando se sente desestimulada, retorna a Conan Doyle e Agatha Christie, para ter de novo a sensação de um mundo bem ordenado (KAPITÁŇOVÁ, 2016). Daniela Kapitáňová tornou-se, então, especialista no assunto e, do gosto pessoal para leitura, passou à prática da escrita. Seu estilo não abrange as investigações criminais que atualmente aparecem em séries de televisão, com noções médicas e análises químicas envolvendo sangue e DNA; seus detetives trabalham com a dedução lógica, seguindo pistas e as mapeando para chegar à solução.

⁶⁷ Do original: “*The story takes place in a private TV station where the preparations for a new reality show are under way, when people suddenly start dying.*”

⁶⁸ Do original: “[...] *naozaj som pravopisná teroristka. Vyplýva to z mojej veľkej úcty k statusu jazyka.*”

⁶⁹ Do original: “*Their dynamic language is enhanced by wit, unobtrusive humour and a detailed and apt portrayal of the characters. One pleasant feature is the author’s tendency to offer a logical solution to the plot, giving the alert reader a chance to partake in the hunt for the perpetrator and the revelation of their identity. From this point of view Kapitáňová has no doubt been inspired by the leading exponent of the classic detective story – Agatha Christie.*”

Já *Samko Tále's Cemetery Book* traz uma forma totalmente divergente dessa ordem lógica, pois as pistas não levam muito longe e Samko não consegue chegar a uma compreensão dos fatos que narra. No entanto, o livro traz muito da experiência da autora, que foi criada no mesmo espírito da família Tále, vivendo em uma cidade dividida entre eslovacos e húngaros e com um pai irascível, o qual, segundo Kapitáňová,

[...] foi um nacionalista muito forte. Então, cresci com um espírito nacionalista extremamente forte, embora na época pensasse que era uma consciência nacional.

Foram suas atitudes que, mais tarde, levaram à nossa separação total. Ele estava tão convencido de sua verdade que se resumia a afirmações chauvinistas. Em *O livro do cemitério*, Samko Tále diz: “Meu pai não gostava de tchecos, judeus e húngaros.” Eu não inventei isso, foi essa a realidade em que fui criada. (KAPITÁŇOVÁ, 2016, tradução nossa)⁷⁰

Mas esse tipo de nacionalismo, absorvido por Kapitáňová em sua criação familiar, recebeu incentivo na política do Estado, sobretudo no tempo em que se passa a história narrada – que foi mais ou menos o mesmo tempo quando a autora esteve escrevendo seu livro. Após o Divórcio de Veludo (como ficou conhecida extraoficialmente a separação da Tchecoslováquia), o Primeiro-Ministro eslovaco, Vladimír Mečiar, fomentou por anos o discurso chauvinista e xenofóbico, principalmente em relação aos húngaros que viviam como minoria no país. No entanto, em cidades como Komárno, os eslovacos é que representavam uma minoria:

Komárno teve uma história política tumultuada e pertenceu a numerosas entidades estatais ao longo do século XX [...]. Abriga apenas 35.000 pessoas, mas é a maior cidade fronteiriça após Bratislava. *Sessenta por cento de seus habitantes declara nacionalidade húngara*, o que a faz a maior colônia húngara no país, um tipo de “capital húngara”. (BLAIVE; OATES-INDRUCHOVÁ, 2013, p. 94, tradução e grifo nossos)⁷¹

⁷⁰ Do original: “[...] že bol veľmi silným nacionalistom. Vyrastala som teda v extrémne silnom nacionalistickom duchu, hoci vtedy som si myslela, že je to národná uvedomelosť. / Práve jeho postoje boli neskôr dôvodom nášho totálneho rozchodu. O svojej pravde bol taký presvedčený, že to zachádzalo až do šovinistických výrokov. V knihe o cintoríne Samko Tále vraví: „Môj otec nemal rád Čechov, Židov ani Maďarov.“ Nevymyslela som si to, taká bola realita, v ktorej som bola vychovávaná.”

⁷¹ Do original: “Komárno has had a tumultuous political history and has belonged to numerous state entities throughout the twentieth century [...]. It houses only 35,000 people,¹ but is the largest border town after Bratislava. Sixty percent of its inhabitants claim Hungarian nationality, which makes it the largest Hungarian settlement in the country, a “Hungarian capital” of sorts.”

Komárno, ao sul do país, localiza-se em uma região que recebeu o que se chama de “injeções eslovacas” durante o período após a Segunda Guerra, com famílias sendo obrigadas a mudarem-se para lá como punição por comportamentos que não agradavam aos poderosos, mas não necessariamente mereciam o envio para campos de reeducação. E para manter a ordem, também eram enviados funcionários do Partido. Com a nova situação de meados da década de 1990, Mečiar tentava retirar os húngaros das cidades na fronteira, causando incidentes diplomáticos que adiariam as considerações sobre a entrada da Eslováquia na Comunidade Europeia até o final de seu terceiro mandato. Depois de sua saída do governo, ainda foi necessário estabilizar a situação econômica do país, além de apaziguar os conflitos étnicos fomentados por seu discurso e suas ações.

Nesse sentido, *Samko Tále's Cemetery Book* traz à tona uma importante reflexão sobre o presente vivido pelo narrador, não somente sobre o passado do qual ele se lembra com nostalgia. Isso talvez explique o sucesso internacional do livro, que “[...] foi um dos pouquíssimos romances eslovacos a serem traduzidos ao inglês neste milênio” (KAPITÁŇOVÁ, 2014, tradução nossa)⁷² e já tem tradução para, pelo menos, quinze idiomas – português não é um deles.

2.3.3 Ingo Schulze (*Dresden, 15/12/1962*)

Na Alemanha, os onze meses seguintes à derrubada do Muro de Berlim foram de apreensão e discussões sobre quais os próximos passos, uma vez que permanecerem os dois lados separados parecia pouco promissor (a partir da política de abertura de Gorbatchov e do grande fluxo migratório vindo de leste para oeste), embora a princípio os outros Estados da Europa ocidental, sobretudo França e Inglaterra, e também os EUA tivessem acreditado nessa hipótese. E, por outro lado, a união dos dois países não era um desejo de todos, pois a Alemanha reunificada poderia reacender antigos sentimentos nacionalistas e belicosos. Além disso, a população da parte ocidental não era totalmente a favor de pagar pelos altos custos da Reunificação. A política financeira de acolhida de cidadãos alemães

⁷² Do original: “*Samko Tále's Cemetery Book is one of very few Slovak novels to have been translated into English this millennium.*”

orientais na República Federal era tão atraente quanto a ideia de eles libertarem-se da vigilância da *Stasi* (abreviatura para *Staatssicherheit* – Segurança do Estado), o que levou milhares de pessoas a deixar suas casas para iniciar nova vida no Ocidente; no entanto, entre os que permaneceram na RDA, aventava-se ainda a possibilidade de que seu país continuasse existindo, porém com um modelo democrático de fato, com eleições livres e formação de novos partidos políticos. O movimento político independente *Neues Forum* (Novo Fórum), que já havia se destacado durante as manifestações do final de 1989, ganhou força ao ser reconhecido como oposição ao *Sozialistische Einheitspartei Deutschlands – SED* (Partido Socialista Unificado da Alemanha). Contudo, a Reunificação viria, enfim, em 03 de outubro de 1990, modificando a configuração política e social do antigo território da RDA.

Escrever sobre esse período, marcado pela incerteza nas decisões políticas na Alemanha, rendeu a Ingo Schulze, que também fez parte do *Neues Forum*, ser constantemente citado como um autor da “virada” (*die Wende*), referência ao período entre a queda do muro de Berlim e a Reunificação alemã. Apesar disso, o escritor lembra que apenas três dos seus romances tomam esse período como cenário. Além de *Adam e Evelyn* (2013), analisado neste estudo, também *Vidas Novas* (2008) e *Histórias simples da Alemanha Oriental* (2002) trazem narrativas sobre a vida nessa espécie de limbo histórico vivido pelos habitantes da RDA em vias de ser extinta.

Vidas Novas (*Neue Leben*), publicado na Alemanha em 2005, mostra esse tempo de expectativa posterior à queda do muro pela perspectiva de um dramaturgo que se torna empresário ao tentar criar um jornal próprio, com a finalidade de documentar ao máximo a RDA nesse momento limítrofe entre o passado prestes a se dissolver e um futuro ainda indeterminado. Segundo Schulze, seu protagonista, Enrico Türmer, não vê a reunificação com bons olhos, pois isso atrapalha seu projeto de vida de chegar ao lado ocidental como um “escolhido”:

Segue-se o acerto de contas de Türmer com sua vida anterior, então ele é alguém que queria ficar na RDA, sofrendo e escrevendo, para um dia ir para o Ocidente como um escritor de sucesso e dissidente à *la Biermann*. Ele é contrário à RDA, mas para poder viver seu sonho, o de escritor dissidente, ele precisa do mundo dividido em leste-oeste. O que o distingue é sua intuição de que a improvável, inconcebível queda do muro faz seu sonho insubstancial. Ao invés de instalar-se no Ocidente como um

dissidente festejado, ele se arrasta junto a milhões de outros pela fronteira. (SCHULZE, 2010, pos. 523, tradução nossa)⁷³

Já *Histórias simples da Alemanha Oriental (Simple stories: Ein Roman aus der ostdeutschen Provinz)*, de 1998, traz um compilado de realidades diversas que se cruzam durante esse ano de incertezas que foi 1990. Enquanto algumas personagens tentam aproveitar as vantagens que a abertura ao capitalismo ocidental oferece, outras ainda se sentem inseguras com as liberdades recém-conquistadas e a possibilidade de que, de uma hora para outra, tudo volte a ser como antes.

Mas Schulze não concorda com o rótulo que recebeu; ele vê na Virada uma substância a ser modelada, não uma temática: “Essa ‘transformação’ não é o meu tema central, mas o material em que todas as velhas histórias de amor e morte tomam forma para mim” (SCHULZE, 2000, p. 96-97, tradução nossa)⁷⁴. Quando conta suas “treze histórias à maneira antiga” (subtítulo de seu livro de contos *Celular, Handy*, de 1999), a matéria sobre a qual trabalha são as novidades com as quais essas pessoas da antiga RDA tentam se habituar. “Eu escrevo sobre o tempo que conheço”⁷⁵, disse o autor em entrevista ao programa *Entrelinhas*, da *TV Cultura*, em 2008, quando esteve no Brasil para o lançamento da tradução do romance *Vidas Novas*. Mas esse tempo que Schulze conhece é muito intenso, cheio de mudanças marcantes das quais ele não consegue escapar.

Eu tento descrever essa troca de dependências, mas vindo da Alemanha oriental, você sempre se coloca em conexão com a Alemanha unificada. Você tem a possibilidade de comparar dois sistemas diferentes, e isso é, muitas vezes, uma vantagem, mas você nunca tem vantagens sem desvantagens, porque eu não conheço o Oeste como as pessoas que nasceram lá. (ENTRELINHAS, 2008)

⁷³ Do original: “*Folgt man Türmers Abrechnung mit seinem bisherigen Leben, dann ist er jemand, der in der DDR bleiben, leiden und schreiben wollte, um eines Tages als erfolgreicher Schriftsteller und Dissident à la Biermann in den Westen zu gehen. Er ist gegen die DDR, aber um seinen Traum, den des dissidenten Schriftstellers, leben zu können, braucht er die ostwestgeteilte Welt. Was Türmer auszeichnet, ist sein Gespür dafür, dass der unwahrscheinliche, unvorstellbare Mauerfall seinen Traum gegenstandslos macht. Statt als gefeierter Dissident in den Westen einzuziehen, lätscht er gemeinsam mit Millionen anderen über die Grenze.*”

⁷⁴ Do original: “*Diese „Transformation“ ist aber nicht mein zentrales Thema, sondern der Stoff, in dem all die alten Geschichten von Liebe und Tod für mich Gestalt gewinnen.*”

⁷⁵ Citações conforme as legendas do programa, em português; infelizmente a legendagem não foi creditada no vídeo.

Se ter nascido no lado oriental não lhe deu todas as experiências, ao menos lhe deu condições de, através da comparação entre o antes e o depois, compreender um pouco mais sobre o que move as pessoas nas duas condições: a de restrições do Leste e a de liberdade alcançada após a queda do Muro. E, para sua literatura, esse saber faz toda a diferença.

Schulze, assim como Kapitáňová, não era escritor na era socialista, embora tenha esboçado algumas histórias inspiradas no seu tempo de serviço militar. Formado em Filologia Clássica, na Universidade Friedrich Schiller de Jena, trabalhou como dramaturgo no Teatro Nacional, em Altenburg – cidade onde situou muitas de suas personagens. Entre 1990 e 1992, foi editor de dois jornais na mesma cidade. Em 1993 partiu para São Petersburgo, levando sua experiência de homem de negócios do ramo jornalístico. Durante essa sua curta estada de seis meses, começou a tomar nota do que via nas ruas – uma mistura de pessoas, estilos, crenças e condições financeiras variadas, desfilando lado a lado – e enviava por fax para uma amiga, que o estimulou a transformar essas anotações em histórias. De volta à Alemanha, continuou a escrever o que pouco depois seria publicado sob o título *33 Augenblicke des Glücks (33 Momentos de Felicidade)*, sua estreia como escritor, em 1995. Segundo Schulze, as críticas que recebeu por não ter uma voz autoral reconhecível o deixaram perplexo, pois, enquanto escrevia, percebeu que só havia conseguido desenvolver as histórias quando parou de procurar por uma voz própria e inspirou-se nos autores russos que lia:

Só consegui escrever quando parei de pensar em mim mesmo, quando parei de buscar minha voz autêntica e inconfundível, mas, com a ajuda sobretudo da literatura russa e soviética, reagi a uma situação. Em São Petersburgo, redescobri o que aconteceu com minha própria experiência: a mudança de um sistema social para outro. (SCHULZE, 2000, p. 92, tradução nossa)⁷⁶

Só assim percebeu que poderia escrever sobre essa experiência – e começou, então, a dar forma a um desejo surgido ainda na adolescência. Schulze não tinha completado quatorze anos quando Wolf Biermann foi expatriado, em 1976. Nunca antes havia ouvido o nome do compositor, mas ficou impressionado com a

⁷⁶ Do original: “Das Schreiben war mir erst gelungen, als ich nicht mehr an mein ICH gedacht hatte, als ich nicht mehr nach meiner authentischen unverwechselbaren Stimme gesucht hatte, sondern mit Hilfe vornehmlich russischer und sowjetischer Literatur auf eine Situation reagiert hatte. In St. Petersburg hatte ich wiedergefunden, was meine ureigenste Erfahrung traf: Der Wechsel von einem Gesellschaftssystem zu einem anderen.”

repercussão do caso em todos os lugares. E essa situação o inspirou: “[...] poemas podem abalar um Estado. Eu também queria escrever poemas assim” (SCHULZE, 2010, pos. 153, tradução nossa)⁷⁷. Contudo, depois de crescido, o menino não escreveu poemas, escreveu narrativas.

Desde que encontrou seu material de trabalho e a compreensão de que o necessário era buscar a forma apropriada para a situação, para as personagens e a história que gostaria de narrar, não uma voz própria sempre reconhecível, Schulze alcançou lugar de destaque na literatura de expressão alemã. Não parece ter receio de recriar, mais do que inventar: “Para quem procura o que é adequado, não há formas literárias desatualizadas. Existem apenas conexões inadequadas” (SCHULZE, 2000, p. 99, tradução nossa)⁷⁸. Essa fórmula parece funcionar muito bem para Schulze. Em *Vidas Novas*, seu livro de maior sucesso até hoje, recorre ao processo de recolha de cartas e diários para contar a história de Enrico Türmer; e inspirando-se também no ensaio de Franz Fühmann, “*Das mythische Element in der Literatur*” (O elemento mítico na literatura), publicado em 1975, retoma a ideia do mito (neste caso, o mito fáustico), para expressar em um único componente narrativo duas realidades da experiência humana, a externa e a interna, em simultâneo. Em *Adam e Evelyn*, volta ao elemento mitológico, mas cria uma estrutura bastante diferente, dando destaque às falas das personagens e deixando que a narrativa siga um pouco Evelyn, outro tanto Adam, para fazer surgir aquela área sombreada no desenvolvimento da trama.

Desde o início do século XXI, Schulze tem sido uma voz muito presente nas discussões literárias e sociopolíticas sobre a Alemanha, o que é reflexo do reconhecimento do seu trabalho, que articula o social e o individual, sem tentar dar lições ou moldar comportamentos. Para Schulze:

A literatura existe para que você não seja deixado sozinho com certas experiências, com experiências que não são dizíveis em uma conversa ou em uma discussão científica, que em sua universalidade e contemporaneidade apenas em uma história, um poema, um romance encontram expressão. Literatura não é feita para explicar alguma coisa, mas ela pode e deve ser usada para autocompreensão social. Porque a imagem que fazemos de nosso tempo, de nosso lugar, tem influência sobre o que queremos, o que

⁷⁷ Do original: “[...] *Gedichte können einen Staat ins Wanken bringen. Solche Gedichte wollte ich auch schreiben.*”

⁷⁸ Do original: “*Wer nach dem Angemessen sucht, für den gibt es keine veralteten literarischen Formen. Es gibt nur unangemessene Zusammenhänge.*”

fazemos. Nesse sentido, considero que a literatura mais eficaz é aquela que descreve o nosso mundo da forma mais diferenciada. (SCHULZE, 2010, pos. 715, tradução nossa)⁷⁹

Schulze continua buscando essas maneiras diferenciadas de escrever o mundo, na forma e na temática de suas obras. As duas mais recentes, ambas ainda sem tradução ao português: *Peter Holz – Sein glückliches Leben erzählt von ihm selbst* (*Peter Holz – Sua vida afortunada contada por ele mesmo*, em tradução livre), de 2017, e *Die rechtschaffenen Mörder* (*Os assassinos íntegros*, em tradução livre), de 2020, tratam de temas relacionados ao antes e depois da Reunificação Alemã, mas as personagens não estão presas no tempo de incerteza da virada. Peter Holz começa sua narrativa a partir dos seus 12 anos de idade, em julho de 1974, e termina em setembro de 1998, pesando sua sorte financeira ao longo dos anos. Em *Die rechtschaffenen Mörder*, uma personagem “escritor Schultze” lida com a própria matéria literária, tomando como ponto de partida uma história sobre um antigo livreiro de Dresden que, após as mudanças econômicas de 1989, passa a adotar discursos extremistas de direita.

⁷⁹ Do original: “Literatur ist dafür da, dass man mit bestimmten Erfahrungen nicht allein bleibt. mit Erfahrungen, die nicht im Gespräch oder einer wissenschaftlichen Erörterung sagbar sind, die in ihrer Universalität und Gleichzeitigkeit nur in einer Geschichte, einem Gedicht, einem Roman Ausdruck finden. Literatur ist nicht dafür gemacht, etwas zu erklären, aber sie darf und sollte für eine gesellschaftliche Selbstverständigung genutzt werden. Denn das Bild, das wir uns von unserer Zeit, von unserem Ort machen, hat Einfluss auf das, was wir wollen, was wir tun. In diesem Sinn halte ich diejenige Literatur für die wirksamste, die unsere Welt am differenziertesten beschreibt.”

3 SOBRE IDENTIDADES

A gênese do novo sujeito da era Moderna, proposta por Locke, é temporalmente significativa e carregada de recordação; a constituição do eu é a resultante de um ato produtivo e contínuo de aquisição de experiências passadas e possibilidades futuras.

A função da ponte que Locke atribui à memória não ficou sem contestação. Para Hume, ela nada mais é do que uma mistificação inadmissível. [...] Indivíduos, e nisso ele concorda com Locke, não são tipos ou caracteres fixos, mas sim entes no tempo. Eles são entes demasiadamente variáveis e descontínuos, aos quais não se aplica qualquer fórmula metafísica de unidade, tal como “identidade”. Onde Locke fala de “identidades”, Hume fala de “ficções” que mascaram a variabilidade dos estados.

ASSMANN, 2011, p. 109

É possível haver identidades individuais, sendo o indivíduo este ser demasiadamente variável e descontínuo? E identidades coletivas são constructos possíveis, já que as coletividades são agrupamentos de indivíduos diferentes de si mesmos e uns dos outros? Obviamente, essas são questões que já foram levantadas por muitos estudiosos nas diversas vertentes das Humanidades e não seria possível retomar aqui, senão por resumida e incompleta releitura, tudo que já foi discutido, definido e redefinido – ou indefinido – sobre o assunto. No entanto, seguindo ainda as discussões sobre memória individual e coletiva (ASSMANN, 2011; RICOEUR, 2007), nas visões dos diferentes grupos sociais com diferentes entendimentos sobre o que é ou não digno de nota para fazer parte das histórias possíveis de espaços habitados, entraremos aqui em outra fase do debate sobre identidades, tentando conduzir o pensamento ao encontro da temática desta tese: as identidades nos territórios que não existem mais dentro dos exemplos literários selecionados.

3.1 Ver os outros – ver além de si para ver-se

Para explorar as formas de presença das personagens nesse espaço-tempo em que as identidades coletivas são mais visivelmente questionadas, assim como as identificações individuais sofrem pressões variadas que as põem à prova, nossa análise estará acompanhada do pensamento teórico elaborado por Eric

Landowski em *Presenças do outro* (2012). Nesse livro, o autor desenvolve, da perspectiva de uma semiótica da presença, algumas categorias a partir das quais seja possível pensar as relações entre os sujeitos no mundo, seja nos contatos de um “si mesmo” com um “outro” indivíduo, ou de um “Nós” com “os Outros”, ambos coletivos, dentro de um mesmo espaço ou em espaços distintos em um mesmo período de tempo. No primeiro momento, discutindo os fenômenos “alteridades” e “identidades”, Landowski descreve, a partir dos “caminhos segundo os quais o Nós constrói seu mundo em torno dele” (LANDOWSKI, 2012, p. 5), quatro modos, ou estratégias, de lidar com a presença do outro em seu território: *assimilação*, *exclusão*, *admissão* e *segregação*. E a cada uma dessas estratégias corresponde um princípio de organização a partir do qual se estruturam os discursos sobre o outro: *conjunção* (inclusão), *disjunção*, *não-disjunção* (agregação) e *não-conjunção*. Em um segundo momento, olhando para as formas como o *Outro* se articula diante de um *Nós de referência*, o autor propõe uma dinâmica identitária para os *estilos de vida*, baseada em uma divisão *zoossociosemiótica*, que se sobrepõe a um sistema de posições e de percursos:

Todo meio produz efetivamente seu próprio tipo ideal de homem “realizado”, imagem aceita em relação à qual cada indivíduo, membro atual ou potencial do grupo, pode ser classificado ao mesmo tempo posicionalmente, conforme a distância maior ou menor que parece separá-lo do modelo de referência, mas também, e sobretudo, tendencialmente, levando-se em conta a orientação dos comportamentos, propositais ou não, que ele adota em situação e que têm a todo instante por efeito seja aproximá-lo, seja afastá-lo mais ainda do tipo “ideal” localmente recebido. (LANDOWSKI, 2012, p. 39)

Assim, no centro, posição do Nós de referência, também chamado Senhor Todo Mundo, está o *gentleman*, que serve de modelo a ser seguido ou evitado, de acordo com as aspirações do Outro. Em uma linha de “ascensão”, vê-se “abaixo” o *esnobe* traçando sua trajetória sempre olhando “para cima”, em direção ao *gentleman*, tentando imitá-lo, ou seja, tentando “ser como todo mundo”; e “acima”, em trajetória que visa afastar-se do centro, ou “não ser como todo mundo”, está o *dândi*. Já, no mesmo plano do Nós de referência, porém com trajetórias de aproximação ou de afastamento, estão, respectivamente: o *camaleão*, que age superficialmente como todo mundo, mas mantém sua essência sob a pele mutante,

e o *urso*, que encarna a figura do solitário, cuja intenção parece ser sempre afastar-se do referencial.

Além dessas categorias, no terceiro capítulo o autor descreve ainda comportamentos dos viajantes, os quais demonstram as possibilidades de interação dos indivíduos ou das coletividades com os espaços nos quais circulam, e com os Outros nos espaços habitados pelos Outros. Suas estratégias são as mesmas que marcam os estilos dos indivíduos nos locais que habitam de forma permanente, embora não necessariamente correspondam ao comportamento desses mesmos indivíduos quando se deslocam para ambientes habitados por Outros. O *Viajante disponível* (também chamado *esteta*), onde quer que esteja, busca a conjunção com os habitantes do espaço visitado, “como se nunca fosse voltar” (LANDOWSKI, 2012, p. 86), por meio da estratégia de assimilação, da mesma forma que o esnobe faria em seu local de origem. O *Passageiro programado* (ou *turista*), assim como o dândi, apela à estratégia de exclusão de uma convivência mais estreita, deixando marcada sua ausência no lugar mesmo antes de ir embora. Já o *Viajante curioso* (ou *etnógrafo*), “para recolher conhecimento, tem antes de mais nada necessidade de se fazer *admitir* no espaço-tempo onde transita” (LANDOWSKI, 2012, p. 86, grifo do autor), e adota o estilo do camaleão, aproximando-se do Outro na aparência, mas sem deixar de ser quem é (não de todo). E, por fim, há o *Passageiro responsável* (também reconhecido como *homem de negócios*), que marca sua não-presença por uma estratégia de segregação, deixando sua natureza à mostra, como acontece com o urso. Assim, é possível utilizar neste estudo também as categorias de viajantes propostas por Landowski para observar as identidades concebíveis, tanto individuais quanto as coletivas, e ainda a presença das personagens dos romances e seus comportamentos nos espaços geográficos dos territórios que habitam, temporária ou permanentemente.

3.1.1 Viajantes

Evelyn é uma jovem de vinte e um anos, frustrada por trabalhar como aprendiz de garçoneiro e por não ter podido estudar o que queria: “Só tinha vaga para o curso de pedagogia. Não me aceitaram no curso de história da arte. Eu

também gostaria de ter cursado germanística ou alguma coisa na área de francês” (SCHULZE, 2013, p. 296). E nem ao menos tem tempo para participar de uma visita guiada ao museu. Mesmo assim, a viagem que pretendia fazer com Adam era apenas de férias, e não era seu objetivo partir de vez para o Ocidente (embora ela vá dizer no escritório da imigração, em Munique, que sempre teve esse desejo). No entanto, a situação muda: por uma briga no trabalho, ela pede demissão e, chegando em casa mais cedo, descobre a traição de Adam. Diante dessa circunstância, ela resolve viajar imediatamente, acompanhada de sua amiga Simone – esta, sim, decidida a realizar uma manobra não de todo incomum para poder sair da RDA: casar-se com seu primo ocidental, Michael, que tinha vindo buscá-la. Os três partem no carro de Michael, e Adam os segue no seu próprio carro, levando junto a tartaruga, Elfriede.

Adam tampouco tinha intenção de deixar a RDA. Antes de Evelyn sair para o trabalho naquele sábado, havia pedido a ela para esperar mais uma semana, enquanto aguardava a chegada dos documentos do carro novo. Mas, devido aos eventos daquela tarde e à decisão repentina de Evelyn de partir, resolve viajar também, na esperança de se desculpar e retornar para casa com ela. Porém, Adam é um homem metódico e, antes de partir em viagem, ocupa-se dos detalhes: arruma a casa, abastece o carro e galões de combustível reserva, cuida do jardim. Após esses preparos iniciais,

Precisava ainda esvaziar a lata do lixo, verificar as janelas, inclusive no porão, e certificar-se de ter deixado abertas as portas de todos os cômodos; tinha de desligar as tomadas, enxugar a água na geladeira, fazer as malas e encontrar uma caixa de papelão para a tartaruga. Como recompensa, iria se barbear e tomar um banho. (SCHULZE, 2013, p. 40)

Escreve ainda alguns cartões-postais avisando a suas clientes sobre suas férias. Na manhã seguinte, acorda cedo e sai preparado de casa, levando as joias e o chapéu de palha de Evelyn, também leva sua câmera fotográfica e café: “Não se lembrava de quando bebera café da garrafa térmica pela última vez. Ainda assim, não havia odor que considerasse mais seu do que aquele, que significava férias, folia, felicidade” (SCHULZE, 2013, p. 44). Para Adam, aquela seria uma viagem de férias comum, uns dias fora da cidade (do país), na casa de amigos, e depois retornaria, se tudo corresse bem, trazendo Evelyn consigo.

Sua vida na RDA era tranquila e confortável, o que, em alguns momentos, vai despertar desconfiança em outras personagens ao longo da narrativa. Adam – ou Lutz Frenzel, seu nome de registro, como Evelyn informa mais tarde – é um homem de 32 anos, que trabalha como alfaiate de roupas para senhoras e mora em uma casa da década de 1930 herdada do pai, com um belo jardim, atelier próprio no sótão e câmara escura no porão. Dirige um Wartburg 311 vermelho e branco (de 1961, mas em quase perfeitas condições de uso), carro que era para poucos cidadãos da RDA, devido a seu custo elevado de três vezes o valor do popular Trabant, e com um porta-malas espaçoso, que vai permitir a Adam atravessar a fronteira entre Tchecoslováquia e Hungria com sua nova amiga, Katja, dentro dele. Adam serviu o Exército Popular por “dezoito meses, e nem um dia a mais” e “nunca votou numa eleição” (SCHULZE, 2013, p. 297; p. 298). Nas palavras de Evelyn, ele tinha uma vida cômoda: “Se dependesse dele, as coisas podiam continuar do jeito que estavam até a aposentadoria. No verão, três semanas no mar Báltico ou na Bulgária. O resto do tempo, ficava sentado, costurando, desenhando e fotografando” (SCHULZE, 2013, p. 299).

Na divisão proposta por Landowski sobre os estilos de vida, tenderíamos a classificar Adam como o típico *gentleman*, ou o Sr. Todo Mundo. Ele é tão adequado ao seu espaço-tempo (RDA, antes da queda do muro) que, em alguns momentos, outras personagens chegam a pensar que ele pode ser um espião da Stasi. Por exemplo, ele passa tranquilamente pela fronteira, enquanto Michael é detido por horas; tem um nome que não é revelado de primeira, pois todos o conhecem por Adam na RDA e é assim que ele se apresenta fora de lá, aos novos conhecidos; entre outros detalhes da trama que geram desconfiança nas demais personagens. Pode-se dizer que ele

[...] sabe oferecer a todo o instante as marcas de uma perfeita adesão às normas do grupo ao qual pertence. Melhor: nesse quadro, ele manifesta um tal à-vontade que quase poderíamos nos perguntar se, mais do que curvar-se aos usos, não é ele, na realidade, que os inventa [...] (LANDOWSKI, 2012, p. 37).

Se Adam, à primeira vista, pode parecer a representação do Sr. Todo Mundo da RDA – e em muitos aspectos manterá essa impressão ao longo da narrativa –, ao olharmos com mais atenção para sua condição de vida e para alguns

comportamentos descritos por Evelyn, não poderemos enquadrá-lo por completo na descrição da *sozialistische Persönlichkeit*:

Personalidade socialista, em alemão. Na Alemanha oriental e no resto do bloco soviético, um conjunto prescrito de atitudes e comportamentos que certificavam você como politicamente correto. Em teoria, a personalidade socialista era um repositório de retidão moral e “consciência de classe”. Na prática, era a incorporação daquela criatura resignada, o *Homo Sovieticus*, e efetivamente significava não ter um rosto, um nome, ou um destino, a menos que fosse o certo. (KASSABOVA, 2017, p. 87, tradução nossa)⁸⁰

Apesar de Adam ser visto como um Sr. Todo Mundo – e ele mesmo parece sentir-se à vontade nessa posição – suas atividades criativas (fotografia, moda, jardinagem) nos remetem a uma simulação de *gentleman*, pois constituem desvios à personalidade socialista. As marcas de sua vida confortável são também resquícios do passado burguês que sobreviveram à era comunista. A casa herdada do pai, que, apesar de espaçosa, emite ruídos a cada passo devido à estrutura velha; além disso, quando a compara ao prédio onde Simone mora, Adam considera sua moradia um casebre. O Wartburg, que até nome tem, também herdado do pai, mesmo tendo sido produzido já no período socialista, não era o modelo popular mais barato; e quando Adam pretendia trocar de carro (por um Lada, não por um Trabant), tencionava construir uma segunda garagem para manter sua relíquia familiar. A câmara escura, no porão, era um passatempo caro. O atelier, no sótão, servia para realizar um trabalho dedicado à beleza estética e à imagem pessoal das clientes bem posicionadas, enquanto a moda socialista deveria seguir um padrão sóbrio, sem grandes requintes e, principalmente, sem exaltar a individualidade. O próprio fato de trabalhar por prazer, em uma atividade da qual gosta e para a qual demonstra talento, enquanto outros (Evelyn, inclusive) não podem seguir as carreiras que desejam, pode ser visto como uma marca de subsistência da vida burguesa.

Mas é a facilidade com que Adam se move nesse espaço-tempo da RDA, e também fora dela (cruzando as fronteiras), que alimenta a desconfiança de seus companheiros de viagem. Seria ele um camaleão que, a qualquer momento,

⁸⁰ Do original: “*Socialist personality, in German. In East Germany and the rest of the Soviet bloc, a prescribed set of attitudes and behaviours that confirmed you as politically correct. In theory, the socialist personality was a repository of moral rectitude and ‘class consciousness’. In practice, it was an embodiment of that long-suffering creature Homo sovieticus, and effectively meant not having a face, a name, or a destiny, unless it was the right one.*”

revelaria uma outra essência, desconforme com a situação, escondida por tanto tempo entre as cores do seu jardim do Éden que já ninguém percebia? Afinal, segundo Evelyn, “Adam só ria da RDA, já nem levava a Alemanha Oriental a sério” (SCHULZE, 2013, p. 299). Também poderíamos pensar nele como um dândi, que, tendo perfeitas condições de ser “como todo mundo”, prefere distanciar-se, “[...] alçar-se acima do lote comum, inclusive ou em primeiro lugar acima do ‘*beau monde*’, essas pessoas ‘bem’ que se vigiam umas às outras precisamente para estarem seguras de que cada um fique em seu lugar [...]” (LANDOWSKI, 2012, p. 40) – não haveria descrição melhor para uma população preocupada em seguir normas estritas de um regime totalitário do que este “*beau monde*”. O fato de ser visto por seus Outros como perfeitamente ajustado a um modelo de cidadão da RDA o torna suspeito de ser mais do que isso. Mas, especular se Adam é ou não agente da Stasi seria mais ou menos – traçando um paralelo com a famosa incógnita da literatura brasileira – questionar se Capitu traiu Bentinho. Ao lado das personagens que desconfiam de Adam, podemos tomar como evidências alguns fatos narrados, como ele viver tão livremente na RDA, ter contrabandeado Katja no porta-malas, ter atravessado todas as fronteiras sem problemas. Por outro lado, se ele realmente fosse um agente, teria mentido (antes, ao frentista e, depois, às duas policiais na primeira fronteira), e mentiras diferentes, sobre seu destino? Teria ajudado Katja? De qualquer modo, tenha ele sido ou não um espião, ao fim da viagem isso não vai importar mais. Assim como todas as dificuldades que as personagens passaram até ali, em suas vidas no Leste ou durante o trajeto para o Ocidente, e todas as perguntas e formulários preenchidos na embaixada e na imigração, a resposta a esse questionamento não fará mais a menor diferença.

Durante a viagem, os Nós de referência locais não perturbam seu ânimo, uma vez que, ao lado do comportamento de turista, sempre pronto para retornar para casa, Adam equilibra um tipo de fraternidade oriental, um certo à vontade de quem, fora de casa, ainda perambula pela extensão de seu território. Ele age com segurança ao cruzar as fronteiras, fala algumas palavras básicas nos idiomas locais, oferece carona a mulheres desconhecidas, toma sorvete e compra souvenirs, comunica-se com outros motoristas por acenos e buzinas, tira fotos do grupo nos passeios e até mesmo trabalha durante as férias. Nada incomoda seu espírito viajante, a não ser Michael, ainda que se tratem com cordialidade recíproca. Para

Adam, o alemão ocidental (mais próximo, já que também alemão) é o “estrangeiro” mais incômodo, pois, por identificar nele uma relação direta de rivalidade, este o desacomoda em seu próprio espaço e, mais que isso, está ligado à sua saída do lugar, à sua necessidade de pôr-se em movimento.

Já nos espaços transitórios por excelência, os campings, embora Adam insista em afirmar sua posição de turista, os demais o veem como parte do grupo de referência local, como se ele também estivesse aguardando a oportunidade de seguir para o outro lado. É curiosa essa posição de Adam, pois mostra que um único estilo pode ter significados diferentes quando um indivíduo olha para si próprio e quando ele é olhado pelos seus Outros, só porque as expectativas de ambos diferem, ainda que o aqui-agora seja o mesmo. O regime de Adam é de ausência – “[...] o Passageiro programado (o turista-dândi) sabe, a cada instante, que de certo modo não está mais ali e, por isso, nunca deixa de estar já em vias de ir embora” (LANDOWSKI, 2012, p. 86) –, assim como é o dos demais acampados. Todos estão ali prontos para partir, porém, enquanto Adam pretende voltar para a RDA e afirma estar apenas de férias porque acredita de fato nisso, os acampados que pretendem sair dali com destino ao Ocidente – a maioria, portanto, o Nós de referência local – acreditam que ele age “como todo mundo” e que essa história de férias é somente um disfarce:

“Você deixou a mocinha esperando um bocado. Onde esteve esse tempo todo?” Diante dele, estava um homem de uns trinta e cinco anos, com um boné vermelho e branco já desbotado. “Pode comer sossegado. Não te deixaram passar para o outro lado?”

[...] “Tinha ainda umas coisas para fazer”, respondeu engolindo a comida. [...]

“E o que vocês vão fazer agora?”

“Vamos ver. Bom, estamos de férias.”

O homem diante dele deu um sorrisinho. (SCHULZE, 2013, p. 87)

Adam apega-se à ideia de “estar em férias” e segue dessa maneira até ouvir de Evelyn que ela deseja cruzar a fronteira e ir para a Alemanha Ocidental. Ao partir da Hungria, ele não é mais um turista, passa a ser um viajante apressado, o passageiro responsável que assume o compromisso de levar Evelyn até seu destino e depois voltar para casa, sozinho. A passagem pela Áustria mal é notada, pois é importante seguir em frente enquanto o carro aguentar, sem paradas em terrenos baixos – nas descidas é possível fazer o carro andar de novo, nas subidas não. Em Rosenheim, já na RFA, ainda tenta agir como o homem de negócios com

compromisso a cumprir; inclusive, vende o carro para poderem seguir viagem de trem. Conforme o tempo passa e Adam percebe que sua estadia já deixou de ser temporária e que sua permanência no Ocidente será desconfortável para si, todo o prazer pela viagem se desfaz. Ficar permanentemente em um lugar onde é estrangeiro, o total oposto de como era visto antes, torna seu percurso opaco, apaga os rastros do caminho de chegada.

A mentalidade de Adam, depois de tantos anos vivendo em conformidade com o regime vigente na RDA, está tão afetada pelo discurso socialista, ateu, que ele não consegue compreender essa outra forma de viver – depois da leitura da Bíblia, incomoda-se especialmente com a crença “[...] na eternidade, no pecado, no inferno e em toda essa baboseira” (SCHULZE, 2013, p. 365) e chega a chamar o comportamento capitalista de pecado original (SCHULZE, 2013, p. 348). Não entendendo essa nova realidade, não se integra; e não pode ignorá-la, pois passa a vivenciá-la a contragosto. A assimilação não é, para ele, uma opção no Ocidente. Ele, que aparentemente era um Sr. Todo Mundo do outro lado da fronteira, tendo viajado como um turista (passageiro programado) – mas escondendo sob essa pele o viajante disponível, que transporta “seu próprio *modo de presença* no mundo” (LANDOWSKI, 2012, p. 70, grifo do autor) –, quando chega ao lado ocidental, se vê perdido: não apenas se vê fora do conjunto, como também não tem vontade de fazer parte dele. Como se, deixando a linha de estratégia de exclusão, do dândi que foi em viagem, pulasse para o estilo do urso, segregado no novo aqui-agora, tentando distanciar-se daquele lugar central a que poderia almejar caso deixasse para trás sua “essência” de cidadão do bloco oriental.

Tomando ainda como espaço-tempo de referência a RDA de antes da partida, podemos aproximar Evelyn ao estilo camaleão, pois age “como todo mundo” apenas para evitar problemas, sem perder sua essência, que é a de insatisfação com a estrutura da sociedade na qual vive. Ela não quer ser “como todo mundo” e sim aceita essa roupagem que lhe é oferecida. Não podendo cursar história da arte, como gostaria, conforma-se com o curso de pedagogia; no entanto, mantém, sob essa concordância temporária com a condição permitida, sua natureza própria, que a diferencia e afasta do Nós de referência.

Durante a viagem, Evelyn oscila entre a conjunção do viajante disponível e a não-disjunção do viajante curioso. No caminho, com os amigos, age de forma

diferente da que Adam acusa ser seu comportamento habitual: usa as roupas de Simone, fuma, exagera um vício de linguagem que ele sempre critica – “Não posso dizer ‘sei lá’ na frente dele, mas é isso mesmo” (SCHULZE, 2013, p. 342). Na casa dos Angyal, buscando manter as aparências para não aborrecer os anfitriões, foge no meio da noite para o quarto de Michael, com o mínimo de barulho possível, evitando ser notada também por Adam, que dorme acampado no jardim. Mesmo assumindo a viagem como apenas um período de férias da sua costumeira identidade no espaço-tempo da RDA, ou mais que isso, como possível ponto de passagem entre seu lugar de partida e um novo destino, não se deixa ficar totalmente *ausente* no espaço habitado pelos Outros, tenta *estar* em harmonia *enquanto* co-habita este aqui-agora transitório.

Após a viagem e o deslocamento, que se dá tanto no espaço quanto em sua vontade de mudança, passa a ocupar uma posição mais marcada do estilo esnobe, que prefere afastar-se de um Nós de referência (cidadã alemã oriental) para aproximar-se de outro (cidadã ocidental), o qual lhe dará a sonhada liberdade, mas cobrando um alto preço: o esforço de despir-se de sua identidade anterior e buscar, por todos os meios, adequar-se. A favor da construção dessa nova identidade, conta com sua capacidade de adaptação ao meio pela assimilação de comportamentos e com uma fervorosa esperança em tempos melhores. Contra, tem o convívio diário com o desânimo de Adam e sua progressiva decadência.

Katja, por sua vez, já tentava se descolar do primeiro Nós de referência, não aceitando permanecer naquele espaço geográfico em que o Sr. Todo Mundo se mostrava como uma figura opressora (difícil aqui chamá-lo de *gentleman*), mesmo que, por vezes, involuntariamente. Como só tomamos conhecimento de sua vida durante a viagem e não temos informações pregressas suficientes, não é possível avaliar qual estratégia e qual estilo seriam os seus até então: usaria, como Evelyn, a camuflagem do camaleão? Teria tentado, em uma estratégia de autosegregação, manter visível sua diferença, que poderia parecer incômoda ao Sr. Todo Mundo, e agido como um urso? Ou talvez tivesse tentado, como uma esnobe, alcançar a posição ideal, para fazer parte do Nós de referência, e, frustrada por não conseguir atingir tal objetivo, ocorreu-lhe que a partida para o ocidente seria a melhor opção? Especulações vagas (e que não nos levariam a lugar algum). No entanto, durante a viagem, podemos identificar seu estilo como mais próximo ao do viajante

disponível, embora essa *presença* no lugar de passagem não esteja trabalhando com uma estratégia de assimilação. Nos acampamentos – local onde o Nós de referência é justamente aquele que *está de passagem* – ela faz parte da massa que tenta cruzar a fronteira para o Ocidente, ou seja, ela é “como todo mundo”. Katja está disponível para que o tempo corra da melhor forma, ocupando-se do presente *enquanto* espera o fim de sua estada nesse aqui-agora sabidamente transitório, porém sem nenhum desejo de retornar ao ponto de partida, somente de seguir adiante.

Na chegada no lado ocidental, Katja tenta incluir-se, tendo certo êxito em sua estratégia, que busca a conjunção. Estar na RFA é a realização de um sonho. E como ela tem ajuda da família que mora lá, além de não conviver de perto com Adam e sua síndrome de migração, sua adaptação ao local é mais facilitada do que a de Evelyn. Esta, por sua vez, parece enxergar em Katja seu modelo de referência mais alcançável – uma alemã oriental assimilada, não uma ocidental.

Michael é o estrangeiro mais Outro dentro do espaço-tempo habitado pelos cidadãos socialistas – sejam eles Sr. Todo Mundo, camaleões, esnobes, ursos ou dândis. Nesse aqui-agora com prazo definido, ele não age como turista, mas sim como um passageiro responsável, um homem de negócios que, mesmo estando em férias, veio ao Leste com uma missão a cumprir: levar uma alemã oriental para o outro lado. A princípio, o plano é levar Simone consigo; por algum tempo, há expectativa de que seja Evelyn quem o acompanhará; por fim, quem viaja ao seu lado para Hamburgo é Katja. Durante sua estada, não há como assimilar-se como habitante local ou ser admitido como parte do grupo; e ele também não deseja isso. Deixa sempre bem marcada a diferença que carrega como sua identidade ocidental e o desejo de voltar para casa assim que possível: “Não, o Leste nunca me interessou. Vinte anos atrás, já era atrasado.’ [...] ‘O progresso mora no Ocidente” (SCHULZE, 2013, p. 208).

3.1.2 Quase “como todo mundo”

Samko Tále almeja ser um Senhor Todo Mundo, mas não o é; ele está preso na esfera do *esnobe*, aquele que se esforça por ser “como todo mundo”, porém não

chega a ser, porque lhe faltam qualificações para tanto. A descrição que faz de si mesmo, logo no início da narrativa, já mostra seu posicionamento e estilo de vida:

O fato é: eu odeio quando as pessoas me chamam de garoto porque eu não sou um garoto, eu tenho quase quarenta e quatro anos e as pessoas me respeitam porque eu trabalho duro, mesmo que eu não precise trabalhar porque eu tenho uma pensão por incapacidade devido aos meus rins, e eu tenho uma outra doença também que tem um nome peculiar, mas esta doença não tem nada a ver com minha pensão por incapacidade, eu apenas a tenho. Minha pensão por incapacidade aumentou bastante porque as pessoas me respeitam. (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 273, tradução nossa)⁸¹

Samko nasceu e cresceu em uma cidade pequena e cheia de preconceitos, frequentou escola com currículo organizado como parte do projeto socialista alinhado ao governo soviético do período da Guerra Fria e foi educado pelas regras do Partido dentro da família (o avô) e fora dela (seu amigo, Karol Gunár). Não fosse pelo nacionalismo exacerbado, ensinado pelo pai, e por suas limitações cognitivas, Samko seria um produto bem-acabado do sistema comunista, cujas engrenagens eram postas em funcionamento desde muito cedo:

[...] depois de 1948 os regimes passaram a criar um novo sistema de escolas e organizações de massa controladas pelo Estado que abarcaria os cidadãos desde o momento do nascimento. Uma vez integrados a esse sistema totalitário, os cidadãos dos Estados comunistas, supunha-se, jamais quereriam, nem poderiam, abandoná-lo. (APPLEBAUM, 2016, p. 392)

Além da escola, Samko participava desse sistema também como Jovem Pioneiro. Usar o lenço vermelho, ainda que desbotado – “Mas o pior problema era que meu lenço de Jovem Pioneiro não era realmente vermelho. Era um tipo de laranja” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 312, tradução nossa)⁸² –, em uma cerimônia e ser escolhido para recitar o Juramento diante da turma eram motivos de orgulho e certa comoção, além de lhe garantir uma condição de pertencimento a um grupo; e mais que isso, ao grupo certo:

O fato é que, mesmo eu não tendo crescido como qualquer outro no mundo, fui eu que eles escolheram para recitar o Juramento do

⁸¹ Do original: “*The thing is I hate it when people call me Boy, because I’m not a boy, I’m nearly forty-four years old and people respect me because I’m hard-working, even though I don’t need to work because I have a disability pension due to my kidneys, and I have another illness as well that has a proper name, but that illness has nothing to do with my disability pension, I just have it. My disability pension has gone up quite a lot because people respect me.*”

⁸² Do original: “*But the worst problem was that my Young Pioneer’s scarf wasn’t really red. It was a sort of orange.*”

Jovem Pioneiro para toda a turma, porque eu era normal exatamente como qualquer outro e ainda sou, porque eu não sou retardado e ia para uma escola normal, não uma escola especial para retardados, porque eu não sou retardado. Foi por isso que fui escolhido para recitar o Juramento do Jovem Pioneiro.

O Juramento do Jovem Pioneiro é lindo. (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 310, tradução nossa)⁸³

Samko insiste na fórmula “não sou retardado” (“*I’m no retard*”, repetida treze vezes) para comprovar que é “como todo mundo” da coletividade em que vive. Em outros momentos, usará a afirmação “eu tenho Q.I.” (“*I’ve got I.Q.*”, que ele repete ao menos sete vezes), além de se manifestar constantemente com opinião concordante à família e à população de Komárno: se todos riem, ele ri também; se todos ficam consternados, ele também fica; se todos amam ou odeiam algo, ele também. Porém, suas limitações cognitivas o fazem ter um entendimento estreito e único de diversas situações. Ele não percebe ironias, não entende o conteúdo de algumas piadas, mas ri de coisas absolutamente banais ou apenas para acompanhar a maioria – uma multidão de Sr. Todo Mundo. Quando conta uma piada, ele “explica” o sentido e a graça, contudo, às vezes sua explicação nada mais é do que a repetição dos elementos em outra ordem. E é assim, com esse ponto de vista mais limitado do que seria o de qualquer outra pessoa tida como “normal” dentro do ambiente no qual circula, que ele põe em curso sua narrativa. Com sua narração, percebemos dois lados da história: o que ele conta, com toda a carga pré-concebida de ditos e pensamentos “populares” para as pessoas com as quais ele concorda, deixando escapar aos poucos, entre idas e vindas, uma versão mais detalhada ou um pouco diversa dos fatos; e o que ele *não percebe que conta* para o leitor (ou o que lhe escapa ao entendimento) através dos seus comentários laterais, reações emotivas ou mesmo por sutis mudanças de ritmo na narrativa.

O pai, Emil Tále (mesmo nome do avô de Samko que, por sua vez, tem o mesmo nome do tio, Samuel Tále – mais uma marca indelével de pertencimento a um clã), além do nacionalismo transmitido ao filho, tinha uma lista grande de

⁸³ Do original: “*The thing is, even though I haven’t grown like everyone else in the world, it was me they picked to recite the Young Pioneer’s Oath for the whole class, because I was normal just like everyone else and I still am, because I’m no retard and I went to a normal school, not a Special School for retards, because I’m no retard. That’s why I was chosen to recite the Young Pioneer’s Oath. / The Young Pioneer’s Oath is beautiful.*”

“desafetos” que nos aponta outras peculiaridades de seu caráter (xenofóbico, antissemita, anticomunista, machista, fascista):

Meu Papai não gostava de tchecos ou húngaros ou russos ou judeus ou comunistas ou ciganos ou Spartakiads, ou Jovens Pioneiros, ou da União da Juventude Socialista, ou da União de Apoiadores do Exército, ou do Movimento Sindical Revolucionário, ou da Associação Cultural Húngara-Tchecoslovaca, ou do Levante Nacional Eslovaco, ou do Levante de Praga, ou da Liga das Mulheres, ou do Fevereiro Vitorioso, ou da Grande Revolução Socialista de Outubro, ou da União da Amizade Tchecoslovaca-Soviética, ou do Dia Internacional das Mulheres, ou do Dia da Libertação, e ele também não gostava de pessoas que chamavam o assim chamado Estado Eslovaco do tempo da guerra de assim chamado. Querendo dizer que não era realmente independente, apenas assim chamado. Meu Papai costumava dizer que os comunistas é que eram assim chamados. E, além disso, ele também costumava ouvir a Rádio Europa Livre, e naquele tempo que era realmente estritamente proibido. (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 626, tradução nossa)⁸⁴

Nem tudo o que o pai fazia agradava a Samko: “Mas o que eu odeio é quando as pessoas contam piadas sobre os comunistas. Ninguém costumava contar mais piadas sobre os comunistas do que meu Papai” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 1244, tradução nossa)⁸⁵. Já os preconceitos do pai e do avô com outros povos, sobretudo húngaros e ciganos, ele os toma por dogmas: “[...] porque ninguém no mundo gosta dos húngaros, porque eles são húngaros” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 976, tradução nossa)⁸⁶ e “Porque ninguém quer ser todo igual aos ciganos [...]” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 2087, tradução nossa)⁸⁷. A questão da marcação da diferença entre os povos será discutida em mais detalhes na próxima seção.

Através dos comentários de Samko, é possível conhecermos também um pouco mais das outras personagens, não apenas aquilo que ele tencionaria contar. Sua irmã Ivana, de quem ele não gosta por ser e pensar diferente, e querer deixar

⁸⁴ Do original: “My Dad didn’t like Czechs or Hungarians or Russians or Jews or Communists or Gypsies or Spartakiads, or Young Pioneers, or the Socialist Youth Union, or the Union of Army Supporters, or the Revolutionary Trade Union Movement, or the Czechoslovak Hungarian Cultural Association, or the Slovak National Uprising, or the Prague Uprising, or the Women’s Union, or Victorious February, or The Great October Socialist Revolution, or the Union of Czechoslovak-Soviet Friendship, or International Women’s Day, or Liberation Day, and he also didn’t like people calling the wartime so-called Slovak State so-called. Meaning it wasn’t really independent, only so-called. My Dad always used to say that it was the Communists that were so-called. And besides he also used to listen to Radio Free Europe, and back then that was really strictly forbidden.”

⁸⁵ Do original: “But what I hate is when people tell jokes about the Communists. Nobody used to tell more jokes about the Communists than my Dad.”

⁸⁶ Do original: “[...] because nobody in the world likes the Hungarians, because they are Hungarian.”

⁸⁷ Do original: “Because nobody wants to be all equal with Gypsies [...].”

essa diferença sempre o mais aparente possível, faz parte daqueles que não querem ser “como todo mundo”, pelo menos não como todo mundo da família: “Ivana é uma eslovaca muito ruim e ela é um embaraço para a família. Ela é um embaraço para mim, também” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 1010, tradução nossa)⁸⁸. Apenas um ano mais velha, Ivana incorpora um antagonismo direto a Samko, e tudo nela o incomoda, desde suas vestimentas e sua profissão (pianista) até as ligações que ela faz todos os dias nos últimos dezoito anos para perguntar se ele precisa de alguma coisa. Ele não suporta que ela o mande tomar banho quando vem visitá-lo, não gosta dos presentes que ela traz de suas turnês e acha muito estranho que ela não goste dos comentários preconceituosos dele.

Podemos ver Ivana como o dândi que se afasta do Sr. Todo Mundo para assumir o seu ar de “à vontade” diante das diferenças e novidades que encontra. Ela e o marido, Filip Žebrák, ambos músicos, se distanciaram daquele ambiente sem liberdade, mudaram para Bratislava, aparecem na televisão com frequência, continuam estudando sempre (algo que, para Samko, é incompreensível). Ivana não tem o nome padronizado de acordo com a regra da língua eslovaca de adicionar o sufixo “-ová” ao final do sobrenome do pai ou do marido – ela nem mesmo usa o sobrenome de Žebrák, como as suas filhas usam, apenas o sobrenome de solteira sem a terminação, “[...] como se ela fosse um tipo de homem chamado Ivana Tále” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 3035, tradução nossa)⁸⁹. E o pior de tudo: “Nossa Independência jamais faria Ivana chorar porque ela não tem sentimento. E ela também não apoia nossos jogadores de hockey, ela apoia os tchecos. Mas todos deveriam apoiar nossos jogadores de hockey” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 669, tradução nossa)⁹⁰.

Já Margita, a irmã mais velha, é mais próxima de Samko: mora em Komárno com o marido e os dois filhos, recebe o irmão para o almoço de domingo todas as semanas, lava as roupas dele – e, assim como o irmão caçula, diverge de Ivana em tudo. Margita age “como todo mundo” de uma maneira mais apta que o irmão, porque ela tem as qualificações para isso, não é apenas o simulacro representado

⁸⁸ Do original: “*Ivana is a very bad Slovak and she’s an embarrassment for the whole family. She’s an embarrassment for me, too.*”

⁸⁹ Do original: “[...] *as if she was a sort of a man called Ivana Tále.*”

⁹⁰ Do original: “*Our Independence would never make Ivana cry because she has no feelings. And she doesn’t support our hockey players either, she supports the Czech ones. But everyone is supposed to support our hockey players.*”

por Samko; ela age assim sabendo o porquê, enquanto ele age apenas para estar em acordo com o que lhe parece “normal”.

A irmã mais velha também herdou o nacionalismo do pai e é capaz de chorar por causa da Independência eslovaca, ao contrário de Ivana. Outra diferença crucial é que Margita usa o sobrenome de casada *como deve ser*: “Seu nome é Margita Anková, porque ela se casou. Antes de se casar, seu nome era Margita Taleová” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 615, tradução nossa)⁹¹. Ela é casada com Valent Anka, que faz parte do atual grupo dos “lá de cima”, e ambos são membros do Instituto Nacional Eslovaco. Para Samko, depois de seu tio Samuel Tále, que vive em Detva – no coração da Eslováquia –, os dois melhores eslovacos da família são Margita e seu marido, “porque ele ajudou a fundar nossa Eslováquia independente aqui em Komárno” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 664, tradução nossa)⁹².

Além dessas dimensões representadas pela família Tále/Anka, há ainda uma referência forte para Samko: Karol Gunár, doutor em ciências sociais, ex-membro do Partido. Esse sim é o *gentleman* que Samko gostaria de ser, o Sr. Todo Mundo daquele tempo nostálgico quando tudo estava ou deveria estar em ordem, quando bastava seguir as regras do Partido para tudo ficar bem. Mas esse modelo pretérito já não existe em Gunár. No presente da narrativa, ele é uma figura decadente, vive inconformado com a democracia e as mudanças que ela trouxe, está tomado pela culpa com relação ao destino da filha.

Darinka Gunárová, que na infância foi a melhor amiga de Samko, no momento da narrativa é uma criatura que ele já não compreende. Há muito tempo deixou de seguir o Nós de referência. Quando criança, embora fosse a líder de turma na escola e tivesse “uma porção de dentes brancos” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 1034, tradução nossa)⁹³, já demonstrava certa incompatibilidade com o ambiente ao seu redor. O primeiro incidente relatado por Samko a Karol Gunár foi que “[...] Darinka Gunárová tinha comido vagens cruas do jardim da escola e então ela ficou doente por causa das vagens, *mesmo isso não sendo permitido*”

⁹¹ Do original: “*Her name is Margita Anková, because she got married. Before she got married, her name was Margita Taleová.*” A escolha do nome da personagem Margita talvez tenha sido condicionada pela história eslovaca: é o mesmo nome da esposa de Vladimír Mečiar, que foi um dos políticos mais dedicados a separar a Eslováquia da República Tcheca.

⁹² Do original: “*Because he helped to found our Independent Slovakia here in Komárno.*”

⁹³ Do original: “*lots of white teeth.*”

(KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 643, tradução e grifo nossos)⁹⁴. Anos depois, com a morte de Tonko, ela abandona seu comportamento de tentativa de não-disjunção ao grupo e vai se afastando cada vez mais do centro dessa identidade coletiva, mostrando-se mais assemelhada ao urso, marcando progressivamente seu descontentamento e sua diferença, até emigrar e tornar-se, por certos aspectos, estrangeira em sua própria terra. Nesse ponto, é relevante lembrar que

[...] toda construção identitária, toda “procura de si” passa por um processo de *localização no mundo* – do mundo como alteridade e como presença (mais ou menos “presente”) em relação a si. E inversamente, toda exploração do mundo, toda “viagem”, enquanto experiência da relação com um aqui-agora sem cessar redefinível, equivale a um processo de construção do eu. (LANDOWSKI, 2012, p. 71)

Ao chegar a Komárno depois de viver por anos nos Estados Unidos, Darinka está totalmente mudada com relação à imagem que Samko fazia dela no passado. Ele, porém, não viaja, não explora o mundo, apenas repassa acontecimentos e reafirma sua posição. Em relação ao Sr. Todo Mundo que caiba em suas aspirações, ele não passa de um esnobe tentando encaixar-se nesse “centro geométrico”, o qual ele enxerga ocupado por pessoas como sua irmã Margita ou Karol Gunár (embora esse último lhe pareça ocupar o lugar mais especial entre todos). Encontrar Darinka na rua, vestida de uma forma tão inusitada para seus padrões (note-se que ela usava acessórios e roupas que, segundo o narrador, nem Ivana usaria) – logo ela que deveria ter sido parte do conjunto, supostamente ocupando a posição ideal por ser filha de um cidadão poderoso que jogava com as regras em suas mãos –, balança as certezas de Samko. Talvez esse encontro fosse a chave para ele repensar a sua própria identidade. Ele inclusive sai da sua habitual posição de catador de recicláveis depois desse encontro, para ocupar a de escritor. Todavia, como ele não sabe dizer “o que é o que nem porque nem como”, a oportunidade de transformação se perde, e ele encerra sua narrativa voltando a afirmar algo que faz sentido não apenas para si mesmo, mas para “todo mundo”:

E as pessoas deveriam também ter um estilo de vida saudável e beber um monte de iogurte e fazer bastante exercício ao ar livre. Porque iogurte é realmente muito bom pra você.

⁹⁴ Do original: “[...] *Darinka Gunárová had eaten raw green beans from school garden and then she got sick regarding the beans, even though it wasn't allowed.*”

Enfim. (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 3613-3614, tradução nossa)⁹⁵

Com o filtro de sua narração, que afinal é através do qual vemos as demais personagens, percebemos que muitas delas questionam os costumes e tornam-se presenças que perturbam ainda mais a ordem local, já alterada nesse aqui-agora pela democracia – que Samko não desejava. Apesar de o narrador ver um conjunto um tanto homogêneo na cidade – o “todo mundo” –, o número de desajustados a um modelo de referência parece ser enorme. Além do beerrão Gusto Rúhe, que lê os destinos em troca de doses de bebida, há a cigana Angelika Édesová, que rouba de Samko os papelões destinados à reciclagem, há também Ján Boš-Mojš Jr, que é epilético, e ainda “[...] aquela bicha desvairada do Borka, que tem várias convicções além de ser bicha [...]” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 64, tradução nossa)⁹⁶. E há os desajustados que já constam no caderno de nomes dos mortos: Alf Névéry, escritor amigo de Ivana para quem Samko alugava um apartamento da família e que não escrevia, apenas dormia o dia todo ou olhava para um quadro na parede; Tonko Szedílek, que morreu quando caiu da torre, e sua mãe, Katuša Szedíleková, que o criava sozinha, ambos religiosos e “fora do berço”; entre outros casos que Samko vai entremeando em sua narrativa. Houve, inclusive, uma personagem que agiu como camaleão sua vida toda e revelou sua natureza apenas depois de morto: Adam Miller, modesto comerciante local, com um bom coração e respeitado por todos, deixou escrito “[...] um último desejo que ofendeu todo mundo e fez todas as mulheres Miller chorar [...]” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 1202, tradução nossa)⁹⁷. E, claro, há a incógnita, tio Otto, que foi atingido por um raio há muito tempo e, por

⁹⁵ Do original: “*And people should also have a healthy life style and drink lots of yoghurt and take plenty of exercise in the fresh air. / Because yoghurt is really very good for you. / Anyway.*” No eslovaco, Samko bebe “*kefir*”, outro tipo de bebida fermentada à base de leite, um pouco diferente do iogurte.

⁹⁶ Do original: “[...] *that raving queer Borka, who has several convictions on top of being a queer [...].*” Em eslovaco, a autora é mais específica com a definição que Julia Sherwood traduziu por “*queer*”: “[...] *a ten teplý buzerant Borka, čo je viacnásobnekrát trestaný a ešte je aj buzerant [...]*” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, p. 27, grifo nosso). De acordo com o dicionário *dict.cc – Anglicko-slovenský slovník* (disponível em: <https://ensk.dict.cc>), “*buzerant*” seria um homossexual masculino, a tradução para o inglês constando como “*fag*”. Já o *Moscas de Cores – Gay Dictionary* traz a seguinte informação: “The derogative word Buzerant derives from Bulgarian. The origin of the term dates back to the ninth century when Orthodox Catholics wanted to evangelize Bulgarian territory, where there was a very strong current animist. To combat this they spread the idea that in the area of Bulgaria was a sect that practiced sodomy. The translation into the English language is Bugger.” Disponível em: <https://www.moscasdecoces.com/en/gay-dictionary/czech/buzerant/>. Acesso em: 04 fev. 2021.

⁹⁷ Do original: “[...] *a last wish that outraged everyone and it made all the Miller women cry [...].*”

consequência, ficou doente dos nervos, tornou-se especialista em cogumelos e abraçou a missão de curar as pessoas; mas como está desaparecido há dezenove anos, Samko não sabe se deve inserir o nome dele no seu caderno *Morreram* ou não.

3.1.3 *Entre muitos Outros*

Retomemos algumas informações básicas sobre as personagens. Kristýna, nascida no dia da morte de Stalin, completou há pouco seus 45 anos, e também recentemente perdeu o pai, Alois Horák, com quem tinha uma relação pouco amistosa. Kristýna é dentista, divorciada, tem uma filha de quinze anos e carrega as responsabilidades de todos em suas costas: cuida da mãe, viúva idosa, doente e inconformada, já que a irmã é cantora e vive em outra cidade; cuida também do ex-marido, Karel, que está com câncer em fase terminal; corre à clínica para atender seus pacientes quando precisam dela fora de horário de expediente; tem de tomar decisões sobre a filha, que está viciada em heroína e precisa ser internada. Quando se envolve com Jan, ex-aluno de seu ex-marido, 15 anos mais jovem, fica indecisa entre sentir-se amada e feliz ou sentir-se ridícula e à espera de uma nova traição.

Jan Myšák, filho da Primavera de Praga, 29 anos, foi estudante de História, mas não completou o curso. Entretanto, por causa desse período de estudos, conseguiu uma vaga para trabalhar na equipe que investiga os crimes cometidos pelos comunistas durante a Guerra Fria. Nesse trabalho tenta encontrar aquele que teria torturado seu pai enquanto esteve preso por levantar-se contra o regime. Jan mora com a mãe, já fez criação de serpentes no apartamento e, no seu tempo livre, joga RPG com um grupo de amigos ou consulta os astros sobre os momentos de decisão em sua vida. Apaixona-se por Kristýna e consegue se aproximar dela, mas acaba por traí-la. Por fim, como última tentativa de reconquistar sua confiança, empenha-se em ajudá-la com os problemas da filha.

Jana é, na visão da mãe, uma adolescente rebelde. Falta às aulas para se encontrar com um grupo de *punks*, no qual está Rudá, um namorado despreocupado; aceita tudo o que ele lhe oferece, sem questionar, e assim se torna viciada em heroína. Falsifica a assinatura da mãe em bilhetes que justificam suas

faltas, e quando é questionada por Kristýna, que fora chamada à escola para dar conta das ausências da filha, Jana orgulha-se em dizer que fez um bom trabalho nas falsificações. Rouba dinheiro e joias da mãe e não se sente culpada por isso. O que a angustia de verdade é ver Kristýna deprimida, bebendo vinho e fumando o dia todo, preocupando-se com todos, inclusive com seu pai moribundo, que um dia as deixou para viver com outra mulher. Jana é internada à força em uma clínica e tem alucinações pelas crises de abstinência. Quando é levada para uma colônia de tratamento mais alternativa, foge, mas é encontrada e levada de volta. Só então, após conversar com o diretor da colônia e receber seu castigo pela fuga, começa a repensar seu comportamento e tenta mudar. Quando isso acontece, e após a morte do pai, consegue se aproximar mais da mãe e conversar com ela sobre os problemas que ambas têm enfrentado.

A protagonista de *Nem santos nem anjos*, Kristýna, angustia-se com um Nós de referência que a sociedade lhe oferece, colocando essa posição como um objetivo duvidoso: seria melhor ter agido como outras mulheres que perdoam traições e seguem casadas? Ela estaria sendo uma “boa mãe”? No entanto, com relação a outros temas, ela se posiciona no lugar central, enxergando diversos *Outros* conforme “desliza” entre seus múltiplos papéis. Como uma pessoa “normal” (uma Sra. Todo Mundo capaz de julgar quem está de acordo ou não com seu entendimento de uma cidadã ou uma mulher ideal), coloca-se diante dos muitos *Outros* aplicando estratégias de segregação ou exclusão: os turistas a incomodam com sua presença massiva ocupando a (sua) cidade; os pedintes a assustam; os *punks* a desagradam por sua estética agressiva (mesmo Jana a deixa desconfortável com suas correntes e maquiagem pesada); seu meio-irmão a perturba por tudo que ele representa – um bastardo rejeitado e escondido pelo pai, um homem transtornado que lhe enviava cartas ameaçadoras, um bêbado em uma cadeira de rodas. Kristýna não está à vontade no mundo, nem mesmo no seu próprio espaço. No entanto, ao mesmo tempo em que ela se vê inadequada em sua vida pessoal, a presença de certos *Outros* a perturba, já que, em relação a eles, ela é parte de um Nós de referência. E repensar a si mesma de forma a conviver neste mundo das coisas “fora do lugar”, ou seja, repensar sua identidade a desacomoda.

Em seu seleto círculo, cabem pessoas como sua mãe e a mãe de Jan; sua secretária, Eva; o padre Kostka; talvez até o próprio Jan, embora pese a diferença de idade. Sua irmã e sua amiga vestem-se de um dandismo visto por Kristýna por duas perspectivas opostas: negativa (Lída) e positiva (Lucie). A irmã mostrou-se diferente desde cedo, mas, por sua saúde frágil, a família lhe perdoava as extravagâncias; como no presente da narrativa ela vive longe, saindo em constantes turnês, e quem cuida da mãe viúva é Kristýna, esta vê Lída como pedante e irresponsável. Já Lucie, que foi colega de Kristýna na faculdade e só por ter se saído mal em uma prova mudou de carreira e estilo de vida, causa na amiga um misto de admiração e inveja, por sua independência financeira e liberdade de espírito. Coincide que ambas se afastem do centro de referência por conta de suas carreiras artísticas – uma cantora, outra fotógrafa –, enquanto Kristýna ocupa-se de um trabalho manual voltado para o cuidado com os outros – dentista.

Jan está próximo do Nós de referência nesse espaço-tempo tcheco pós-comunista, no qual até ocupa uma posição que quase seria central, não fosse pelo fato de que, no plano do trabalho, um Sr. Todo Mundo mais forte, o qual sobreviveu às transformações políticas do início da década de 1990, ocupa sub-repticiamente o centro de poder. Seu trabalho de investigação dos crimes cometidos durante o regime totalitário é interrompido porque, ao que tudo indica, alguém (e esse “alguém” pode compreender um número significativo de pessoas) não acha conveniente continuar: “Há muitas pessoas que se sentem ameaçadas com as coisas que desvendo” (KLÍMA, 2006, p. 148). Mas Jan é um cidadão tcheco que lutou pela mudança – ainda que, inicialmente, tenha participado das manifestações mais pela diversão do que pela esperança de fazer a diferença:

As manifestações não eram o que mais chamava a minha atenção naquele tempo. Não podia me sentir útil ao saber que fazia parte de uma engrenagem e que tudo já havia sido escrito por outra pessoa. [...]

Naqueles dias, o que me interessava eram os concertos de músicas de protesto. Alguns dos cantores de protesto sabidamente haviam sido forçados a deixar o país, mas, para cada cantor exilado, apareciam dois outros. Costumavam vir e cantar para nós de todos os cantos da república e nós viajávamos também para ver suas apresentações. Cada um deles parecia uma promessa de liberdade futura. (KLÍMA, 2006, p. 45)

No presente narrado, há um momento peculiar quando podemos visualizar a mudança de papéis (estilos), sem que as personagens viajem para fora de seu

espaço geográfico: o jogo de RPG presenciado por Kristýna na casa de um amigo de Jan. Enquanto o grupo de amigos joga ao redor da mesa, Kristýna senta-se ao lado – segregada – observando e sentindo-se isolada da diversão (e mesmo da compreensão) daquele grupo com relação ao jogo. Jan tenta explicar-lhe as regras, mas ela não consegue tomar parte: “O fato é que ali me sinto fora de meu ambiente. Todas as pessoas são muito jovens, tão jovens que quase não presto atenção em outra coisa que não seja a minha própria idade e o fato de não pertencer a este lugar” (KLÍMA, 2006, p. 180-181).

Estar nesse aqui-agora onde, a seu lado, se desenrola o jogo é estar em território dos Outros – aquele grupo de pessoas mais jovens que estão ao redor da mesa, mas que, por sua vez, se transportam para uma outra realidade, outro aqui-agora interposto em suas vidas, alterando seu estilo e suas estratégias a partir de regras especiais, válidas apenas para aquela duração de espaço-tempo fictício. Ficção dentro da ficção, encenação intercalada na mimese do real. Essa situação não transforma apenas Kristýna, que, como passageira responsável, marca sua não-presença alienando-se da cena e refugiando-se em seus pensamentos. Também seus Outros se transformam na medida em que representam dois papéis diante dela: das personagens que são no tempo da narrativa (da qual Kristýna faz parte) e das personagens que representam uns para os outros dentro do jogo (ficção que ela apenas acompanha de fora). Conforme ela mesma observa: “De qualquer modo, ninguém ali continua sendo quem é; todos tornam-se alguém que possivelmente desejariam ser” (KLÍMA, 2006, p. 179). Nesse sentido, enquanto participantes do jogo, devidamente admitidas graças ao conhecimento das regras que coordenam sua presença nesse aqui-agora da encenação, aquelas personagens passam a se posicionar como Outros de si mesmas. Como viajantes disponíveis, buscam pela estratégia de assimilação tornarem-se o mais parecidas possível com os habitantes deste tempo-espaço transitório do jogo – castelo de Sion, ano de 1437 (KLÍMA, 2006, p. 179).

Do lado de fora, Kristýna observa, ainda não de todo ausente, mas já pensando em sair dali; o que fará antes de o jogo ter terminado. A missão de Kristýna nesse espaço-tempo da sessão de jogo com os amigos do namorado é conhecer um pouco mais sobre Jan, ir além do que ele poderia lhe contar em conversas cotidianas. Ela aceita visitar um lugar onde ele consegue expressar por

ações aquilo que, posto em palavras, poderia parecer duvidoso, pedante ou presunçoso. Jan se prepara para essa visita, que não é aleatória: “Convidei Kristýna para participar de um jogo que inventei que não era louco demais ou até mesmo infantil, mas era sem monstros” (KLÍMA, 2006, p. 195). Nesse dia, Jan atua como mestre, distribuindo papéis e controlando as regras:

Daquilo que posso observar, fica evidente que o meu amado é o diretor do jogo ou coisa similar, cujo trabalho é organizar as cenas para os demais participantes e descrever a época em que estarão ingressando. Oferece papéis e formula habilmente questões para saber como se comportariam em determinadas situações e, baseado nisso, determina o quanto saíram-se bem. Essa é a principal razão pela qual trouxe-me até ali: a fim de que eu pudesse ver como ele governa, e ele pudesse demonstrar o seu conhecimento. (KLÍMA, 2006, p. 180)

Por sua vez, o que Jan busca, através da encenação, é afirmar-se a si mesmo, tanto diante de Kristýna, a quem quer demonstrar que seu hobby não é uma infantilidade, quanto diante de seus amigos e da ex-namorada. Quando narra sua versão dos fatos daquela noite, ele confessa: “Convidei-a porque desejava apresentá-la aos meus amigos. Não, desejava provar a mim mesmo que ela era minha não somente na vida íntima, mas também diante das pessoas; queria que Vera a visse comigo” (KLÍMA, 2006, p. 195). Vera, a ex-namorada, como jogadora e parte do grupo de pessoas jovens, ocupa a posição do Nós de referência daquele lugar ao qual Kristýna não se sente pertencente. Mais tarde, quando descobrir a traição de Jan, Kristýna a colocará em um diverso grupo de seus Outros (ou Outras): as mulheres com quem “seus homens” (Karel, Karel Segundo, Jan, Psycho etc.) a traíram.

Jan, porém, sofre ainda outra transformação depois dessa noite. Se antes ele usava esses jogos para saciar sua “sede de aventuras”, tornando-se, na duração da encenação, “um pouco mais irresponsável do que na vida real” (KLÍMA, 2006, p. 94), após a visita de Kristýna, ele tenta se ver “[...] com os olhos dela: um rapazinho que, em vez de completar os estudos, ainda continua brincando” (KLÍMA, 2006, p. 196). Assim, ele distancia-se desse Nós de referência do seu grupo de amigos e, ao estilo do dândi, passa a se ver como um Outro que, embora esteja apto a participar ativa e satisfatoriamente dos jogos, deve ir além. Percebe, então, que é hora de excluir-se desse grupo, para fazer parte de um novo Nós de referência, que inclui Kristýna (e que, talvez, poderíamos chamar aqui de *Adultos*

responsáveis): “Para fazermos de conta que estamos cercados de criaturas de contos de fadas, naturalmente devemos ter certa imaginação, mas também infantilidade, o que é impróprio para a minha idade e o meu trabalho” (KLIMA, 2006, p. 196).

Em um grupo ainda mais distanciado da posição na qual Kristýna situa-se, de mulher adulta e responsável (mas que tem dúvidas sobre se age mesmo “como todo mundo”), está Jana. Ela não é apenas uma adolescente rebelde por princípio; dentro de seu comportamento de embate à realidade, não deixa de pensar na mãe como outro ser humano necessitado de empatia e amor. Enquanto a dentista trabalha fora, ajuda a mãe recém-viúva, preocupa-se com a doença do ex-marido e afunda-se em sua depressão, Jana distancia-se mais a cada dia da menina estudiosa e obediente guardada na memória de sua mãe. Nesse espaço-tempo no qual Jana mergulha gradualmente sem vontade de voltar – faltando aulas, andando com os *punks*, usando correntes enferrujadas ao redor do corpo e maquiagem carregada no rosto, roubando dinheiro e joias da mãe, consumindo drogas cada vez mais pesadas – Kristýna está a ponto de desaparecer no horizonte:

Éramos uns nove. Não tenho certeza. Eu estava tão doidona que não conseguia distingui-los. Nem sei se aqueles que eu via estavam ali mesmo. Por sorte, nem liguei para isso; nada me importava. Eu não podia preocupar-me com a escola, com mamãe; prometi telefonar para ela, mas não liguei, e sentia-me totalmente livre. (KLÍMA, 2006, p. 162)

Por mais que Kristýna tente pensar em como agia quando era adolescente (tomando alguns porres e tentando agir sempre “na contramão” do que lhe parecia ser o esperado pelo pai) e busque opinião de outras pessoas sobre o comportamento da filha, não consegue vê-la como o “normal” que ela pensava conhecer de Jana – e menos ainda como um pretense “normal” adolescente “adequado” à sociedade. Se Jan, após olhar para si “com os olhos dela” (Kristýna), repensa sua forma de atuação no mundo, considerando que os jogos já não são mais adequados na sua idade, Jana, ao contrário, quanto mais ouve da mãe o que ela pensa sobre seu comportamento, mais insiste em afirmar sua alteridade. Nesse relacionamento entre mãe e filha, gerações distintas confrontando-se diretamente dentro de casa, talvez aconteça o que Landowski discute como *conflito de interpretação*: o que a Sra. Todo Mundo (Kristýna) vê inicialmente como marcas de um estilo *não-conjuntivo* da Outra (Jana), esquisitices ao modo do urso que se

segrega, mostram-se “na realidade, as provocações calculadas de uma espécie de dândi do pior mau gosto (estilo disjuntivo)” (LANDOWSKI, 2012, p. 53). Essa *recategorização* de Jana aos olhos da mãe faz com que seu comportamento, deixando de ser aceitável, exija uma atitude por parte de Kristýna.

Que o Outro seja diferente, dirão as pessoas instaladas, ainda passa – nos limites de tempo e de espaço que se decidiu conceder-lhes, é claro –, se realmente sua “natureza” (ou sua “cultura”) o exige, mas por que seria preciso aceitar as marcas de sua diferença se se verifica que ele, ao exibi-las, procura apenas *tornar-se outro* mais do que o é na realidade!? Simples substituição entre duas maneiras possíveis de interpretar o parecer do Outro, mas que basta para pôr fim num certo *modus vivendi* (no caso, do tipo segregativo) e para criar um novo, completamente diferente: ou a assimilação, com a condição de que o excêntrico aceite “entrar na linha”, ou então a exclusão, se ele persistir em suas “provocações”. (LANDOWSKI, 2012, p. 53, grifo do autor)

As mudanças na interpretação que Kristýna faz sobre o estilo de vida da filha não estão condicionadas apenas pelas exigências de adequação a um modelo mais aceito pela sociedade. Como mãe, Kristýna vê os males que esse comportamento pode trazer para a saúde e para o futuro de Jana; uma preocupação afetiva que gera mudanças nas duas direções. Para que Jana mude, Kristýna precisa dedicar-se aos cuidados consigo mesma, deve desvencilhar-se do passado que ainda ocupa seus pensamentos levando-a para seu comportamento depressivo diário, que influencia as atitudes da filha:

Era difícil rir em casa, mamãe com aquela depressão, sempre de baixo-astral porque papai não dava a mínima para ela, estava sozinha, tinha somente a mim, como dizia, e isso não era bastante, porque às vezes nem a mim ela tinha de verdade, como agora, por exemplo. (KLÍMA, 2006, p. 164-165)

Embora não pretenda fazer neste estudo uma avaliação sobre a condição feminina de Kristýna, o que requereria incluir aqui muito mais leituras de teorias específicas sobre o assunto, é relevante registrar que a transformação no estilo de vida da protagonista passa pela mudança de orientação do masculino ao feminino. Kristýna sentia-se inadequada quando se examinava diante de um Nós de referência que estava sempre vinculado ao olhar masculino sobre ela: os desajustes às ideias do pai, a necessidade de agradar ao ex-marido, as frustrações com os namorados anteriores, as expectativas com Jan. Quando encontra seu caminho, direciona-se a um novo centro de referência, desta vez povoado por

mulheres: a preocupação com a filha a leva a conversas reveladoras com a mãe e a buscar aconselhamento com sua assistente, Eva, e com sua irmã, Lída.

3.2 Identidades fraturadas e identidades reagrupadas

Ainda com referência às categorias propostas no primeiro capítulo de *Presenças do outro* (LANDOWSKI, 2012, p. 3-29), é possível aplicar os modos de percepção do outro às relações existentes nos processos de reunificação alemã e separação da Tchecoslováquia. De fato, ao falar das quatro formas possíveis de relação entre o “Nós de referência” e seus “Outros”, por ele elencadas, o semioticista diz esperar que a discussão leve à “[...] grande questão do dia: como pensar hoje uma identidade (europeia, por exemplo) comum?” (LANDOWSKI, 2012, p. 20).

Porém, antes de esmiuçar essas possibilidades de relação, Landowski lembra que não há uma pura substância social ou heterogeneidade naturalmente estabelecida que possa ser imposta como dado factual para definir as fronteiras identitárias:

Na realidade, as diferenças *pertinentes*, aquelas sobre cuja base se cristalizam os verdadeiros sentimentos identitários, nunca são inteiramente traçadas por antecipação: elas só existem na medida em que os sujeitos as constroem e sob a forma que eles lhes dão. Antes disso, entre as identidades em formação, há apenas puras diferenças *posicionais*, quase indeterminadas quanto aos conteúdos das unidades que elas opõem. (LANDOWSKI, 2012, p. 12, grifos do autor)

É possível verificar aqui uma aproximação com o que diz Marc Angenot (1997) sobre a declaração de defesa de uma identidade nacional, nesse caso, ressentida. De acordo com o teórico social, quando o discurso nacional verbaliza a identidade reivindicada, utiliza-se de falácias e tautologias, sem chegar a nenhuma particularidade demonstrável:

Na realidade, a identidade nacional, não podendo ser descrita ou analisada, é evocada, afirmada, reiterada em um “Nós” performativo; [...] Essa identidade sem conteúdo demonstrável, nem verbalizável diferente daquele de um sentimento difuso, não tem outra realidade além de sua própria ausência de delimitação que a faz oscilar entre os dois modos do indemonstrável, a

evidência subjetiva e a quimera. (ANGENOT, 1997, p. 111, grifo do autor, tradução nossa)⁹⁸

Então, esse “Nós performativo” citado por Angenot seria o equivalente do que Landowski chama de “Nós de referência”. Ambos se afirmam a partir de diferenças vagas, entre si e seu Outro, mas cheias de possibilidades, e que serão de alguma forma delineadas a depender da posição que esses “Nós” tomam na relação com o estrangeiro. Os comportamentos que derivam desses posicionamentos, segundo a divisão de Landowski, diferentemente dos estilos individuais que buscavam adaptar-se aos costumes do centro de referência, a “ser como todo mundo”, partem aqui do próprio Senhor Todo Mundo. Na *assimilação*, o “Nós” espera que o estrangeiro, chegado em suas terras, adapte-se o mais depressa possível e aja “como todo mundo”; caso o estrangeiro não alcance a conjunção com o grupo de referência e insista em manter suas diferenças aparentes, agindo na via da disjunção, o caminho escolhido o leva à *exclusão*. Contudo, há duas alternativas intermediárias, em que o Outro pode continuar no território do grupo de referência, mantendo suas idiossincrasias: pela não-conjunção total com o grupo, o Outro pode permanecer na *segregação*; mas se, apesar das diferenças, mostrar-se não-disjuntivo, restará ao Nós que aceite sua *admissão*.

Tentemos agora descobrir, nas oposições entre “Nós de referência” que se identificam como “nacionais” e seus “Outros”, conforme aparecem dentro das narrativas, quais as relações prevalentes em cada caso.

3.2.1 Ainda duas Alemanhas

Enquanto, ao final da Guerra Fria ou um pouco depois, territórios políticos já muito pequenos quebravam-se em partes menores, estas separadas em nome de uma ascensão de suas próprias raízes identitárias, antes subsumidas no conjunto

⁹⁸ Do original: “*En réalité, l'identité nationale, faute de pouvoir être décrite ou analysée, est évoquée, assertée, réitérée en un «Nous» performatif; [...] Cette identité sans contenu démontrable, ni verbalisable autre que celui d'un sentiment diffus, n'a d'autre réalité que son absence même de délimitation qui la fait osciller entre les deux modes de l'indémontrable, l'évidence subjective et la chimère*”.

mais amplo dos Estados socialistas de que faziam parte, a República Democrática Alemã deitava abaixo seus limites ocidentais e, depois de um ano de negociações, assumia-se como parte da República Federal da Alemanha. Essa perda da autonomia que a RDA pensava conquistar com o fim da interferência soviética em suas decisões parece ter sido um golpe duro a alguns de seus cidadãos, inviabilizando a permanência de seu *modus vivendi* anterior e colocando-os diante de um novo Nós de referência ao qual tentar adaptar-se. Do ponto de vista de sua “alemanidade”, poderíamos dizer, a RDA passou, assim, de uma segregação de mais de quarenta anos, a um processo de lenta e gradual assimilação.

Vejamos o que diz Landowski quanto a essas duas possibilidades de relação *Nós-Outro*, que pressupõem, ambas, a *reminiscência de uma “mesmidade”*:

Assim, tal como a segregação, ao mesmo tempo que dependia da não-conjunção, supunha, entretanto, a reminiscência de uma “mesmidade” (de ordem conjuntiva) apta, no contexto então considerado, a pôr um freio em fortes tendências (de ordem disjuntiva) à “exclusão”, a admissão, por sua vez, enquanto forma geral, dependerá da *não-disjunção* e só poderá ser viável como regime de relações intersubjetivas entre indivíduos ou entre comunidades com base na reminiscência contrária: aquela de *haverem sido separados*, de terem sido – ou pelo menos de acreditarem, com ou sem razão, que o foram – capazes de viver “cada um por si”, como “estrangeiros” uns aos outros, única garantia capaz de contrabalançar, desta vez, a tendência à redução pura e simples dos “outros” aos “uns”; em outras palavras, a sua “assimilação” recíproca. (LANDOWSKI, 2012, p. 20-21, grifos do autor)

Embora, na prática, possamos dizer que o caso alemão seja de “admissão”, ainda com alguma resistência por parte dos estrangeiros (orientais) em se adaptarem totalmente a ser ou agir “como todo mundo” (os ocidentais), a relação caminha para uma possível “assimilação” total, já que os traços que marcam as diferenças entre ambos os lados tendem a desaparecer com as novas gerações. A situação põe-se dessa forma uma vez que as características da vida da RDA não chegaram a constituir “tradições” a serem mantidas e passadas às gerações seguintes. O que existe são apenas modos de viver adaptados ao meio (regime socialista), que podem sobreviver como memória, mas que serão (estão sendo) sufocados pelo novo modo de vida e, se permanecerem, será como marca de um tempo passado, como peças de museu (*DDR Museum*, em Berlim, *Die Welt der*

DDR, em Dresden). Porém, nem tudo que resta da experiência vivida cabe ou sobrevive em um museu:

Podia-se segurar, manter, conservar as coisas com naftalina, e ainda assim sabia-se que a musealização da realidade é um esforço inútil. Sentimentos não se deixam arquivar. Medos e esperanças não se consegue pôr na vitrine. A herança concreta é sem vida. Na melhor das hipóteses, ela tem um tipo de efeito sinalizador. Também é importante dizer adeus aos anos de mudança e convulsão, à queda vertiginosa de anos de letargia para as turbulências da hora da virada e para um retorno gradual de uma espécie de normalidade. No fim do verão de 1989, transfigura-se o “mais tedioso país da Terra”, como uma vez disse Volker Braun, em um parque de aventuras. O que lá se passou não foi apenas uma “revolução pacífica”, mas também “alegre”. (WOLLE, 2009, p. 14, tradução nossa)⁹⁹

Tomemos um exemplo do movimento cultural chamado de *Ostalgia*, no cinema: o filme *Adeus, Lênin!* (2003). Nele, Alex tenta manter, de qualquer forma, a sobrevivência (e aqui outra palavra não faria mais sentido do que essa) da RDA, buscando a todo custo as embalagens de produtos que eram vendidos apenas do lado oriental e que não são mais encontradas no mercado (hoje a maioria deles está exposta em museus e exposições dedicadas ao período da RDA), para que sua mãe não sofra o impacto da mudança quando acorda do coma no hospital, depois da queda do muro. A cada dia que passa, fica mais difícil manter a farsa, e logo o antigo modo de vida quase já não consegue respirar, pois o novo o cerca por todos os lados (como na cena da propaganda da Coca-Cola sendo colocada na parede do prédio diante da janela do quarto de Christiane). Mesmo a irmã de Alex tem dificuldades em retornar a este “passado” nem tão distante – oito meses – do qual, assim como muitos outros cidadãos, já se desabituou, mudando os móveis da casa, o modo de vestir, trocando o estudo pelo trabalho em uma empresa de *fast-food*. Sobre essa urgência na adoção dos hábitos do Nós de referência, diz Landowski:

⁹⁹ Do original: “Man möchte die Dinge festhalten, bewahren, einmotten und weiß doch, daß die Musealisierung der Realität ein sinnloses Unterfangen ist. Gefühle lassen sich nicht archivieren. Ängste und Hoffnungen kann man nicht in die Glasvitrine legen. Die gegenständliche Hinterlassenschaft ist leblos. Im besten Fall hat sie eine Art Signalwirkung. Abschied gilt es auch zu nehmen von den Jahren des Wandels und des Umbruchs, von dem schwindelerregenden Sturz aus der jahrelangen Lethargie in die Turbulenzen der Wendezeit und der allmählichen Wiederkehr einer Art Normalität. Im Spätsommer 1989 verwandelte sich das »langweiligste Land der Erde«, wie es Volker Braun einmal genannt hatte, in einen Abenteuerpielplatz. Was sich da abspielte, war nicht nur eine »friedliche«, sondern auch eine »fröhliche Revolution«.”

Para os grupos minoritários “acolhidos”, o perigo é evidente: [...] de uma absorção efetiva pela massa, de um paulatino desaparecimento pelo apagar das diferenças. Evolução quase inelutável porque, para muitos membros dos grupos abrangidos, o consentimento, mais ou menos forçado, em uma verdadeira mudança de identidade cultural parecerá provavelmente representar a melhor chance, talvez mesmo o único meio de garantir, pelo menos a título pessoal, sua sobrevivência no ambiente que o acolheu. Se a expressão – hoje meio desgastada – “crise de identidade” ainda pode ser aplicada adequadamente a alguma coisa, é este o caso. (LANDOWSKI, 2012, p. 22)

Na busca pela sobrevivência, o grupo acolhido se adapta da melhor forma que consegue – alguns com mais sucesso do que outros. Voltando aos livros: após seu primeiro dia de aula na faculdade, quando Evelyn desceu na estação do trem, em Munique, para entrar em sua nova casa, esperou as pessoas que desembarcaram irem embora e “Por um momento, ficou completamente sozinha na plataforma. Agora era sua, portanto, pertencia a seu caminho de volta da universidade” (SCHULZE, 2013, p. 359). O sentimento de pertença do espaço habitado já começa a fazer parte da sua vida. E, ainda nas palavras do narrador: “[...] não carregava nenhuma lembrança ruim. Nem ela era mais a Evelyn que ela própria conhecia, e sim a que sempre havia imaginado, toda vez que pensava no futuro” (SCHULZE, 2013, p. 359). Evelyn pertence ao grupo que se adaptou bem ao outro lado, à vida diferente da que levava – parece ter realizado um sonho, encontrado seu paraíso.

Se por um lado Evelyn não tem más lembranças, por outro também quase não tem memória materializada e guardada para depois – sobraram suas joias de família, mas que ela descobriu serem falsas, o que muda também o sentimento quanto a elas e às lembranças que deveriam evocar. Adam vai perdendo a memória material, até não lhe restar muita coisa, apenas o lenço que Katja lhe devolve em Eichenau e as fotos que ele vai queimar no último capítulo; e o cubo mágico, souvenir da viagem, não da RDA. Katja guarda como lembrança da viagem o vidro de mostarda que Adam comprou em um dos acampamentos, mas, de resto, desenvolveu para si uma nova vida, partindo do presente e voltada para o futuro – o passado não faz diferença, foi apagado, ou está sendo.

Ainda os hábitos antigos vão sendo deixados de lado. Podemos falar aqui do mesmo tipo de processo que acontece na mudança da paisagem, pois, junto com a RDA, saíram de circulação os modos de produção e ação considerados

defasados. No primeiro dia na casa da tia Gisela, Evelyn fica admirada com as facilidades que encontra na cozinha: “Mas isso é tão prático” (SCHULZE, 2013, p. 311); Adam, em sua síndrome de migração, não executa mais nenhum trabalho ou hobby, o que lhe era essencial na vida anterior. Ele sente também outra diferença: a quantidade de produtos prontos à venda, basta ter dinheiro para comprar, e percebe que sua arte da costura, seu *modo de fazer* artístico não cabe em um mundo onde as coisas vêm prontas e em grandes quantidades.

Os debates em torno da(s) identidade(s) alemã(s) após a Reunificação, ocorrida em 03 de outubro de 1990, permanecem vivos ao longo desses trinta anos e, de tempos em tempos, mais especificamente a cada década comemorada, seus resultados aparecem na mídia e em novas publicações acadêmicas como um balanço das opiniões e teorizações surgidas no período. Em conjunto, surgem ainda dados de pesquisas sobre a forma como alemã(e)s de diversas faixas etárias se veem e se sentem dentro desse ambiente reunificado, como enxergam seus outros, o que pensam sobre o passado recente e, principalmente, como é a vida das pessoas que ainda hoje moram nas cidades que faziam parte do lado oriental. Por exemplo, no ano de 2019, quando se completaram trinta anos da queda do muro de Berlim, repetiram-se (inclusive em canais de notícias brasileiros) resultados de pesquisas, como a divulgada no site do jornal *Die Zeit*, em 23 de agosto, aberta pela pergunta: “Que diferenças ainda existem entre as pessoas do Leste e do Oeste na Alemanha 30 anos após a queda do Muro?” (BORSUTZKI; MODERSOHN, 2019, tradução nossa)¹⁰⁰. Enquanto as estatísticas, de forma geral, apontam para fatores como atendimento dos serviços públicos, condições de moradia, saneamento, saúde e educação, além dos níveis de emprego e salários, estudos qualitativos trabalham com a ideia de *ostalgie* (aqui não como movimento cultural, mas como nostalgia do cidadão comum pela estabilidade garantida pelo Estado), a decepção com o sonho dourado que se pintava do outro lado do muro e a perda de uma identidade particular do Leste por quem precisou adaptar-se às políticas públicas, sistema jurídico e cultura do Oeste. (Esse sentimento de perda

¹⁰⁰ Do original: “*Welche Unterschiede gibt es 30 Jahre nach der Maueröffnung noch zwischen den Menschen in Ost und West in Deutschland?*”, “*Mauerreste*”, texto de Doreen Borsutzki e August Modersohn, publicado em *Die Zeit*, n. 35, edição de 23 de agosto de 2019, sob a rubrica *Wiedervereinigung*. Disponível em: www.zeit.de/2019/35/wiedervereinigung-ostdeutschland-westdeutschland-mauerfall-unterschiede. Acesso em: 18 abr. 2020.

da soberania tem sido explorado pelos populistas de extrema direita do *AfD* – *Alternative für Deutschland* [Alternativa para a Alemanha] e vem ocasionando o crescimento de movimentos neonazistas; ambos, em suas narrativas nacionalistas, chauvinistas e xenofóbicas, desenterram dali, sobretudo na Saxônia, as raízes da “verdadeira Alemanha”, “limpa” do multiculturalismo do lado ocidental.)

As lembranças não estão petrificadas e toda vez que são evocadas enfrentam-se com um contexto diferente, no qual o próprio indivíduo que lembra está com sua percepção modificada. Por isso, essas lembranças podem ser alvo de manipulação externa, sobretudo quando o indivíduo encontra um “Nós de referência” que diz pensar igual a ele. Além disso, a memória difere de uma geração para outra: pessoas mais velhas, entre as vindas do Leste, são as que mais tendem a sentir “saudade” da RDA, uma saudade baseada na segurança financeira e garantia de emprego. Adam explicou sobre essa segurança quando Michael declarou que o curso escolhido por Evelyn não era rentável:

“História da arte não dá dinheiro.”

“Como assim? Ganha-se o mesmo que os outros.”

“Na Alemanha Oriental, talvez. Ainda assim você precisa conseguir um emprego.”

“Se conseguir uma vaga na faculdade, o emprego você consegue também. A própria universidade tem de se encarregar disso.”

“A universidade? Como assim?”

“O melhor é você mesmo tentar encontrar alguma coisa, mas, se não conseguir, eles têm de encontrar uma vaga ou então manter você.” (SCHULZE, 2013, p. 206-207)

Já as pessoas mais jovens, principalmente quem era criança ou adolescente quando o muro foi posto abaixo, se têm alguma saudade, é mais provável que seja de suas brincadeiras e do tempo com os amigos. Afinal, passava-se muito tempo em grupos – escola, *Junge Pioniere* (Jovens Pioneiros), *FDJ- Freie Deutsche Jugend*, (Juventude Livre Alemã) – e a vinda de grande parte da população para o lado ocidental pode ter afastado as pessoas. Cristina Şandru chama essa possível nostalgia pós-comunista do bloco Leste (os cidadãos da antiga RDA não são os únicos a sofrer dessa falta) de “[...] nostalgia do que ‘poderia ter sido’: originada no desejo de recuperar as promessas não realizadas do

socialismo na Europa Centro-Oriental [...]” (ŞANDRU, 2012, p. 50, tradução nossa)¹⁰¹. Já Svetlana Boym diz que

Essa nostalgia de massa é um tipo de crise de meia idade do país inteiro; muitos estão ansiando pelo tempo de sua infância e juventude, projetando memórias afetivas pessoais no quadro histórico maior e participando coletivamente em um esquecimento seletivo. (BOYM, 2001, p. 58, tradução nossa)¹⁰²

Dominic Boyer, em acordo com as duas autoras citadas acima, aponta três motivos pelos quais não vê esse anseio pelo passado como *Ostalgia* – no sentido dado pelos alemães, tomando como referência o movimento cultural de retorno ao passado da RDA para demonstrar que, mesmo de um regime repressivo, há como trazer boas recordações:

[...] primeiro, antigos cidadãos da RDA, como outros seres humanos, realmente fantasiavam tanto passados quanto futuros livres dos compromissos e provações da vida contemporânea. Afinal, Kant mesmo escreveu que *Heimweh* é um anseio não pelo lar, mas por nossa própria juventude. E, nesse sentido, muitos alemães orientais sem dúvida se sentem nostálgicos de tempos em tempos. Segundo, muitos cidadãos da antiga RDA, especialmente da geração mais velha, experienciaram o fim da RDA com uma sensação de perda e até mesmo pesar. Gostaria de enfatizar, de qualquer forma, que isso foi mais frequentemente pesar pelo fim da fantasia utópica e humanitária do socialismo do que pesar pelo fim da RDA *per se*. [...] Finalmente, sobre o assunto dos cultos de consumo que cresceram em torno de commodities da era da RDA, sua transformação em símbolos de identidade tem pouco a ver, creio, com nostalgia. Sua evolução é mais apropriadamente vista como resposta à campanha inflexível, desde 1990, para apagar símbolos e sinais públicos da RDA do ambiente vivo do novo estado federal da Alemanha oriental. (BOYER, 2006, p. 372-373, tradução nossa)¹⁰³

¹⁰¹ Do original: “[...] *nostalgia for what ‘might have been’: originating in the desire to retrieve the unfulfilled promises of socialism in East-Central Europe [...].*”

¹⁰² Do original: “*This mass nostalgia is a kind of nationwide midlife crisis; many are longing for the time of their childhood and youth, projecting personal affective memories onto the larger historical picture and partaking collectively in a selective forgetting.*”

¹⁰³ Do original: “[...] *first, former citizens of GDR, like other human beings, do indeed fantasize both pasts and futures free of the compromises and trials of contemporary life. After all, Kant himself wrote that Heimweh is a yearning not for home but for our own youth. And, in this sense, many East Germans doubtless feel nostalgic from time to time. Second, many former GDR citizens, especially in the older generations, did experience the end of GDR with a sense of loss and even grief. I would emphasize, however, that this was more often grief at the foreclosure of the utopian and humanitarian fantasy of socialism than grief at the end of the GDR per se. [...]. Finally, on the subject of consumer cults that have grown up around GDR-era commodities, their transformation into tokens of identity has little to do, I believe, with nostalgia. This evolution is more properly viewed as a response to the uncompromising campaign since 1990 to erase public symbols and signs of the GDR from the lived environment of the new states of eastern Germany.*”

Entramos aqui em outro debate público que tomou a Alemanha durante os primeiros vinte anos¹⁰⁴ após a Reunificação: a criação de símbolos de um novo compromisso histórico, de uma identidade nacional unificada, construídos sobre escombros ou espaços vazios deixados pelos monumentos e prédios da antiga RDA. “Tentativas de criar uma identidade alemã política e nacional unificada através da escrita da paisagem arquitetônica têm sido muito disputadas [...]” (FUCHS; JAMES-CHAKRABORTY; SHORTT, 2011, p. 2, tradução nossa)¹⁰⁵ e, segundo as autoras, essas discussões giravam em torno da relação entre preservação e desenvolvimento econômico e também da escolha sobre qual passado deveria prevalecer. Um dos exemplos citados pelas autoras é a decisão sobre o que construir no lugar do antigo *Palast der Republik*, marco arquitetônico da política da RDA – abrigava a *Volkskammer* (Câmara do Povo – Parlamento da Alemanha Oriental) e um espaço usado para eventos culturais –, que foi construído pelos comunistas em Berlim, na então *Marx-Engels-Platz*. A antiga *Schloßplatz* (Praça do Palácio) era parte do terreno onde esteve localizado o Palácio Hohenzollern, ou Palácio de Berlim, até o final da Segunda Guerra, quando este foi seriamente danificado; em 1950, o palácio foi demolido pelas autoridades do lado oriental, por quem era visto como recordação do passado imperial dos alemães.

Desde a unificação, aqueles que viam o palácio como o eixo do plano urbano de Berlim e aqueles que acreditavam que ele era o símbolo de uma dinastia fracassada discutiram sobre se ele deveria ser reconstruído. Por mais de uma década o debate também envolveu o destino do *Palast der Republik* da era comunista, erigido sobre parte do local entre os anos de 1973 e 1976. (FUCHS; JAMES-CHAKRABORTY; SHORTT, 2011, p. 3, tradução nossa)¹⁰⁶.

A decisão de destruir o *Palast der Republik* – cujo interior era revestido por asbesto/amianto, produto altamente cancerígeno – só foi tomada em 2003, sendo que o efetivo processo de demolição só ocorreu entre 2006 e 2009. Então, entrou em pauta uma nova discussão: foi realizado um concurso público para escolher o

¹⁰⁴ Nos últimos dez anos, a discussão sobre os símbolos nacionais parece ter arrefecido um pouco, devido ao interesse em outros assuntos de relevância pública para a Comunidade Europeia, como o crescimento das ondas migratórias vindas, sobretudo, de países em guerra no Oriente Médio/norte da África.

¹⁰⁵ Do original: “Attempts to create a unified German political and national identity by rewriting the architectural landscape have been hotly contested [...]”

¹⁰⁶ Do original: “Ever since unification those who saw the Schloss as the linchpin of Berlin’s urban plan and those who believe it to be the symbol of a failed dynasty have argued about whether it should be rebuilt. For more than a decade the debate also encompassed the fate of Communist-era Palast der Republik, erected on part of the site between 1973 and 1976.”

monumento que representaria a unificação nacional, a ser construído naquele local. O projeto vencedor deveria ser anunciado no aniversário de vinte anos da queda do muro, em novembro de 2009, mas nenhuma das 532 propostas foi escolhida, sendo então aberta nova competição, que apresentou três finalistas, em 2010, sem um deles ser dado como vencedor. Finalmente, após anos de debate sobre a possível reconstrução do *Berliner Schloss*, decidiu-se por um projeto – o *Fórum Humboldt* – que traz a reconstrução de três fachadas no mesmo estilo barroco do antigo palácio, porém com o interior e a quarta fachada em estilo moderno. A previsão de inauguração deste novo local, abrigando museus, restaurantes, espaço para palestras e exposições, após alguns atrasos, foi agendada para 2020¹⁰⁷.

Todo esse tempo de debates, segundo as autoras, “[...] reflete a obsolescência dos monumentos nacionais nas democracias multiculturais modernas e cada vez mais fragmentadas [...]” (FUCHS; JAMES-CHAKRABORTY; SHORTT, 2011, p. 3, tradução nossa)¹⁰⁸ e ainda a impossibilidade de temas tão complexos serem eficientemente representados através de formas tridimensionais. Pensando em termos de identidades mais do que nos próprios símbolos, podemos dizer que a discussão demonstra também como pode ser difícil chegar a um consenso quanto à construção de símbolos nacionais que representem, de fato, ao menos parte significativa de um povo, sem ferir ou menosprezar a outra parte. A literatura, por outro lado, consegue trazer para a “posteridade” representações mais “vivas” de identidades coletivas, com suas indefinições e seus paradoxos.

3.2.2 Repúblicas Tcheca e Eslovaca

Ainda pensando as identidades coletivas com as categorias de Landowski: o caso da Eslováquia e da República Tcheca seria qual? Uma “admissão forçada” que não caminhou na direção da assimilação, ou que, por motivos externos, de “força maior”, foi dirigida para um processo de “exclusão mútua”, ambos deixando de ter uma *identidade comum* (que parece nunca ter existido de verdade) para

¹⁰⁷ Devido à pandemia, o Fórum Humboldt inaugurou, no final de 2020, apenas visita virtual, disponível no site: <https://www.humboldtforum.org>.

¹⁰⁸ Do original: “[...] reflects the obsolescence of national monuments in modern multicultural and increasingly fragmented democracies [...].”

passarem a ressaltar mais fortemente as menores diferenças? Foram 74 anos de identidades entrelaçadas, formando, aos olhos dos outros *Outros*, ainda mais estrangeiros (nós, aqui no Brasil, por exemplo), um único povo (tchecoslovaco) que ocupava uma certa extensão territorial e foi igualmente submetido a regimes governamentais com forças maiores que as suas. (A história não correu bem assim, como visto no segundo capítulo.) Dois irmãos que, obrigados a conviver por anos sob o comando de “parentes” mais ou menos tiranos – avós imperadores e pais ditadores –, resolveram, ao ganhar sua liberdade de escolha, seguir cada um seu próprio caminho, pois perceberam que não havia mais nada que pudesse mantê-los unidos. Separaram seus bens, seu povo, sua língua (embora aos observadores externos os traços distintivos pareçam mínimos, são duas línguas diferentes), delimitaram suas fronteiras e calcularam quais riscos cada um preferia enfrentar. Levaram na bagagem, como não poderia deixar de ser, os aspectos culturais de que tratam com cuidado para não serem mais confundidos. Nessas bagagens cabem o folclore, a produção industrial e, obviamente, a literatura.

A Eslováquia, que sempre tinha sido menos desenvolvida, criticava que a parte tcheca da federação monopolizava a maior parte dos investimentos, entre outros aspectos, enquanto os tchecos se queixavam das transferências aos seus vizinhos pobres. [...] existem consideráveis diferenças: enquanto a Boêmia e a Morávia são urbanas, laicas e liberais, a Eslováquia é mais conservadora, rural e o catolicismo é parte da identidade nacional. (MONGE, 2018)

Quando fala que os “preconceitos religiosos” de Tonko Szedílek não eram permitidos na época do comunismo, Samko complementa: “[...] apesar de ser a lei agora” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 1882, tradução nossa)¹⁰⁹. Continuando, com o inventário da separação:

Os bens do dissolvido Estado se repartiram com um cálculo de 2 por 1 a favor dos tchecos, uma vez que a República Tcheca conta com 10,5 milhões de habitantes e a Eslováquia com apenas 5,5 milhões. Até mesmo o antigo hino estatal foi dividido: a primeira parte para os tchecos e a segunda para os eslovacos. A divisão ocorreu de forma amistosa e sem violência, bem diferente das guerras vividas na antiga Iugoslávia. (MONGE, 2018)

Essa separação amistosa levou cada um dos países a voltar-se para um lado em termos de políticas de identidade nacional. A República Tcheca tentou tornar-se o que dizia ser antes de passar pelos dois períodos autoritários (ocupação nazista

¹⁰⁹ Do original: “[...] *even though it's the law now.*”

e regime comunista): um centro democrático voltado aos valores liberais e ao desenvolvimento cultural, buscando participar da família europeia de forma colaborativa e, por isso, tentando lidar com seu passado de modo a apagar possíveis ressentimentos. Enquanto isso, o chefe de governo da Eslováquia trabalhava nas frentes econômica¹¹⁰ – privatizando toda indústria estatal que podia – e de construção identitária – alimentando o nacionalismo ufanista (“os eslovacos são o melhor povo do mundo e a língua eslovaca é a mais bonita do mundo”, como diz Samko, era o que se aprendia na escola e se via na TV) e étnico, com dois alvos principais para direcionar sua xenofobia: os húngaros e os roma (ciganos) presentes no território eslovaco. É claro, essa forma de culto nacionalista, anterior à Guerra Fria, que encontrava respaldo em ao menos parte da população eslovaca, não foi recriada apenas por Vladimír Mečiar. Como diz Jiří Přibáň:

Após o declínio da ideologia centralizadora do Stalinismo, partidos comunistas nacionais nos países do bloco soviético adotaram a retórica nacionalista a fim de ganhar mais apoio popular. Intolerância nacional e étnica não foram, portanto, reinventadas ou renascidas após a revolução de 1989. Elas representaram uma continuação das políticas comunistas misturadas às ideologias nacionalistas pré-comunistas. (PŘIBÁŇ, 2003, p. 20, tradução nossa)¹¹¹

A mentalidade de Samko reflete esse tipo de identificação coletiva incentivada pelo ex-Primeiro-Ministro. Um nacionalismo existente não apenas na Eslováquia, mas em muitos (talvez todos, porém alguns saibam lidar melhor com isso) países do leste que compartilham desse passado sob o regime socialista. Ressentimento histórico, entranhado na memória coletiva, presente de uma forma pouco modificada na Polônia, na Hungria, no lado oriental da Alemanha, onde os movimentos populistas ganharam força nessa segunda década do século XXI, justamente por se apoiarem nesse tipo de discurso.

¹¹⁰ Essa tentativa de aceleração do crescimento econômico também pode ser vista pela via da valorização identitária, já que o chefe de Estado pretendia mostrar que seu país tinha plenas condições de se desenvolver de forma independente, agora que não estava mais ligado à República Tcheca.

¹¹¹ Do original: “*After the decline of the centralizing ideology of Stalinism, national communist parties in the Soviet bloc countries adopted nationalist rhetoric in order to win more popular support. National and ethnic intolerance were not, therefore, reinvented or reborn after the 1989 revolutions. They rather represented a continuation of communist policies mixed with pre-communist nationalist ideologies.*”

Mas em que consiste o ressentimento? Max Scheler, ainda no início do século passado, definiu o *ressentiment*, justificando o uso da palavra francesa por ela trazer dois elementos fundamentais para a interpretação do conceito: o movimento de hostilidade e a repetição “[...] de uma determinada reação de resposta ao outro”, “[...] um sentir de novo” (SCHELER, 2012, p. 45). O que o filósofo chama de “[...] *um envenenamento pessoal da alma*, com causas e consequências bem determinadas” (SCHELER, 2012, p. 47-48, grifo do autor) traz em si uma impossibilidade de realização do ato (de vingança por uma ofensa sofrida), cujo sentimento de qualidade negativa (rancor, inveja, maldade) vai sendo alimentado por um discurso de “farsa valorativa”: uma exaltação de valores próprios na comparação com o outro, porém apoiada na falsificação ou ilusão desses valores. Para Angenot, trata-se de um “narcisismo do oprimido”:

[...] vontade afirmada de se emancipar um dia – mas pretendendo fantasmaticamente conservar os traços e os costumes, as maneiras de ver que resultam da opressão. Exaltá-los até, por falta de poder para mudá-los. Impor a presença aos Outros, obrigá-los a fingir que me consideram. Por uma inconsequência bem conhecida, criticar certos valores dos Outros, mas esperar, entretanto, dos Outros que eles me reconheçam um dia e confessem ver minha grandeza e força – eles que eu odeio porque me veem baixo e falível e me fazem sentir assim sempre. (ANGENOT, 1997, p. 105-106, tradução nossa)¹¹²

Seja qual for a definição, ambos os autores concordam que, mesmo partindo de “[...] movimentos internos e afecções, que em si são normais e pertencem à estrutura fundamental da natureza humana [...]” (SCHELER, 2012, p. 48), o ressentimento se concretiza também nas identidades coletivas. E uma das formas de identificação coletiva mais marcadas pelo ressentimento é esse tipo de nacionalismo que não encontra fundamentos senão em verdades fantasistas ditas e reafirmadas exaustivamente.

Conforme Robert Pynsent (1996, p. 3, tradução nossa), o “nacionalismo pressupõe a existência potencial de uma nação [...]”¹¹³ e pode funcionar como

¹¹² Do original: “[...] *un narcissisme de l'opprimé [...] volonté affirmée de s'émanciper un jour — mais em prétendant fantasmaticamente conserver les traits et les habitudes, les manières de voir qui résultent de l'oppression. Les exalter même, faute de pouvoir en changer. En imposer la présence aux Autres, les obliger à feindre de me considérer. Par une inconsequence bien connue, décrier certes les valeurs des Autres, mais attendre cependant des Autres qu'ils me reconnaissent un jour et confessent voir ma grandeur et ma force — eux que je hais parce qu'ils me voient bas et faible et me le font depuis toujours sentir.*”

¹¹³ Do original: “*Nationalism presupposes the potential existence of a nation [...].*”

ideologia e como mitologia, já que a própria nação é um mito, para os nacionalistas modernos: “[...] um mito no sentido de que ela constitui uma narrativa, a qual explica o sentimento de estar mais perto de alguém em sua própria comunidade cultural do que de alguém em outra [...]” (PYNSENT, 1996, p. 4, tradução nossa)¹¹⁴. Ao ver essa comunidade, à qual se sente pertencente, como um todo, nada mais natural do que vê-la como independente das outras. Nessa lógica, para passar do querer que sua nação seja independente de outras ao querer que os Outros sejam postos para fora dela – cada um que procure a própria nação –, não há, para esses nacionalistas, um caminho muito longo. Como podemos ver abaixo, é o tipo de pensamento que ocorre a Samko:

Há apenas uma coisa que eu não entendo que é por que há tantos ciganos em Komárno, e não apenas em Komárno mas por todo o mundo, porque o que eu não entendo é por que tem de haver ciganos no mundo. Eu não quero que haja ciganos no mundo, eles deveriam ir para algum outro lugar, por exemplo, Ciganolândia, de onde eles vieram, porque desde que eles vieram pra cá aquela mulher-rato, Angelika Édesová, tem roubado meus papelões do mercado. (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 947, tradução nossa)¹¹⁵

O “mundo” no qual Samko quer que não haja ciganos é a Eslováquia, seu mundo, sua nação, a respeito da qual ele reconhece e repete uma mitologia: os eslovacos são o melhor povo do mundo, com a língua mais bonita do mundo, foram oprimidos pelos húngaros, mas todas as pessoas do mundo amam os eslovacos, e os eslovacos são orgulhosos de serem eslovacos, e “[...] quanto mais alto você é, melhor eslovaco você é” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 1433, tradução nossa)¹¹⁶. Como dito por Angenot (1997), acima, esse discurso nacionalista ressentido, que se apoia em diferenças banais não demonstráveis, é impreciso e apenas repete tautologicamente falácias e platitudes.

Para Samko, o estrangeiro está em todo aquele que não é eslovaco, ainda que more na mesma cidade há anos ou seja da sua família. Mas há diferenças em como trata cada grupo e em como aceita seus costumes. Os alemães são mais

¹¹⁴ Do original: “[...] a myth in the sense that it constitutes a narrative which explains the feeling of being closer to someone in one’s own cultural community than to someone in another [...].”

¹¹⁵ Do original: “There’s just one thing I don’t get and that’s why there are so many Gypsies in Komárno, and not just in Komárno but all over the world, because what I don’t get is why there have to be Gypsies in the world. I don’t want there to be Gypsies in the world, they should go somewhere else, for example to Gypsyland where they came from, because ever since they came here that rat-woman Angelika Édesová has been stealing my cardboard from the Market Place.”

¹¹⁶ Do original: “[...] the taller you are, the better a Slovak you are.”

admissíveis – Gusto Rúhe está sempre bêbado e isso não chega a ser um grave problema; seus avós usam palavras alemãs e até leem livros alemães, e mesmo Samko aprende algo com eles.

Mas vovó e vovô não eram alemães porque estavam na Eslováquia, apesar de que a avó da vovó era húngara e seu nome era Eszter Csonka, querendo dizer que ela tinha um nome húngaro também. E ninguém gostava disso.

Eu não gostava disso, tampouco. (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 328, tradução nossa)¹¹⁷

O problema com o nome da ascendente é que ela descaracteriza a família de Samko como “bons eslovacos”, pois mostra que eles não são “eslovacos puros”, já que alguém na família é “metade húngara”. Essa atribuição se intensifica ainda mais em duas situações: quando seu avô queria ofendê-lo, dizia que Samko tinha um pouco do sangue de Eszter Csonka; quando alguém queria aumentar o agravo, declarava que, além de húngara, Eszter era também meio cigana. A ofensa está no fato de que a grande aversão de Samko é mesmo por húngaros e ciganos. Mas Kapitáňová dá a essa situação um tratamento irônico em alguns momentos. Mesmo lembrando o tempo todo os motivos pelos quais não gosta deles como um conjunto, o narrador aponta indivíduos húngaros ou com nomes húngaros como seus amigos: Tonko Szedílek, Alf Névéry, Károly Bátori.

Uma situação do passado que se fez notar fortemente após a separação da Tchecoslováquia foi a presença de húngaros “demais” nas cidades eslovacas da região de fronteira com a Hungria. Diante dessa situação, Mečiar resolveu adotar a estratégia da exclusão, apoiando-se na Constituição do Estado Eslovaco:

A Constituição eslovaca foi criticada por marginalizar minorias étnicas e nacionais, porque seu preâmbulo refere-se primariamente à nação eslovaca etnicamente específica, sua herança cultural e história política [...]. Essa expressão constitucional de dominação étnica foi explorada pelo mandato de 1994-8 do Primeiro-Ministro Vladimír Mečiar. O Primeiro-Ministro e seu governo usaram o ressentimento histórico e temores recentes em relação ao nacionalismo húngaro de parte da população de etnia eslovaca para isolar a minoria étnica húngara vivendo na Eslováquia da vida política e pública. (PŘIBÁŇ, 2003, p. 27-28, tradução nossa)¹¹⁸

¹¹⁷ Do original: “*But Grandmummy and Granddaddy were not German because they were in Slovakia, except that Grandmummy’s grandmother was Hungarian and her name was Eszter Csonka, meaning that she had a Hungarian name too. And nobody liked that. / I didn’t like it, either.*”

¹¹⁸ Do original: “*The Slovak constitution was criticized for marginalizing the ethnic and national minorities, because its preamble referred primarily to the ethnically specified Slovak nation, its cultural heritage and political history [...]. This constitutional expression of ethnic domination was exploited by the 1994-8 government of Prime Minister Vladimír Mečiar. The Prime Minister and*

A atuação do Primeiro-Ministro e a narrativa de Samko Tále mostram um trabalho de reconstrução identitária pós-comunismo na Eslováquia voltada para o lado dos vizinhos húngaros, opressores do passado, e para as minorias roma, sem território próprio a ser considerado como nação, como seus Outros de referência. Para esses Outros, os mecanismos de disjunção, a partir do olhar do Nós (eslovacos), não podem levar a um caminho diferente da exclusão mútua. Embora as práticas de relacionamento Nós-Outros se deem, em Komárno, como não-conjunção apenas, com segregação em enclaves étnicos distanciados, há mais Outros que são admitidos ao mesmo espaço habitado:

Ao contrário, não há muitos alemães em Komárno, apenas montes de húngaros e ciganos e também alguns vietnamitas, especialmente no Mercado, mas os vietnamitas são legais porque eles não pressionam outras pessoas ao redor deles e eles não falam vietnamita. Quero dizer, eles falam vietnamita, mas apenas entre eles mesmos. Mas os húngaros falam húngaro mesmo quando não estão entre eles mesmos.

Mas as pessoas perdoam os vietnamitas por falar vietnamita porque nós nunca fomos oprimidos por eles. E é por isso que eles são permitidos na Eslováquia. (KAPITÁŇOVÁ, 2011, p. 2553, tradução nossa)¹¹⁹

Por outro lado, a relação com os tchecos, apesar da não-conjunção, causa menos problemas para Samko. Seu pai não gostava dos tchecos, mas Samko não vê dificuldades em se entender com eles, principalmente pelo fato de eles também falarem eslovaco – ou ao menos Samko pensar que sim, já que há proximidade entre as duas línguas. E Ivana ter se casado com Žebrák (cujo sobrenome significa “mendigo”) não causa preocupação, ainda que os pais de ambos se conhecessem e brigassem desde a escola – o embaraço que Ivana causa à família não é por ter se casado com um tcheco, mas por defender os húngaros e não ser nacionalista, ou seja, não ser uma boa eslovaca.

his Government used historical resentment of and recent fears about Hungarian nationalism of some of the ethnic Slovak population to isolate the Hungarian ethnic minority living in Slovakia from politics and public life.”

¹¹⁹ Do original: “Otherwise there aren’t many Germans in Komárno, just lots of Hungarians and Gypsies and also some Vietnamese, especially in the Market Place but the Vietnamese are nice because they don’t push other people around and they don’t speak Vietnamese. I mean they speak Vietnamese but only among themselves. But Hungarians speak Hungarian even when they are not among themselves. / But people forgive the Vietnamese for speaking Vietnamese because we have never been suppressed by them. And that’s why they are allowed in Slovakia.”

Assim como a Eslováquia não se volta para seus antigos irmãos, a República Tcheca traça sua identidade com olhos em outras direções. Existe, sim, certo ressentimento histórico com alemães e russos, devido aos eventos de ocupação das Terras da Coroa Tcheca ao longo da história. Porém, a nova política de identidade nacional busca apaziguar esse ressentimento, sobrepondo a ele um passado humanista e os novos valores democráticos que a guiam.

De fato, a construção de uma identidade tcheca, por séculos, tem passado por uma tomada de posição diante de povos germânicos. Além das disputas pelo poder de um território por onde diferentes povos transitaram, mas que os tchecos vêm tentando manter como sua pátria, outro elemento sempre presente nos movimentos de afirmação da nacionalidade tcheca é a língua. Conquanto a língua tcheca, ou tchecoslovaca, unificada e entendida por boêmios, morávios e eslovacos, tenha sido “inventada” nos séculos XVIII e XIX por grupos intelectuais, Pynsent (1996) lembra que, no século XIX, ela passou ainda por uma tentativa de purificação dos germanismos, até mesmo na linguagem científica, em que os termos para descrever fenômenos naturais foram traduzidos do alemão ao tcheco.

Mas, segundo as pesquisadoras Klára Vlachová e Blanka Reháková, não basta falar a língua para ser tcheco:

A identidade nacional tcheca é amarrada ao território tcheco. Apenas aquelas pessoas que vivem no território tcheco e falam tcheco são consideradas tchecas. Por outro lado, compatriotas vivendo fora do país, embora possam falar tcheco, não são considerados tchecos de pleno direito [...]. Esse aspecto da identidade nacional tcheca revela seus fundamentos culturais e políticos – não a língua, mas antes a participação plena de um indivíduo na vida cultural e política da comunidade conhecida como a nação tcheca é o que faz uma pessoa tcheca. (VLACHOVÁ; REHÁKOVÁ, 2009, p. 256, tradução nossa)¹²⁰

No entanto, a busca pela restauração de raízes identitárias, que possam se firmar nos novos tempos de Comunidade Europeia, passa por outros valores, não somente ligados ao território, como também, segundo Jiří Přibáň (2003), cidadania, história, valores universais de dignidade humana, direitos humanos, democracia e

¹²⁰ Do original: “*Czech national identity is tied to Czech territory. Only those people who live on Czech territory and speak Czech are considered to be Czechs. Conversely, compatriots living abroad, although they may speak Czech, are not regarded as fully-fledged Czechs [...]. This aspect of national identity reveals its cultural and political foundations – not language, but rather the full participation of an individual in the cultural and political life of the community known as the Czech nation is what makes a person Czech.*”

liberdade. Přebáň aponta, ainda, que a Constituição tcheca, embora retome o discurso de legitimação histórica, ignora a presença da diversidade étnica na sociedade. Até mesmo porque,

Diferente de Hungria e Eslováquia, a República Tcheca não é assombrada por conflitos internacionais de minorias étnicas e os problemas de direitos das minorias e discriminação da comunidade roma (aproximadamente, 2-3 por cento da população) não está diretamente refletida na memória coletiva da nação. (PŘIBÁŇ, 2003, p. 30, tradução nossa)¹²¹

Mas, com a intervenção da União Europeia, ao final da década de 1990, a necessidade de reconhecimento dos problemas de ordem social, econômica e cultural das comunidades minoritárias, e sua articulação em políticas públicas, passou a fazer parte da pauta do governo tcheco.

Em *Nem santos nem anjos*, a identidade nacional tcheca revela-se muito discretamente, sobretudo por elementos culturais, como a música e a literatura, que são postos lado a lado com obras consideradas universais. Kristýna ouve música clássica de outros países (Bach, Mendelssohn, Tchaikovski), mas cita constantemente o compositor tcheco Jakub Ryba (1765-1815), cujo suicídio ocorreu na mesma cidade em que seu ex-marido nasceu. Inclusive, no dia do enterro de Karel, ela pede que toquem a *Missa de Natal* de Ryba ao invés de músicas fúnebres.

Kristýna também é leitora dos grandes autores nacionais; mesmo os proibidos, como Kafka:

Eu tinha o hábito de lê-lo, porque havia sido praticamente banido, e porque tinha o costume de ser triste e também solitário. E tinha medo do próprio pai e do futuro. E tinha tido receio, porque era judeu, a exemplo de minha avó Irena, que terminou seus dias de modo horrível na câmara de gás, dez anos antes de eu nascer. Ele também poderia ter morrido lá, se não tivesse desaparecido tão jovem. (KLÍMA, 2006, p. 15)

Kristýna não se identifica com a “condição judia” de Kafka, nem mesmo com a de sua avó. O que mais a aproxima do autor é o fato de ele também não conseguir se entender com o pai e seu medo do futuro, temas nos quais ela pensa muito.

¹²¹ Do original: “Unlike Hungary and Slovakia, the Czech Republic is not haunted by the inter-national ethnic minority conflicts and the problems of minority rights and discrimination of the Roma community (app. 2-3 per cent of the population) are not directly reflected in the collective memory of the nation.”

Mas o autor preferido de Kristýna é Karel Čapek, como dito anteriormente, cuja casa ela admira com frequência, por ser próxima da sua. Além de citar alguns de seus escritos, relacionando-os ao seu próprio momento vivido, ela ainda leva uma edição dos *Contos de bolso* do autor para Jana ler durante seu tratamento. Entretanto, lamenta, que mesmo diante da sua grandiosidade: “Poucos leem Čapek hoje; não é traduzido para o inglês” (KLÍMA, 2006, p. 69).

Essa ligação de Kristýna com os livros talvez venha de sua contrariedade ao pai, justamente porque literatura não era um hábito dele. Quando ela era criança, seu pai lia “[...] histórias sobre o venerável Lênin ou a respeito dos camaradas que amavam a pátria” (KLÍMA, 2006, p. 21). Jan, porém, recebeu incentivo do pai para a leitura de literatura nacional desde a infância: “Quando eu era pequeno, ele costumava ler para mim as histórias das *Antigas lendas da Boêmia* e ajudar-me com matemática, latim e inglês” (KLÍMA, 2006, p. 96). E conhecendo bem sua cultura e sua história, no jogo de RPG, entre as possibilidades de personagens que Jan pode encenar, Jan Žižka, herói nacional, aparece ao lado de Napoleão.

Mesmo não sendo grande leitor da literatura nacional, Alois Horák era um nacionalista sob a cobertura de membro fiel ao Partido. Em uma anotação nos cadernos do pai, Kristýna encontra a seguinte passagem: “*Nossos próprios camaradas traíram-nos! Não é de estranhar que a maioria fosse de estrangeiros, sionistas e judeus. Foi assim que retribuíram a confiança de nosso povo*” (KLÍMA, 2006, p. 83, grifo do autor). Ainda que sejam todos camaradas, a confiança só existe entre os “nossos” nacionais, não se pode esperar o mesmo de “estrangeiros”.

A única outra menção à presença de Outros dentro do território tcheco, à exceção dos turistas que Kristýna não suporta, é um funeral cigano no outro lado do cemitério, quando as cinzas de Alois estão sendo enterradas: “o único som que conseguimos ouvir é o das músicas húngaras no funeral cigano” (KLÍMA, 2006, p. 169). Nenhum comentário acerca de como ver os ciganos, ou os húngaros. Nenhum estrangeiro perturba essa distinta nacionalidade tcheca por sua constituição própria ou por sua cultura. A questão com os turistas não é uma relação direta de um Nós de referência nacional frente a um Outro nacional específico; é apenas a condição de turista, esse comportamento de *estada*, de *trânsito*, essa presença ausente assumida por uma massa que não se importa com o local onde está, isso sim incomoda Kristýna na posição de Nós de referência.

A relação com a Eslováquia também não é problematizada. Jan e seus amigos passam uma semana acampando no parque nacional Velký Sokol. E Kristýna lembra que, quando casada, ia todos os anos para a Eslováquia nas férias de verão, costumava descer os rios com Karel e gostava de ouvir “[...] uma linguagem que me parecia macia e melodiosa” (KLÍMA, 2006, p. 2019). E sobre a separação dos dois países, apenas lamenta não ter podido fazer nada para ajudar, já que estava ocupada com seu próprio casamento que naufragava.

Então, vemos que, nesse momento avançado após o fim do regime socialista e a separação da Tchecoslováquia, o posicionamento das duas partes que um dia constituíram um todo, não completamente conjuntivo, que se tornou, por acordo das partes, disjunção total, é de darem-se as costas e cada um olhar para diferentes Outros aos quais se comparar. Depois de anos vivendo no Leste, ansiando pelo Oeste, a República Tcheca resolveu olhar para o Norte e a Eslováquia para o Sul – ambas, no entanto, pretendendo fazer parte de uma nova supraidentidade: a identidade comum europeia.

3.3 Dentro e fora do território que deixou de existir: pós o quê?

Quando os livros de História, em seu papel científico objetivo, registram certas datas para o início de uma época enquanto decretam o fim de outra, não levam em consideração as subjetividades dos seres que habitam o espaço e o tempo em que as transformações ocorrem. Assim também acontece com os discursos que “modelam” a história de um território: sejam os internos, que determinam quais os fatos a serem incluídos ou não no imaginário formativo de uma nação; sejam os externos, que olham de longe para um espaço habitado com o qual mantêm frouxas relações.

Do lado de dentro do grande espaço habitado que era, até trinta anos atrás, o bloco Oriental – cujo regime socialista era comandado por um partido centralizador do poder (com representantes em cada divisão territorial) sobre todas as decisões em torno da vida pública dos indivíduos, muitas vezes interferindo também nas decisões íntimas –, os indivíduos não eram mais que elementos constitutivos de uma suposta massa a ser governada a fim de dar resultados pré-estabelecidos em planos plurianuais de crescimento. A massa não era homogênea

como o Estado queria; contudo, dava-se um jeito de esconder ou eliminar as imperfeições. Após a “quebra” desse bloco, não só as singularidades humanas passaram a ter maiores chances de se expressar, mas as diferenças entre as muitas partes em que o bloco se desfez começaram a tomar relevo.

Do lado de fora, então, alguns observadores passaram a perceber que algo se movia no meio dos fragmentos do antigo bloco. Nem todos, no entanto, notavam as diferenças que surgiam, em especial no conteúdo, desses fragmentos. Madina Tlostanova abre seu capítulo na discussão sobre literaturas e culturas *pós-comunistas*¹²² refletindo a respeito desses olhares de fora sobre o espaço-tempo *pós-socialista*¹²³ e seus sujeitos:

O colapso do mundo socialista quase um quarto de século atrás deixou um estranho sintoma detectável no infame discurso do “fim da história” de Francis Fukuyama e no tipicamente ocidental, mas também pós-colonial, entendimento do pós-socialista como tempo (após o socialismo) não como espaço (onde os sujeitos pós-socialistas remanescentes ainda habitam). [...] o artigo de David Chioni Moore na influente PMLA foi um passo à frente em comparação com o discurso de apagamento de Fukuyama, já que ao menos ele não se recusa a ver pessoas vivendo nos sujeitos pós-socialistas, mesmo se tende a embalar nossas vidas em convenientes modelos teóricos estrangeiros. (TLOSTANOVA, 2015, p. 27, tradução nossa)¹²⁴

¹²² Referência às culturas elevadas no período posterior à queda dos regimes comunistas do bloco de países do leste europeu e da Ásia antes alinhados ou submetidos ao comando da URSS. De acordo com Bogdan Ștefănescu, no *Postcolonialism/Postcommunism: Dictionary of Key Cultural Terms* (BOTTEZ *et al.*, 2011, p. 256, tradução nossa, grifos do autor): “O *pós-comunismo* como disciplina de estudo está repleto de difíceis questões teóricas e ideológicas e ainda tarda em se instituir como um campo unificado de conhecimentos. Um grande obstáculo é a ausência de um idioma comum para o espaço pós-comunista, tanto porque não há *lingua franca* no lugar após a queda da URSS, apesar de sua longa campanha de russificação, quanto porque não existe um núcleo teórico comum que fundamente as várias abordagens desse assunto. Além da diversidade linguística e geocultural que entrava a circulação de descobertas acadêmicas e impede os debates necessários, também existem atitudes competitivas, em vez de cooperativas, entre as diferentes ciências e ideologias de estudiosos do *pós-comunismo*”. Do original: “Postcommunism as a discipline of study is riddled with theoretical and ideological conundrums and is still tardy in instituting itself as a unified field of scholarship. A major obstacle is the absence of a common idiom for the postcommunist space, both because there is no *lingua franca* in place after the fall of the USSR in spite of its long Russification campaign, and because there is no common theoretical core that grounds the various approaches to this subject. Apart from the linguistic and geo-cultural diversity that hinders the circulation of scholarly findings and precludes the necessary debates, there are also competitive rather than co-operative attitudes between the different sciences and ideologies of postcommunism scholars.”

¹²³ *Pós-Socialismo* (pós-socialista) e *Pós-Comunismo* (pós-comunista), assim como *pós-soviético*, são termos usados para referir o mesmo tempo e as mesmas manifestações humanas, dentro do mesmo espaço. A variação no uso dos termos depende do aspecto ao qual o autor/a autora pretende chamar a atenção em seu texto: político, econômico, ideológico, social, cultural etc.

¹²⁴ Do original: “The collapse of the socialist world almost a quarter of a century ago has led to a strange symptom detectable in Francis Fukuyama’s infamous ‘end of history’ discourse and in the typically Western but also postcolonial understanding of the postsocialist as time (after socialism)

Obviamente, Tlostanova não estende sua proposta teórica baseando a discussão sobre peculiaridades dos indivíduos em si – uma multiplicidade grande demais para ser debatida ponto a ponto. A pesquisadora russa (anteriormente cidadã soviética) trata, nesse trecho inicial, da abordagem que acadêmicos ocidentais e não ocidentais¹²⁵, sobretudo orientando-se por casos *pós-coloniais* clássicos, fazem

[...] sem levar em conta a complexa interação de diferenças coloniais e imperiais e interseccionando experiências de muitos impérios não-ocidentais e não inteiramente ocidentais e seus Outros internos e externos, marcados por entendimentos específicos de etnicidade, raça, nação, religião, multiculturalidade, gênero e resistência. (TLOSTANOVA, 2015, p. 28, tradução nossa)¹²⁶

Tlostanova aponta uma deficiência na interpretação universalista e na metodologia descritiva dos estudos pós-coloniais, quando aplicados diretamente às histórias contadas a partir de locais pós-socialistas. Além do fato de que, por trás de uma modernidade soviética baseada em diferenças ideológicas e sociais havia um outro lado, no qual adaptações ligeiras dos dogmas do materialismo histórico misturavam-se à afirmação de clichês raciais, seria preciso considerar, na visão da autora, a não equivalência entre divisões raciais, aplicáveis ao antigo Terceiro Mundo, e divisões de classes, presentes nos países que fizeram parte do bloco socialista.

Paradoxalmente, os povos pós-socialistas tinham adquirido o status humano problemático que ocupam hoje não pela raça, mas por uma semi-alteridade pobremente representável. Eles tornaram-se os pretos quase brancos [*off-White Blacks*] do novo mundo global – parecendo e se comportando como o Mesmo, mas permanecendo essencialmente Outros; invisíveis hiper-visíveis que,

not as space (where the remaining postsocialist subjects still dwell). [...] David Chioni Moore's article in the influential PMLA was a step forward in comparison with Fukuyama's erasing discourse, as at least it did not refuse to see living people in postsocialist subjects even if tended to pack our lives into convenient foreign theoretical models. Os textos citados são: FUKUYAMA, Francis. *The End of History and the Last Man*, New York: Free Press, 1992; MOORE, David Chioni, "Is the Post- in Postcolonial the Post- in Post-Soviet? Toward a Postcolonial Critique", *PMLA*, 116.1 (2001), 111-128.

¹²⁵ A autora usa "não ocidentais" em contraposição a "ocidentais", evitando assim o termo "orientais", com sua carga conceitual largamente discutida sem ser exaurida, sobretudo desde as décadas de 1970-80, após a repercussão do livro *Orientalismo*, de Edward Said (2007).

¹²⁶ Do original: "[...] *without taking into account the complex interplay of colonial and imperial differences and intersecting experiences of several non-Western and not quite Western empires and their internal and external Others, marked by specific understandings of ethnicity, race, nation, religion, multiculturality, gender, and resistance.*"

de acordo com Jennifer Suchland, como os subalternos de Spivak, nem mesmo começaram a falar. (TLOSTANOVA, 2015, p. 28, tradução nossa)¹²⁷

Ambos, o subalterno pós-colonial e o Outro pós-socialista, aproximam-se por suas dependências múltiplas e pelos “paradigmas de sujeição, subalternidade e periferização” (KOŁODZIEJCZYK; ŞANDRU, 2012, p. 116 apud TLOSTANOVA, 2015, p. 28, tradução nossa)¹²⁸. Para Cristina Şandru, a diferença entre os dois sistemas está na forma mais violenta do comunismo, sua inclinação a ver as situações em preto e branco e sua forma de lidar com seu Outro. Enquanto o Outro ocidental é um diferente a ser dominado, domado, civilizado, “agregado”, em um regime totalitário ele é visto como um inimigo a ser aniquilado (ŞANDRU, 2012, p. 17-18).

As pesquisadoras citadas acima, já há alguns anos, vêm buscando as formas mais adequadas de utilizar os conceitos aplicados nos estudos pós-coloniais para examinar as práticas discursivas e performáticas dentro desse espaço que, por economia de termos, continuaremos chamando de pós-socialista. Tlostanova, que flerta também com uma perspectiva decolonial¹²⁹, acredita na necessidade de encontrar “uma ótica interseccional capaz de perscrutar entre o pós-colonial e o pós-socialista” como forma de observar “o lado mais escuro da modernidade soviética e socialista através do contexto da colonialidade global”, pois os dois discursos, pós-colonial e pós-socialista, sendo “produtos da modernidade/colonialidade”, jogam luz sobre elementos e noções diversos além de compartilharem “a retórica básica da modernidade que atua como uma ferramenta para justificar a colonização continuada de tempo e espaço, de vidas e futuros”

¹²⁷ Do original: “*Paradoxically, the postsocialist people have acquired the problematic human status they occupy today not through race but through a poorly representable semi-alterity. They have become the off-White Blacks of the new global world—looking and behaving too similar to the Same, yet remaining essentially Others; hyper-visible invisibles who, according to Jennifer Suchland, like Spivak’s subalterns, have never even started to speak.*” Os textos citados são: SUCHLAND, Jennifer. “Is there a Postsocialist Critique?”, *Lichnost, Kultura, Obschestvo* XIII.3 (2011), 97-109; XIII.4 (2011), 103-114; SPIVAK, Gayatri C. *A Critique of Postcolonial Reason: Toward a History of the Vanishing Present*, New Heaven: Harvard UP, 1999.

¹²⁸ Do original: “*paradigms of subjection, subalternity and peripheralization.*”

¹²⁹ Cf. TLOSTANOVA, Madina. “The postcolonial condition, the decolonial option and the postsocialist intervention”. In: ALBRECHT, Monica (ed.). *Postcolonialism Cross-Examined: Multidirectional Perspectives on Imperial and Colonial Pasts and the Newcolonial Present*. Routledge: 2019, p. 165-178.

(TLOSTANOVA, 2015, 30, tradução nossa)¹³⁰. Segundo a autora, pode-se ser um escravo da modernidade tanto em uma versão socialista quanto capitalista sem ter sido colonizado em um sentido econômico e político clássico.

Voltando agora à ideia de “múltiplas dependências” desses Outros pós-socialistas, chegamos a outra definição teórica aplicada a esse tempo-espço habitado depois do fim de uma era: *pós-dependência* (termo cunhado no Centro de Estudos Pós-Dependência da Faculdade de Língua e Literatura Polonesa da Universidade de Varsóvia). Pós-dependência é o discurso abrangente de um espectro mais amplo de práticas da experiência humana, significantes e complexas, que ocorrem quando situações de dependência chegam ao fim. Embora o termo tenha surgido no âmbito de estudos sobre a sociedade polonesa contemporânea, há de se reconhecer seu potencial para estudos de diferentes situações de tempo-localidades (*tempo-localities* – dimensões de espaço-tempo da pós-dependência), como pós-apartheid, pós-ditaduras, pós-ocupações, pós-migração. Assim como em pós-comunismo e pós-socialismo, através desse “pós”, identificamos uma característica de transição “[...] da condição de dependência para a condição de, se não independência, já que esta categoria é sempre carregada de dúvidas, então uma reflexão sobre o que a dependência era e quais consequências traz para o presente” (KOŁODZIEJCZYK; ŞANDRU, 2012, 115, tradução nossa)¹³¹.

Seja qual for o discurso a ser adotado, Cristina Şandru ressalta a importância de se examinar memórias individuais e coletivas para extrair algum sentido do passado turbulento. Ao lidar com períodos pós-históricos, diz a pesquisadora, as questões de identidade, memória, usos do passado e sobre “o que e por que nós escolhemos esquecer, ou quais histórias escolhemos contar” (ŞANDRU, 2012, p. 48)¹³² devem ir além de práticas públicas comemorativas e políticas educacionais.

Nesse sentido, Todorov (2000), ao discutir sobre os abusos da memória, remarcava o caráter de resistência vinculado à memória dentro dos sistemas totalitários, a reconstrução do passado operando como ato de oposição ao poder

¹³⁰ Do original: “*An intersectional optic able to peer between the postcolonial and postsocialist [...] the darker side of Soviet and Socialist modernity within the context of global coloniality [...] products of modernity/coloniality [...] the basic rhetoric of modernity acting as a tool in justifying the continuing colonization of time and space, of lives and futures.*”

¹³¹ Do original: “[...] *from the condition of dependence to the condition of, if not independence, since that category is always fraught with doubts, then a reflection on what dependence was and what consequences it bears for the present.*”

¹³² Do original: “[...] *what and why we choose to forget, or what stories we choose to tell [...].*”

estabelecido. Além disso, insistia no direito dos indivíduos de saber sobre sua história, sem que qualquer instituição superior de Estado defina o que deve ser lembrado ou esquecido, apontando também para a conversão desse direito em dever de testemunho quando as experiências vividas, pelo indivíduo ou pelo grupo, sejam de natureza trágica ou excepcional.

O apelo às memórias individuais do tempo-espaço socialista desestabiliza o passado, trazendo à tona histórias antes abafadas sob a mesma ideologia que era usada pelo poder totalitário para “[...] suprimir a autoconsciência individual, apagar a memória coletiva local e histórias nacionais [...]” (PUCHEROVÁ, 2015, p.140, tradução nossa)¹³³, levando a uma colonização mental dos componentes da massa governável. Essa colonização era reforçada pelas práticas de imitação da cultura soviética, “[...] aulas compulsórias de língua russa, história e cultura soviética e, nas universidades, de marxismo-leninismo e a história do movimento proletário. Na arte, realismo socialista era o único estilo oficialmente aprovado” (PUCHEROVÁ, 2015, p.140, tradução nossa)¹³⁴. Não é de estranhar que, com exceção das obras dos autores dissidentes – cujo estilo pôde manter-se em certa continuidade, pois já descumpriam as regras estabelecidas pelas associações de escritores e órgãos culturais comandados por membros do Partido – tenha havido alguma ruptura “necessária” nas artes, a partir de 1989, e a busca pelas possibilidades de expressar da melhor forma a multiplicidade de individualidades e identidades resgatadas a partir de um olhar ao passado.

¹³³ Do original: “[...] *to suppress individual self-consciousness, erase local collective memory and national histories* [...].”

¹³⁴ Do original: “[...] *compulsory classes in the Russian language, Soviet history and culture, and, at university, of Marxism-Leninism and the history of the proletarian movement. In art, socialist realism was the only officially endorsed style.*”

4 SOBRE LITERATURAS

O que se pode considerar como literatura nacional: ser produzida em um território? Produzida em determinado idioma que é a língua oficial de determinados territórios (literatura de língua alemã e literatura tcheca e literatura eslovaca)? O que define as identidades literárias de cada território/país/nacionalidade? Partindo daí, haveria como delinear, então, uma identidade literária que ultrapassasse as fronteiras territoriais de países com um passado em comum, mas com diferentes modos de se relacionar com seus habitantes e seus Outros? Se a resposta para essa última pergunta for sim, esse seria o caso das literaturas do leste europeu após a Guerra Fria.

Mitsuyoshi Numano examina, em “Existe algo como literatura centro (oriental) europeia?” (2007, tradução nossa)¹³⁵, alguns textos representativos deste espaço, ainda escritos durante o período do regime socialista (embora refira-se também a dois autores exilados fora desse espaço – Milan Kundera e Witold Gombrowicz). Uma de suas proposições é “[...] que literatura (cultura) centro europeia não existe por si mesma nem pode ser definida por si mesma” (NUMANO, 2007, p. 124-125, tradução nossa)¹³⁶, mas existe em sua interação constante com o lado ocidental da Europa e com a Rússia. De acordo com o autor, essa literatura do “meio” ganha potencial criativo explorando sua “distância relativa”, através de sua “[...] consciência aguçada das fronteiras e da posição de alguém no contexto dessas fronteiras [...]” (NUMANO, 2007, p. 128, tradução nossa)¹³⁷.

Mas, agora que essa relação com a própria “distância relativa” dos dois lados mudou, ainda seria possível esboçar traços para uma tentativa de definição de algo como uma literatura pós-socialista nos países do bloco Leste – sobretudo nos antigos países satélites, que não faziam parte da URSS e tiveram formas diferentes de transição para a abertura democrática? Neste último esforço de procurar sentido na reunião de teorias tão diversas quanto, esperemos,

¹³⁵ Cf. NUMANO, Mitsuyoshi, “Is There Such a Thing as Central (Eastern) European Literature? An Attempt to Reconsider Central European Consciousness on the Basis of Contemporary Literature.” In: T Hayashi, & H. Fukuda (Eds.) *Regions in central and eastern Europe: Past and present*. Sapporo: SRC, 2007. (p. 121-134)

¹³⁶ Do original: “[...] that Central European literature (culture) does not exist by itself nor can it be defined by itself alone”.

¹³⁷ Do original: “[...] keen awareness of borders and one’s position in the context of these borders [...]”.

complementares, partindo das análises das três narrativas selecionadas, dediquemos algumas páginas à reunião dos resultados parciais para dar, ao menos, um princípio de resposta às muitas perguntas feitas até aqui. Mas antes disso, dediquemos um momento a olhar mais uma vez para o passado, para tentar discernir o que significa para a literatura essa *Virada* de que falam os alemães.

4.1 Antes e depois do socialismo

Lidar com o passado é uma característica comum de sistemas literários, sobretudo após eventos singulares que assinalam rupturas na história de uma determinada região. Dessa forma, tanto quanto no pós-guerra os escritores europeus precisaram repensar sua expressão poética, os autores do fim do regime socialista do Leste começaram sua busca por maneiras de representar por escrito o que haviam vivido recentemente. Se não relatavam as experiências como pareciam ter sido em sua exterioridade em forma de testemunho, ficcionalizavam-nas através de personagens em situações que pudessem transmitir uma visão particular dessas vivências.

Nos primeiros anos do poder socialista dominando os países do Leste, os habitantes desses espaços geográficos tentavam refazer suas vidas após as destruições e perdas proporcionadas pela Segunda Guerra Mundial. Além de reconstruir cidades onde as pessoas pudessem ter abrigo e algum alimento garantido, por escasso que fosse, era preciso reconstruir também o espírito, através da cultura e da educação. No bloco Leste, essa reconstrução previa um conjunto de práticas que levassem a ideologia do Partido a cada cidadão, cercando-o por todos os lados, desde a infância, dos ideais socialistas.

Acreditando nesses ideais e afinados na luta antifascista, escritoras e escritores da Alemanha engajaram-se com determinação na criação de um projeto humanístico baseado na autonomia e na responsabilidade da literatura. Olhavam para o passado tentando ver além dos recentes horrores pelos quais haviam passado e buscavam em nomes como Goethe e Schiller e nos filósofos idealistas bases nas quais apoiar suas raízes. Além disso, seguindo o modelo político soviético, a RDA dava preferência ao realismo burguês, em detrimento do modernismo, como precursor do realismo socialista que viriam a desenvolver

(FEHERVARY, 2003). Cedo a situação mudou e escritoras e escritores, por mais que continuassem tentando defender seu ponto de vista sobre o que deveria ser a literatura, tanto na forma quanto em seu conteúdo, perdiam força diante de imposições feitas de cima, pelo Partido.

Na Tchecoslováquia, também o realismo socialista foi imposto como único modelo aceito. Entretanto, enquanto do lado tcheco interessavam-se pelo passado recente da guerra como um todo, do lado eslovaco as atenções voltavam-se para momentos pontuais, como o Levante Nacional Eslovaco de 1944, que pretendia derrubar o governo fascista, mas acabou sucumbindo alguns meses antes do Exército Vermelho chegar (NAUGHTON, 2008). Os tchecos também levaram mais adiante as restrições do realismo socialista do que os eslovacos.

A morte de Stalin, em 1953, foi seguida por um Descongelamento, durante o qual a atmosfera nas sociedades soviética e tchecoslovaca foi facilitada, a cultura foi liberalizada e o papel dos intelectuais na vida pública tinha sido restaurado. Durante esse período, a literatura afastou-se decisivamente da criação de mitos do realismo socialista stalinista a favor de uma escrita mais realista e menos abertamente dogmática. (CHITNIS, 2005, p. 4, tradução nossa)¹³⁸

Essa característica apareceu na literatura da Eslováquia já a partir de 1954, e demorou quase uma década para chegar à literatura tcheca, em que o Descongelamento só mostrou seus reflexos por volta do início dos anos 1960. Nessa época, na literatura da Eslováquia já se firmava uma geração mais experimental.

Além do legado das duas guerras e da luta antifascista, que caracterizavam o realismo socialista na RDA desde os primeiros anos, a partir de 1959 foi instituída a colaboração entre profissionais de campos diferentes para gerar uma literatura da classe laboral. Enquanto escritoras e escritores eram incentivados a conhecer o chão das fábricas e a produção agrícola, trabalhadoras e trabalhadores dessas áreas recebiam estímulo para escrever. O lema das conferências em Bitterfeld era: *“Greif zur Feder, Kumpel, die sozialistische Nationalkultur braucht dich!”* (Pegue na pena, amigo, a cultura nacional socialista precisa de ti!). Pretendia-se, com essas

¹³⁸ Do original: *“The death of Stalin in 1953 had been followed by a Thaw, during which the atmosphere in Soviet and Czechoslovak society had gradually eased, culture had liberalized and the role of intellectuals in public life had been restored. During this period, literature moved decisively away from the myth-making of Stalinist Socialist Realism in favour of more realistic, less overtly dogmatic writing.”*

atividades, tornar o universo do trabalho braçal na literatura mais realista, menos idealizado.

Ainda nesse período, o “eu” individual e a reflexão subjetiva tiveram um breve momento de destaque na prosa; tornariam a aparecer mais tarde, tendo como principais expoentes as obras de Johannes Bobrowski e de Christa Wolf. Essa reflexão, porém, ultrapassou o eu individual, na tentativa de delinear uma identidade nacional após a construção do muro de Berlim, que encerrava as esperanças de unificação alemã, pelo menos temporariamente.

Se escritores como Brecht e Seghers haviam clamado pelo antifascismo, pelo socialismo e pelo humanismo num apelo a uma sensibilidade europeia, e implicitamente de uma Alemanha unificada, a segunda geração escreveu no contexto daquilo que o Partido agora definia como «literatura nacional socialista» específica da RDA. (FEHERVARY, 2003, p. 470)

Entretanto, abriam-se também os debates públicos em congressos, nos quais se reuniam escritoras e escritores dos países do Leste, e ainda comunistas ocidentais, para debater os caminhos da arte literária. Nesse momento, o Modernismo, que havia sido rechaçado a princípio, volta para afirmar-se na RDA, um pouco sob influência dos experimentos modernistas de seus vizinhos do bloco – entre eles, a Tchecoslováquia.

Porém, em seguida o Partido passa a prestar mais atenção aos debates, a censurar autoras e autores e a reprimir algumas manifestações consideradas de tendências pessimistas, niilistas, anárquicas, modernistas, liberalistas, pornográficas (BEUTIN, 1992). De acordo com Michael Opitz (OPITZ; HOFMANN, 2009, p. 88, tradução nossa): “Foi o início de um desastre político e cultural que, em 1976, com a expatriação de Wolf Biermann, atingiu seu ápice”¹³⁹.

A partir de 1968, após o envolvimento de algumas e alguns artistas da RDA nas manifestações da Primavera de Praga, a censura política e cultural terminava com o sonho do socialismo perfeito, e crescia o número de dissidentes buscando exílio no lado ocidental. Ainda assim, na década de 1970, teorias divulgadas no Ocidente, como correntes pós-estruturalistas, feministas ou de autoria afro-americana e de outras minorias, mesclaram-se às teorias críticas de tradição marxista da RDA. Houve também maior aprofundamento sobre a memória de

¹³⁹ Do original: “*Es war der Beginn eines kulturpolitisches Desasters, das 1976 mit der Ausbürgerung von Wolf Biermann seinen Höhepunkt erreichte*”.

eventos históricos e seu reflexo nas vidas humanas do cotidiano comum, muitas das obras sendo escritas a partir de uma perspectiva autobiográfica.

Resumindo: a literatura da RDA nas últimas duas décadas de sua existência torna-se uma literatura de crítica radical da civilização. Evidentemente, essa postura de questionamento permaneceu estranhamente emaranhada com o que, do ponto de vista ocidental, parecia ingênuo em princípio, a solidariedade com o plano socialista até o colapso da RDA. Assim, a literatura da RDA – ao contrário da de outros países do bloco oriental – apenas em suas margens se torna uma literatura de dissidência. (BEUTIN, 1992, p. 497, tradução nossa)¹⁴⁰

Na Tchecoslováquia, após agosto de 1968, os escritores envolvidos nos eventos daquele ano que ainda eram membros do Partido foram expulsos, passaram a ser perseguidos, tendo seus direitos restritos ao mínimo e a vida dificultada ao máximo, o que levou muitos deles a saírem do país. Foi nessa época que começaram a circular os *samizdat* mais reconhecidos, a literatura clandestina, copiada e distribuída fora das editoras autorizadas pelo Partido. Com essa forma de circulação dos textos, os autores tinham maior liberdade para expressarem-se e fazer experimentos. A situação entre os dissidentes agravou-se ainda mais após a assinatura da *Carta 77*. Pavel Kohout, um nome de destaque tanto na literatura tcheca quanto no discurso dissidente, tendo conseguido autorização para viajar a Viena, não foi autorizado a retornar e teve sua cidadania revogada.

Além dos dissidentes, ainda havia outra categoria de artistas que voltou a se destacar: o *underground*, cuja cultura (fundada inicialmente em uma estética surrealista também dissidente), “[...] influenciando amplo número de participantes, não ficou limitada aos principais centros populares ou círculos intelectuais, mas atraiu atenção suficiente, especialmente entre os jovens trabalhadores” (BONDY, 2018, p. 57, tradução nossa)¹⁴¹. Egon Bondy, um dos fundadores do movimento, afirma que foi graças ao crescimento da contracultura, no início dos anos 1970, que esse movimento voltou a se sobressair. Nessa época, segundo Ivan Martin Jirous (2018), o *underground* estava mais voltado à música, sobretudo ao rock progressivo,

¹⁴⁰ Do original: “*Kurz: Die DDR Literatur in den letzten zwei Jahrzehnten ihres Bestehens wird eine Literatur der radikalen Zivilisationskritik. Freilich bleibt diese Haltung des Infragestellens bis zum Zusammenbruch der DDR auf merkwürdige Weise verhakt mit einer aus westlicher Sicht naiv anmutenden prinzipiellen Solidarität mit dem sozialistischen Entwurf. So wird die DDR-Literatur - anders als die anderer Ostblockländer - nur an ihren Rändern zu einer Literatur der Dissidenz.*”

¹⁴¹ Do original: “[...] *influencing large number of participants, has not been limited to major population centres or intellectual circles, but attracted enough attention, particularly among working youth.*”

mas produzia-se, lia-se e “ressuscitava-se” muita poesia. Seus maiores nomes estavam ligados à banda The Plastic People of the Universe, que musicou poemas de Egon Bondy, vinte anos depois de ele ter dado início ao movimento.

No entanto, as três “categorias”, algumas vezes, pareciam meio indistintas. Bohumil Hrabal, por exemplo, que teve obras de publicação autorizada nos meios oficiais na década de 1970, mas também se destacou nas publicações *samizdat* dos dissidentes, havia sido um dos primeiros participantes do movimento underground entre 1951 e 1954. Honza Krejcarová, que havia publicado nos princípios do underground “[...] poemas no absolutamente único estilo ‘hard sex’, uma coleção dos assim chamados *Poemas de terapia* baseados no uso do simbolismo psicanalítico, e prosa curta erótica” (BONDY, 2018, p. 58, tradução nossa)¹⁴², passou a publicar literatura comercial nos anos 1960.

Também na parte eslovaca, o período conhecido como Normalização (a partir de 1969 até a queda do regime) previa ou o acatamento das ordens impostas pelo Partido ou a exclusão da vida pública:

Isso pode ser visto na dissolução das associações de artistas e literatos das quais são excluídos a partir de então os próprios artistas e literatos. Revistas literárias, como *Kultúrny život* (Vida cultural), *Mladá tvorba* (Criação jovem) e algumas outras, vão enlanguescendo até chegar ao seu fechamento; dezenas de autores são impedidos de publicar, por isso, muitos deles emigram, enquanto outros se negam a continuar publicando. (PETRÍK, [20-?], tradução nossa)¹⁴³

Embora uma maioria tenha escolhido se submeter e continuar publicando, alguns dos mais conhecidos nomes tomaram o caminho do exílio; também houve um grupo de dissidentes publicando em *samizdat*. Porém, “diferente dos colegas tchecos, eles não enfrentaram o desemprego ou foram forçados a aceitar trabalhos manuais” (MARUŠIAK, 2008, p. 1809, tradução nossa)¹⁴⁴.

¹⁴² Do original: “[...] poems in the then absolutely unique ‘hard sex’ style, a collection of the so-called *Poems from Therapy based on the use of psychoanalytical symbolism, and short erotic prose.*”

¹⁴³ Do original: “*Esto puede verse en la disolución de las asociaciones de revistas y literatos de las cuales son excluidos a partir de entonces los propios artistas y literatos. Revistas literarias, como Kultúrny život (Vida cultural), Mladá tvorba (Creación joven) y algunas otras, van languideciendo hasta llegar a su cierre; a decenas de autores se les impide publicar, por lo que muchos de ellos emigran, mientras que otros se niegan a seguir publicando.*”

¹⁴⁴ Do original: “*Unlike their Czech colleagues, they were not faced with unemployment or forced to take manual jobs.*”

Dominik Tatarka, um reconhecido escritor comunista, que já havia se mostrado anti-stalinista em obra publicada alguns anos antes, tornou-se dissidente após a invasão soviética de 1968, deixando o realismo socialista de lado e escrevendo em forma autobiográfica, em textos eróticos ou lúdicos. Rajendra Chitnis nota que nomes proeminentes dos anos 1960, como Ján Johánides e Pavel Vilikovský, foram proibidos de publicar, enquanto outros nomes da mesma geração, como Rudolf Sloboda “[...] continuaram a aparecer, ao lado das primeiras publicações de Dušan Dušek (n.1946) e Dušan Mitana (n.1946), que continuaram no espírito dos experimentos literários do Descongelamento” (CHITNIS, 2005, p. 16, tradução nossa)¹⁴⁵.

Entre as décadas de 1970 e 1980, na Tchecoslováquia havia um contraste entre duas visões da realidade: uma mais dinâmica, sempre mutável; outra rígida e árida, ligada à atmosfera política pesada daquele período. Com a abertura promovida desde a URSS em meados dos anos 1980, a Eslováquia sai na frente outra vez, com a movimentação para o processo de liberalização. A divisão entre Estado e dissidentes, segundo Henderson (2002, p. 27 apud CHITNIS, 2005, p. 5), era menos evidente, com maior grau de informalidade e menores níveis de paranoia do que havia em Praga – ideia, no entanto, contestada por Juraj Marušiak (2008).

Outra diferença entre os dois lados é que, enquanto a literatura tcheca tende a ser descrita com rupturas continuadas desde o fim do stalinismo, escritoras e escritores eslovacos enfatizam a continuidade em seu desenvolvimento literário no mesmo período, e também depois da queda do regime comunista, com um pequeno congelamento no início dos 1970, mas que logo começou a se dissolver. Enquanto na literatura eslovaca há, após 1989, contraste entre uma visão nacionalista conservadora e um entendimento liberal e pluralista, no lado tcheco há um posicionamento politicamente correto mais generalizado.

Chitnis (2005) comenta a opinião de alguns teóricos que escreveram logo após os eventos de 1989, para quem a literatura tcheca foi vista, em um primeiro momento, como “sofrendo de falta de propósito”, sem muito mais o que dizer após perder seu inimigo representado pelo comunismo. A pesquisadora argumenta que “[...] os escritores das *Mudanças* frequentemente parecem muito mais confiantes

¹⁴⁵ Do original: “[...] continued to appear, alongside the first publications of Dušan Dušek (b. 1946) and Dušan Mitana (b. 1946), who continued in the spirit of the literary experiment of the Thaw.”

sobre o seu entendimento da natureza não só da arte mas também da existência humana do que muita literatura 'liberal' do período precedente" (CHITNIS, 2005, p. 15, tradução nossa)¹⁴⁶.

A literatura tcheca, após 1989, teve certa continuidade, uma vez que autores dissidentes, antes impedidos de publicar oficialmente mas mesmo assim produzindo muito e distribuindo seu trabalho de forma clandestina, foram alvos daquela "curiosidade" inicial descrita por Ivan Klíma (1994). Porém, de acordo com Chitnis (2005), algumas poucas obras da literatura "oficial" também já adiantavam a liberação que chegaria em breve, como é o caso da sátira política, com uma perspectiva feminina irônica, de Alexandra Berková, uma iniciante autorizada a publicar ainda em 1986.

Na introdução à coletânea *The Review of Contemporary Fiction – Slovak Fiction* (2010), Clarice Cloutier comenta algumas características da literatura eslovaca atual, que podem ser vistas como traços que se mantêm, apesar das transformações que se efetuam em períodos distintos. Uma dessas características, inclusive, é que os eslovacos (aqui a autora cita a escritora Uršula Kovalyk) "são reproduções fiéis de si mesmos" (CLOUTIER, 2010, p. 13, tradução nossa)¹⁴⁷, embora suas identidades possam mudar de acordo com o ambiente. A editora argumenta que os autores e as autoras conseguem transformar situações corriqueiras em extraordinárias, elementos domésticos em exóticos, o que configura o contraste com sua escolha usual de concentrar os textos em localidades pontuais, assim como períodos e grupos específicos.

Outras características de escritoras e escritores da Eslováquia, segundo a editora da coletânea, seriam: seu apego a detalhes, o gosto por contar histórias (há uma grande produção de contos eslovacos, enquanto autoras e autores de língua tcheca tendem a preferir narrativas mais longas) e por comparações que mais igualam do que diferem, sua identificação com a paisagem e com sua língua, considerada mais suave do que a tcheca. Além disso, Cloutier ainda assinala que os eslovacos são subversivos e sonhadores, o que talvez explique seu

¹⁴⁶ Do original: "[...] *the writers of Changes frequently appear far more confident about their understanding of the nature not only of art, but also of human existence, than much 'liberal' literature of the preceding period.*"

¹⁴⁷ Do original: "*faithful reproduction[s] of themselves.*"

engajamento na literatura experimental, deixando o realismo socialista de lado desde muito cedo.

Peter Karpinský aponta para a presença de elementos pós-modernos em alguns textos representativos das novas gerações eslovacas, enquanto outros mostram um retorno a formas tradicionais de contar histórias, “enriquecidas com elementos de realismo mágico e misticismo” (KARPINSKÝ, 2015, pos. 99, tradução nossa)¹⁴⁸. Também chama a atenção para o fato de que a escrita de mulheres tem sido mais aclamada, mas apenas algumas delas seguem uma orientação feminista. Dobrota Pucherová, que analisa narrativas de trauma pós-comunista na literatura eslovaca, também observa uma abordagem pós-modernista, por um lado, “[...] que assume a impossibilidade de recuperar histórias perdidas e recusa uma narrativa teleológica levando a uma conclusão”, e por outro lado, uma perspectiva de “[...] referencialidade histórica e a possibilidade de descrição mimética da realidade [...]” (PUCHEROVÁ, 2015, p. 147, tradução nossa)¹⁴⁹.

Na Alemanha oriental, a literatura também parece ter tomado os rumos da mudança ainda antes do fim do regime comunista. Michel Optiz e Michel Hofmann (2009) apontam para a convergência de interesses das literaturas dos dois lados do muro, desde o final dos anos 1970, refletida no desenvolvimento de temas e de formas que conquistavam grande público, inclusive por autoras e autores da RDA com obras publicadas no Ocidente.

Embora algumas dessas autoras e alguns desses autores continuassem escrevendo, muitos novos nomes despontaram após 1989, concentrando-se na escrita que não era apenas sobre o regime recém-deposto, era também sobre os locais e as pessoas que neles viviam. Houve escrita de testemunho e de crítica melancólica do passado, mas também houve uso de formas humorísticas ou reflexivas para transpor os pedaços do muro que se espalhavam para além de Berlim. Houve ainda o retorno a mitos e o resgate de formas literárias de outros tempos e outros lugares.

¹⁴⁸ Do original: “[...] *enriched by elements of magical realism and mysticism.*”

¹⁴⁹ Do original: “[...] *which assumes the impossibility of recovering lost histories and refuses a teleological narrative leading to a conclusion*” e “[...] *historical referentiality and the possibility of mimetic description of reality [...].*”

Ilse Nagelschmidt (2006) aponta uma mudança de posicionamento na literatura da antiga RDA, que antes ficava no centro, mas devido às transformações que afetaram política, mercado, sociedade e arte, passou a ocupar as margens:

Após 1989 as autoras e os autores vivem entre tempos e entre lugares. A vida nas periferias significa questionamento consequente, reflexão rigorosa, mas também continuação consciente de concepções estéticas. Tanto em declarações poetológico-ensaísticas como em textos poéticos de muitas escritoras e escritores, eu me confrontei com os conceitos de lugar, situação limítrofe e marginalização. Eu entendo o conceito de lugar com quatro dimensões: como grandeza espacial, temporal e política, em relação à qual o indivíduo se coloca; como grandeza de linguagem; como momento de reconstrução e imaginação; e como momento marginal, que assim está submetido a limitações, onde e de onde o indivíduo tanto pode tatear quanto se afastar. (NAGELSCHMIDT, 2006, p. 198)

Wolfgang Emmerich, partindo do verso “E todo o meu texto se torna incompreensível”¹⁵⁰ de Volker Braun, pedia, em uma conferência em 1991, que estudiosos e estudiosas com interesse na literatura da extinta RDA, e também os escritores e as escritoras, aprendessem a re-escrever seu texto, a ler de novo:

Mesmo em Braun, “texto” já não significa apenas os próprios textos escritos com palavras. Significa também o texto da vida como foi produzido biograficamente; este equilíbrio em princípio delicado e arduamente contrabalançado de experiências, hábitos, sensações, ações, percepções, opiniões, desejos e também muitas outras coisas que costumamos chamar “nossa identidade”. Devido ao colapso do campo socialista, e especialmente da RDA, essa textura de nossa identidade tornou-se – mais ou menos, claro – rachada e incompreensível. (EMMERICH, 1992, p. 4, tradução nossa)¹⁵¹

Ambos, pesquisadora e pesquisador, argumentam sobre a necessidade de olhar para a literatura da antiga RDA, assim como a literatura chamada “da Virada”, posteriormente escrita, com a atenção voltada com um pouco mais de ênfase para a estética, e não focada somente (ou principalmente) nas questões relacionadas às trocas de poder político. Segundo Emmerich (1992, p. 6, tradução nossa): “Deveria

¹⁵⁰ Do original: “*Und unverständlich wird mein ganzer Text.*” (traduao nossa)

¹⁵¹ Do original: “*‘Text’ meint ja schon bei Braun nicht nur die eigenen, selbstverfasten Texte aus Worten. Es meint auch den Lebenstext, wie er sich biographisch hergestellt hat; jenes grundsätzlich heikle, mühsam austarierte Gleichgewicht aus Erfahrungen, Gewohnheiten, Empfindungen, Handlungen, Einsichten, Meinungen, Wünschen und auch manchem anderen mehr, das wir ‘unsere Identität’ zu nennen pflegen. Diese Textur unserer Identität ist durch den Zusammenbruch des sozialistischen Lagers und speziell der DDR – mehr oder weniger, gewiß – rissig und unverständlich geworden.*” A publicaao da conferência foi feita em 1992, como material resultante de pesquisa do Institut für kulturwissenschaftliche Deutschlandstudien an der Universitat Bremen.

ser decisivo [...] entender o verdadeiro movimento histórico desta época como uma oportunidade para o movimento artístico e científico”¹⁵². Oportunidade de agregar essas marcas deixadas pelo colapso socialista na forja de uma nova identidade, através do tratamento das formas, e não apenas na discussão temática.

Essa compreensão parece ter encontrado seu lugar na literatura das novas gerações e da geração que viveu – também artisticamente – o fim do regime socialista, tanto na Alemanha, como em outros países do antigo bloco do Leste.

4.2 Marcas de uma identidade supranacional nas literaturas

Pelo que analisamos no capítulo anterior, podemos ver que há uma característica transnacional de mostrar as divergências presentes na vida de personagens de “classes” diferentes (que não existiriam, segundo os preceitos do regime em voga até o final da década de 1980, constituindo o povo em uma massa homogênea da perspectiva social). Se, na visão do Partido (que decidia os rumos também da literatura), os cidadãos e as cidadãs de todos os lugares do bloco – URSS e países satélites – deveriam ser tratados como um “nós” uniforme em ações e pensamentos ao serem representados na literatura do realismo socialista, após a queda do regime, em uma literatura que se afasta dos moldes anteriores, as subjetividades e, sobretudo, as contradições são partes imprescindíveis na formação complexa de personagens que representam “indivíduos”. Na literatura pós-comunista, a massa se dissolve, ou ao menos se mostra mais heterogênea do que supunha o sistema socialista.

No Leste Europeu, pintura, escultura, música, literatura, design, arquitetura, teatro e cinema seriam moldados pelas teorias do realismo socialista, de um jeito ou de outro. Também o seriam as vidas de pintores, escultores, escritores, atores, diretores, músicos, arquitetos e designers – bem como as experiências de pessoas comuns, que passaram a morar em prédios realistas socialistas, a ler ficção realista socialista e a assistir a filmes realistas socialistas. (APPLEBAUM, 2016, p. 431)

Embora Anne Applebaum esteja falando aqui do início do projeto socialista (seu livro trata do período entre 1944 e 1956), essa tentativa de “modelagem” da

¹⁵² Do original: “*Entscheidend dürfte sein, [...] die wirkliche geschichtliche Bewegung dieser Zeit auch als Chance für künstlerische und wissenschaftliche Bewegung zu begreifen.*”

arte e das pessoas comuns através de um projeto de vida totalitário – “[...] um regime totalitário tem um só partido político, um só sistema educacional, *um só credo artístico*, uma economia planejada de modo centralizado, uma mídia unificada e um só código moral” (APPLEBAUM, 2016, p. 17, grifo nosso) – estende-se ainda até o final da Guerra Fria. Algumas variações sobre o tema foram sendo acrescentadas ao longo dos anos, na busca de adaptar esse *credo artístico único* às características locais de cada país satélite, de modo a envolver o público através do reconhecimento de suas raízes (cuidadosamente selecionadas), mas sem perder o foco na construção de um caminho comum para os habitantes do hemisfério socialista.

Através da análise dos planos de assuntos (*die Themenpläne*) para publicação de literatura na RDA e da correspondência interna entre os segmentos hierárquicos desde a cúpula do Partido (neste caso, o *SED*) até os censores de cada setor, Robert Darnton (2016) demonstra que a ideia geral do realismo socialista ainda estava presente nos anos finais do regime, ao menos como forma de orientação para a aprovação pela Administração Central da Publicação e do Comércio de Livros (*Hauptverwaltung Verlage und Buchhandel*, que o autor abrevia como HV):

Ragwitz na Kultur e os censores da HV não impunham a conformidade com o Bitterfeld Weg¹⁵³, que, por volta de 1980, havia deixado de determinar um padrão estrito para o estilo literário, mas continuavam comprometidos com as convenções estilísticas conhecidas genericamente como “realismo socialista” e desconfiavam de textos que não falassem das condições de vida no “socialismo real”, como o chamavam – ou seja, o mundo concreto experimentado pelas pessoas comuns da RDA. (DARNTON, 2016, p. 207)

Esse “mundo concreto experimentado pelas pessoas comuns”, que deveria figurar em uma “[...] variedade de literatura saudável, positiva, progressista, socialmente responsável, enraizada na classe trabalhadora” (DARNTON, 2016, p. 207), no entanto, não era exatamente o mundo em que as pessoas viviam de fato na RDA; era o mundo socialista idealizado pelo Partido. Assim, quando apareciam em romances cenas que divergiam do ideal progressista, demonstrando, por

¹⁵³ Cf. Darnton (2016, p. 206): “O Partido havia decretado que a literatura devia aderir ao realismo socialista e em duas conferências na cidade industrial de Bitterfeld, em 1959 e 1964, escritores haviam se comprometido com o Bitterfeld Weg, um programa de colaboração com os operários num esforço comum para criar uma cultura caracteristicamente socialista da RDA”.

exemplo, não o avanço tecnológico e potencial produtivo das indústrias mas sim a poluição que desencadeavam, retratando trabalhadores descontentes ou de índole duvidosa, ou, pior ainda, membros do Partido sem autênticas convicções comunistas apenas utilizando sua posição política para desfrutar de vantagens (que, em teoria, não existiam), os autores e as autoras deveriam responder por isso. As sanções iam desde mudanças obrigatórias nos textos, orientadas por editores que também faziam parte do sistema de censura prévia (inconstitucional, note-se), até a proibição de publicação; em situações mais graves (reincidência, tentativa de burlar as regras ou publicação não autorizada no lado ocidental, entre outros casos pontuais), a perda de direitos, expulsão do sindicato dos autores, multa, prisão e até perda de cidadania alemã oriental (DARNTON, 2016).

A representação de personagens com desvios em relação à conduta da personalidade socialista, que tornam complexa sua atuação na narrativa, de forma a não representarem de maneira alguma os *tipos* ideias do realismo socialista, mas manterem em si, aliada à sua identidade geográfica, sua subjetividade ímpar, parece ser uma das características pertinentes aos três romances aqui estudados. Quando essas personagens passam pela mudança grandiosa que é a dissolução da cortina de ferro, a abertura ao outro lado – que deixa de ser outro –, como é o caso de *Adam e Evelyn*, as diferentes formas de encarar a nova realidade tornam evidente a existência de subjetividades diversas anteriores que subsistem nos novos tempos. Quando as personagens estão em um momento mais avançado no tempo histórico, uma década após o fim do regime totalitário, como é o caso em *Nem santos nem anjos* e *Samko Tále's Cemetery Book*, a maneira como cada um se adaptou ou não ao novo sistema democrático e à economia capitalista deixa entrever qual era a sua posição com relação ao regime anterior.

Se dizemos, por exemplo, que Adam situa-se entre as pessoas que se sentiam confortáveis na RDA, estamos colocando-o apenas em uma faixa de sintonia que pode se mostrar bastante larga. Muitas outras pessoas que se sentissem “confortáveis” vivendo sob um regime ditatorial poderiam ter formações diversas da sua, vida social e financeira diferente, interesses variados. Outro homem da sua idade poderia não ter suas tendências criativas, expressas desde sua profissão – não apenas costura roupas, ele as cria, projeta, desenvolve, dá nome e personalidade a elas – até seus hobbies – fotografia e jardinagem –; poderia não gostar de carros

antigos, como o seu Wartburg; poderia não se importar tanto com a partida da namorada após uma briga etc. Atentemos para o fato de que a profissão de Adam o distancia um pouco dos pretensos “heróis do povo” que deveriam habitar as narrativas do realismo socialista: homens fortes, trabalhando com maquinaria pesada, ou na produção de tijolos, ou abrindo estradas, ou na construção de prédios, e sempre pregando a ideologia do Partido. Entretanto, o fato de ele não se importar com as restrições existentes em seu país, de ele não querer ir embora e até mesmo as dúvidas sobre como ele pode se sentir à vontade e conseguir tantos benefícios que para outras pessoas (incluindo a própria namorada, Evelyn) são difíceis, quando não impossíveis, o coloca em uma situação de oposição a essas pessoas menos favorecidas pelo sistema e, principalmente, as insatisfeitas.

Da mesma forma, podemos ver Kristýna em uma posição confortável dentro do regime soviético, conforme o viveu em Praga na sua juventude. O fator político importava a ela menos do que a relação familiar. Mesmo pertencendo à “classe certa”, que podia estudar, ela não estava totalmente de acordo com o regime, mas sua oposição e rebeldia não eram contra o sistema em si, e sim contra o pai. Kristýna não é uma dissidente, tampouco uma mãe abnegada lutando para manter a família unida a qualquer custo, apesar das traições do marido; é uma mulher que repensa sua vida entre o medo de mudar e o de permanecer igual, e que olha para as mudanças no mundo com desconfiança. É de se notar ainda que o próprio tema da infidelidade conjugal, presente também em outras obras de Ivan Klíma escritas antes de 1989, não estava de acordo com o esperado da literatura da era socialista, pois um verdadeiro comunista não deveria ser infiel e a literatura não deveria incentivar tal comportamento. “Toda relação sexual extraconjugal pode levar à deportação (pela ‘dissipação moral’)” (TODOROV, 1999, p. 58), portanto, nem mesmo o pai de Kristýna tinha uma conduta totalmente de acordo com a dos “heróis do povo” do realismo socialista.

Samko, catador de papelão com diversos problemas de saúde e condição mental deficitária, tem leves traços de maldade e o ego um pouco inflado. Essa maldade, porém, não provém de sua condição física – não é uma deformação refletindo no físico o espiritual, conforme Susan Sontag (2007) diz ser comum no uso das doenças enquanto metáforas –, mas da exposição a ideologias conflitantes, das quais ele guardou apenas a parte menos divergente. A família de Samko se

dividia entre duas posições extremas: nacionalismo eslovaco X comunismo soviético (exceção de Ivana, contra ambos os discursos). E Samko acabou por adotar um pouco das duas. Ele é nacionalista, “Porque os eslovacos são o melhor povo do mundo e a língua eslovaca é a língua mais linda do mundo” (KAPITÁŇOVÁ, 2011, pos. 977, tradução nossa)¹⁵⁴; mas Samko é também (ou era, até 1989), um aliado do PC, um amante da ordem estabelecida pelos comunistas. Não toma atitudes prejudiciais aos outros pelo simples desejo sádico de vê-los “em grandes apuros” (“*into big trouble*”, KAPITÁŇOVÁ, 2011, tradução nossa), mas porque lhe foi ensinado que havia uma lei a ser cumprida, e tanto aqueles que não cumpriam a lei quanto aqueles que não denunciavam os infratores poderiam sofrer retaliações. No início, é como se agisse por instinto de sobrevivência; somente mais tarde, quando percebe que pode ter vantagens ao relatar tudo a Karol Gunár, inclui-se entre suas motivações para continuar delatando as pessoas algum impulso de vingança.

De certa forma, os três protagonistas das narrativas selecionadas estão nessa “zona de conforto” do Leste, proporcionada pelo Partido; contudo, não há maiores semelhanças entre eles. E as suas reações à mudança também são diversas. Não é possível dizer se Adam vai se recuperar da sua síndrome de migração e passar a aceitar a nova ordem em algum momento, anos após a Reunificação alemã, mas, no momento em que sua história se desenvolve, ele não reage nada bem às mudanças. Kristýna diz ter sofrido menos com a amigável separação entre República Tcheca e Eslováquia do que com seu próprio divórcio, quase na mesma época, porém, dez anos depois do fim do regime soviético em seu país, ela continua olhando para os acontecimentos (políticos) do mundo apenas na medida em que afetam diretamente sua vida pessoal. Samko não sofreu nada pelo fim da Tchecoslováquia, pelo contrário, ficou contente com a Eslováquia soberana; já o fim do regime comunista ainda lhe traz consequências desagradáveis, como novas leis e seu amigo Karol Gunár não poder mais punir quem age em um padrão distinto do “normal” da sociedade na qual ele foi criado.

Da mesma forma, as personagens das três narrativas que estão ou estiveram em desacordo com as normas ditadas pelo Partido situam-se em uma mesma

¹⁵⁴ Do original: “*Because Slovaks are the best people in the world and the Slovak Language is the most beautiful language in the world.*”

larga faixa dos “mal sintonizados”. Alguns, como Katja e Simone, Ivana e Žebrák, Jan e sua família, estão ou estiveram no extremo ponto de agir contra o sistema opressor. Simone planejou casar-se com seu primo ocidental para poder mudar de país, mas o envolvimento dele com Evelyn causou-lhe sentimentos fortes (ciúmes, talvez) que a fizeram mudar de ideia e voltar para casa; enquanto Katja fez tudo o que estava a seu alcance para ir embora do Leste, sem desistir, mesmo depois de quase se afogar tentando. O marido de Ivana tentou fugir do serviço militar obrigatório com o apoio dela, sendo ambos delatados por Samko. Jan, apesar da experiência de seu pai como revolucionário anticomunista, e de ele próprio ter se juntado a movimentos jovens no final da década de 1980 e trabalhar justamente investigando os crimes da polícia política, tem certa dificuldade em lidar com o mundo diretamente: morando com a mãe e sempre citando a perspectiva dela sobre qualquer assunto lado a lado com sua própria opinião, consulta os astros para guiar-se na vida e joga RPG como distração (ou elaboração da vivência mundana). Todavia, nessa mesma lista de descontentes, há outros mais comedidos, como o senhor Angyal, estabelecido na Hungria, mas sem se envolver na política desde 1956, e a própria Evelyn, uma jovem esperançosa que, mesmo frustrada com suas condições de vida limitadas pelo regime, não vê na fuga da RDA seu ideal – pelo menos não até que a possibilidade real de ir embora se apresente diante dela. Talvez Darinka Gunárová, que parece ter emigrado apenas pelos desentendimentos com seu pai, enquadre-se na mesma situação de Evelyn, vivendo sob as regras do lugar até que a oportunidade de partir se apresentasse; e a parte nacionalista da família Tále, como o pai de Samko, que viveu o período comunista com um representante do PC dentro de casa, enquanto mantinha sua posição contrária à do *Homo sovieticus*, possa ser visto como uma resistência passiva (não necessariamente pacífica) ao regime. Karel (ex-marido de Kristýna), um homem sem ideologia, cuja maior preocupação intelectual é pensar sobre o tempo que segue seu caminho independentemente dos governos que se sucedem, não representa bem uma resistência, mas também não está alinhado com a doutrina comunista.

O que se pode retirar dessa breve análise é a tendência da narrativa contemporânea do Leste europeu de demonstrar que as personagens de um romance (tempo fictício), assim como acontece com as pessoas da “vida real” (tempo vivido) são – e podem ser – mais complexas, menos tipificadas do que o realismo socialista

desejava representar. Porém, não significa dizer que toda a literatura escrita ainda dentro do período em que vigia o socialismo produzia apenas o que o realismo socialista buscava. Se na RDA foi possível, a pesquisadores como Darnton, descobrir “de dentro”, pelos documentos oficiais, o que acontecia, isso não se repetiu em todos os lugares. Assim, a maneira que resta de verificar certas mudanças ou continuidades na representação escrita daquele espaço-tempo e seus habitantes seria a leitura e análise efetiva de obras do antes e depois da Virada.

As formas de lidar com o tempo também parecem ter bastante relevância dentro dessas três obras. E isso reflete tanto nas discussões levantadas pelas personagens quanto pela disposição dos eventos dentro da trama. A perspectiva linear do tempo cronológico – com os fatos sendo narrados à medida que ocorrem, sem muitas reflexões demoradas sobre o passado quando a incerteza do futuro ocupa as mentes dos indivíduos que precisam tomar decisões imediatas, como ocorre em *Adam e Evelyn* – ajuda o leitor a olhar para esse passado com um pouco de empatia pelas personagens. É fácil posicionar-se em um tempo posterior aos acontecimentos e questionar-se como podem as pessoas terem reagido de tal ou tal forma aos eventos vividos por elas e julgá-las ingênuas demais ou até um pouco “burras”. Mas quando a literatura nos traz para essa perspectiva de quem está vivendo a incerteza do momento, sem nos declarar “este é o bom, este é o mau, e só há um caminho a seguir”, podemos deixar de questionar suas decisões e aprender com elas que há outras nuances a serem consideradas.

Além disso, essa organização narrativa traz como consequência o efeito das zonas sombrias (reforçando o próprio tema da incerteza momentânea) dentro da sequência de capítulos, quando não podemos seguir todas as personagens, nem mesmo os dois protagonistas, porque foram cada um para um lado. Assim a escolha de confiar às próprias personagens a tarefa de registrar (quando relevante) o que aconteceu fora do foco luminoso da cena acompanhada pelo narrador preenche algumas lacunas, dando ao leitor certa satisfação ao descobrir uma informação a mais, mas sem garantias de que ele saberá de tudo, portanto, deixando que sua mente trabalhe um pouco essas informações antes de seguir a leitura.

No tempo posterior, quando grandes decisões já foram tomadas e não há possibilidade de retorno, a não ser pela reelaboração de situações passadas na expectativa de que não se repitam os mesmos resultados desastrosos anteriores,

é possível – e até necessário – fazer um balanço do tempo que passou. Olhar para o passado, não com olhos de viajante do tempo que sabe o que o futuro reserva e volta na esperança de evitar que as feridas sejam abertas, mas sim conscientes da impossibilidade de mudar o que já aconteceu (a menos que seja pela escrita de uma memória nova). Então a forma de lidar com esse “passado que não passa” (RICOEUR, 2007), em *Nem santos nem anjos*, é transformar essa obsessão com os erros em “memória-hábito”, que anima o presente ao invés de atormentá-lo, e, a partir dessa mudança de perspectiva, constituir novas memórias

Em alguns casos, quando um condicionamento da mente não permite ao indivíduo essa reelaboração do passado, o ser fica condenado à repetição caricata das mesmas escolhas erradas e a tentar, pela rememoração das situações congeladas em sua mente, montar um quebra-cabeça sempre com uma peça faltando. Samko Tále permanece apegado à ideologia do Partido – alimentando sua nostalgia com os comentários de seu amigo Karol Gunár sobre a democracia de agora que o impede de agir como antes – e seguidor da opinião geral – agindo e pensando “como todo mundo”, mesmo sem entender por que todo mundo age e pensa de tal maneira –, por isso, não tem condições de operar essa transformação. Ele escreve sobre o passado, mas esse exercício de escrita não chega sequer a ser elaboração, é colagem de ideias repetidas, como acontece quando ele usa expressões com forma fixa ou retoma os preconceitos sedimentados da família.

Sobre a exploração do espaço na literatura ficcional, Madina Tlostanova aponta, como uma característica da arte pós-dependência, alguns *topoi*, comumente usados:

Os *topoi* heteróclitos típicos de filmes, livros e obras de arte transculturais incluem o metrô, a praça do mercado e o jardim de um grande complexo de apartamentos (um jardim comum agindo como o substituto para o cronotopo bakhtiniano do *parlour* ou salão). Um topos crucial permanece o de casa em todas as suas manifestações contraditórias. Contudo, um trapaceiro moderno é um eterno andarilho que se sente em casa apenas em trânsito. Por isso, tantas metáforas de transporte e *topoi* – navio, avião, funicular, estação ferroviária, e outras ferramentas da modernidade reconsideradas em tempo-localidades de arte e ficção pós-dependência. Um dos *topoi* característicos da ficção de pós-dependência é o cemitério. À primeira vista, nosso último refúgio parece ser o único espaço relativamente imune às tendências transgressivas e jornadas transculturais. Cruzando as fronteiras entre a vida e a morte, nós esperamos retornar aos nossos ancestrais e finalmente nos reterritorializarmos. O leitmotiv do túmulo perdido ou deslocado e a fronteira

entre a vida e a morte como uma linha extrema a qual finalmente define o pertencimento ou exclusão humana continua voltando nas obras pós-soviéticas e pós-ditaduras. (TLOSTANOVA, 2015, p. 39-40, tradução nossa)¹⁵⁵

Alguns desses *topoi* aparecem nas obras aqui observadas. Vamos passar brevemente por eles, começando pelo “jardim comum”. Em nenhum dos três livros temos um complexo grande de apartamentos; o jardim, porém, ou mesmo o salão bakhtiniano, estão lá. Na casa da RDA, o jardim era particular, lugar onde Adam exercia alguns de seus hobbies. Na casa dos Angyal, os cafés da manhã concorridos acontecem no jardim, onde ocorre ainda uma reunião em torno da fogueira, como comemoração, logo após a notícia da abertura da fronteira húngara. E na casa em Munique, o jardim é dos donos da casa, mas pode ser usado pelos moradores dos quartos alugados, como Evelyn e Adam. Há também os encontros que ocorrem nos restaurantes ou refeitórios dos acampamentos por onde Adam e Katja circulam – encontros que não pressupõem um nivelamento social anterior dos participantes; mas o próprio encontro naquele local os nivela (lembramos que Adam, por mais que negue estar em fuga, é sempre visto como um alemão oriental que, assim como os outros, aguarda a possibilidade de partir para o Ocidente). Kristýna, apesar de sentar-se diante do jardim da casa de Čapek, não tem nesse lugar muitos encontros – apenas uma vez encontra Jan à sua procura; de resto, o que acontece ali são suas reflexões. No entanto, o salão estará presente: na casa do amigo de Jan, durante o jogo de RPG. Kristýna, ali, encontra-se com os participantes do jogo, compara-se com eles, mas não interage (apenas com Jan, quando lhe explica as regras); porém, encontra-se consigo mesma, em seus pensamentos.

A casa: Kristýna reflete sobre seus problemas, discute com Jana, conversa com a mãe em casa, encontra-se – no sentido carnal do termo – com Jan na casa

¹⁵⁵ Do original: “*Typical heteroclitic topoi of transcultural films, books, and art works include the metro, the market square, and the yard of a large apartment complex (a communal yard acting as a substitute for a Bakhtin’s parlour or salon chronotope). A crucial topos remains that of home in all its contradictory manifestations. However a modern trickster is an eternal wanderer who feels at home only in transit. Hence, so many transport metaphors and topoi – ship, airplane, funicular, railway-station, and other tools of modernity reconsidered in the tempo-localities of post-dependence art and fiction. One of the characteristic topoi of post-dependence fiction is the cemetery. At first sight our last refuge seems to be the only space relatively immune to transgressive tendencies and transcultural journeys. Crossing the boundary between life and death we hope to return to our ancestors and finally reterritorialize. The lost or displaced grave leitmotif and the border between life and death as an utmost line which finally defines human belonging or exclusion keeps coming back in postsoviet and post-dictatorship works.*”

dele e depois na sua. A casa que poderia ser um refúgio, por vezes é tormenta; é, também, onde ela espera: que Jan volte de viagem, que Jana se recupere, que alguém ligue e a faça se movimentar, que o ex-marido morra. A casa da mãe e a casa de Čapek, no caminho, são como registros da passagem do tempo por aquele bairro que antes ficava nos confins da cidade e, no tempo da narrativa, é cheio de carros que passam rápido pelas ruas em direção a outro lugar. Adam e Evelyn deixam a casa, memória da família dele, para trás; abandonada, ela não os recebe de volta. Habitam, transitoriamente, a casa dos Angyal, onde o tempo passa com prazer, e do tio Eberhard, onde o tempo se arrasta com angústia, até poderem encontrar seu novo lar, compartilhado com os anjos Michaela e Gabriela, para começar um novo tempo. Samko Tále escreve em casa, onde guarda suas memórias (os cadernos nos quais anota quem conhece e quem morreu). Não é a mesma casa onde tomou conhecimento da morte de Tonko, naquele estranho encontro com Darinka e seu pai, mas é a casa onde todos os tempos se misturam. Porém, não é em casa que se sente bem, parado, ocupando o cronotopo do narrador. Seu lugar é na rua.

Em casa em trânsito: Samko prefere estar trabalhando na rua, puxando seu carrinho, do que em sua casa, escrevendo. Na rua ele trabalha, é alguém, está em movimento, vê pessoas, coisas acontecem. Evelyn e Adam estão em viagem – ela na frente, tomando distância, ele atrás, tentando recuperar seu amor; Katja está em fuga, espera, mas tem pressa; Michael quer seguir seu caminho de volta para casa; Simone volta para casa sem alcançar seu objetivo. Kristýna anda pela cidade e não gosta do que vê nem da agitação, prefere calma, sua casa ou um memorial; Jan viaja para a Eslováquia, com os amigos, para descansar, aproveitar a natureza, lá trai Kristýna, lá ouve a previsão que o assusta e o faz correr de volta para Praga; Jana anda nas ruas da cidade, em busca das drogas e da euforia que a transportam para fora de seu tempo-espço cotidiano, e foge da clínica de tratamento, pegando carona, momento em que se sente à vontade, em liberdade, em movimento.

As “metáforas de transporte” a que Tlostanova se refere são também os “não lugares”, conforme definidos por Marc Augé:

Os não lugares são tanto instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são alojados os refugiados do planeta. (AUGÉ, 2012, p. 36)

Evelyn, Adam e quase todos ao seu redor viajam, de carro ou de trem; param em fronteiras, estações, no meio da estrada quando o carro estraga. Katja e Adam param em campings, e ele e Evelyn quase vão para um campo de refugiados. Kristýna dirige seu carro ou usa o metrô, Jan usa o trem, Jana anda de ônibus ou de carona. Gusto Rúhe escreve a sorte das pessoas no asfalto do estacionamento diante da estação ferroviária e dorme nas garagens do cemitério quando neva. Ivana e Žebrák têm um carro cada um, podem vir muito rápido de Bratislava a Komárno, como ela fez no dia da morte de Alf Névéry.

Cemitério: Samko escreve o livro do cemitério, mas parece ter transformado a morte em uma insignificância; de todas que cita, a de Alf Névéry é a mais chocante, porque nunca antes havia encontrado alguém morto fora do caixão. De Alf Névéry é também o túmulo deslocado, pois foi enterrado em Komárno apesar de, de acordo com Samko, não ser eslovaco. E há os velórios dos quais Samko participa: da sua avó, da mãe de Darinka, de Adam Miller... todos representando um momento de descobertas sobre o comportamento humano. Kristýna enterra as cinzas do pai, em silêncio, enquanto adiante no cemitério está acontecendo um enterro cigano, com música; depois, vela o ex-marido. Além disso, o encontro com a morte está sempre em seus pensamentos.

Em trabalho anterior (SILVA, 2016)¹⁵⁶, a respeito das narrativas que ficcionalizam a experiência do período da Guerra Fria, apontei como um traço comum às obras então analisadas a presença de um elemento de fuga à realidade, que pode aparecer sob a forma de devaneios ou de eventos fantásticos. Nessas três narrativas, no entanto, essa característica toma a forma de ludicidade, uma fuga recreativa para outra dimensão, uma retirada estratégica enquanto a personagem espera que os problemas tenham uma solução. Claro, temos em *Nem santos nem anjos* também a forma não programada dessa fuga, nos constantes sonhos de Kristýna, que não são nada recreativos, muito pelo contrário. Porém, Jan vê como um alívio a entrada no mundo paralelo do RPG, não só porque, em geral, consegue nesse mundo chegar “a um final auspicioso ou, ao menos, aceitável” (KLÍMA, 2006, p. 197), também porque pode esquecer-se por alguns momentos da tensão de seu

¹⁵⁶ Refiro-me à dissertação de mestrado *Entre o muro concreto e a cortina invisível*, defendida em 2016, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS.

trabalho (ter sido seguido na rua, saber que a qualquer momento sua investigação pode ser interrompida). Jana participa das duas formas de saída da realidade: a recreativa, quando usa drogas, e a não programada, quando tem devaneios pela crise de abstinência.

No caminho do Leste para o Oeste, quem busca a fuga momentânea enquanto a fuga total (viver em outra realidade) não chega é Katja, que se comporta como uma criança a quem Adam estaria levando para passear. Depois de atravessar a fronteira no porta-malas, pede que ele lhe compre chocolates: “Chocolate de criança? É o que você quer?” (SCHULZE, 2013, p. 107). E, em Budapeste, enquanto tomam sorvete, pede um cubo mágico – este último item é que funcionará como elemento de fuga. Katja fica com ele durante o tempo na Hungria – uma forma de fugir da ansiedade pelos eventos daquele momento –, mas quando a fronteira se abre, devolve-o a Adam: “Me deu de presente. Agora, não precisa mais dele” (SCHULZE, 2013, p. 266). Quando estão na casa dos tios de Adam e ele está sofrendo sua síndrome de migração, sem conseguir emprego, tentar emparelhar o cubo é seu passatempo.

Samko, que não se vê diante de tensões a serem amenizadas, não se entretém com esse tipo de elemento lúdico. Como ele é alguém que trabalha duro, não tem tempo para o que classifica como “coisas bobas” (“*silly things*”, expressão repetida em ao menos 10 situações, KAPITÁŇOVÁ, 2011): estudar alemão, casar, receber visitas, ir a uma festa, beber e fumar, usar os jogos de videogame que Ivana lhe dá de presente, ler livros grossos ou mesmo escrever. Lembremos que ele está escrevendo seu *Livro do Cemitério* apenas pela obrigação, já que foi o que o velho Gusto Rúhe leu na pedra da lua; mas se seu carrinho não estivesse no conserto, ele não teria tempo para fazer isso. Se seu livro não é reelaboração do passado, tampouco funciona como fuga do mundo real ao seu redor. O que passa com Samko é apenas esse semipacto que ele faz com o outro mundo: a leitura do destino – ele não sabe exatamente o que pode lhe acontecer se não escrever o livro, apenas acata a instrução (mais uma vez, sua necessidade de seguir regras).

Nesse contexto de superstições secundárias, “[...] uma tentativa, ainda que inadequada, de lidar com problemas para os quais não se dispunham de meios melhores ou mais racionais [...]” (ADORNO, 2008, p. 35) – neste caso, as tentativas de algum tipo de controle sobre o futuro (adivinhações, previsões, encantamentos),

que não necessariamente aparecem como fugas do real –, como já foi apontado em outros momentos, temos tanto Adam quanto Jan. Adam usa suas três batidinhas no capô com um pedido para que Heinrich chegue ao destino (sem o carro, até isso se perde) e, de acordo com Evelyn, a leitura diária do horóscopo; Jan também consulta os astros e, durante sua viagem à Eslováquia, encontra uma vidente. Há ainda Lída, que fez previsões sobre a morte de todos da família quando era adolescente; mas Kristýna não sabe se pode confiar nas previsões, pois desconfia que a irmã estava apenas bêbada. Samko também desconfia que as leituras de Gusto Rúhe sejam invenções de bêbado, porém prefere não contestar; todavia, além dele, outras personagens também pedem a leitura da sorte, inclusive Ivana. E a própria história de como Gusto Rúhe adquiriu a pedra da lua e começou a fazer previsões passa por certo misticismo.

Diante dessa ínfima amostragem de traços de um conjunto de narrativas desenvolvidas em países do antigo bloco comunista, foi feita aqui uma tentativa de comprovar a existência de “algo como literatura centro (oriental) europeia”, para retomar Numano (2007), citado acima. Embora o foco esteja um pouco mais deslocado para o centro do que para o leste, tendo em vista as pesquisas das teóricas apresentadas na seção anterior, o objetivo parece ter sido minimamente atingido. Retomando o texto de Tlostanova, que tem nos acompanhado quase desde o início, podemos concordar que

No momento, há uma frágil e imaginada comunidade pós-socialista [...], há ainda a poética comum e elementos estéticos da escrita pós-socialista delineados acima, certa imagética e leitmotivs, e modos específicos de tratar a linguagem [...]. A literatura, o cinema, o teatro e as artes visuais do mundo ex-socialista continuam sendo os meios mais eficazes para a terapia catártica coletiva, a qual esperançosamente nos ajudará a entender nós mesmos e nosso lugar num novo mundo onde muitos novos mundos coexistam, e nunca deslizar de volta ao círculo vicioso da existência sempre dependente. (TLOSTANOVA, 2015, p. 45, tradução nossa)¹⁵⁷

¹⁵⁷ Do original: “*At the moment there is a fragile and imagined postsocialist community [...], there are still common poetic and aesthetic elements of postsocialist writing outlined above, certain imageries and leitmotivs, and specific ways of treating the language [...]. The literature, cinema, theatre and visual arts of the ex-socialist world remain the most effective means for collective cathartic therapy, which hopefully will help us better understand ourselves and our place in a new world where many worlds would coexist, and never slide back into the vicious circle of a forever dependent existence.*”

Embora não estejamos situados na mesma tempo-localidade da pesquisadora, a terapia catártica proporcionada pela literatura talvez também possa nos ajudar a entender esse nosso novo mundo. E o pensamento sobre as obras daquele espaço-tempo talvez possa nos mostrar novas formas de olharmos para nós mesmos, nossa obras literárias, nossas história e memória.

5 CONCLUSÕES – UM RELATO

Há grandes diferenças entre a forma como olhamos para um país e seus habitantes quando lemos sobre sua história e sua literatura, antes de pormos os pés em seu território, e a forma como olhamos estando dentro do território ou ao retornar dele. Embora uma breve visita, praticamente turística, não seja base suficiente para dizermos que conhecemos e entendemos muito bem o que se passa em um país, produz já um avanço em relação ao que podemos compreender olhando de fora e à distância.

Enquanto lia *Nem santos nem anjos* pela primeira vez e acompanhava os deslocamentos de Kristýna pela cidade, imaginava como as ruas descritas pela protagonista poderiam compor um cenário na mesma Praga vendida ao imaginário ocidental (e talvez global), com suas ruas de pedra, telhados vermelhos e luminárias antigas. Onde, nas pontes sobre o Vltava, aqui conhecido como Moldava, cabem jovens *punks* com cabelos moicano e correntes na cintura? Onde, na cidade de arquitetura resguardada (ou restaurada) pela História, cabem pichações e cartazes de anúncios rasgados? Como se une, em um mesmo cenário, castelo, ópera, teatro, relógio astronômico e praças ocupadas por jovens drogados, ruas cheias de carros velozes, águas lamacentas e sujas de um rio com monturos de lixo nas margens, pedintes nas esquinas e medo de assaltos? Ainda que tenha estudado anteriormente o vasto período de quarenta e cinco anos, que uniu o pós-Segunda Guerra Mundial e os acontecimentos de dez anos antes do período narrado no livro, e conheça algumas das transformações pelas quais a, hoje, República Tcheca passou no último século, era-me difícil conceber tal paisagem. Talvez porque me faltasse, como viria a entender durante a pesquisa, pensar também no próprio conceito de paisagem, considerando-a como um enquadramento de objetos de variados momentos e peculiares a determinados modos de produção dispostos ao mesmo tempo sob um mesmo olhar, que os mira através do filtro de sua formação subjetiva.

A tentativa de seguir o trajeto desenhado por Adam, Evelyn, Katja e os demais, embora frustrada pela escolha diferente com relação aos meios de transporte utilizados – ir de trem, de ônibus ou de carro implica mais do que escolhas sobre a velocidade da viagem, exige que se defina, antes da partida, quais paisagens serão

vistas da janela – e pelo tempo disponível para cada parada, ainda proporcionou algumas experiências bastante parecidas com as das personagens trinta anos antes. Mesmo usando euros na Saxônia e depois em Bratislava, ainda é necessário comprar coroas para usar em Praga e forintos para Budapeste – e os cálculos de conversão não são tão fáceis quanto as personagens faziam parecer. Aprender ao menos a dizer “muito obrigada” – *Danke, Děkuji, Ďakujem, Köszönöm* (teve até oportunidade para um *Спасибо* [Cpaciba]) – em cada língua, mesmo que numa pronúncia de aplicativo, parece nos mostrar mais amigáveis aos olhos das pessoas instaladas; porém, também complica um pouco quando entra em jogo a pretensa universalidade do inglês de viajante. Essa língua “global” provoca reações diversas naqueles trabalhadores e naquelas trabalhadoras que estão regularmente exercendo suas funções dentro do seu espaço-tempo laboral da vida cotidiana. Nas lojas de Dresden, prefere-se o inglês – língua de ninguém e de todos – a ouvir a estrangeira tartamudear um princípio de alemão; mas na entrada de um ponto turístico, essa mesma estrangeira pode ser confrontada com um “Qual língua você fala, afinal, porque não está me entendendo?!”. É incrível como estamos sempre disponíveis a compreender a fala agressiva na língua dos Outros quando nós estamos na posição de Outros, “como uma criança que se esconde, medrosa e culpada, antecipadamente convencida de merecer a cólera dos seus pais”, diria Kristeva (1994, p. 20). Já em Praga, justo em um museu que expõe as memórias do período comunista, o inglês flui muito calmamente na recepção e no café e está lado a lado ao tcheco nas paredes e nos guias, enquanto nas lojas, supermercados e alguns pequenos bares, a língua do capitalismo se reduz a meia dúzia de palavras com foco exclusivo na troca de mercadoria por dinheiro, e é até possível arrancar um meio sorriso do habitante local quando uma saudação soa na língua dele. Então se pensa: “Logo Praga, essa cidade aberta ao Ocidente, da qual tanto autores quanto suas personagens viajam para Londres para estudar!”. Às vezes, a realidade dos romances não dá conta do banal cotidiano, ao menos não de todo(s).

Entrar em conjunção com o Nós de referência local não teria como acontecer, pois a diferença entre os Outros e eu esteve sempre bem marcada. E como boa turista-dândi, já sabia desde a chegada que em breve não estaria mais lá, naquele espaço habitado por tantas formas de agir, reagir, sentir e pensar, diversas também entre si. Por isso, exerci aquela forma de presença ausente, de quem não está lá

por antecipação, por estar ciente de que, como lembra Landowski (2012, p. 77), “uma ‘estada’, por definição, só poderia ser um certo prazo para passar um pequeno pedaço de existência inscrito entre dois limites bem definidos”. Eu tinha esses limites registrados no carimbo de chegada e na passagem de volta; e os limites das estadas menores, que me cobravam movimento constante, nas reservas dos hotéis. Andava, então, com o passaporte à mão, como único documento válido, porque poderia ser solicitado a qualquer momento que eu apresentasse uma comprovação de quem era e de que havia sido admitida, em caráter provisório, naquele espaço, sendo autorizada a perambular por aquele Caos que eu jamais transformaria em (meu) novo Cosmo.

Assim, tentando cumprir lá um percurso estabelecido desde aqui, andei, como ausente, por muitos lugares e fui eu mesma nos não lugares em que passei grande parte do tempo, quase sempre aterrorizada com a ideia de não compreender bem o funcionamento da lógica peculiar àquele espaço que não é meu, àquela rotina que não me é familiar. Tinha medo de perder o rumo e a ocasião em aeroportos, aviões, estações, trens, rodoviárias, ônibus, taxis, hotéis e até no mapa digital na tela do celular. O que poderia acontecer com aquele pontinho movente que não era eu, mas uma estéril representação de mim, entre ruas desconhecidas das quais tudo que eu sabia era, quando muito, o nome?

Que encontros poderia me proporcionar esse deslocamento, esse desenraizamento temporário que me permitiu conhecer *in situ* aquelas paisagens das quais só conhecia descrições nos livros e imagens congeladas em fotografias? Essa era outra pergunta que me acompanhava a cada etapa do percurso. Porém, quase nada de notável aconteceu; algo de extraordinário, sim, pelo extraordinário da situação por mim vivida: primeira viagem internacional, sozinha, sem orientação ou acompanhamento, tentando decifrar o que afinal eu tinha ido buscar tão longe que poderia acrescentar a esta pesquisa. Percorri um roteiro alternativo tentando seguir a trilha de Evelyn e Adam, andei por muitas ruas onde Kristýna esteve, provavelmente passei de trem por Komárno, mas era ainda antes de Samko entrar nesse estudo. Visitei museus e monumentos, entrei em jardins antigos, pisei algumas ruínas, falei com pessoas que não me entendiam nem eu a elas. Vi livros, mapas, construções, estátuas, fotografias, pichações, objetos de outros espaços e outros tempos. Nas malas, não trouxe muitas respostas; talvez, umas novas perguntas.

Estaria no caminho certo? Teria realmente algo a dizer nesta tese que valesse a pena ser dito? A literatura não estaria sendo usada apenas como um pretexto para explorar outros temas? Minhas hipóteses, ainda que pudessem ser comprovadas, estariam trazendo alguma contribuição para os estudos literários? E se não comprovadas, todas as leituras e as horas de reflexão, teriam sido desperdício de investimento intelectual e financeiro? Há, no Brasil, algum interesse na literatura – do centro-leste europeu – desse tempo chamado aqui de pós-socialista? Talvez possamos aprender algo com esse regime autoritário transfronteiriço colapsado no final da década de 1980, ou com os movimentos de separação e de reunificação dos países aqui estudados. Talvez possamos entender mais a nós mesmos olhando para tantos outros possíveis, distribuídos aleatoriamente pelo mundo afora, interagindo com povos distantes, dialogando com o passado de forma franca e aberta. Isso parece nos fazer muita falta neste momento.

REFERÊNCIAS

- ADEUS, LÊNIN! Goodbye, Lenin! Direção: Wolfgang Becker. Produção: Stefan Arndt. Berlim: X-Filme Creative Pool, Westdeutscher Rundfunk, 2003. Filme 35 mm, formato 1.85:1, colorido, Dolby Digital, 121 min. Mídia digital.
- ADORNO, Theodor. W. **As estrelas descem à Terra – A coluna de astrologia do Los Angeles Times**: um estudo sobre superstição secundária. Trad. Pedro Rocha de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2008. (Coleção Adorno)
- AGUIAR, Thiago Borges de; SILVA, Davi Costa da. Identidade nacional na Boêmia do século XV e a formação de uma paideia tcheca. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 309-324, abr./jun. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022015041822>. Acesso em: 16 jul. 2020.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANGENOT, Marc. **Les idéologies du Ressentiment**. Montreal: XYZ Editeur, 1997.
- APPLEBAUM, Anne. **Cortina de Ferro**: o esfacelamento do Leste Europeu (1944-1956). Trad. Alexandre Morales. São Paulo: Três Estrelas, 2016.
- ASH, Timothy Garton. **Nós, o povo**: a revolução de 1989 em Varsóvia, Budapeste, Berlim e Praga. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da Recordação**: formas e transformações da memória cultural. Trad. Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- AUGÉ, Mar. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lúcia Pereira. 9. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- BABELMATRIX. Daniela Kapitáňová. In: BABEL WEB ANTHOLOGY: the Multilingual Literature Portal. [Budapest, HU: Typotex Publishing House, 2010]. Disponível em: <https://www.babelmatrix.org/works/sk/Kapit%C3%A1%C5%88ov%C3%A1/Daniela/biography>. Acesso em: 15 jan. 2021.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. o contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. 4. ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do Romance III**: as formas do tempo e do cronotopo. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.
- BARBOSA, Flávio Rodrigues. A língua como elemento político crucial na construção do estado tchecoslovaco. **Slovo – Revista de Estudos em Eslavística**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 69-85, jul./dez. 2018, Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/slovo/article/view/16852>. Acesso em: 31 jan. 2020.
- BEUTIN, Wolfgang. Die Literatur der DDR. In: BEUTIN, Wolfgang *et. al.* **Deutsche Literaturgeschichte**. Berlin: Springer-Verlag, 1992.

BLAIVE, Muriel; OATES-INDRUCHOVÁ, Libora. Komárno: A Flagship of Symbolic Politics at the Slovak-Hungarian Border. **NecPlus – Revue d'études comparatives Est-Ouest**, [s. l.], v. 4, n. 44, p. 93-121, 2013. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-revue-d-etudes-comparatives-estouest1-2013-4-page-93.htm>. Acesso em: 08 fev. 2021.

BONDY, Egon. The Roots of the Czech Literary Underground in 1949-1953. In: MACHOVEC, Martin (ed.). **Views from the Inside: Czech Underground Literature and Culture (1948-1989)**. Prague: Karolinum Press, 2018. p. 55-65.

BOOTH, Wayne C. **The Rhetoric of Fiction**. Second edition. Chicago: The University of Chicago Press, 1983.

BORSUTZKI, Doreen; MODERSOHN, August. Mauerreste, **Die Zeit**, Hamburg, n. 35, 23 de Aug. 2019, Wiedervereinigung. Disponível em: www.zeit.de/2019/35/wiedervereinigung-ostdeutschland-westdeutschland-mauerfall-unterschiede. Acesso em: 18 abr. 2020.

BOTTEZ, Monica *et. al.* **Postcolonialism/Postcommunism: Dictionary of Key Cultural Terms**. București: Editura Universității din București, 2011.

BOYER, Dominic. Ostalgie and the Politics of the Future in Eastern Germany. **Public Culture**, Durham, v. 18, n. 2, p. 361-381, 2006. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/public-culture/article-abstract/18/2/361/31839/Ostalgie-and-the-Politics-of-the-Future-in-Easter>. Acesso em: 23 nov. 2015.

BOYM, Svetlana. **The Future of Nostalgia**. New York: Basic Books, 2001.

BURKE, Peter. História como memória social. In: BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Trad. Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 67-89.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. Rev. téc. Daniel Aarão Reis Filho. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2007.

CHITNIS, Rajendra A. **Literature in Post-Communist Russia and Eastern Europe: The Russian, Czech and Slovak fiction of the Changes, 1988-1998**. New York: Routledge, 2005.

CLOUTIER, Clarice. Introduction. **The Review of Contemporary Fiction: Slovak Fiction**. Champaign, IL, v. XXX, n. 2, p. 11-16, Summer 2010.

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Coord. da trad. Ida Alves. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

DARNTON, Robert. **Censores em ação: como os Estados influenciaram a literatura**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

DRAKULIĆ, Slavenka. **How we survived communism and even laughed**. New York: Harper Perennial, 1993.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Trad. Maria Adozinda Oliveira Soares. Lisboa: Arcádia, 1979.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

EMMERICH, Wolfgang. Für eine andere Wahrnehmung der DDR-Literatur: Neue Kontexte, neue Paradigmen, ein neuer Kanon. *In*: STÄDTKE, Klaus; EMMERICH, Wolfgang. **DDR-Literatur und Literaturwissenschaft in der DDR: Zwei kritische Bilanzen**, Bremen: Hataplan Druck, 1992.

ENTRELINHAS. Ingo Schulze e o muro de Berlim. Reportagem: Letícia Costa, TV Cultura, jul. 2008. Disponível em: https://tvcultura.com.br/videos/28067_entrelinhas-ingo-schulze-e-o-muro-de-berlim.html. Acesso em: 21 jan. 2021.

FEHERVARY, Helen. A literatura da República Democrática Alemã. *In*: WATANABE-O'KELLY, Helen (org.). **História da Literatura Alemã**. Trad. José António Capoulas de Avó. Lisboa: Editorial Verbo, 2003. p. 447-497.

FUCHS, Anne; JAMES-CHAKRABORTY, Kathleen; SHORTT, Linda. Introduction. FUCHS, Anne; JAMES-CHAKRABORTY, Kathleen; SHORTT, Linda (ed.). **Debating German Cultural Identity since 1989**. Rochester, NY: Camden House, 2011.

FÜHMANN, Franz. Das mythische Element in der Literatur. *In*: FÜHMANN, Franz. **Essays, Gespräche, Aufsätze 1964-1981**. Rostock: Hinstorff, 1983.

HERTLE, Hans-Hermann; NOOKE, Maria. **The Victims at the Berlin Wall, 1961-1989: Findings of a Research Project by the Centre for Contemporary History Potsdam and the Berlin Wall Foundation**. Potsdam: Zentrum für Zeithistorische Forschung; Berlin: Stiftung Berliner Mauer, 2017. Disponível em: www.chronik-der-mauer.de. Acesso em: 05 dez. 2020.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991**. Trad. Marcos Santarrita. Rev. téc. Maria Célia Paoli. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JIROUS, Ivan Martin. On Czech Underground Literature of the 70s and 80s. *In*: MACHOVEC, Martin (ed.). **Views from the Inside: Czech Underground Literature and Culture (1948-1989)**. Prague: Karolinum Press, 2018. p. 67-78.

JUDT, Tony. **Pós-Guerra: uma história da Europa desde 1945**. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

KAPITÁŇOVÁ, Daniela. Author of the Month: Daniela Kapitáňová. **The Missing Slate's**, 22 Mar. 2014. Disponível em: <http://journal.themissingslate.com/2014/03/22/author-of-the-month-daniela-kapitanova/>. Acesso em 15 jan. 2020.

KAPITÁŇOVÁ, Daniela. **Kniha o cintoríne: napísal a nakreslil Samko Tále**. Bratislava: Slovart, 2012. *E-book*.

KAPITÁŇOVÁ, Daniela. Pochopila som, ako sme as my Slováci s bryndzou v ústach aj gatiach hrali na veľkých páňov. [Entrevista cedida a] Karol Sudor. **Denník N**, 11 Jul. 2016. Disponível em: <https://dennikn.sk/492950/kapitanova-pochopila-sa-slovaci-bryndzou-ustach-aj-gatiach-hrali-velkych-panov/>. Acesso em: 15 jan. 2020.

KAPITÁŇOVÁ, Daniela. **Samko Tále's Cemetery Book**. Translated by Julia Sherwood. London: Garnett Press, 2011. *E-book*.

KAPITÁŇOVÁ, Daniela. Spisovateľka Daniela Kapitáňová: Po voľbách si povedala: Á, bude o čom písať! [Entrevista cedida a] Kata Račková. **SME.sk**, Bratislava, 24. Aug. 2006. Disponível em: <https://www.sme.sk/c/2863900/spisovatelka-daniela-kapitanova-po-volbach-si-povedala-a-bude-o-com-pisat.html>. Acesso em: 13 fev. 2020.

KARPINSKÝ, Peter. Introduction: Literature – A Public Affair. In: KARPINSKÝ, Peter (ed.). **The Dedalus Book of Slovak Literature**. Translated by Denis Dobrovoda, Janet Livingstone, Magdalena Mullek. Cambridge: Dedalus Books, 2015. *E-book*.

KASSABOVA, Kapka. **Border: A Journey to the Edge of Europe**. Mineapolis, MN: Graywolf Press, 2017.

KLÍMA, Ivan. A literatura da fé imaterial. Trad. Rildo Cosson. **Revista USP**, São Paulo, n. 6, p. 21-28, jun./jul./ago. 1990. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35703>. Acesso em: 10 dez. 2019.

KLÍMA, Ivan. **Amor e Lixo**. Trad. Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: BestBolso, 2007.

KLÍMA, Ivan. Documenting history through literature. [Interview conducted by] Elizabeth A. Parr. **The New Presence**, Prague, n. 4, p. 37-40, Winter 2003. Disponível em: <https://www.cceol.com/search/article-detail?id=81728>. Acesso em: 29 dez. 2020.

KLÍMA, Ivan. Freedom and Garbage. Translated by Paul Wilson. **Index on Censorship**, London, n. 6, p. 93-100, 1994. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1080/03064229408535793>. Acesso em: 29 dez. 2020.

KLÍMA, Ivan. **Karel Čapek: Life and Work**. Translated from the Czech by Norma Comrada. North Have: Catbird Press, 2002.

KLÍMA, Ivan. **My Crazy Century: A memoir**. Translated from Czech by Craig Cravens. New York: Grove Press. 2014. *E-book*.

KLÍMA, Ivan. **Nem santos nem anjos**. Trad. Aleksandar Jovanovic. Rio de Janeiro: Record, 2006.

KOŁODZIEJCZYK, Dorota; ŞANDRU, Cristina. Introduction: On colonialism, communism and east-central Europe – some reflections. **Journal of Postcolonial Writing**, London, v. 48, n. 2, p. 113-116, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/17449855.2012.658242>. Acesso em: 04 nov. 2020.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica**. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2012. (Estudos)

LEVI, Arrigo. **Entre Leste e Oeste: uma era de grandes transformações**. Trad. Pier Luigi Cabra. São Paulo: Maltese, 1991.

LITCENTRUM. Daniela Kapitáňová. Bratislava: Literárne Informačné Centrum, [201-]. *Online*. Disponível em: <https://www.litcentrum.sk/en/author/daniela-kapitanova>. Acesso em: 15 jan. 2020.

MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. As experiências da viagem. *In*: MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. **Da literatura comparada à teoria da literatura**. Lisboa: Presença, 2001. p. 33-47.

MARUŠIAK, Juraj. The Normalisation Regime and its Impact on Slovak Domestic Policy after 1970. **Europe-Asia Studies**, Glasgow, v. 60, n. 10, p. 1805-1825, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/09668130802434695>. Acesso em: 23 dez. 2019.

MĚŠŤÁNKOVÁ, Petra; FILIPEC, Ondřej. **Transition to Democracy in Central Europe**. Olomouc: Iuridicum Olomoucense, 2019. *E-book*, e-ISBN 978-80-88266-29-7.

MONGE, Gustavo. Dissolução da Tchecoslováquia completa 25 anos. **EFE Digital**. Praga, 1 jan. 2018. *Online*. Disponível em: <https://www.efe.com/efe/brasil/sociedade/dissolu-o-da-tchecoslovaquia-completa-25-anos/50000246-3480937>. Acesso em: 05 jul. 2019.

MÜLLER, Herta. Cristina e seu simulacro, ou O que (não) consta nos arquivos da *Securitate*. *In*: MÜLLER, Herta. **Sempre a mesma neve, sempre o mesmo tio**. Trad. Claudia Abeling. São Paulo: Globo, 2012, p. 42-74. (Biblioteca Azul).

NAGELSCHMIDT, Ilse. Textos após 1989 na Alemanha Oriental. Sobre rupturas, tensões e continuidade. *In*: ROHL, Ruth; SCHWARZ, Bernhard J. **A literatura da República Democrática Alemã**. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2006. p. 179-202.

NAUGHTON, James. Slovak Literature - A Brief Introduction. **Slovak Literature**, [s. l.], June 2008. Adapted from Traveller's Literary Companion to Eastern and Central Europe, Brighton: In Print Publishing, 1995. *Online*. Disponível em: <https://czech.mml.ox.ac.uk/slovak-literature>. Acesso em: 03 abr. 2020.

NUMANO, Mitsuyoshi. Is There Such a Thing as Central (Eastern) European Literature? An Attempt to Reconsider Central European Consciousness on the Basis of Contemporary Literature. *In*: HAYASHI, Tadayuki; FUKUDA, Hiroshi (ed.). **Regions in Central and Eastern Europe: Past and present**. Sapporo: SRC, 2007. p. 121-134.

OLIVER FILHO, Renor. A vacina anti-totalitária. **StB no Brasil**, [s. l.], 28 nov. 2016. *Online*. Disponível em: <https://stbnobrasil.com/pt/vacina-anti-totalitaria>. Acesso em: 10 fev. 2020.

OPITZ, Michael. Erkenntnis, Paradies und Verführung. **Deutschlandfunk**, Berlin, 11 Aug. 2008, Literatur. Disponível em: http://www.deutschlandfunk.de/erkenntnis-paradies-und-verfuehrung.700.de.html?dram:article_id=83730. Acesso em: 30 jan. 2017.

OPITZ, Michael; HOFMANN, Michael (Hrsg.). **Metzler Lexikon DDR-Literatur: Autoren – Institutionen – Debatten**. Stuttgart; Weimar: J. B. Metzler, 2009.

PETRÍK, Vladimír. Escepticismo de la nueva generación. *In*: **Literatura Eslovaca Contemporánea**. Bratislava: Literárne Informačné Centrum, [20--]. *Online*. Disponível em: <http://old.litcentrum.sk/31734>. Acesso em: 28 fev. 2019.

PŘIBÁŇ, Jiří. Reconstituting Paradise Lost: the temporal dimension of postcommunist constitution-making. *In: Center for the Study of Law and Society Bag Lunch Speaker Series*, 12 Sept. 2003. Berkeley, **Papers**. Berkeley: Center for the Study of Law and Society Jurisprudence and Social Policy Program, 2003. *Online*. Disponível em: <http://escholarship.org/uc/item/7px578h6>. Acesso em: 01 mar. 2020.

PUCHEROVÁ, Dobrota. Trauma and Memory of Soviet Occupation in Slovak (Post-)Communist Literature. *In: PUCHEROVÁ, Dobrota; GÁFRIK, Róbert (ed.). Postcolonial Europe? Essays on Post-Communist Literatures and Cultures*. Leiden: Brill; Boston: Rodopi, 2015. p. 139-159.

PÝCHA, Petr. Proč Samko Tále není druhý Forrest Gump. **Novinky.cz**, Praha, 16 led. 2005, Kultura – Pravo. Disponível em: <https://www.novinky.cz/kultura/clanek/proc-samko-tale-neni-druhy-forrest-gump-318113>. Acesso em: 26 ago. 2019.

PYNSENT, Robert. Introduction. *In: PYNSENT, Robert (ed.). The Literature of Nationalism: Essays on East European Identity*. London: Palgrave Macmillan, 1996. p. 1-13.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROTH, Philip. **Entre nós: um escritor e seus colegas falam de trabalho**. Trad. Paulo Henriques Britto. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2008.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ŞANDRU, Cristina. **Worlds Apart? A Postcolonial Reading of post-1945 East-Central European Culture**. Newcastle upon Tyne, NE: Cambridge Scholars Publishing, 2012.

SANTIAGO, Silviano. Outubro retalhado [Entre Estocolmo e Frankfurt]. *In: SANTIAGO, Silviano. O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p. 74-90. (Humanitas)

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SCHELER, Max. **Da reviravolta dos valores**. Trad. Marcos Antônio dos Santos Casanova. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012.

SCHULZE, Ingo. **Adam e Evelyn**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

SCHULZE, Ingo. **Adam und Evelyn**. Berlin: Berlin Verlag, 2009. *E-book*.

SCHULZE, Ingo. **Celular: 13 histórias à maneira antiga**. Trad. Marcelo Backes. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

SCHULZE, Ingo. **Die rechtschaffenen Mörder**. Frankfurt am Main: S. Fischer, 2020.

SCHULZE, Ingo. **Histórias simples da Alemanha Oriental**. Trad. Theresa Graupner e João Marschner. Rio de Janeiro: Lacerda, 2002.

- SCHULZE, Ingo. Lesen und schreiben oder "...". *In*: KRUPP, Ute-Christine; JANSSEN, Ulrike (Hrsg.). **Zuerst bin ich immer Leser**. Prosa schreiben heute. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2000. p. 80-101.
- SCHULZE, Ingo. **Peter Holz**: Sein glückliches Leben erzählt von ihm selbst. München: DTV, 2018.
- SCHULZE, Ingo. **Vidas novas**. Trad. Marcelo Backes. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- SCHULZE, Ingo. **Was wollen wir?** Essays, Reden, Skizzen. Berlin: Berlin Verlag, 2010. *E-book*.
- SEVCENKO, Nicolau. Václav Havel: a voz de Praga para o mundo. *In*: HAVEL, VÁCLAV. **Cartas a Olga**. Trad. Lóris Machado, Dinah Abreu Azevedo, Mitsue Morissawa. São Paulo: Estação Liberdade, 1992. p. 9-16.
- SILVA, Raquel Belisario da. **Entre o muro concreto e a cortina invisível**. 2016. 86f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- SOARES, Leonardo F. **Leituras da outra Europa**: guerras e memórias na literatura e no cinema da Europa Centro-Oriental. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- SONTAG, Susan. **Doença como metáfora/AIDS e suas metáforas**. Trad. Rubens Figueiredo e Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. *E-book*.
- SRIRATANA, Verita. "Because Slovaks are the best people in the world and the Slovak language is the most beautiful language in the world": Defamiliarising the Slovak "Imagined Community" in Samko Tále's Cemetery Book. **Ars Aeterna**, Nitra, v. 6, n. 2, 2014. (De Gruyter – Open). Disponível em: [https://content.sciendo.com/configurable/contentpage/journals\\$002faa\\$002f6\\$002f2\\$002farticle-p39.xml](https://content.sciendo.com/configurable/contentpage/journals$002faa$002f6$002f2$002farticle-p39.xml). Acesso em: 21 jul. 2020.
- THIRLWELL, Adam. Before the Wall Fell. **New York Times**, 9 Dec. 2011. Disponível em: http://www.nytimes.com/2011/12/11/books/review/adam-and-evelyn-by-ingo-schulzetranslated-by-john-e-woods-book-review.html?_r=0. Acesso em: 08 abr. 2016.
- TLOSTANOVA, Madina. Postcolonial Theory, the Decolonial Option and Postsocialist Writing. *In*: PUCHEROVÁ, Dobrota; GÁFRIK, Róbert (ed.). **Postcolonial Europe? Essays on Post-Communist Literatures and Cultures**. Leiden: Brill; Boston: Rodopi, 2015. p. 27-45.
- TLOSTANOVA, Madina. The postcolonial condition, the decolonial option and the postsocialist intervention. *In*: Albrecht, Monica (ed.). **Postcolonialism Cross-Examined: Multidirectional Perspectives on Imperial and Colonial Pasts and the Newcolonial Present**. New York: Routledge, 2020. p. 165-178. *E-book*. Disponível em: <http://urn.kb.se/resolve?urn=urn:nbn:se:liu:diva-158636>. Acesso em 02 jul. 2020.
- TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la memoria**. Traducción de Miguel Salazar. Barcelona: Ediciones Paidós Iberica; Buenos Aires: Editorial Paidós, 2000.
- TODOROV, Tzvetan. **O homem desenraizado**. Trad. Christina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

VLACHOVÁ, Klára; ŘEHÁKOVÁ, Blanka. Identity of non-self-evident nation: Czech national identity after the break-up of Czechoslovakia and before accession to the European Union. **Nations and Nationalism**, London, v. 15, n. 2, p. 254-279, 2009. Disponível em: <https://www.soc.cas.cz/en/publication/identity-non-self-evident-nation-czech-national-identity-after-break-czechoslovakia-and>. Acesso em: 21 maio 2020.

VONDERKOVÁ, Ivana. Lidice, una venganza de los nazis en el Protectorado de Bohemia y Moravia. **Radio Praha**, Praga, 15 jun. 2019. Disponível em: <https://www.radio.cz/es/rubrica/especiales/lidice-una-venganza-de-los-nazis-en-el-protectorado-de-bohemia-y-moravia>. Acesso em: 29 jun. 2019.

WOLLE, Stefan. **Die heile Welt der Diktatur: Alltag und Herrschaft in der DDR 1971-1989**. Berlin: Christoph Links Verlag: DDR Museum, 2009.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br